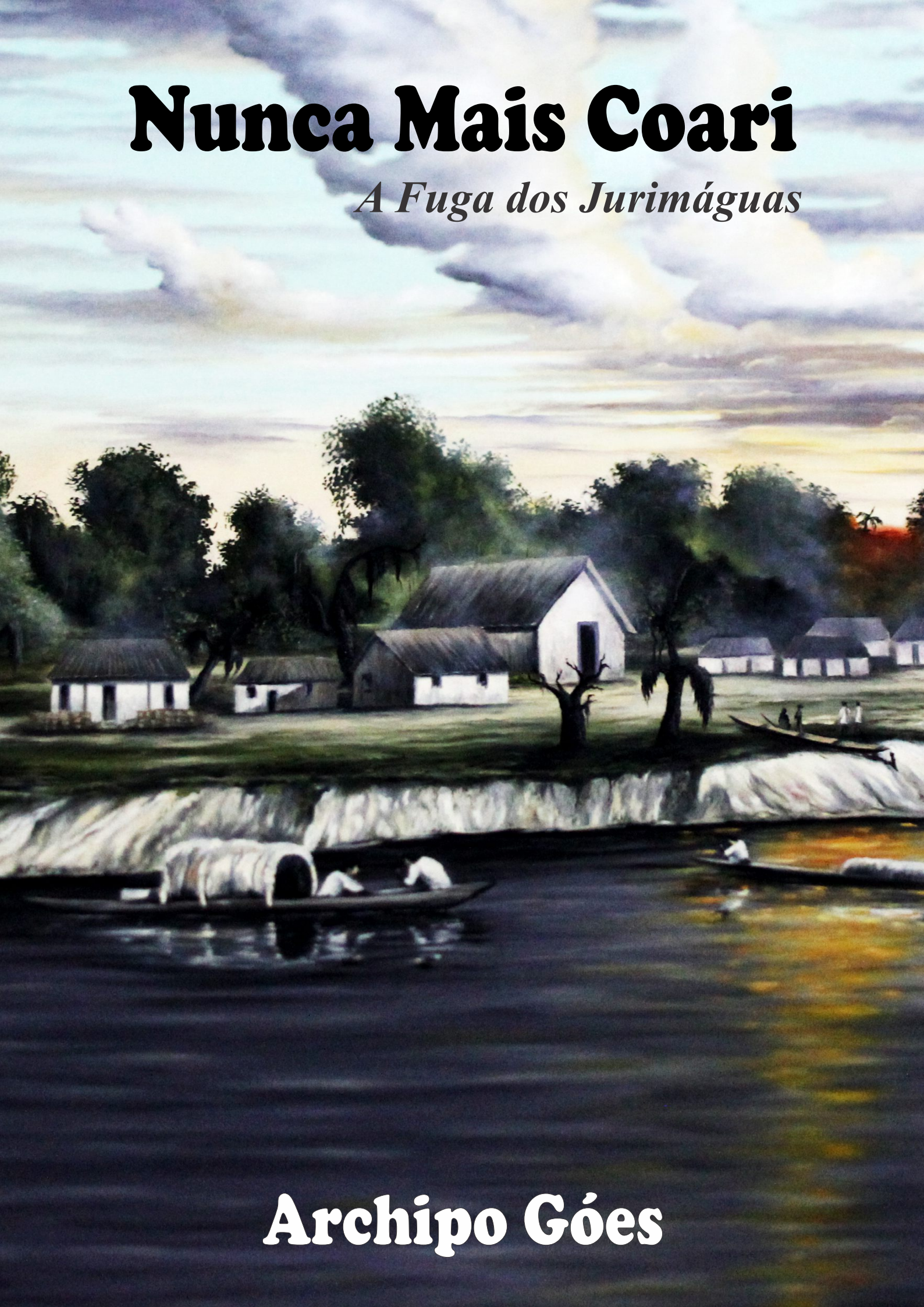
Nunca Mais Coari

A Fuga dos Jurimáguas



Archipo Góes

Archipo Góes

Nunca Mais Coari: *A fuga dos Jurimáguas*

2ª Edição - Revisada e Ampliada

Coari - 2023

Capa: Paulo César Silva de Moura.
Revisão: Daniel Almeida
Fotos: Coleção pessoal e de domínio público

G598 Góes, Archipo Wilson Cavalcante

Nunca Mais Coari: A fuga dos Jurimáguas / Archipo Wilson Cavalcante Góes. - 2. ed. - Edição, Coari-Am: Coari.com editora, 2023.

ISBN 978-85-921995-0-0
200 f.: il. ; 29 cm.

1. Coari – História do Brasil I. Título

CDU - 94(811.32)
CDD - 981.13

Prólogo

O livro "Nunca Mais Coari: A fuga dos Jurimáguas" é uma obra cujo objetivo é ser uma fonte de pesquisa e reflexão permanente para os alunos e professores de Coari, bem como para toda a população. A obra está dividida em duas partes: a história da cidade de Coari começando no século XVII e segue até o ano de 1992 e as fotos da Coari antiga.

Vamos poder verificar nos primeiros capítulos, uma ampla discussão em torno da origem do nome de Coari e a sua fundação que são contestadas de maneira enriquecedora e com argumentos articulados através de um embasamento histórico profundo e crítico.

No segundo momento, podemos notar haver uma intenção de mostrar a visão dos vários viajantes que passaram pelas terras de Alvelos e Tauá-mirim narrando detalhes dessas povoações, e assim, esclarecem sobre o modo de viver dos coarienses.

Na sequência, poderemos observar haver uma mudança na forma de escrever. Há a apresentação de sua pesquisa de maneira ampla, e as notícias dos jornais da época são transformadas em um romance histórico que levam o leitor a deixar de fazer uma leitura técnica para uma narrativa articulada e uma leveza no repasse dos fatos históricos.

A pesquisa realizada já ultrapassou 30 anos. As fontes históricas se estenderam por uma expressiva quantidade de obras analisada na Biblioteca Nacional, Hemeroteca Nacional, IHGB, Biblioteca do Amazonas, Museu Amazônico, IHGA, vários sebos literários, assim como, o testemunho de algumas pessoas que vivenciaram esses fatos históricos.

"A História de Coari" vai expor a expulsão dos indígenas Jurimáguas, a história de Samuel Fritz e a fundação de Coari, a evolução política-administrativa de Coari, a morte do Prefeito Herbert Lessa de Azevedo, a chegada de Alexandre Montoril e a morte do tenente Holanda, as transformações da cidade nas décadas de 50, 60, 70, 80 e 90 através do apontamento das obras dos últimos prefeitos de Coari.

Na segunda parte da obra, poderemos observar fotos da "Coari Antiga", que vão fazer o leitor mergulhar em uma viagem através das fotografias de Coari desde o século XIX até o XX.

Faça uma boa viagem pela história e cultura de Coari!

"*E dizei a Archipo: Cuida do* ministério que recebestes no Senhor, para cumprires". – Colossenses 4:17

À minha mãe, Elionete Cavalcante Góes, que desde os meus 18 anos sempre me motivou a acreditar no meu sonho de escrever um livro sobre história da nossa linda cidade de Coari.

A Benedito Góes Neto, meu pai, aquele que sempre foi meu porto seguro e que sempre lutou para me ensinar princípios e valores que me conduziram e conduzirão por toda minha vida.

Apresentação

Exímio conhecedor da importância da história como instrumento de conscientização do homem para a tarefa de construir um mundo melhor e uma sociedade mais justa, Archipo Góes nos presenteia com o livro: "Nunca Mais Coari: A fuga dos Jurimáguas". A obra é resultado de mais de 30 anos de pesquisa, através da qual, o autor apresenta um riquíssimo registro da história da Coari do século XVII até o ano de 1992, revelada por meio das crônicas dos viajantes, de anais dos poderes executivo e legislativo e das publicações de jornais da época, além da análise de várias obras literárias e da coleta de depoimentos de pessoas que presenciaram os acontecimentos históricos mais recentes, narrados aqui neste livro.

Esta é uma obra de leitura instigante para aqueles que se interessam pela história da construção da sociedade coariense, indispensável para os historiadores, e emocionante para os saudosistas. É uma amostra autêntica e detalhada de como se deu a formação do município de Coari. História feita por homens, mulheres, indígenas, não indígenas, nordestinos, ricos e pobres; por dominantes e dominados, governantes e governados, pelos conflitos e pela paz, por intelectuais e principalmente pelas pessoas comuns.

A Coari do período histórico a que o livro se refere foi marcada por uma forte presença dos missionários católicos das ordens dos carmelitas e dos jesuítas, que tinham a incumbência de "catequizar os indígenas" que habitavam às margens dos rios Solimões, Japurá e Negro, propagando-se, dessa forma, que teria sido Samuel Fritz o fundador de Coari. Entretanto, Góes constatou que Fritz, que tudo registrava em seu diário e em seu mapa, não citou que fora ele o fundador de Coari, o que reforça a tese de que os fundadores de Coari foram os índios Jurimáguas, e que seus primeiros catequizadores foram os carmelitas.

Em suma, em "Nunca Mais Coari: A fuga dos Jurimáguas", Archipo Góes expõe os fatos históricos que mais marcaram a vida dos primeiros habitantes da atual área do município de Coari, desde os índios Jurimáguas, "valente tribo de índios do Solimões (Amazônia brasileira) e os verdadeiros fundadores da Freguesia de Coari" que, com a chegada dos invasores europeus, foram expulsos, ou seja, forçados a abandonar as suas terras, até a chegada do "carro de boi" e da luz elétrica, à época (décadas de 1940 e 1950) os maiores símbolos do "surto de progresso, paz e prosperidade" que os moradores da cidade usufruíam.

Ao permear a narrativa com descrições de como ocorreu a evolução religiosa e política do município, através do processo de catequização, com a chegada dos Missionários Redentoristas e das Irmãs Adoradoras do Sangue de Cristo, e da emancipação política da sociedade coariense, a qual é marcada, desde o início, por conflitos sanguinários, como nos casos do prefeito Herbert Lessa de Azevedo e do Tenente Holanda, o nosso pesquisador, historiador, escritor e poeta corrobora significativamente para a conservação da nossa memória histórica.

E por fim, Archipo faz uma análise sobre a evolução política-administrativa de Coari através das obras dos prefeitos no decorrer dos seus mandatos e uma análise crítica atenuada aos acontecimentos ou fatos históricos que permeiam a evolução integral da cidade de Coari.

Parabéns, Archipo, as nossas atuais e futuras gerações saberão ser gratas aos seus mais de 30 anos de dedicação a esse trabalho!

Daniel Almeida

Sumário

A Origem do nome Coari 11
Estudo da origem do nome Coari segundo Octavianno Mello 11
Síntese da teoria de Octaviano Mello 12
O significado segundo Stradelli 13
A Origem de Coari na Língua Quéchua. 13
Considerações finais sobre a origem do nome Coari 14
Os Jurimáguas 16
A Cidade dos Jurimáguas (Peru). 18
Constatações da destruição das aldeias Jurimáguas 18
Análise da Teoria de Penafort 20
A Fundação de Coari 24
Padre Samuel Fritz - Uma Saga no Solimões 24
Quem Foi Samuel Fritz?. 25
Fritz em meio aos Omáguas 27
Frei Vitoriano Pimentel 29
O Final da Grande Missão. 30
Coari é elevada à categoria de lugar 31
Resumo sobre a Fundação de Coari 32
Samuel Fritz Fundou Coari?. 32
Os Muras e as notícias de Mello e Póvoas sobre Alvelos 36
Coari dos Viajantes – (Relatos). 38
Descrição de Coari reproduzida pelo Pe José Monteiro em 1768 38
Descrição de Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio (1775) 38
Relato de Southey em 1788 sobre a formação do povo coariense 39
Descrição de Alvelos pelo Fr Caetano Brandão – 1789 40
Narração de Manuel Ayres de Casal e Pero Vaz de Caminha 41
Relato sobre Coari em 1819 – Spix, J.B. e Martius, C.F.P.V. 41
Descrição de Alvellos por James Henderson em 1821. 42
Narrativa da passagem do Pacífico ao Atlântico – 1828. 42
Elevação à categoria de Freguesia de Alvelos – 1833 43
Viagem de Lima ao Pará em 1834 43
Passagem por Tauámirim pelo francês Francis de Castelnau. 44
Paul Marcoy em Coari – 1848. 44
Fragmento de viagem realizada nas duas Américas 46
Um Naturalista no Rio Amazonas - Henry Walter Bates 47
Diário da primeira viagem do vapor – 1853. 48
João Wilkens de Mattos – Roteiro de Viagem 49
A mudança da Freguesia de Alvellos para Coari 50
No Rio Amazonas (1859) – Robert Avé-Lallemant. 50
Gonçalves Dias em Coari 51
Viagem ao Brasil – Luiz Agassiz, Elizabeth Cary Agassiz 51
"Coari Novo" 52
Descrição de “Coari Novo” por James Orton em 1870 55
Coari no livro “Pará e Amazonas”: Francisco Bernardino de Souza 55
De Freguesia à Vila de Coary 56
Quinze mil milhas no Amazonas e seus afluentes 56
Carta XXXVIII - Alto-Amazonas, Solimões, 2 de agosto de 1883 57
Escravidão em Coari 57
As Regiões Amazônicas: estudos corográficos Amazonas 58
Coari Dividida – 1891 – Courtenay De Kalb. 58
Dados descritivos do município de Coary – 1900 59
Criação da Brigada de Infantaria de Coari. 61
Professor Góes - 50 Anos de dedicação a Coary 62
Silvério Nery 64
Coari comemora a pose de Silvério Nery 66
Através do Amazonas: de Manaus ao Javari – Coari – 1908 67
Relatório sobre as condições medico-sanitárias - 1913 – Coary 68
Através do Amazonas (Impressões de viagens) – 1921 71
O Trágico Naufrágio Acontecido em Coari – 1926 73
Visita do Poeta Mário de Andrade à Vila de Coari – 1927 76
O Assassinato de Herbert de Azevedo – 1927 77

Sumário

Os Seus Últimos Momentos - Depoimento de Abguar Bastos . . . 80
Notícias de Coari . . . 81
A Banda Municipal . . . 82
Ecos do governo Efigênio Sales . . . 84
Emancipação Política de Coari . . . 84
Alexandre Montoril – Personalidade Histórica . . . 85
O Progresso da Cidade da Coary . . . 87
Deolindo Dantas . . . 91
A Chegada dos Padres Redentoristas a Coari . . . 92
A Chegada das Irmãs Adoradoras do Sangue de Cristo . . . 93
Tenente Holanda . . . 95
Inauguração da Usina Elétrica - Governo de Edgard da Gama . . . 100
Carro de Boi — 1950 . . . 101
Os Anos 50 em Coari . . . 102
Tiroteio na Assembleia Legislativa do Amazonas . . . 103
Morte de Dandi Dantas . . . 104
Os Fabulosos Anos 60 . . . 104
Liga para construção da Ponte . . . 105
O Acidente com o Avião PT-BUK . . . 105
O Fim da Era Alexandre Montoril . . . 106
Dom Mário . . . 108
Radio Educacional Rural de Coari . . . 109
Coari na década de 60 na visão de um fazendeiro norte-americano . . . 110
Primeira Igreja Batista de Coari . . . 112
A Origem da Igreja Assembleia de Deus em Coari . . . 113
Clemente Vieira . . . 115
Fátima Acris, nossa primeira Miss Amazonas . . . 115
Anos 70 em Coari . . . 119
Inauguração do Hospital de Coari . . . 119
Rainha do Solimões . . . 119
Avião mergulhou no lago de Coari matando o piloto . . . 120
Catedral de Santana e São Sebastião . . . 123
Avião cortou a cabeça de dois homens . . . 127
Como aconteceu o primeiro Festival Folclórico de Coari? . . . 128
Criação do 1º núcleo da UFAM . . . 130
Enedino Monteiro consegue eleger-se prefeito de Coari . . . 130
Bispo de Coari faleceu no porto de Manaus . . . 131
Clemente Vieira – 1977 . . . 133
I Campeonato Infantil de Handebol . . . 135
Sutura do Miocárdio . . . 136
A TABA em Coari . . . 136
Aeroporto de Coari . . . 139
Anos 80 em Coari . . . 140
Inauguração da Embratel em Coari . . . 141
Telefone residencial chega a Coari . . . 142
O Supermercado da COBAL . . . 142
3º Festival da Música Coariense . . . 143
Jorra Petróleo Coariense . . . 144
Governo Evandro Aquino . . . 144
I Festa da Banana . . . 145
Anos 90 em Coari . . . 146
Universidade do Amazonas forma primeira turma no interior . . . 146
A Folha de Coari . . . 147
Miss Coari 1990 . . . 147
II Festa da Banana . . . 149
Banco do Brasil abre agência em Coari . . . 150
Expedição Amazônia . . . 150
Cleomara vence o Miss Amazonas 1992 . . . 152
Cólera em Coari . . . 153
Fotos da Coari Antiga . . . 159
Literatura Coariense - contos, poemas e crônicas . . . 216
Bibliografia . . . 276
O Autor . . . 278

Introdução

A etimologia da cidade de Coari vem através dos tempos sendo reproduzida, de obras antigas, e principalmente através da transmissão oral, sem que haja um método científico sistemático que explique a verdadeira origem do nome dessa importante cidade amazonense. Nessa obra apresentaremos duas teorias antagônicas para tentar elucidar a etimologia da palavra Coari, as quais têm se propagado até os dias atuais de forma bastante positivista, tornando-se verdades incontestáveis, até mesmo no meio acadêmico.

Gaspar de Guimarães e Octaviano Mello acreditavam que a origem do vocábulo Coari vem do Nheengatu. Porém, Ulisses Penafort defendia a tese de que o nome Coari tem origem Quéchua (língua do povo Inca).

Portanto, para dirimir a origem mais correta ao nome da cidade de Coari, esta obra de pesquisa histórica irá analisar as duas teorias quanto ao significado do vocábulo Coari e a sua procedência (tronco indígena).

Estudo da origem do nome Coari segundo Octavianno Mello

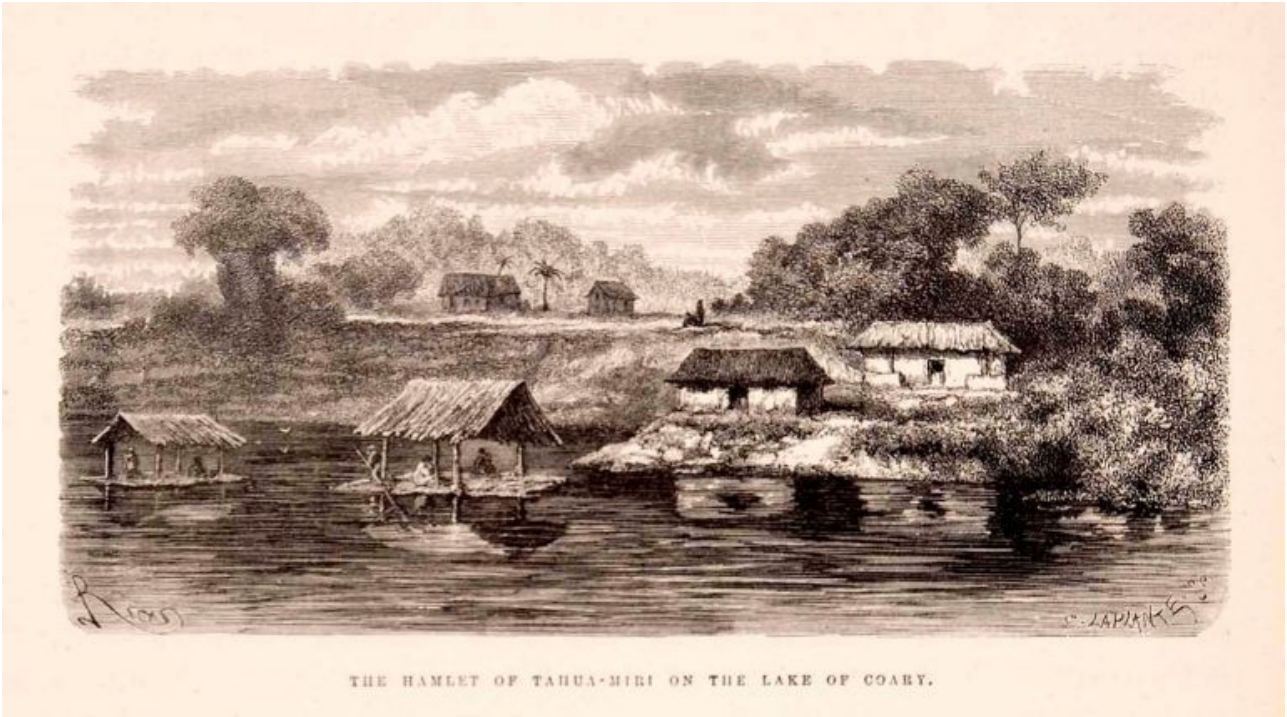
A primeira hipótese procede inicialmente de Gaspar de Guimarães in "Dados Descritivos do Município de Coary - Impressa Oficial do Estado do Amazonas, 1900". E mais tarde reproduzida por Octaviano Mello através de seu livro "Topônimos Amazonenses", uma obra na qual o autor tentar explicar as origens dos nomes das cidades amazonenses:

"Passemos à etimologia da denominação da Cidade de Coari. Por uma questão de honra ao mérito iniciaremos este pequeno estudo com a opinião do ilustre Cônego Ulisses Penafort, no seu precioso livro "Brasil Pré-histórico". Diz este escritor, que a palavra Coari ou Huari, significa "Rio de Ouro" e que "o nome deste rio pode originar-se do quíchua - Coya, Cory - rio de ouro ou de Huary-yu, rio dos deuses". O ilustre Cônego também dá ao rio o nome de Coréua, como sendo o mesmo Cory, Coya; mas não quis afirmar peremptoriamente, que a origem da palavra era essa.

Entretanto, justifica o seu modo de pensar, lembrando que o rio Coari possui um afluente de nome Uaruá, que significa "rio brilhante, da água que espelha". Efetivamente a significação do nome deste rio, em Nheengatu, é espelho, podendo ser traduzido como ali está. Contudo, na língua existe forma exprimindo toda aquela significação dada: Paraná Uaruá, rio espelho, permitindo contrair-se em Parauaruá, Pararuá e por corruptela Bararuá, nome transmitido à antiga "Corte dos Manaus", no rio Negro, e desta ao caudilho Ambrósio Aires. A denominação da Cidade em apreço, Coari, não descende do quíchua, é puramente Nheengatu e quer dizer: Pequeno buraco, buraquinho.

Vem de Cuara, o verdadeiro nome dado ao rio, como cita-o Berredo e que significa, buraco, abertura, furo; e de miri, que se contrai em "ri" e também em "I", que é a forma do diminutivo do Nheengatu, como exemplificaremos: - Pirá, peixe; pirá-miri, peixinho; naná, ananás; naná-miri ou nanai, ananásinho; tamanduá, da família dos desdentados, Tamanduá-miri ou tamanduaí, tamanduazinho; uaimi, velha; uaimi-miri ou uaimiri, velhinha. Assim também cuara, buraco; cuara-míri, cuaraí, cuari e Coari, buraquinho, furozinho. Esta palavra tem tido as grafias seguintes: - Quari, Cuary, Coary e Coari.

Pintura em óleo retratando a origem da Freguesia de Alvelos, no lago de Coari. Teve o seu esboço num desenho elaborado por Paul Marcoy na sua viagem pelo rio Amazonas no ano de 1848. Mais tarde, foi transformado em quadro pelo pintor francês Édouard Riou (1833 – 1900), seguindo os originais de Marcoy.



Aldeia de Tauá-mirim - 1848 - Paul Marcoy

A Origem do Nome Coari

Tomassau, pequeno acesso ao lago de Coari, que Octaviano Melo atribuiu à origem do nome Coari

A cidade de Coari está situada à margem direita do lago de mesmo nome, cuja vastidão é assombrosa. Outrora a embocadura deste lago ou bacia, como tem sido chamado, fora a montante da atual, que veio substituir aquela em virtude do intrépido movimento de terras operando nas margens do rio Solimões. A boca primitiva, se era estreita em relação à suntuosidade do lago, cada vez mais diminuía com as terras novas aí depositadas pelas águas deste prolongamento do Rio Mar. Era um pequeno e estreito furo, canal ou buraco; era ainda um buraquinho golpeando a restinga e ligando o rio ao lago. Todos os canais desta natureza, entre nós, são chamados de furos, sinônimo perfeito de buraco, e, nesta acepção o nativo, com a sua inteligência, denominou de Coari, a pequena embocadura agora interceptada e coberta pela vegetação. O nome do lago e da Cidade de Coari, portanto se originou da primitiva foz, que de momento em momento, maiores razões ofereciam à sua denominação, até que desapareça. A boca atual do lago é larga e relativamente nova. Coari, palavra Nheengatu, significa, pequeno buraco, buraquinho, e se refere à boca pequena de um lago imenso". (MELLO,1967)

Síntese da Teoria de Octaviano Mello

Segundo Octaviano Mello, a palavra Coari tem origem no Nheengatu[1] e descende da palavra **Cuara (**que significa Buraco) + **I** (contração de **miri**, um diminutivo do Nheengatu) formando **Cuarai**, e com o tempo passou **Cuari, Cuary, Quary, Coary** e finalmente **Coari** significando **Buraquinho**.

A justificativa dessa teoria seria que o vocábulo "Buraquinho" se referiria ao primitivo canal que dar acesso ao lago de Coari, furo do Tomassau, localizado posteriormente à comunidade "Costa da Santa Rosa", sendo um canal estreito em relação à vastidão do lago ou baía.

A justificativa dessa teoria seria que o vocábulo "Buraquinho" se referiria ao primitivo canal que dar acesso ao lago de Coari, furo do Tomassau, localizado posteriormente à comunidade "Costa da Santa Rosa", sendo um canal estreito em relação à vastidão do lago ou baia.

1. Língua indígena da família tupi-guarani modificada por influências europeias, foi durante algum tempo e até o século XIX a mais utilizada no Brasil, tanto pelos portugueses como pelos nativos.

E Gaspar Guimarães acrescenta: "Coary, que em língua geral significa buraco. Toma esse pouco risonho nome em virtude de sua outra boca, já soterrada. Um tanto a oeste da única que hoje existe e que, outrora, lembrava uma verdadeira furna pelo emaranhado da vegetação, cujos cimos, se entrelaçando, davam-lhe um aspecto sombrio".

O significado Segundo Stradelli

O Conde Ermano Stradelli, de nacionalidade Italiana, viveu por muitos anos no extremo norte do Brasil. Chegou ao Amazonas para trabalhar na comissão que organizou os limites entre o Brasil e a Venezuela, onde passou mais de 50 anos. Em suas viagens fez levantamento nos rios Branco, Negro, Solimões, Purus e desenvolveu um grande estudo identificando a vida e os costumes do povo Amazônida no princípio do século XX.

Stradelli se interessou por diversos dialetos indígenas e principalmente o Nheengatu e a origem de diversos nomes da região. E começou a recolher material muito cedo para fundamentar a sua obra sobre a linguagem das tribos com que procurava viver e ter contato.

Em 1929, ao publicar seu livro[2], Stradelli atribui a palavra "Cuari - Coary: Pequeno Buraco. Nome de uma povoação do Solimões".

Outros vocábulos que merecem menção na obra de Stradelli seria a tradução de "Itapéua: pedra chata ou pedra achatada" e "Tauá-mirim: Aldeia Pequena ou Aldeiazinha".

A Origem de Coari na Língua Quéchua

A outra corrente fundamenta-se na apreciação na teoria do Cônego Ulisses Penafort[3], que em seu celebre livro "*Brasil - Pré-histórico*" relata que a palavra Coari ou Huary tem origem no Quéchua (língua do povo Inca). Na página 175, no parágrafo 2º encontramos:

"Vejamos o grande País das Palmeiras, a nova Pátria dos Pouna (Punici), a famosa e mística Fênix Amazônica. Lá está na terra do Fayanarú — O Coari ou Huari (Rio de Ouro); corre do sul ao norte, tem 2 léguas de largura e sua foz um mês de viagem, entra majestosamente no Rio dos Fenícios ou Solimon, na altura astral de 4 graus; no lado do ocidente viveram grandes nações brasileiras dos índios: Sorimon, Juma, Puna, Uayupy, Cataubais e Pascé!

De todas estas tribos a mais importante sob o nosso ponto de vista etnológico é a Pascé, que denuncia da maneira mais admirável a sua procedência fenícia. Ela foi numerosíssima, inteligente, ativa, muito dada à agricultura e ao trabalho.

O nome d'este rio pode originar-se do quíchua: Coya, Cory – Rio de Ouro, ou Huary-yu – Rio dos deuses; o que é certo é que este rio tem de parte do ocidente um afluente de nome Uaruá, que significa Rio Brilhante, de águas que espelham. Uruá em Tupy é espelho".

Em outra parte do livro ele afirma que Huari quer dizer "Senhor Deus", Cocha é "Lago", e Huari-Cocha seria "Lago dos deuses" ou "lago dos brancos".

2. Vocabulários da língua geral portuguez-nheêngatú e nheêngatú-portuguez. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, 1929 p.423.

3. Raymundo Ulysses Pennafort, nasceu em Jardim – Ceará, no dia 25 de novembro de 1855, religioso, considerado figura das mais cultas do clero brasileiro, jornalista, romancista, cronista, poeta, indianista, sociólogo e filólogo. Publicou: "Mandú", "Ecos d'Alma", "Os Retirantes", "Orações Patrióticas", "Cenontologia", "Quadro Sinótico dos Nomes Indo-Brasileiros", "A Igreja Católica e a Abolição", "Brasil Pré-Histórico" (sua principal obra). Patrono da cadeira nº 32 da ACL (Academia Cearense de Letras). Faleceu no dia 25 de Abril de 1921, em Belém do Pará.

Também ele esclarece que "Ouro" em quíchua é Cori. Ouro em pó é Chichi Cory; filão de ouro, Cori Coya. No Tupy, ouro é também Curi - temos um "Rio de Ouro" denominado Curi, na localização de Caeté no estado do Pará.

.

Considerações finais sobre a Origem do Nome Coari.

Após a apresentação das duas correntes, iremos tecer considerações e demonstrar falhas que merecem ser destacas devido a sua importância para a equalização dessa imprecisão, por isso propomos uma ruptura, pelo qual iniciaremos uma nova forma de pesquisa, ultrapassando a maneira reprodutiva e positivista.

Para podermos definir a origem do nome da Cidade de Coari teremos que analisar a definição da palavra e sua procedência, ou seja, o tronco indígena. Vamos nesse primeiro momento analisarmos a hipótese de Octaviano Mello através de seu livro "Topônimos Amazonenses".

Podemos citar, por exemplo, a tentativa de associação do vocábulo Coari a Cuarai. O desenvolvimento dessa especulação de Octaviano Mello não tem um embasamento histórico, teórico e lógico, pois quando fazemos comparações entre sua a fonética, nota-se uma grande discrepância, pois a palavra Coari tem sua a pronúncia usual de |Qua|-|ry| para os nativos e não |Co|-|a|-|ri|. Ponderando este fato, concordo com o escritor coariense Antônio Vasconcelos quando propõe que a grafia mais adequada para o nome da ci*dade seria "Quari":*

"Quanto à grafia da palavra, entretanto, não é pacífico o entendimento. Há, assim, os que a preferem grafada com "q" (Quarí), em vez de "c" (Coari), o que não me parece fora de propósito. Aquela preferência é perfilhada pelo emérito Professor Mário Ypiranga Monteiro que, em Roteiro do Folclore Amazônico – I Tomo (Editora Sérgio Cardoso – Manaus 1964), de tal modo grafa a palavra, bem assim o gentílico correspondente (quariense). Era essa, também, a opinião do conhecido filólogo Padre Nonato Pinheiro que, em artigo publicado sobre meu o livro Regime das Águas, na coluna Nótulas e registros, do Jornal ACrítica, de Manaus, ao referir-se ao autor, identificou-o como "amazonense de Quarí", dizendo insistir nessa grafia, que, a seu entender, deveria ser a preferida". (Vasconcelos, 2002)

Considero ainda, que a linha de raciocínio da qual a associação do vocábulo "Buraquinho" ao antigo canal que dar entrada ao lago de Coari é muito perspicaz, contudo, perigosa e sem base, dado que não temos nenhum documento histórico ou geográfico que demonstre tal fato.

Existem a princípio, três entradas convencionais pelo Rio Solimões para o lago de Coari: a sua atual foz, larga, profunda e com um grande fluxo de água, onde existe um grande canal sob as águas que vai do Solimões até próximo à ponta do Jurupary; a entrada para o igarapé do Pera; e por último, na Costa da Santa Rosa, o furo denominado Tomassau, estreito e raso.

Visto que não há dados que comprovem a existência de somente um canal apenas como entrada ao lago ou baía de Coari pela estrutura e profundidade do canal que dar acesso às águas do Solimões ao lago de Coari, seria muita imaginação negar a existência da sua atual foz há cerca de algumas centenas de anos.

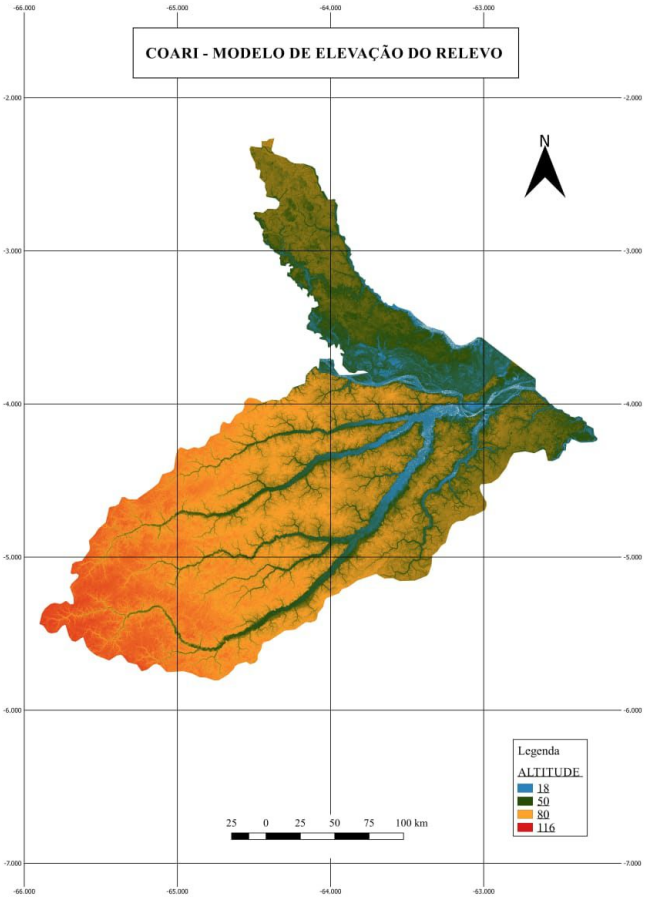
O que percebemos foi à criação de uma lenda ou história fictícia para justificar a semelhança fonética.

Encontro das Águas em Coari

São concepções bem diferentes os conceitos internalizados nas palavras buraco e canal, assim como não há coerência nessa analogia. Dessa forma, toda generalização pode levar para longe do eixo da investigação, causando erros, pois tal associação não tem embasamento nas literaturas dos viajantes e locais.

Outro ponto que deve ser destacado é que na antiga "Província de Machipharo"[4], onde Coari estava localizada, não apenas existiam tribos do tronco Tupi, como também, Karib, Tukano, Jê, Pano, Aruaque, etc. E algumas dessas migraram das regiões Andinas, dessa forma, poderiam ter outras influências, como o Quéchua ou Aimará.

Através da pesquisa, gentilmente compartilhada pelo geografo George Pereira Reis (IFAM-COARI) sintetizado no mapa acima, podemos observar que o lago de Coari tem a mesma profundidade do rio Solimões, diferente dos demais canais (Pera, Tomassau, etc) que ligam o lago de Coari ao rio Solimões, fazendo parte de um consórcio integrado milenar. Dessa forma, desmontando e invalidando a teoria de que a atual foz do lago de Coari era fechada por terras e floresta. Dessa maneira, colabora com as descrições dos viajantes do século XVII e XIX, não fazendo sentido a denominação de buraquinho como explicação para a tradução da origem do nome Coari.



4. Província que se estendia pela margem direita do Amazonas, desde a foz do rio Tefé até a do rio Coari, e pela margem esquerda, a extensão era indeterminada. Local onde habitava grandes povoações que reunia 50 mil homens. Os Aisuaris seriam seus habitantes.

Os Jurimáguas

A tribo dos Jurimáguas, conhecida também pelo nome de Solimões pelos portugueses, centralizava suas aldeias entre Coari e a foz do rio Purus. Na colonização da Amazônia, o nosso grande rio Solimões era o principal meio de interligação entre a cordilheira dos Andes à foz do Amazonas, ou melhor, era a conexão entre as colônias espanholas e as colônias portuguesas. A grande motivação para as expedições no médio Solimões foi à procura da cidade de ouro (*El Dourado*), também a lenda das Amazonas, que alguns historiadores acreditam serem as mulheres do Jurimáguas. Contudo, segundo Hemming, o Solimões sempre foi visto pelos colonizadores "como um curral de mão-de-obra indígena".

Em 1542 ocorre a primeira expedição até o litoral atlântico, comandada pelo Cap. Francisco de Orellana e descrita pelo Frei Gaspar de Carvajal. Um importante relato do frei diz respeito à região dos atuais municípios de Coari e Codajás, onde ele relata sobre uma aldeia nomeada de Aldeia da Louça, que possuía uma cerâmica de "melhor que viu no mundo, porque a de Málaga não se lhe iguala, por ser toda vidrada e esmaltada de todas as cores" (PAPAVERO et al 2002).

Em 1639, Acuña define o território de Yoriman (Solimões) com uma faixa de 250 km pela margem direita do Amazonas, desde logo acima da foz do Coari até uns dez quilômetros acima da do Purus. Acuña refere-se que foi encontrado ao longo dessa faixa uma área densamente povoada com sua população vivendo nas ilhas, várzeas e terra firme, formando a província dos Yoriman: "é terra tão sobrada de gente que em parte alguma vimos reunidos mais bárbaros do que nela".

"A primeira aldeia, de oeste para leste, situava-se na foz do Coari"; vinte e duas léguas abaixo, num ponto da margem direita próxima à ilha de Jurupari estava "a maior aldeia que em todo o rio encontramos, ocupando as suas casas mais de uma légua de extensão". Daí para baixo e "*topando muito amiúde com aldeias dessa mesma nação*" (Acuña, 1874: 118-119).

Maurício de Heriarte escreveu em 1662, mas conhecia o alto Amazonas desde 1638, quando participara da expedição de Pedro Teixeira. Sobre o Solimões limita-se a dizer que "nesta província dos Sorimões haverá 30 léguas. Todas são terras baixas e de muitos lagos. É esta província mui povoada de gentios com muitas aldeias" (Heriarte, 1975).

Dez anos após a viagem de Acuña, os Jurimáguas já se encontravam em total extermínio, com a redução de suas populações por conta das expedições portuguesas, e principalmente, pelas doenças em que os mesmos não tinham "defesa imunológica". Dessa forma, migraram rio acima conforme os relatos de Laureano de La Cruz em 1653.

Já no ano de 1641, a região entre a foz do lago de Coari até a foz do rio Purus é nomeada de Província de Yoriman, isso devido à grande quantidade de indígenas dessa nação que povoaram toda essa região. Em outras expedições essa nação recebeu outros nomes como: Joriman (de La Cruz 1653), Sorimões (Heriarte 1662), Jurimáguas (Fritz 1686-1700) e Sorimão (Sampaio 1775). E por fim, a própria origem do nome do rio Solimões advém dessa tribo.

De acordo com relatos dos séculos XVI ao XVIII, a Província Yoriman seria uma região densamente povoada, com mais de 250 km, e "terra tão sobrada de gente que em parte alguma vimos reunidos mais bárbaros do que nela" (ACUÑA, 1994).

Dez anos após a viagem de Acuña, os Jurimáguas já se encontravam em total extermínio, com a redução de suas populações por conta das expedições portuguesas, e principalmente, pelas doenças em que os mesmos não tinham "defesa imunológica". Dessa forma, migraram rio acima conforme os relatos de Laureano de La Cruz em 1653.

No ano de 1641 eles foram alcançados pelas expedições portuguesas de Bartolomeu Bueno Ataíde. No final do século XVII, já não havia as grandes aldeias Jurimáguas e os poucos sobreviventes estavam disseminados em missões jesuíticas espanholas no rio Huallaga ou portuguesas nos municípios de Coari e Tefé.

Os relatos também mostram que esse povo mantinha um constante comércio com povos do Rio Negro, pois segundo descrições, eles utilizavam alguns adornos de ouro que vinham do Rio do Ouro trazido pelos Manaós. Acuña e Fritz também relatam que alguns deles possuíam artefatos europeus e que estes eram trazidos do Norte, por outros povos que tinham contato com os holandeses nas Guianas (PORRO 1996).

Segundo Nimuendajú (1981), os Jurimáguas estariam filiados ao tronco Tupi (devido à associação que Carvajal fez com os Omáguas), porém as duas fontes de cronistas o contradizem: Alejandro Rojas diz que Pedro Teixeira e seus companheiros, que falavam a língua geral, não conseguiram comunicar-se e Samuel Fritz afirma que a língua dos Jurimáguas é muito diferente dos Omáguas, sendo esse último do tronco Tupi (PORRO 1992, 1996). Fritz e Betendorf descrevem alguns rituais religiosos entre os Jurimáguas e que Porro (1996) conclui que seriam festividades relacionadas ao culto de Jurupari (Koch-Grünberg, 2005; VIDAL, 2002).

Em sua Obra "Dicionário Etno-Histórico da Amazônia Colonial" Antônio Porro caracteriza a tribo dos Jurimáguas:

"O primeiro informe sobre esta tribo é o de Carvajal (1542), que, porém, o chama senhorio de Omágua, fato que levou autores modernos a associá-los aos Omáguas históricos que no século seguinte seriam encontrados muitos mais a oeste, acima do Juruá. Os Omáguas de Carvajal, verossimilmente Jurimáguas, ocupavam a margem direita do Solimões, desde acima do Coari até quase o Purus. Na região de Codajás, um de seus muitos e mui grandes povoados, a chamada aldeia da Louça (v. Em II), despertou a admiração dos viajantes pela cerâmica policrômica vitrificada de excelente qualidade. A língua falada era diferentemente do idioma Omágua (de tronco Tupi) do qual Orellana teria aprendido rudimentos ainda no Equador (Carvajal). No século XIX integravam, entre outras, as populações de Coari e Tefé".

Em suma, o primeiro núcleo da formação de Coari foi observado pelos viajantes do século XVII na foz do lago de Coari, o local onde hoje é a cidade de Coari. Era uma aldeia da tribo Jurimáguas de tamanho médio, que a partir da chegada de Samuel Fritz, foi descida para o alto Solimões, fundando a missão de Nossa Senhora das Neves. Esse processo de descimento, não era apenas uma mudança no local, mas o início do processo de recrutamento indígena, em que a tribo era convencida pelos religiosos, por promessas de melhorias nas condições de vida dos indígenas, caso fossem viver nos aldeamentos. Quando isso não acontecia, usavam a coação, obrigando-os, através do medo, a aceitarem a convivência indesejada nos aldeamentos, sendo a tribo aculturada e obrigada a trabalhar na agricultura para dar lucro para a missão.

Igreja de Nuestra Señora de las Nieves de Yurimaguas

A Cidade dos Jurimáguas (Peru)

A partir desse momento dissertaremos sobre a cidade de Jurimáguas por um rico texto de uma monografia em espanhol em que iremos analisar o resultado da migração da tribo dos Jurimáguas de Coari, no Amazonas até o Peru.

Fundação da cidade segundo o testemunho dos evangelizadores

A versão com mais sustentação histórica nestes tempos é a que se referindo ao nome da cidade de Jurimáguas não resultar da fusão de duas tribos diferentes – Yuri e Omáguas, mas os resultados de uma única tribo, e isso é o que diz Canon Bernardino de Souza:

Seu nome vem do vocábulo Jurimáguas "Valente tribo de índios do Solimões (Amazônia brasileira) e os verdadeiros fundadores da Freguesia de Coari". Essa tribo foi evangelizada pelos Carmelitas, após ser arrancada pelos jesuítas espanhóis com uma parte dessas pessoas fundaram uma aldeia no rio Huallaga.

Padre Carlos Murayari Amasifuen, reconhecido pároco e pesquisador das nossas raízes e identidade cultural disse:

"A partir da confluência dos rios Napo e Negro (Brasil), ambas as margens do Amazonas, disse Pe. Villarejo foram de domínio Omáguas, Jurimáguas (não Yuris e Omáguas como dizem comumente), Aysuares etc".

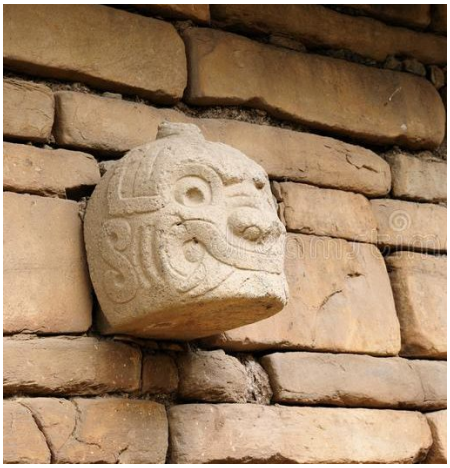
http://www.monografias.com/trabajos55/cultura-yurimaguas/cultura-yurimaguas2.shtml – Acessado em 27.05.2014

Constatações da destruição das aldeias Jurimáguas pelo Padre Samuel Fritz em sua volta da cidade de Belém

Após uma viagem a Belém para protestar contra a invasão portuguesa na Amazônia Espanhola, onde permaneceu preso por 2 anos, abriu-se a questão do domínio do Solimões. Na sua volta, o Pe. Samuel Fritz, do rio Negro em diante, começou a observar que as aldeias estavam sendo abandonadas, estando muitas queimadas. Assim encontrou aldeias dos Cuchivaras, dos Ibanomas, dos Aisuares e dos Jurimáguas. Parte da Razão do abandono das aldeias pelo caminho era a notícia de que os portugueses estavam subindo o rio. A viagem de volta de Belém terminou em 13 de outubro de 1691.

Cidade de Jurimáguas

As Ruínas da Civilização Huari



As Ruínas da Civilização Huari

Cultura Huari

Análise da Teoria de Penafort

Até o momento a teoria que apresenta menor contradição é a de Ulisses Penafort. Contudo, essa teoria precisa de algumas correções e desdobramentos conforme estudos realizados na história do povo Inca.

Para o autor a origem do vocábulo Coari vem do quéchua, também grafado quechua e quíchua, sendo uma importante língua indígena da América do Sul, hoje ainda falada por cerca de treze milhões de pessoas no Peru, Bolívia, Equador e Argentina, posto que foi a língua do antigo Império Inca. Quéchua também designa indivíduo desta etnia ou falante desta língua.

No Peru e na Bolívia o idioma quéchua é considerado língua oficial junto com a língua Aimará. Estas línguas jamais tiveram escrita correspondente até a introdução do alfabeto latino pelos espanhóis, que usaram estas línguas para pregação religiosa e conversão dos indígenas americanos. Havia sim, registros, provavelmente numéricos que eram feitos por sequências de nós em fios de lã, possivelmente associados a cores.

A língua quéchua é muito regular possuindo um grande número de prefixos e sufixos que mudam a significação dos vocábulos produzindo grande expressividade, incluindo conjugação bi pessoal e conjugação vinculada ao estado mental, veracidade, relação espaço-temporal e outros fatores culturais.

Vários vocábulos incomuns da língua portuguesa entraram no português moderno através do espanhol, tais como coca, condor, guano, gaúcho, inca, lhama, pampa, batata, puma, vicunha etc. Começaremos a analisar a partir de Coya que é um vocábulo usado para representar a esposa principal do Sapainca (único Inca, o chefe de todos os Incas) ou o povo Coya:

"Nombre genérico que se da a los aborígenes de Jujuy de ascendencia quichua, aimará, o de alguna otra parcialidad indígena del Altiplano. También llaman así a los bolivianos pertenecientes a las etnias mencionadas radicados en las ciudades (Los gringos)".

http://www.rumbojujuy.com.ar/vocablos.htm acessado em 14.01.2004

Segundo a fascinante história do povo Inca a jovem Coya[5], a princesa estrangeira, era oriunda do povo Coya (boliviano) e depois de uma grande odisseia se tornou rainha do Império inca.

Para a Civilização Inca e também para muitas outras, os seus soberanos eram considerados e tratados como seres de outra casta e adorados como verdadeiros deuses. O Soberano Inca era considerado filho do deus sol, e o povo o cultivava com grande veneração e devoção.

Portanto, "o aspecto masculino, simbolizado pelo sol, era completado pelo culto feminino da deusa Mama-Quilla ou Coya, a lua. A seus templos, que eram totalmente de prata, os fiéis concorriam à noite, em longas filas, para rendê-lhe culto e para reverenciá-la".

Imagem Ilustrativa de Mama Coya

5. COYA. Do quechua, 'soberana ou princesa', 'natural do altiplano'. // Coya. f. Mulher do imperador, senhora soberana ou princesa, entre os antigos peruanos.

Quanto ao Vocábulo Cory ou Cori, foi uma grata surpresa que ao pesquisarmos em vários dicionários quéchuas na grande rede mundial, encontramos na sua tradução para o português, que o seu significado é: "Nome Masculino de origem quéchua que significa **Ouro**". Dessa forma também, notamos que a associação de procedência ou proveniência da tradução de "Rio de Ouro" ao vocábulo Cory tem fundamento etimológico.

Em um segundo momento, observamos que Penafort também propôs a palavra Huari como originária do vocábulo Coari. A palavra Huari advém de uma civilização pré-Inca e tem origem no Aymará, tendo o significado de: "protegido dos deuses", selvagem, indomado, rápido, implacável, nativo como vicunha, ou mesmo a própria vicunha (Vicuña)[6]. Assim também os chamados cidadãos guerreiros da antiga cultura Huari conquistado com dificuldade pela cultura Inca.

O Império de Huari ou Wari foi uma civilização sofisticada e estava estabelecida nos Andes centrais do Peru durante cerca de 400 anos (600 a 1000 d.C). As estruturas das cidades Wari eram cercos retangulares tipicamente grandes. Os povos de Huari (Wari) foram os primeiros povos pré-Inca a usarem a força militar para conquistar os estados circunvizinhos.

Após ter conquistado muitos povos, como a maioria de conquistadores, o povo Wari submeteu às culturas de seus inimigos em favorecimento da sua, dessa forma, reforçou sua própria maneira de vida e proibiu toda a prática da cultura anterior. Há uma evidência que muito da cultura dos Incas veio das ideias e costumes dos povos de Huari.

Hoje Huari é uma província do Peru localizada no departamento Ancash. Sua capital é a cidade de Huari e possui uma população de 68.332 habitantes e uma área de 2.771,90 km^2, perfazendo uma densidade demográfica de 24,7 hab./km^2.

Consequentemente observamos que a denominação dada a Coari de "Rio dos deuses" por Ulisses Penafort parece ter justificativa histórica, mas a fonética e ortografia são levemente diferenciadas. Podemos nos indagar como o dialeto dos Incas (quéchua) que viviam nos Andes poderia influenciar na denominação de um rio no centro do Amazonas? Um típico exemplo dessa influência na nomeação de locais brasileiros seriam as praias mais famosas do Brasil, Copacabana que significa "mirante do azul" e Ipanema "Água ruim" ou "água que não presta" advêm da língua Quéchua.

A cidade de Coari, no Amazonas, não é a única localidade com essa designação, existem quatro lugares que também receberam essa nomeação: um pequeno lugarejo no Estado do Pará, a nossa Coari no centro do Amazonas, uma outra Coari localizada no Peru e finalmente na Província de Cochabamba, na Bolívia.

Na teoria que tem como origem a língua Nheengatu, observamos uma significante ruptura quanto ao significado dado pelos dois autores. Gaspar Guimarães Atribui ao vocábulo Coari o sentido de "Buraco" e Octaviano Melo usa no diminutivo "Buraquinho", com o conceito de furo ou canal, em que durante nossas pesquisas encontramos nos dicionários de nheengatu o vocábulo "pu'ka"[7] que me pareceu ter o significado mais adequado para o conceito que eles necessitavam para a sua frágil teoria.

6. Ruminante mamífero parecido com a lhama, porém, mais esbelto e ágil, penugem mais curta, mais fina e bronzeada; vive em estado selvagem nos Andes, formando rebanhos.
7. Dicionário da língua geral do Brasil, que se fala em todas as vilas, lugares e aldeias deste vastíssimo Estado, escrito na cidade do Pará, ano de 1771 [manuscrito].

Com um aprofundamento sobre a linguagem de origem, os autores teriam percebido que o Nheengatu, uma língua derivada do tronco Tupi-Guarani foi criada pelos padres jesuítas para ser uma língua geral. Ela surgiu no século XIX, como uma evolução natural da língua geral setentrional[8]. Quando os colonizadores portugueses chegaram ao Brasil encontraram diversas línguas ou dialetos da família Tupi-Guarani usados ao longo do litoral do Brasil, ou seja, havia uma língua brasileira da qual os colonizadores podiam se servir como língua de contato ou de relação para se comunicar com os indígenas ao longo de todo país. Todavia, o vocábulo Coari já era conhecido na cultura milenar Inca, tanto na Bolívia como no Peru, descritas pelos navegadores através do Rio Amazonas e dos missionários que estabeleceram seus núcleos religiosos. Assim, seria uma discrepância um vocábulo ser criado antes do surgimento da língua geradora.

Octaviano Melo publicou um livro denominado "Topônimos Amazonense", em que elaborou uma teoria da origem dos nomes das localidades do Estado do Amazonas. Contudo, nem todas as hipóteses ou teorias possuíam um trabalho de pesquisa aprofundado e sistemático. Desse modo, Melo teve que desenvolver pessoalmente uma teoria para atender a proposta de relacionar os inúmeros significados dos nomes das localidades Amazonenses.

A principal tribo que fundou e habitava a região que hoje é a Cidade de Coari foram os Jurimáguas, que após o início de seu extermínio por parte das tropas portuguesas retornou para a sua origem no Peru e fundaram a cidade de Jurimáguas, que é a capital da Província de Alto Amazonas, situada no Departamento de Loreto, pertencente à Região de Lima e assim caracterizando a origem quéchua.

Com base em todo o exposto, verificamos que na teoria da origem da palavra Coari advinda do Nheengatu existe uma desconexão na parte fonética, em que apesar da junção da palavra Cuara + I sugerir uma justaposição primorosa, a pronúncia difere daquela que os nativos até hoje utilizam: "Quari".

E ainda acrescentamos que os Jurimáguas, principal tribo que habitava as várzeas de Coari, não tinham descendência Tupi-guarani[9], de tal modo não podendo servir-se do Nheengatu.

Portanto, também ressaltamos que a fundamentação de Octaviano Mello em que haveria apenas uma entrada para o lago de Coari (Tomassau) foi falha, pois há três acessos como ilustramos anteriormente.

Em 1848 quando Paul Marcoy em sua viagem pela América do Sul, esteve em Coari, descreveu a entrada no lago de Coari:

"A extremidade do lago de Coari fica perto do curso do Amazonas, uma vantagem ou desvantagem que o distingue dos outros lagos que só se comunicam com o grande rio através de canais de cumprimento às vezes considerável. A primeira coisa que se observa ao entrar no Coari é um pequeno povoado de seis casas cobertas de palha no topo de uma elevação. O lugar chama-se Tahua-mirim. Ao pé da elevação, doze casas menores agrupam-se em pitoresca desordem; mas elas, ao invés de serem construídas em terra firme como as outras, apoiam-se sobre jangadas ou balsas". (Marcoy, 2006).

8. A língua geral setentrional, também chamada língua geral do norte e língua geral amazônica, era o ramo nortista da língua geral, falada na Região norte do Brasil. Formou-se a partir da evolução histórica da língua tupi no final do século XVII. No século XIX, pelo mesmo processo de evolução histórica, deu origem ao nheengatu. Hoje, é considerada uma língua extinta.

9. Carvajal observou que a língua falada entre os Omáguas (tupi) era diferente da qual Orellana havia aprendido noções no Equador. (PORRO, Dicionário Etno-Histórico da Amazônia Colonial, 2007)

Praia da Freguesia – Foto: Beto Tristão

Dessa forma ficou claro que Marcoy[10], no ano de 1848, ao entrar no lago de Coari, o fez pela mesma ampla entrada que existe ainda hoje, e prontamente encontrou uma pequena aldeia (Tauá-mirim), local em que hoje está situada a sede do município de Coari.

E por fim, observamos que na teoria da origem do nome Coari que advém do nheengatu, Cuara-ri, devido a entrada para o lago de Coari ser no canal pequeno denominado de Tomassau. Podemos enumerar alguns pontos que negam essa teoria:

1. A pronúncia do vocábulo Coari feita pelo nativo é |Qua|-|ri|, totalmente diferente de |Cu|-|a|-|ra|-|ri|.

2. Todos os navegadores que passaram nessa área do Solimões, descreveram que a foz do lago de Coari tem a mesma medida desde o século XVII até os dias atuais, fazendo parte da mesma estrutura e idade do rio Solimões.

3. A principal tribo indígena que vivia na região de Coari, os Jurimáguas, não tinha descendência e cultura Tupi-guarani, e isso invalida a teoria.

4. Não existe apenas um local chamado Coari. Existe também na Bolívia, no Peru, no estado do Pará, e até outro no estado do Amazonas, o Rio Coari, ramo do Ituí, no município de Atalaia do Norte.

Contudo, com as palavras Huari e Cory, a teoria que advém do Quéchua (língua dos povos Incas), por fazer a associação com ouro e/ou os seus governantes, que eram considerados deuses, depois dessa abrangente análise, conclui-se que a palavra Coari tem sua origem mais adequada no quéchua e significa "Rio de Ouro" e "Rio dos Deuses"

10. Célebre viajante francês. Seu verdadeiro nome era Laurent Saint-Cricq, contudo ficou mais conhecido pelo pseudônimo de Paul Marcoy. Nasceu em 1815, em Bordeaux, onde também morreu, em 1888.

A Colonização da Amazônia

A questão de fixação dos limites na Amazônia causou grandes confrontos entre Espanha e Portugal, conflitos intensos, prolongados e cheio de violência. Durante o século XVI e princípio do século XVII a região amazônica estava sobre domínio dos reis de Castela, isso devido ao Tratado de Tordesilhas que dividiu as terras descobertas e as que poderiam vir a ser, entre os reinos da Península Ibérica. Esse acordo estabelecia uma linha imaginária que percorreria de um polo ao outro (norte ao sul), passando a 370 léguas das ilhas de Cabo Verde.

Assim o Brasil ficou dividido na sua porção oeste sob o domínio da Espanha e na porção leste sobre a administração expansiva de Portugal. Mas, com a União Ibérica[11], aconteceu que as colônias ibero-americanas ficaram sob o mando ou administração do mesmo soberano (espanhol) no período de 1580 a 1640. E assim, os limites ou fronteiras ficaram relativos.

Mas, o que parecia ser a efetivação do domínio espanhol nas terras amazônicas com a perda da soberania portuguesa, ocorreu o contrário, para legitimar a posse das terras e evitar o avanço dos holandeses, ingleses e franceses; Portugal começou a tomar posse paulatinamente das terras da bacia dos rios amazônicos. Por esse motivo, o Capitão Pedro Teixeira, navegante português, organizou e operacionalizou uma expedição que partiu de Belém e navegou até Quito, no Equador. Durante essa viagem (1637 a 1638), Pedro Teixeira teria edificado um marco e tomado posse dos territórios do litoral até a fronteira da Província dos Indígenas Omáguas, porém ficou vigorando por poucos anos esse marco limite.

Samuel Fritz - Uma saga no Solimões

A presença do Missionário Samuel Fritz na Amazônia durante o final do século XVII e início do XVIII (40 anos de sua vida entre as tribos indígenas ao longo do Amazonas) foi o início da ocupação europeia na Amazônia Ocidental. Através de seu diário de viagem podemos ter conhecimento de como era a vida das diversas nações indígenas e o início de sua extinção. Ele foi um padre missionário da Companhia de Jesus e cartógrafo a serviço da Espanha, sendo o principal agente na aculturação de vários povos indígenas das várzeas do rio Solimões.

No Novo Mundo era altamente valorizado e apontado pelo historiador equatoriano Octavio Latorre como "gigante entre gigantes", já em sua terra natal, Boêmia - República Tcheca, ele é quase desconhecido.

O Pe. Samuel Fritz elaborou o grande trabalho cartográfico, aliás, foi o primeiro mapa do Rio Amazonas e da própria Amazônia. Determinou como a sua nascente o lago Lauricocha, nos Andes. Interessantemente, estes dados foram considerados válidos até meados do século XX. O documento cartográfico de Fritz não pode ser definido apenas como um mapa, pois é um registro histórico dos indígenas na Amazônia, visto que, foi ilustrado zelosamente, com uma minuciosa legenda, em que identifica as nações que habitavam a calha dos rios no momento inicial do impacto da colonização ou ocupação.

Em fim, a grande importância da vida e obra do Padre Samuel Fritz para a história do Amazonas, é que o mesmo foi o fundador de vários aldeamentos nas várzeas do Solimões, e Coari foi retratado por muitos anos na história factual e positivista do Amazonas como uma delas, fato que aprofundaremos nos próximos tópicos.

11. União Ibérica foi a unidade política que regeu a Península Ibérica de 1580 a 1640, em decorrência da união entre as monarquias de Portugal e de Espanha após a Guerra da Sucessão Portuguesa. Dessa maneira, foi compartilhado também, os seus respetivos domínios coloniais.

Quem foi Samuel Fritz?

De família aristocrática e pais de nacionalidade alemã, Samuel Fernandes Fritz nasceu no dia 9 de abril de 1654, na vila de Trutnov, na Boêmia, que na época era parte da Áustria (hoje República Tcheca).

A Boêmia é uma região histórica da Europa Central, ocupando os terços ocidental e médio da atual República Checa. Seus habitantes têm descendência ou origem no povo Celta. Em 1526, o domínio do reino passou para as mãos dos reis Habsburgo, e dessa forma, a Boêmia foi parte integrante da Áustria, em que nesse período, foi reintroduzida a religião Católica na Boêmia. A sua independência somente aconteceu a partir de 1918, após o término da I guerra mundial, com a derrota do império Austro-húngaro. Foi constituída a República da Tchecoslováquia, que figurou entre os dez países mais desenvolvidos do mundo. Em primeiro de janeiro de 1993, o Estado Checoslovaco foi dividido pacificamente e foram fundadas as Repúblicas Checa (Tcheca) e a Eslováquia.

Em 1672, aos 18 anos, Samuel Fritz mudou-se para Praga para estudar na Faculdade de Filosofia da Universidade de Carlos e Fernando, sendo matriculado pelo próprio como 'tcheco de Trutnov'. Concomitantemente, Fritz foi aluno do seminário de São Venceslau.

Ingressou na ordem Jesuíta[12] em 1673, implantada em Praga em 1556 e instalou-se no edifício do antigo convento dominicano de São Clemente, onde mais tarde Fritz estudou. Após a formatura, Samuel Fritz mudou-se de Praga para Morávia[13], onde ensinou latim.

Em 1679 ele tornou-se reitor do colégio jesuíta em Brno (principal centro da Morávia). Mas sua carreira docente foi passageira, pois logo voltaria aos seus estudos em uma universidade.

Em 1680, Fritz vai para a Universidade de Olomouc[14] instruir-se em Teologia, e ainda aproveitou para completar seus estudos em filosofia, estudos humanísticos e apreendeu cartografia, que mais tarde foi muito útil nas suas viagens pela Amazônia.

No último ano de seus estudos, decidiu ser missionário de além-mar[15]. E para concretizar essa vocação, em 3 de junho de 1683 solicitou ao seu superior na ordem dos Jesuítas o pedido formal para ser enviado ao Chile, na América do Sul. Mas não foi aceito, e assim, ele direcionou uma nova solicitação, desta vez, para o Vaticano, a sede da Igreja Católica.

Em 14 de novembro de 1683, chegou a resposta aceitando o pedido de envio de vários missionários para catequizar os indígenas no continente americano. Seu amigo inseparável, Pe. Enrique Richter também foi aceito na fileira missionária e teve a sua viagem antecipada em duas semanas, e dessa forma, partiu na frente de Samuel Fritz.

A viagem levou os futuros missionários primeiro ao porto de Génova (Itália). Fritz chegou em 10 de dezembro de 1683 e teve que esperar alguns dias por um navio britânico que faria o translado para Sevilha. Já na Espanha, o missionário teve que esperar vários meses. Ele passou por inúmeras programações para a viagem, organizou assuntos administrativos e se aprofundou nos estudos sobre o Novo Mundo.

12. A Companhia de Jesus (Os Jesuítas) é uma ordem religiosa fundada em 1534 por um grupo de estudantes da Universidade de Paris, liderados pelo basco Inácio de Loyola.

13. A Morávia é uma região da Europa Central que constitui atualmente a parte oriental da República Checa. Suas principais cidades são Brno, Olomouc e Ostrava. Seu nome vem do rio Morava, às margens do qual um grupo de eslavos se estabeleceu por volta de 500 d.C.

14. Olomouc é uma cidade da Morávia, no leste da República Tcheca.

15. As terras situadas além do mar.

Trutnov na Boêmia

Finalmente, em 24 de setembro de 1684, às onze horas da noite, a expedição naval espanhola levantou âncora e deixou o porto de Cádiz. Samuel Fritz nunca mais voltaria a ver a Europa.

As viagens marítimas nesse período eram extremamente difíceis e desastrosas. Além do alto custo da viagem, havia condições extremas de desconforto: barcos lotados e com muita carga, falta de água e alimentos, além de sempre acontecer epidemias e muitos viajantes não sobreviviam às viagens que geralmente duravam dois meses. Um ano mais tarde da partida do seu país, no dia 28 de novembro de 1684, Fritz chegou a Cartagena[16], na Colômbia, com os demais padres enviados ao Marañón[17].

Ao chegar, o grupo de missionários teve um breve descanso na cidade de Cartagena, e logo partiram para uma longa e cansativa viagem de 2.000 Km percorrendo a cadeia dos Andes. Chegaram a Quito (atualmente no Equador), em 27 de agosto de 1685. Onde passaram dois meses se recuperando da tortuosa viagem. Em seguida, aproveitaram para recolher tudo o que iriam precisar para trabalhar nas suas específicas missões.

Fritz partiu de Quito em outubro de 1685 com os demais missionários, foi uma viagem longa e cansativa através da Cordilheira dos Andes até chegar ao povoado de Lagunas, base que abrigava os superiores da ordem dos jesuítas na província dos Maynas[18], vale do Marañón.

Quando os Jesuítas alcançaram seus destinos, se confrontaram com um problema restritivo em relação à linguagem. Pois, alguns dialetos indígenas eram difíceis de dominar. O Padre Fernandez, no Rio Beni disse:

Nos cinco meses que tenho estado aqui, escassamente aprendi cinco conjugações, tendo trabalhado e suado dia e noite. Era difícil de pregar o cristianismo em uma língua que não tinha nenhuma equivalente para palavras abstratas tais como "crer" e "fé". Explicar a Santíssima Trindade para um indígena Yameo devem ter sido quase impossível. A palavra equivalente para 'três' em Yameo era 'Poettarrarorincouroac'.

16. É uma cidade da Colômbia margeada pelo Mar das Caraíbas. O lugar tem uma localização estratégica, por isso foi sede de um importante porto durante o período colonial.

17. Rio que nasce no Peru à cerca de 5.800m de altitude nos Andes, percorre cerca de 1600 km, se junta ao rio Ucayali (Amazonas), que flui até à fronteira Brasil-Peru, onde passa a ser chamado Solimões.

18. Maynas é uma província do Peru localizada na região de Loreto.

Imagem de Samuel Fritz elaborada pelos missionários jesuítas, com base nas descrições de seus traços físicos.

Fritz em meio aos Omáguas

Em 18 de novembro de 1686, Fritz, Richter e os demais missionários chegaram a Laguna. Eles foram recebidos pelo seu superior, Padre Juan Lorenzo Lucero, que lhes deu boas-vindas e explicou os procedimentos específicos daquelas missões.

Richter recebeu a missão de evangelizar à tribo dos Conibos, que naquele tempo viviam no rio Ucayali. Fritz foi encarregado de uma tarefa bem maior por seu superior, padre Lorenzo Lucero, a incumbência de incorporar o território desde o rio Napo até o rio Negro à Missão de Maynas. O território que Fritz foi encarregado de ocupar era habitado pela nação Omáguas, descrito pelos europeus do século XVI e XVII como a maior e mais importante das nações das várzeas que habitavam esses rios.

Mas, Samuel Fritz não queria apenas se contentar com o trabalho missionário entre Omáguas. No início de 1689, além de ter toda a nação Omáguas sob sua tutela, começou o mesmo trabalho na cercania. Ele se ocupou também da tribo dos Jurimáguas, tribo dos Ibanomas e tribo Aisuares. Ele seguia o princípio Cujus regio, eius religio (De quem é a região, dele se siga a religião).

O aspecto carismático do padre despertou o interesse onde quer que ele aparecesse. Conforme as descrições da época, Samuel Fritz era magro, corado, muito alto, algumas fontes indicam que possuía a medida de um metro e noventa, envelhecido na aparência, tinha cabelos ruivos e com uma barba muito ondulada. Ele era um homem de extraordinária habilidade e caráter tenaz. Fritz era descrito como "um homem digno de veneração", foi o responsável pela expansão das missões através do Rio Amazonas, entre a desembocadura do Rio Napo à foz do Rio Negro. — Alguns me chamam de santo ou filho de Deus, outros me consideravam um diabo. Alguns, devido à cruz que eu levava, diziam viram um patriarca ou um Messias, outros afirmavam que eu era um embaixador da Pérsia. Os Negros do Pará pensavam que eu seria seu libertador — escreveu Fritz em seu diário.

Seguindo as práticas de seus companheiros, Fritz cita no seu diário que fundou 30 aldeias de redução[19] nos rios Solimões, Japurá e Negro. Contudo, no seu mapa podemos observar apenas quatro, sendo: San Joaquín de Omáguas (no Peru), Nuestra Señora de Guadalupe (Fonte Boa), San Pablo de Omáguas (São Paulo de Olivença) e Nuestra Señora de las Nieves de Yurimaguas, a partir das quais realizava missões volantes às áreas circunvizinhas.

19. Reduzir nesse contexto significa ganhar almas indígenas para Deus.

A Grande Viagem

Em 1689, o Padre Fritz se encontrava muito doente, provavelmente estaria acometido de malária. Mas mesmo assim não descansava e realizava várias medições cartográficas em suas viagens através do Amazonas. Para isso, além de um relógio de sol, dispunha apenas de uma bússola e um pequeno astrolábio de madeira. Mas a doença era cada vez mais agonizante e, finalmente, Samuel Fritz não conseguia nem andar. Para voltar à missão central dos Maynas não tinha tempo nem forças, então teve que procurar ajuda para obter a sua cura.

Fritz se encontrava numa aldeia da nação dos indígenas Jurimáguas. Aos 35 anos, era um homem robusto, mas um surto de malária, agravado por inchaço nos pés e problemas de verminose obrigaram o missionário a ficar prostrado numa rede. Durante 3 meses ele penou, sem nenhum atendimento. Quando o sol nascia, Samuel Fritz conseguia levantar-se; a febre passava e ele podia alimentar-se, mas era durante a noite que a moléstia lhe atormentava. A febre queimavá-lhe o corpo, a sede secavá-lhe a boca, e ele não conseguia dormir porque os jacarés saíam do rio e perambulavam pela aldeia. Certa noite um jacaré chegou a subir numa canoa, cuja proa estava dentro de sua barraca para tentar ataca o padre que estava na rede imobilizado pela febre.

Como Fritz estava fraco demais para enfrentar uma viagem de dois meses subindo o rio até seus irmãos de ordem no Peru, decidiu então, descer o rio Amazonas e encontrar os portugueses, que segundo os indígenas, estavam colhendo salsaparrilha na foz do rio Purus.

Depois de quinze dias, Samuel Fritz foi escoltado pelos indígenas para a Missão dos Mercedários[20], atualmente a cidade de Silves, onde foi tratado com grande esmero, contudo não houve progresso em seu estado de saúde, pois já há muito estava comprometido. Os Mercedários enviaram Fritz acompanhado de uma tropa de soldados portugueses até Belém, onde foi recebido e tratado pelos jesuítas no Colégio de Santo Alexandre, e assim, recuperou a sua saúde.

Em 1691, O Pe. Samuel Fritz tentou voltar para as suas missões no Solimões, contudo as autoridades portuguesas o retiveram como prisioneiro em uma residência dos jesuítas, na cidade de Belém, até que chegasse instrução de Lisboa. Na tentativa de se libertar, Fritz escreve ao Rei de Portugal, Dom Pedro II, e pede conta da sua vida e da injustiça que estava sofrendo.

Passou 22 meses até receberem instruções do Rei de Portugal para libertar Fritz e acompanhá-lo de volta às suas missões. Três anos havia se passado desde o início de sua empreitada e finalmente, Fritz foi recompensado com a viagem de retorno, embora tenha significado nenhuma vitória, ele deixou um relato importantíssimo para o conhecimento da região e de seus habitantes.

Na sua volta, do rio Negro em diante, Samuel Fritz começou a observar que as aldeias estavam sendo abandonadas, estando a grande maioria queimadas. E dessa forma, também encontrou aldeias dos Cuchivaras, dos Ibanomas, do Aizuares e dos Jurimáguas. Parte da Razão do abandono das aldeias pelo caminho era a notícia de que os portugueses estavam subindo o rio em busca de escravos. A viagem de volta de Belém terminou em 13 de outubro de 1691.

20. Religiosos Mercedários pertencentes à ordem das Mercês (Nossa Senhora das Mercês), fundada por São Pedro Nolasco (80-256), religioso francês.

"Quando Fritz chegou aos Jurimáguas, seu cacique disse-lhe que uma expedição portuguesa tinha acabado de partir, levando cacau e alguns escravos. "Eles se foram muito aborrecidos, ameaçaram (os Jurimáguas) e os Aysuares, afirmando que voltariam o mais breve possível para levar a todos rio abaixo como prisioneiros - porque eles se recusaram a dar-lhes seus filhos para serem levados para o Pará ou a dar-lhes cativos como resgate".

Em 1693, o rei de Portugal, Dom Pedro II decretou que as terras do rio Amazonas fossem divididas entre as diversas ordens religiosas, rescindindo a exclusividade com a Companhia de Jesus.

Os indígenas do Solimões tinham grande respeito e afeição por Fritz, contudo esse sentimento não impediu que os portugueses persistissem em manter essas terras sobre o domínio português. Em 1697, quando Samuel Fritz estava numa pequena povoação próximo a Tefé, uma tropa de soldados lusos chegou ao local. Com eles, o provincial dos carmelitas, frei Manoel da Esperança, o qual forçou Fritz a abandonar suas missões e voltar para o Peru.

Durante o princípio do século XVIII, Fritz continuou exercendo influências entre suas antigas missões, a tal ponto, que o então recente rei de Portugal, Dom João V, decretou a expulsão dos jesuítas que trabalhavam para a Espanha nas aldeias dos Omáguas e a prisão de Samuel Fritz.

Em 1704, Fritz foi nomeado superior das Missões da Província de Quito, atual Equador. E mais tarde, no ano de 1707, ele teve a oportunidade de publicar seu mapa do rio Amazonas.

No dia 24 de dezembro de 1709, uma tropa de 150 soldados foi enviada para acabar definitivamente com as missões dos jesuítas. Dessa forma, além da destruição das missões, prisão dos jesuítas que ainda se encontravam no Solimões, houve quase que a extinção dos Omáguas.

Após a expulsão dos Jesuítas e vendo seu trabalho não se desenvolver no Solimões, Fritz parte para a sua estratégia final:

Samuel Fritz vai capitanear uma grandiosa devastação de Tabatinga até a Boca do Rio Negro incendiando todas as aldeias que encontra pelo seu caminho. Diga-se de passagem, todas elas já estavam abandonadas. O Amazonas era um deserto.

Este vazio demográfico ora registrado significava que a área então conflituosa disputada pelas duas potências Ibéricas se tornou como consequência dos conflitos uma área deserta, pois os índios não aceitaram ser escravizados e encararam os colonizadores portugueses como inimigos, chegando a matar alguns missionários que tentavam arrebanhá-los como é o caso dos Jurimáguas, cujo chefe teria fugido para o mato depois de ter, com seu pessoal, assassinado o Frei Francisco de Santo Anastácio. Esse incidente seria usado como pretexto por Samuel Fritz, para que abandonassem o local, evitando a implacável retaliação por parte dos portugueses.

Frei Vitoriano Pimentel

O Frei Vitoriano Pimentel foi o grande cronista das atividades dos carmelitas (Ordem do Carmo), em favor da coroa portuguesa, no Solimões e Rio Negro, durante o século XVIII. Ele recebeu o cargo de Vigário Provincial do Carmo em 1702 e a missão através da ordem do Rei de Portugal para providenciar mais missionários para o rio Solimões.

21. "Relação do Frei Vitoriano Pimentel sobre as missões do rio Negro e Solimões", in Anais do Arquivo e da Biblioteca Pública do Pará , vol XII, p 404.

E no mesmo momento chegou ao seu conhecimento o manifesto do Padre Samuel Fritz que contestava a posse carmelita daqueles distritos, acrescentando que "os portugueses são intrusos possuidores daqueles sertões"[21]. O padre Samuel Fritz defendia a legitimidade da posse espanhola recorrendo a cálculos embasados no Tratado de Tordesilhas:

"Constava primeiro que da ilha de Santo Antão até o Cabo de Santo Agostinho há três graus de longitude, como querem os mesmos portugueses; e do Cabo de Santo Agostinho até o rio das Amazonas [14] graus e dois terços que importam [87] léguas, que hão de contar deste rio para o poente, por correr sempre com igualdade equinocial com pouca declinação já ao norte, já ao sul; e sendo isto assim, dizia ele, como é possível que as Missões que os religiosos do Carmo têm no Solimões que distam do Pará mais de [750] léguas, estejam dentro dos limites de Portugal; se Portugal não tem mais que [87] léguas de comprimento pelo rio acima, isto é: ressalvava ele, admitindo tudo quanto os autores portugueses querem, porque os Castelhanos, e ainda alguns portugueses dizem que o meridiano da demarcação de Portugal passa pela cidade de Belém do Grão-Pará".[22]

Frei Vitoriano decidiu-se então, ir ao encontro de Samuel Fritz para atemorizá-lo e, se fosse o caso, prendê-lo. Em 20 de outubro de 1702, recebeu o aval da Junta das Missões Carmelitas e no dia 23 partiu em direção ao Solimões.

No dia 21 de fevereiro de 1703, Frei Pimentel adentrou na aldeia de Santa Maria Maior, onde foi recebido por Samuel Fritz, que mesmo cortês, ficou assustado, segundo Frei Pimentel.

Pimentel teve que usar de muita esperteza e artimanha no embate contra o boêmio Samuel Fritz em relação quem seria o verdadeiro mandatário das terras do Solimões. Seu argumento em favor do pleito de Portugal foi rebater o contexto e os cálculos de Fritz, principalmente, colocando o marco assentado pela expedição de Pedro Teixeira no Solimões como fato que validava na esfera judicial a nova fronteira pretendida pelos lusitanos: E complementou:

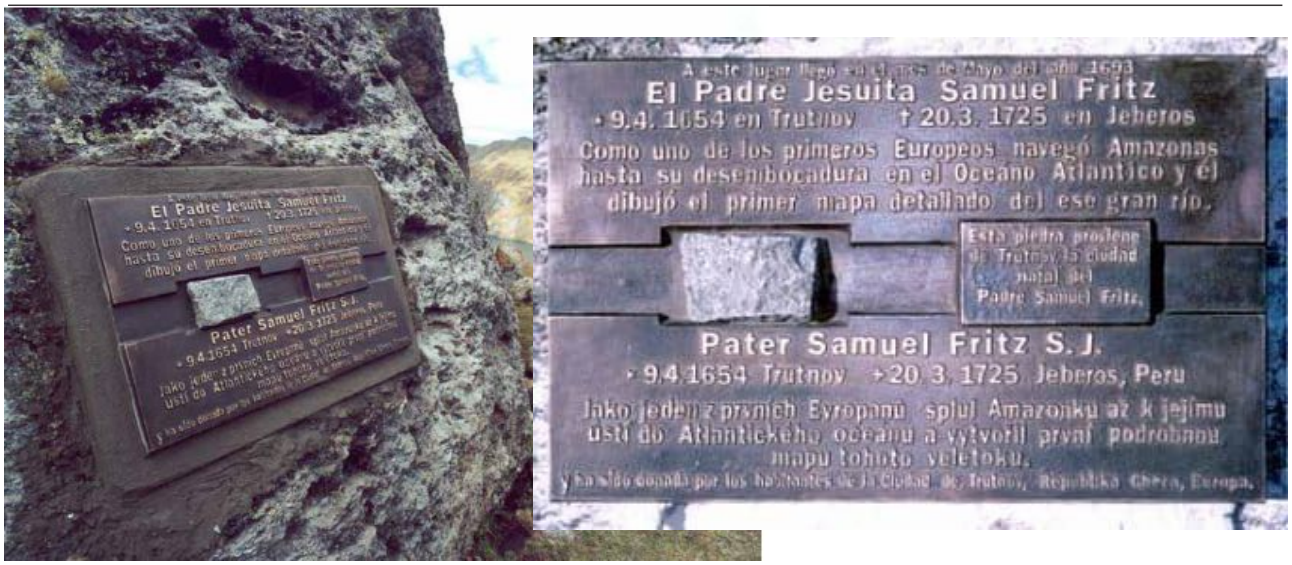
"Aqui então lhe mostrei quão fúteis eram os fundamentos com que pretendia ampliar os domínios da Espanha; porque assim no número dos graus, como nos rumos das demarcações tinham os Sumos Pontífices em suas Bullas favorecidos muito mais do que ele dizia no seu manifesto aos Sereníssimos Reis de Portugal; mostrei-lhe também como nós, os Portugueses tomamos posse daqueles Sertões no ano de 1639 metendo o marco que divide às duas coroas junto ao Ancavilhado, que é muito mais acima donde o Padre agora missiona".

Frei Vitoriano Pimentel, no final, avisou ainda ao Padre Samuel Fritz, para de maneira alguma propagar suas atividades missionárias, caso contrário, o mesmo seria preso e remetido para Portugal. E ainda acrescentou: "o fim que um missionário devia ter no seu ministério era reduzir almas para Deus, e não pregar os graus e terços das demarcações".[23]

O Final da Grande Missão

Em 1717, o Padre Samuel Fritz renúncia de seu posto das missões, mudando-se para o vilarejo de Jeberos, onde serviu como padre junto aos indígenas do local. Fritz se estabeleceu não só como um especialista nas línguas indígenas e cartógrafo, mas também como médico, carpinteiro, escultor, pintor, bem como agricultor.

22. "Relação do Frei Vitoriano Pimentel sobre as missões do rio Negro e Solimões", in Anais do Arquivo e da Biblioteca Pública do Pará , vol XII, p 405
23. "Relação do Frei Vitoriano Pimentel sobre as missões do rio Negro e Solimões", in Anais do Arquivo e da Biblioteca Pública do Pará , vol XII, p 412



Placa comemorativa ao trabalho de Samuel Fritz.
Lago Lauricocha, nascente de Marañón (Peru)

Fez a sua própria casa em Jeberos e lá viveu até falecer no dia 20 de março de 1725

A disputa final em relação à fronteira da Amazônia ocidental foi efetivamente implantada somente com a assinatura do Tratado de Madrid (1750) e de Santo Ildefonso (1777), que dessa forma, sacramentaram a posse portuguesa até a confluência do rio Javari.

Nos anos seguintes, chegou a uma solução do embate com o estabelecimento do Tratado de Madri que, a partir de 1750, reorganizou as fronteiras da Amazônia com base no princípio do uti possidetis (reconhecimento da posse da terra na forma que se encontrava).

Coari é elevada à categoria de lugar

Em 3 de março de 1755, foi criada a Capitania de São José do Rio Negro, pretendia-se com o ato a consolidação do domínio português no Amazonas.

No Regime Pombalino (1750 – 1777)[24], em que a administração das colônias portuguesas foi realizada pelo Marquês de Pombal, ficou estabelecido o Regimento Geral das Missões, em que determinava em seu artigo 2º que deveria ser transformado em Lugar às aldeias com mais de 150 moradores.

Em 1759, o Governador da Capitania de São José do Rio Negro, Joaquim de Mello e Póvoas[25], elevou a aldeia de Coari à categoria de Lugar, substituindo o nome para Alvelos, pois havia a determinação do seu tio Marquês de Pombal para trocar os nomes de origens indígenas para nomes com ascendência portuguesa.

Nesse mesmo ano, sobre as ordens do Marquês de Pombal, os jesuítas foram retirados à força das suas missões, sequestrados seus bens e finalmente, expulsos do Brasil. Deixando, em maioria, suas missões e missionados abandonados.

24. Refere-se ao período em que Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal exerceu o cargo de primeiro-ministro português, sob nomeação de Dom José I. Política e economicamente as medidas do regime Pombalino passaram pela diminuição das amplas regalias de que desfrutavam determinados setores da nobreza e da Igreja Católica, em particular os jesuítas; pela busca da implementação de uma política de liberalização, ou redução, da dependência portuguesa em relação à Inglaterra. Contraditoriamente, no campo econômico permaneceu a predominância da política mercantilista do antigo regime.

25. Militar de carreira, Melo e Póvoas era, na verdade, um pragmático a quem importava apenas cumprir a missão recebida e zelar pelos interesses de seu Rei. Foi também, mais tarde, Governador e Capitão-general do Maranhão.

Mapa Elaborado por Samuel Fritz

Resumo sobre a Fundação de Coari

"Coari foi fundada no princípio do XVIII pelo Padre alemão Samuel Fritz" - É assim que se resume o início da história de Coari nas mais diversas literaturas que circulam na internet e nos prospectos com o "histórico" que são retransmitidos pela cidade de Coari com graves imprecisões que ao longo da nossa exposição e revisão bibliográfica esclareceremos e ilustraremos que em apenas uma pequena frase, há erros cruciais e decisivos que levam aos leitores entrarem em conflito quando se aprofundam na temática.

A história de Coari vem sendo desenvolvida de uma maneira factual e sem pesquisa sistemática ou radical (em busca da raiz do fato histórico). E dessa forma, faz com que estejamos sujeitos a contrassenso históricos e descuidos na construção do conhecimento sobre a origem e fundação de Coari.

Fritz apesar de ter os seus pais com nacionalidade alemã, não era alemão, como chegamos a expor, ele nasceu no Reino da Boêmia, que ainda hoje faz parte da República Tcheca, apesar de que na época do seu nascimento, a Boêmia estava sobre o domínio da Áustria e alguns autores o definirem de nacionalidade austríaca. Contudo, ele ao se matricular na Faculdade de Filosofia da Universidade de Carlos e Fernando, em Praga, se autodenominou 'tcheco de Trutnov', uma vila da Boêmia.

Samuel Fritz Fundou Coari?

Durante nossos estudos sobre a história de Coari tivemos a oportunidade de examinar três obras literárias com traduções do diário de Samuel Fritz, a primeira obra foi de Rodolfo Garcia (IHGA) organizada pelo Professor Renan Freitas Pinto, fragmentos em monografias peruanas de "Noticias auténticas del famoso rio Marañon (1738)" do padre Pablo Maroni, missionário da Província de Quito entre 1729 e 1742, e por último "Journal of the travels and labours of father Samuel Fritz in the river of the Amazons between 1686 and 1723" de Rev Dr George Edmundson.

Corte Ampliado do Mapa de Samuel Fritz publicado em 1707.

Se considerarmos que o "Diário de Samuel Fritz" é o principal documento histórico sobre a região do Solimões, é estranho não se observar nessa importante fonte histórica qualquer citação sobre a fundação de Coari ou visita de Samuel Fritz ao lago de Coari, da qual diversos autores atribuem a ele. Afirmando inclusive que o missionário boêmio seria o responsável pelo descimento de várias tribos ao local da antiga Freguesia de Alvelos.

E acrescentamos ainda que existe um fato que caracteriza efetivamente essa constatação: em seu celebre mapa do Rio Amazonas, iniciado a elaboração em 1689 e publicado em 1707, em Iquito: Não há nenhuma referência da localização do rio ou lago de Coari com seus afluentes (Urucu, Aruã (Aroan), Coari Grande, Itanhauã e Juma) no referido mapa desenhado com bastantes detalhes.

Podemos observar a sequência dos Rios: Tefé e Catoá (Catuá) na margem direita, Copéa na margem e esquerda, e muito depois, o Rio Cachuara (conhecido hoje como Purus). Dessa maneira, podemos constatar que Fritz desconhecia Coari e não fundou nenhuma aldeia ou fez quaisquer descimentos de indígenas no lago de Coari.

Acreditamos que, tal equívoco foi gerado devido à disputa pelas terras das missões expandida de Maynas no Solimões entre Samuel Fritz e o Frei português Vitoriano Pimentel, que segundo seu relato de viagem entre 1702-1703[26] passou por essa região do rio Coari e atribuiu as localizações destruídas pelas tropas portuguesas como missões de Fritz, como uma forma de encobrir a grande matança indígena e a fuga da nação dos Jurimáguas para o Peru.

La Condamine (1701 - 1774) em sua grande viagem pelo rio Amazonas encerra a imprecisão desses dados com seu depoimento:

26. Parecer do frei carmelita Victoriano Pimentel, membro da Junta das Missões. Carmo do Grão-Pará, 4 de outubro de 1738 (In: CEDEAM, 1986, doc. 7).

"Coari (1744) é a derradeira das seis povoações dos missionários carmelitas portugueses; as cinco primeiras são formadas dos restos da antiga missão do Pe. Samuel Fritz, e composta de um grande número de diversas nações, a maior parte transplantadas. As seis acham-se na margem austral do rio, onde as terras são mais altas, e há abrigo de inundações".

Para enriquecer nossas argumentações e apontar outros viajantes que discordam que Fritz tenha fundado Coari, passamos a reportar a descrição de Alvelos no Livro "Viagem pelo Brasil", escrito pelos médicos J. B. von Spix e C. F. P. von Martius, alemães que viajaram pelo Brasil nos anos 1817 à 1820:

"Alvelos, chamado Coari pelos índios, foi uma das missões fundadas pelos carmelitas e abrigava primitivamente selvícolas das tribos dos Solimões, Jumas, Juris, Pacés, Uaiupís, Irijús, Purús e Catauixís. Os atuais habitantes, na recíproca mistura e convívio com os brancos, renunciaram à sua língua e a outras particularidades da tribo".

Partindo do princípio que em seu diário, Fritz não fez nenhuma menção a fundação ou descimento de indígenas na região de Coari, fato este confirmado com a não ilustração do rio Coari no seu mapa[27] descritivo do Rio Amazonas, chegamos à conclusão que os autores que transcreveram sobre a história da fundação de Coari, o fizeram sempre de forma positivista, ou seja, fatos sendo analisados isoladamente, sem nenhum embasamento histórico que considerasse os relatos do Padre Samuel Fritz em seu trabalho missionário no rio Solimões.

Outro fato que efetivamente demonstra que Fritz não fundou Coari são os relatos dos viajantes e cronistas do século XVIII (La Condamine, Spix e Martius) transcritos acima. Em que, os mesmos atribuem aos missionários Carmelitas que trabalhavam a serviço da coroa portuguesa.

As análises profundas em torno do Diário de Samuel Fritz verificando suas viagens, descimentos de aldeias fez com que os professores Humberto Lisboa e Antonio Porro defendessem a teoria de que a última aldeia fundada por Fritz foi a Missão de Nossa Senhora de Guadalupe, atual Fonte Boa. Conforme mapa de Porro na página seguinte.

Concluímos também que a fundação de Coari precisa ser contada não só pela versão dominante do invasor europeu, mas também pela ótica dos povos da floresta, que há muitos anos viviam nessa região e já desenvolviam uma rica cultura, antes da chegada do conquistador. Sendo assim, concordamos com o Cônego Francisco Bernardino de Souza em atribuir a fundação de Coari aos Indígenas Jurimáguas[28]:

Jurimaua's: Valente tribo de índios do Solimões e verdadeiros fundadores da Freguesia de Coary.

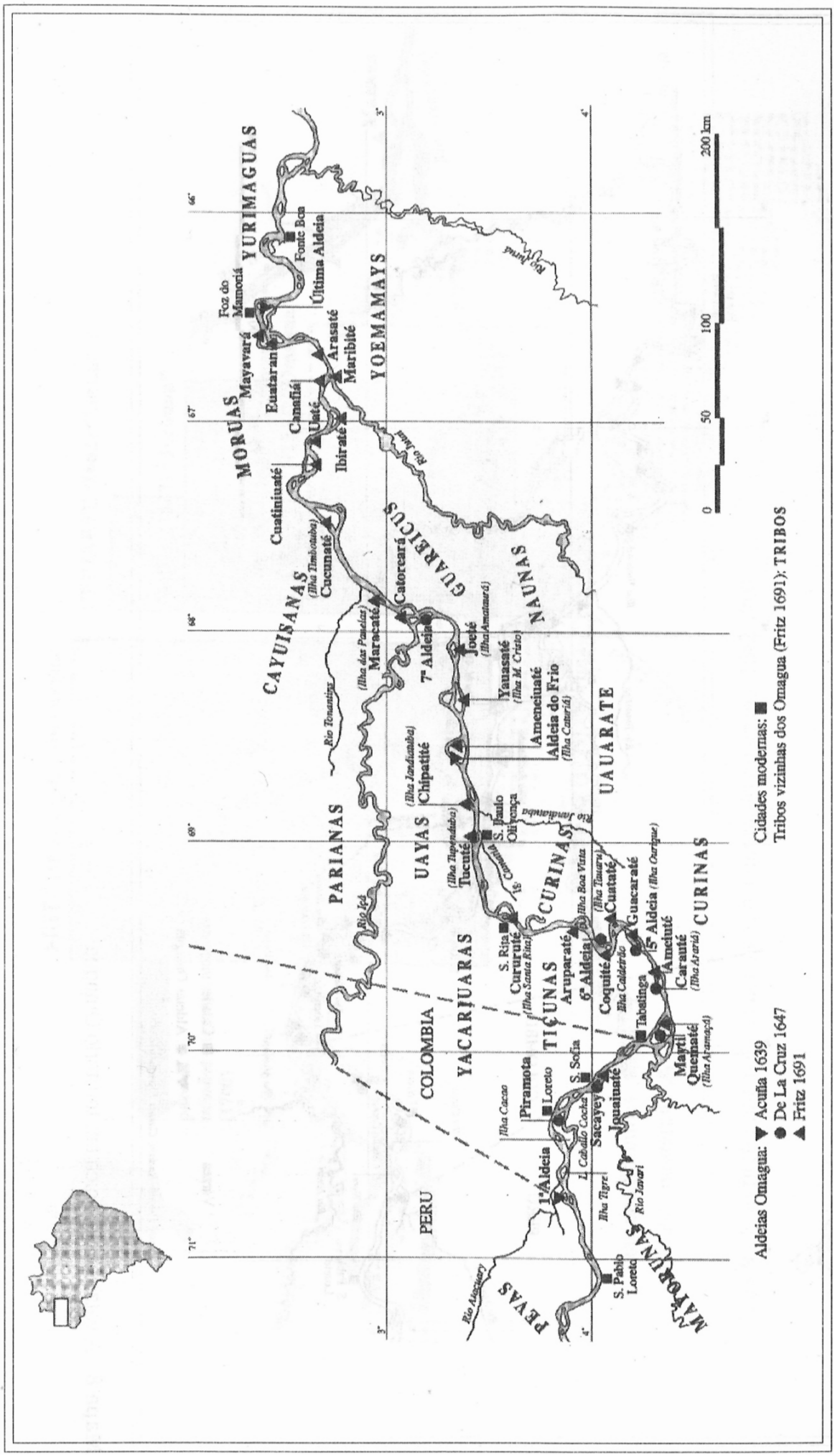
Missionada esta tribo pelos Carmelitas, foi depois perfidamente arrancada a eles por jesuítas espanhóis, que com parte dela fundaram uma povoação no Guallaga ou Nuallaga.

Foram os Jurimáguas, que no Coary prestaram hospitaleiro acolhimento ao capitão Pedro Teixeira na volta de sua viagem a Quito.

Apesar de as primeiras missões com descimentos de aldeias indígenas serem obras dos padres Carmelitas, os Jurimáguas foram os legítimos fundadores de Coari. Aqui viveram e desenvolveram sua cultura milenar e conforme o "regime das águas" habitavam as ilhas dessa região, fazendo seus rituais ao deus sol na Praia de Jurupari, próximo a atual sede do município de Coari.

27. Primeiro mapa descritivo do rio Amazonas que foi muito reproduzido e estudado em toda a Europa durante os séculos XVIII e XIX

28. Também grafada Jurimáuas ou Yurimáguas e de Solimões pelos portugueses.



Mapa de Antônio Porro cientificando que Fonte Boa foi a última missão organizada por Samuel Fritz.

Os Muras e as notícias de Melo e Póvoas sobre Alvelos

Um dos grandes problemas no século XVIII para desenvolver a região do médio Solimões, além da distância dos grandes centros urbanos, foram os ataques dos ferozes Muras às povoações e embarcações que transitavam nessa região. Veremos a seguir fatos envolvendo Melo e Póvoas e os Muras:

1. Desde as primeiras décadas do século XVIII, os índios Muras se constituíram em um grande problema para a colonização dos Confins Ocidentais da Amazônia, devido aos seus repúdios ao convívio com os adventícios portugueses. Nos anos 30 daquele século, o governador do Estado, os agentes régios e os moradores acreditavam que seria imperativo se fazer uma *guerra justa* a tais indígenas. No entanto, outros interesses políticos não permitiram que a tal guerra acontecesse. Contudo, a guerra aos Muras nunca saiu da agenda política dos colonizadores, mesmo, sob a luz do *Diretório dos Índios*.

2. Conforme a carta de Melo e Póvoas, em 1759, o governador informa que iria remover o destacamento militar do lugar Alvelos pelo fato de entender que os seus moradores já formavam um "corpo suficiente para poder evitar todo o insulto que lhes quisessem fazer os Muras".

3. Sobre a agricultura, também recomendou que o diretor dessa povoação incentivasse a cultura do café e do anil, fazendo com que os índios os plantassem nos seus sítios. No Lugar de Alvelos, cuidarem os diretores para que façam arrozais pelo comum da população, para ser vendido na capital da Capitania, onde seria fácil a venda.

4. Quanto à produção agrícola, diversos relatos dão conta de que essa atividade era quase inexistente, entre os índios aldeados da Capitania do rio Negro. Por exemplo, o governador Mello e Póvoas, no final do seu mandato (1760), se referindo aos habitantes do Lugar de Alvelos, afirmou que teria achado aquele Lugar na maior miséria que se poderia considerar, "basta dizer que não havia em todo aquele distrito um pé de maniva"[31].

5. 1765 - Outras discórdias também ocorreram entre os diretores e os vigários em diversas povoações por invasão de competências, por exemplo, o diretor de Alvelos, capitão Simão Coelho entrou em conflito com o padre Manuel das Neves[32].

Indígena Mura inalando Paricá

29. Carta de Joaquim de Mello e Póvoas para Francisco Xavier de Mendonca Furtado. Barcelos, 15 de janeiro de 1760 (In: CEDEAM, 1983, doc. 10).

30. (Cf. SAMPAIO, 1985, pp. 136-145).

31. Carta de Joaquim de Mello e Póvoas para Francisco Xavier de Mendonça Furtado. Barcelos, 16 de janeiro de 1760 (In: CEDEAM, 1983, doc. 13)

32. (Carta de Joaquim de Mello e Póvoas para Francisco Xavier de Mendonça Furtado. Barcelos, 16 de janeiro de 1760. In: CEDEAM, 1983, doc. 13).

6. Nesses tempos era comum que as escoltas militares efetuassem as chamadas "varreduras" pelos confins da Capitania do Rio Negro para combater os Muras, ou pelo menos afugentá-los para bem longe das povoações. Por exemplo, em 1759, uma escolta comandada pelo capitão Aniceto Francisco executou uma que saiu do Lugar de Alvelos, no Solimões, onde convocou a tropa que precisava para entrar no mato e realizar a varredura; percorreu todas as margens e lagos do Rio Coari, por onde costumavam andar os Muras. Mas, "*não topou com pessoa alguma sendo o motivo desse mau sucesso, o estar o rio muito cheio, e ter-se recolhido todo o gentio para o centro do mato aonde costumavam passar o inverno*"[33].

7. Outra frente de índios em descimento ocorreu no lago de Mamiá[34]. Em março de 1786, o diretor Vila de Alvelos deu notícias daquele estabelecimento ao tenente-coronel João Batista Mardel. Disse que ficava a meio-dia de viagem da Vila; já existiam quatro casas, das quais três eram bastante grandes; tinha bastante milho e estavam fazendo roça de mandioca. Disse, também, que estava socorrendo com farinha de mandioca na forma ordinária, e que os indígenas estavam contentes, ao que lhe parecia. "Deus os conserve: a gente já anda mais descansada"[35].

8. No estabelecimento de Mamiá, João Batista Mardel dizia que os índios que estavam chegando da região do Madeira trazendo a "notícia de que os Mundurucus fizeram entre os parentes daquele domicílio horrível carnagem e que também por essa causa se queriam vir ali estabelecer"[36].

9. No sistema fluvial Solimões - Japurá e no rio Negro, os Muras, inicialmente, também atropelaram a colonização, mas sem alterar o desenho colonial. Mais tarde, porém, também forçaram as autoridades régias coloniais a criarem novos núcleos coloniais para abrigá-los. Não mais pela beligerância, mas pelo surpreendente pedido de paz aos agentes da Coroa portuguesa. Assim sendo, surgiram as povoações de Manacapuru; São João Batista de Amaná; São João Batista do Japurá; São Pedro de Mamiá, e Piorini. Além, do aumento demográfico indígena de Serpa, Borba, Coari, Airão, Autazes etc. Porém, essas povoações luso-amazônicas tiveram como um dos componentes decisivos para as suas edificações, as atitudes políticas beligerantes ou pacíficas dos índios Muras, ao longo do século XVIII.

Indígena Mura

33. Carta de Joaquim de Mello e Póvoas para Francisco Xavier de Mendonca Furtado. Barcelos, 15 de janeiro de 1760 (In: CEDEAM, 1983, doc. 9)

34. O lago de Mamiá está situado na margem direita do Solimões, na região de Alvelos (atual Coari, sede do município do mesmo nome). Nessa localidade se desenvolveu uma povoação que recebeu a denominação de Lugar de São Pedro do Mamiá.

35. Carta de Domingos Macedo Ferreira para Joao Batista Mardel. Alvelos, 27 de marco de 1786 (In: BPCEDEAM, n.o 5, 1984, p. 64).

36. Carta de João Batista Mardel para João Pereira Caldas. Ega, 6 de abril de 1786; Carta de Domingos de Macedo Ferreira. Alvelos, 27 de março de 1786; Carta de João Pereira para Caldas João Batista Mardel. Barcelos, 24 abril de 1786; Relatório de João Batista Mardel para João Pereira Caldas. [Ega], (In: FERREIRA, 1974, pp. 138-143).

Descrição de Coari reproduzida pelo Pe. José Monteiro em 1768

"O rio Coari desce de sul para o norte; - e fica a sua barra principal em 4 grãos de latitude austral. Chamo a esta barra[37] principal, porque tem outra pouco mais superior, e bastante estreita. A largura deste rio é de duas léguas; posto que ele se diminua muito em poucos dias de navegação. É inavegável um mês, ou pouco menos. E segundo as informações de alguns índios da nação Catauixi, que descerão dele, para Alvelos, tem a sua origem, e fonte em uma campina larga, e dilatada. Não achei, todavia, a notícia que dá Mr. La Condamine, me parece mui provável, de que na dita campina fora visto gado vacum. Dobrada a ponta, em que está o lugar de Alvelos, se vem três rios diferentes, que fazem barra na mesma baia, ou tronco. O primeiro, e o mais oriental é o Coari continuado. O segundo é o rio chamado Urucuparanã. O terceiro, e o mais ocidental é o rio Urauã, ou Cuanü, cujas navegações também não são dilatadas.

No rio Coari habitaram em outro tempo os índios da Nação Catauixi, e Juma, dos quais se "descerão" alguns, para o lugar, que hoje é Alvelos. Porém, após introduzidos os Muras no referido rio, passou o resto daqueles índios, para o lago Tabauão, que deságua na margem ocidental do Purus, e para o rio Juma. As águas do rio Coari são negras. As suas margens e praias são mui vistosas. É abundante de tartarugas e peixe. Tem óleo de eupayba e alguma salsas.

Quatro léguas acima da barra do Coari está situada na margem oriental dele o lugar de Alvelos..."[38].

Descrição de Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio (1775)

No ano de 1775, Alvelos recebeu Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio que ocupou o cargo de Ouvidor e Intendente Geral. E ao chegar encontrou com diretor do "lugar" o senhor Domingos de Macedo Ferreira, em que, atribuiu-lhe os seguintes adjetivos: "homem desinteressado e zeloso". E fez a seguinte descrição de Alvelos em seu diário de viagem:

"A povoação tinha tido aumento em vários descimentos; mas naquele ano tinha padecido grave diminuição por causa do contágio das bexigas, morrendo dele muitos indivíduos, e desertando outros para o mato, como costumavam nessas ocasiões. A igreja, a casa do diretor e a do vigário achavam-se em estado ordinário e, em geral as casas dos índios. Não havia plantação alguma, porque os moradores não podiam cultivar os seus terrenos centrais devido aos índios Muras, e serem os mais próximos inundados de saúvas".

Antônio Ladislau Monteiro Baena em sua obra "Ensaio corográfico sobre a província do Pará" faz uma descrição de Alvelos (1780):

"Alvelos: lugar dentro do termo da Vila de Ega (Tefé) fundado em terreno plano e alto na margem direita do rio Coari obra de quatro léguas acima da sua foz sobre uma ampla baía formada pelos rios Urucu e Arauá, que se lhe unem pelo ocidente. Este lugar, distante 145 léguas da foz do rio Nhamundá, confim oriental da comarca no Amazonas, teve o primeiro assento no canal de Paratari sobre a margem esquerda oito léguas acima da sua entrada inferior: deste ponto transmigrou para a margem direita do riacho Uanamá meia légua acima da boca; dali transferiu-se para a paragem de Guajaratiba doze léguas acima do rio Manacapuru, e daqui passou para o rio Coari, onde permanece, e teve primeiramente o título de Aldeia de Coari.

37. Foz de rio ou de riacho

38. Roteiro da Viagem da Cidade do Para até as últimas Colônias do Sertão da Província - Escrito na Villa de Barcelos Pelo Vigário Geral do Rio Negro, O Padre José Monteiro no ano de 1768

Numera-se na sua população 41 homens brancos, 38 mulheres brancas, 88 mamelucos, 75 mamelucas, 51 índios, 61 índias, 5 escravos e 3 escravas: tudo em uma só rua, que corre entre umas barreiras medianas e um igarapé, cujas águas são louvadas de boas.

Já teve 300 fogos (casas), hoje só tem 168. A Igreja é consagrada a Senhora Santa Anna, tem cobertura de telha, e os domicílios são cobertos de ramagem.

As multiplicadas formigas, que infestam as terras, acanham muito a abundância que poderia gozar este lugar: também o molestam com frequência desabridas trovoadas: e a distância de 4 léguas, que o separa do Amazonas, não lhe permite a comunidade de utilizar-se das suas ilhas, que são muito aptas para várias plantas. Há ali ananases singulares na doçura e na variedade das espécies.

Ainda no ano de 1780 existiam neste lugar, alguns indígenas descendentes dos guerreiros Jurimáguas, que benignamente hospedaram o Capitão-Mor Pedro Teixeira na tornada da sua memorável viagem a Quito começada em outubro de 1637: nesse tempo aqueles silvícolas ocupavam magna extensão de terreno, e as ilhas adjacentes pouco acima da enseada do Camará. Em 1709 eles formavam uma povoação, que jazia defronte do rio Juruá em paragem nominada Tayaçutiba".

Relato de Southey em 1788 sobre a formação do povo coariense.

Alvellos fica no próximo grande rio, o Coary, ou Coara, a quatro léguas de sua foz e, como Ega, na margem arenosa de uma bela baía. Em 1788, sua população não chegava a trezentos, muitos dos quais eram soldados portugueses casados com índias; os outros, uma reunião heterogênea de muitas tribos (Solimões, Jumas, Passes, Uayupes, Irijus, Purus, Catauixis, Uamanis, and Cuchivaras).

Suas habitações eram casebres miseráveis feitos de estacas e palha; e qualquer disposição que pudessem ter para cultivar a terra foi impedida pela devastação de uma espécie de formiga chamada saúva, que era tão numerosa e tão destrutiva que nada sofreu que eles plantassem para crescer. Em outros aspectos, a situação é agradável e saudável, e está totalmente livre daquela praga de insetos alados com a qual o Orellana está tão terrivelmente infestado.

Entre seus colonizadores estavam os principais remanescentes do Solimões, outrora tão numerosos, segundo uma derivação, que deram nome ao rio, da foz do Madeira para cima. Aqui também estavam alguns Catauixis, um povo notável por ter manchas brancas em várias partes do corpo, com as quais não nasceram, mas que aparecem à medida que vão crescendo até os vinte anos de idade, e que parecem ser infecciosas. A doença não é considerada dolorosa ou prejudicial, e alguns membros da tribo estão livres dela.

Não havia falta de atividade entre os habitantes desta pequena cidade; eles trouxeram gado para lá, um grande meio de civilização, onde eles não se multiplicam tão rápido e tão facilmente a ponto de tornar-se o povo meramente carnívoro. Eles tecem algodão, fabricam esteiras e cerâmica, coletam produtos silvestres e extraem de ovos de tartaruga, aquele óleo espesso que é tão procurado em todo o Pará.

Os Muras mantêm relações amistosas com eles e trazem tartarugas e salsaparrilha em troca de facas e machados; mas esses selvagens não serão persuadidos a abandonar seu próprio modo de vida, e agora não há pessoas zelosas o suficiente para aprender sua língua com o objetivo de tentar recuperá-los. Esta cidade, que como todas as outras acima do Madeira, era originalmente uma aldeia carmelita, foi várias vezes removida, antes de ser estabelecida em seu local atual pelo Frei Mauricio Moreira.

Descrição de Alvelos pelo Fr Caetano Brandão - 1789

"Dia 11: Pelas 9 da manhã chegamos à boca do rio Coary, por onde subimos a demandar uma povoação nossa em distância de quatro léguas. Este rio corre do Sul ao Norte, baixando das serranias do Cusco; navega-se agora acima por espaço de alguns meses. Logo que entramos nele, sentimos todos um alivio muito considerável; dissipou-se quase inteiramente a praga; ar fresco e sadio; águas cristalinas inclinando um pouco para a cor do alambre; praias de areia muito alva e limpa. Parece que o Senhor compadecido da nossa fadiga tinha aparelhado de propósito aquele lugar tão ameno para o nosso refrigério. Era noite cerrada quando chegamos ao porto de Alvelos, que é o nome da povoação.

Dia 12: Pela manhã visitada a Igreja, e feito ornais, que é do costume, procurei instruir o povo com uma longa Prática. De tarde crismei os meninos; e como era Domingo fomos em procissão pelas ruas cantar o Terço de nossa Senhora; concluiu-se o ato com instrução ao povo.

Dia 13: Celebrado o incruento Sacrifício, houveram algumas confissões. Examinei os meninos da Doutrina Cristã, que achei algum tanto atrasados por desmazelo dos pais; porque o Vigário constou-me não faltava à sua obrigação; depois instruí o Povo largamente, e com assaz força invectivei contra um escândalo público, e de consequência, que havia no Lugar. Graças a Deus, não foi sem fruto; quando menos esperava, vem ter comigo o culpado; expõe-me a sua miséria com demonstrações de arrependimento; pede que o ajude a arrancar do atoleiro; dispenso com ele sobre alguns embaraços, que o retardavam, e não eram alheios da minha jurisdição? Fica saltando de alegria; e assevera por quanto há de mais sagrado, que dali em diante quer cuidar na sua salvação com toda a eficácia. Depois de jantar crismei os adultos, que não eram muitos pela razão, que fica apontada a pag. 329; e por estar algum tanto cerrado do peito pouco falei ao Povo. Enfim, dadas as providencias necessárias, nos recolhemos às canoas, e nessa mesma noite saímos daquele porto.

Alvelos é Povoação pequena; não chega a contar trezentas pessoas entre índios e moradores; está situada, sobre um belíssimo areal ao longo da grande baia, que ali forma o rio com vista mui desafogada e alegre.

Que gosto não era ver aos pobres índios da esquipação depois de três semanas de trabalho violentíssimo, e não menos incomodo dos impertinentes insetos (que neles fazem maior estrago pelos acharem nus, como vão remando comumente) que gosto, digo, não era vê-los estendidos por aquela praia à sombra de viçosos arbustos, já se banhando na cristalina água, já folgando com os Jacarés, e outros peixes! Consolei-me muito de que tivessem este alivio; e todos o sentimos. Mas tornando a descrição do Lugar, as casas são de palha, e muito danificadas; a Igreja, ainda que também coberta de palha, não fora má; mas presentemente inclinada toda para uma banda ameaça grande perigo: trabalha-se em aprontar outra, e já está em boa figura; é muito pobre de ornamentos e alfaias. Os moradores, que ordinariamente foram Soldados vindos do Reino e casados com índias, vivem pobremente por falta de braços para cultivarem à terra; além de ser esta muito infestada da formiga chamada saúva, inseto, que segundo me afirmaram, não deixa vingar alguma casta de plantação. Tem suas cabeças de gado vacum; porém o seu sustento ordinário são tartarugas, de que há abundância. É Lugar frequentado pelos Gentio Mura; trazem tartarugas, frechas, e salsa, e os moradores lhe recompensam com facas, machados, mas não há como puxá-los a vida social, e menos ao grêmio da Igreja; sendo o maior obstáculo a ignorância do idioma.

Dia 14: era 7 horas da manhã quando chegamos à boca do Coary, e logo fomos prosseguindo a subida pelo rio Solimões, procurando a Vila de Ega. É para admirar quanto a praga infesta as margens deste rio: apenas chegamos a ele, repentinamente nos vimos cercados da mesma nuvem de pium, que antes nos incomodava". (Amaral, 1818)

Narração de Manuel Ayres de Casal e Pero Vaz de Caminha em Corografia Brasílica em 1817 – Coary.

"Este Distrito fica entre o rio do seu nome e o principal braço do Purus com 34 léguas de largura na frente, ou parte setentrional. Os Muras são vizinhos do Solimões, os Purupurús, Catauixís, e o centro do país em outras nações selvagem.

Três canais do Purus regam uma porção da parte oriental desta comarca na proximidade do Solimões: o Cochiuara, que está oito léguas acima do principal; o Coyupanna seis léguas acima do precedente, e o Arupanná, que é o mais ocidental. O Primeiro dá também o nome a esta porção do distrito. Por todos se tira cacau, salsaparrilha, e óleo de copaíba.

Alvelos, vila pequena, situada sobre uma grande enseada num vistoso areal, 4 léguas acima da boca do Coary, do qual teve noutro tempo o nome. Seus habitantes, pela maior parte descendem dos Uamanys, Solimões, Catauixis, Jumas, Irijús, Cuchiuaras e Uayupés, colhiam cravo, cacau, copaíba e salsaparrilha; e fazem muita manteiga de ovos das tartarugas, que são numerosíssimas, e bebem do rio, cujas margens são de areia alva, e vistosas, e as águas um pouco alambreadas, e excelentes. A Matriz, que a orna é dedicada a Santana. A indústria consiste em olarias, tecidos de algodão e esteiras. As formigas fazem grande estrago nas lavouras.

Esta vila principiou sobre a margem oriental, e oito léguas acima da foz do rio Paratary, donde o Padre Frey José da Magdalena a mudou para a mesma do riacho Guanamá, que deságua na setentrional do Amazonas abaixo do braço oriental do Hyapurá: daqui a mudou o Padre Frey Antônio de Miranda para o sítio de Guarayatyba, que fica mais a Leste sobre a margem do Solimões, duas léguas abaixo do grande canal do Purus; donde finalmente a mudou Frey Maurício Moreira para a paragem, onde existe.[39]

As ilhas de que o Amazonas nesta extensão é cheio, foram por algum tempo habitadas pelos índios Omáguas, nomes que significam cabeças chatas por costumarem as mães aperta-las aos filhos enquanto pequenos com duas tabuinhas; o que os fazia bem conhecidos entre as outras nações. Acabou o abuso, desconhecem-se hoje as suas descendências.

O Rio Coary deságua numa enseada do Amazonas de quase duas léguas de largura; e junto dele o Urucuparaná e o Urauhá, aliás Cuanú, ambos de curta navegação. Doze léguas acima sai ao Solimões o rio Catuá, e seis mais ao poente o Cayamá abundante de salsaparrilha; e mais adiante a ribeira Giticaparana, que significa rio das batatas, e sai 5 léguas abaixo do Tefé".

Relato sobre Coari em 1819 – Spix, J.B. e Martius, C.F.P.V.

Na obra "Viagem pelo Brasil", escrito pelos médicos J. B. von Spix e C. F. P. Von Martius, alemães que viajaram pelo Brasil no século XVIII, eles narraram com encantamento dois trechos que falam de Coari.

"Alvelos, chamado Coari pelos índios, tinha sido uma das missões fundadas pelos carmelitas e abrigava primitivamente silvícolas das tribos dos Sorimões, Jumas, Júris, Pacés, Uaiupís, Irijús, Purus e Cautaunixís.

39. Segundos os autores: "Os Carmelitas calçados foram os fundadores de todas as paróquias do Solimões".

Os atuais habitantes, na recíproca mistura e convívio com os brancos, renunciaram à sua língua e a outras particularidades da tribo. Achamos, nessa ocasião, apenas poucos moradores presentes, pois a maioria dos homens estava longe, nas caçadas ou no preparo da manteiga de tartaruga. De fato, já desde tempo minguava continuamente a população do lugarejo. As bexigas, e muito recentemente febres intermitentes malignas, causadas pelo transbordamento do lago, dizimavam de quando em quando a população, que, sem o socorro médico, ainda mais depressa sucumbe. Infelizmente, em toda a província do Rio Negro não há um médico diplomado.

Entre os índios presentes, conhecemos dois, mostrados pelo padre, ambos de mais de 100 anos de idade, e, apesar disso, eram ainda de incrível robustez e vivacidade. Na tradicional impassibilidade e indolência dessa raça de homens baseia-se a propriedade de só tarde envelhecer e perder os dentes.

Dois dias antes da chegada desses pesquisadores em Coari tinha acontecido uma tragédia. Assim eles nos relataram: "Dois dias antes, um enorme jacaré, que vivia na vizinhança, e conhecido de todos desde muito tempo, havia virado a igara (canoa) de um índio que regressava, e o devorara. Vindo ainda como a terrível fera e a sua geração brincavam com a cabeça do desgraçado, e toda a povoação estava tão aterrada diante do horrível espetáculo, que renunciamos ao projeto de percorrer de canoa as margens circundantes do lago". (Spix, 1938, pág. 252 - 254)

Descrição de Alvellos por James Henderson em 1821

Este distrito estende-se entre o rio do qual toma o seu nome e o braço principal do Purus, com cento e vinte milhas de largura na parte norte. O Rio Coary dá também o seu nome a esta porção do distrito. Nas margens do lago é possível recolher o cacau, a salsaparrilha e o óleo de Copaíba.

Alvellos, uma pequena localidade, está situada sobre uma grande baía, quinze milhas acima da foz do Coary, da qual anteriormente tinha o nome. Os seus habitantes, na sua maioria descendentes dos Uamanys, Solimões, Catauixis, Jumas, Irijus, Cuchiuaras e Uaupés, recolhem cravinho, cacau, copaíba, e salsaparrilha, e fazem manteiga a partir dos ovos da tartaruga, que são muito numerosos; e são também empregados na confecção de louça de barro, tapetes, e na tecelagem de pano de algodão. As formigas são aqui particularmente destrutivas.

As ilhas com as quais o rio Solimões nesta parte está cravejada, foram durante algum tempo habitadas pelos índios Omáguas, nome que significam cabeças planas, do costume que as mães tinham de comprimir as cabeças dos seus filhos entre 2 tábuas, distinguindo-as assim de outras nações. Este costume cessou e os seus descendentes são desconhecidos hoje em dia.

Narrativa da passagem do Pacífico ao Atlântico através dos Andes nas províncias do norte do Peru descendo pelo rio Amazonas até o Pará - Henrique Lister Maw - 1828

"Ao sol-posto, uma distância na direção do Oeste, um pouco norte, estendia-se até ao horizonte, tendo duas pequenas ilhas no meio da corrente.

A largura ali seria de 1 légua e meia a duas léguas, mas ignoro se ambas as margens que vimos eram da terra firme, ou de alguma ilha. Como o vento era forte, arribamos no rio Coary, o qual deságua no Amazonas, vindo do sul. Os Índios deram-nos a entender que havia uma chácara na margem direita do Coary, pouco acima donde nos achávamos, e uma povoação chamada Alvelos, situada num lago, distante dois dias de jornada.

Enquanto paramos para cozinhar na sexta-feira, fomos ao mato apanhar alguns bocados de pão para o fogo, e achamos algumas castanhas, da qualidade das que se exportam do Brasil. A árvore de que havia caído igualava um elmo grande em circunferência, mas era duas vezes mais alta, e direita, e só tinha ramos na extremidade em cima. Encontramos também algum cacau bravo, mas o fruto não estava maduro; as árvores crescem como as aveleiras, tendo o tamanho de uma pereira. O fruto é produzido logo do talo, e da parte mais grossa dos ramos: quando não está maduro é duma cor verde, mas quando maduro é amarelo carregado, e assemelha-se a um pequeno melão oval, ou um grande pepino grosso. Cada amêndoa é coberta com uma substância carnuda doce e branca, e tem camadas de bagos, havendo cinco destes em cada uma. À meia-noite abrandou o vento, e outra vez fomos com a corrente pelo Amazonas abaixo".

Elevação à categoria de Freguesia de Alvelos - 1833

Para se entender a organização administrativa colonial é preciso a compreensão que a estrutura administrativa de Portugal era realizada por categoria, em que temos em ordem crescente: aldeia, lugar, freguesia (paróquia), vila[40] e cidade. Segundo o professor Humberto Lisboa:

"A organização de uma paróquia ou freguesia se referia a um termo que se sobrepunha ao conceito de povoação, já que esta tinha uma conotação simplesmente de um aglomerado de gente à beira do rio, sem nenhuma organização política ou judiciária. A criação da Paróquia também estava na importância espiritual que os moradores atribuíam na organização de uma comunidade.

O padroado era uma aliança entre igreja e governo, o segundo protegendo o primeiro, se intrometerá nos negócios da igreja, chamando para si o direito de cobrança e administração dos dízimos eclesiásticos ente outras coisas concernentes a Igreja. Cabia aos monarcas a apresentação dos nomes dos escolhidos para ocupar o cargo das Dioceses, das Paróquias e outros benefícios eclesiásticos".

Em 1832, nossa região passou por um estado de espírito bastante agitado, com vários conflito e tensões, isso devido ao Movimento Autonomista do Rio Negro (levantes pré-cabanagem[41]). Por esses motivos, em 1833, o Império Brasileiro em um processo de abrandamento fez as seguintes alterações nas leis vigentes:

· A Província do Grão-Pará foi dividida em três comarcas: Grão-Pará, Baixo Amazonas e Alto Amazonas (1833-1850). Esta última era aproximadamente o território da antiga Província do Rio Negro (1824-1833). A Comarca do Alto Amazonas foi governada primeiramente pelo interventor militar Gaspar Valente Cordeiro.

Nesse mesmo ano (1833), Alvelos passou a categoria de Freguesia[42] e na denominação religiosa foi intitulada de Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Alvelos.

Narrativa de uma viagem de Lima ao Pará por William Smyth e Frederick Lowe em 1834.

No dia 27 de abril de 1834 entramos no lago de Coari, cuja foz está vinte e uma milhas abaixo de nosso último local de descanso, tendo tido tempestades incessantes de trovões e chuva durante os três dias anteriores de viagem de Egas, que, como o vento estava sempre contra o riacho, produzia tal ondulação nessa vasta extensão de água que frequentemente éramos obrigados a correr entre os juncos para nos abrigar.

40. A categoria de vila nas colônias significava que havia os três poderes na localidade: Executivo, Legislativo e Judiciário.
41. Não há relatos que houve adesão à Cabanagem em Alvelos.
42. Freguesia é o nome que tem, em Portugal e no antigo Império Português, a uma divisão administrativa correspondente à paróquia civil de outros países. No Brasil, durante o tempo da colônia, a freguesia era exatamente o mesmo que em Portugal, não havendo distinção entre freguesia e paróquia.

A foz do Coari não tem mais de um quarto de milha de largura, mas na distância de meia milha nip, ela se expande em um lago que tem quatro milhas de diâmetro; na entrada dela, à esquerda, fica um pequeno povoado chamado Coari, mas a cidade com esse nome fica doze milhas mais acima e do mesmo lado do lago.

Quando chegamos ao meio do lago, uma forte rajada veio e nos obrigou a correr com o vento em um pequeno riacho parcialmente protegido por árvores, mas que, devido à altura do lago, ficava no fundo da água, e um mar considerável passava por eles, de modo que em nosso porto não estávamos totalmente isentos de medo de sermos inundados. Passada a tempestade, saltamos de novo e remamos até a cidade, onde chegamos entre três e quatro horas da manhã do dia 28.

Coari parece muito bonita da água: fica em um pedaço de terreno limpo coberto de grama, e ao fundo é abrigado pela mata: as casas estão espalhadas sem qualquer ordem ou regularidade; os habitantes são principalmente da tribo Catauxis, e são cerca de trezentos e cinquentas em número. Essa tribo ocupa toda a parte baixa do rio Coari, cujas partes altas estão em posse de várias tribos guerreiras, que não admitem comunicação com estranhos. Seus produtos são salsaparrilha, manteiga e cera preta; um pouco de arroz e milho indiano também são cultivados.

Conseguimos novos homens para nos levar até a Barra no Rio Negro, e descemos até a foz do Coari, onde fizemos jejum para passar a noite entre as árvores.

Passagem por Tauá-mirim pelo francês Francis de Castelnau

Devido à força do vento só conseguimos avançar com muita dificuldade; talvez por isso a ilha de Camará-Coari nos pareceu muito maior do que aparece no mapa de Smyth.

Às dez da noite, sem ter comido, adentramos o lago de Coari e nos aproximamos de umas casas situadas na sua margem oriental, a um terço de légua da entrada. Só com muito trabalho conseguimos acordar os moradores, mas eles se recusaram a nos ceder qualquer mantimento.

Como eles asseguraram que a nossa outra embarcação ainda não havia passado, dei somente algumas horas de descanso aos remadores e continuamos a viagem.

Expedição nas regiões centrais da América do Sul, do Rio de Janeiro a Lima e de Lima ao Pará realizada por ordem do Governo francês durante os anos 1843 a 1847 sob a direção de Francis de Castelnau (traduzidas e anotadas por Antônio Porro).

Paul Marcoy em Coari - 1848

No mesmo dia, com o sol a pino, chegamos à entrada do lago de Coari. Esse lago, em forma de elipse, tem 6 léguas de comprimento e 2 de largura. Três rios pequenos que saem das profundezas da floresta vindos do Sul, do Sudoeste e do Oeste, o Coari, o Urucu e o Arauá, concorrem para formá-lo. Dois furos ou canais, o Isidoro e o Bauá, formaram uma via de comunicação a leste com o lago Mamiá e o rio Purus; na mesma margem, o riacho Pera concorre com suas águas e, ao norte, um canal chamado Coraci-Mirim o liga ao Amazonas.

A foz do lago de Coari fica perto do curso do Amazonas, uma vantagem ou desvantagem que o distingue de outros lagos que só se comunicam com o grande rio através de canais de comprimento às vezes considerável. A primeira coisa que se observa ao entrar no Coari é um povoado de seis casas cobertas de palha no topo de uma elevação. O lugar chama-se Tauá-mirim. Ao pé da elevação, doze casas menores agrupam-se em pitoresca desordem; mas elas, ao invés de serem construídas em terra firme como as outras, apoiam-se sobre jangadas ou balsas, singularidade que merece uma explicação. Nas grandes enchentes do Amazonas a água, depois de cobrir as praias, extravasa para o lago cobrindo a colina que serve de suporte ao povoado de Tauá-mirim e deixando-o totalmente inundado. Surpreendidos pela água, os moradores correriam o risco de se afogar em seus próprios lares se as casas flutuantes não estivessem à mão para servir de refúgio. Com a ajuda dessas arcas da salvação eles deixam o povoado submerso e vão ancorar numa enseada próxima onde ficam até que o recuo das águas lhes permite voltar às suas casas.

Quando passamos por Tauá-Mirim a água estava baixa e todo o pontal era visível com seus veios de argila azulada e ocre vermelho. A solidão e o silêncio reinavam; os únicos seres vivos à vista eram alguns pombos empoleirados num dos telhados limpando as penas ao sol. Esse povoado da margem esquerda de quem adentra o lago é somente um posto avançado sem interesse. O lugar principal, assinalado nos mapas brasileiros como a Freguesia de Coari, fica 4 léguas adiante na mesma margem.

Chegamos a ela pelas seis da tarde, quando estava sendo celebrado o casamento de um soldado com uma mulher Tapuia. As autoridades civis, militares e eclesiásticas do lugar haviam se unido à população nativa para conferir maior pompa e circunstância ao evento. A cachaça, que corria livremente desde a manhã, havia enrubescido as faces e elevado acima do normal o tom das guitarras. Foi-me imediatamente estendido o convite para participar do divertimento geral, mas eu recusei prontamente alegando uma dor de cabeça. Conduziram-me então a um quarto contíguo ao salão de baile e me deixaram sozinho até a manhã seguinte.

Como a festa durou a noite toda e os gritos dos presentes, o som dos tamborins e das guitarras e, principalmente, as terríveis pancadas que de quando atingiam a parede que me separava dos festeiros me impediram de pregar olhos, eu naturalmente cheguei à conclusão de que a hospitalidade que me proporcionaram era uma forma Tapuia e algo selvagem de me punir por ter-me recusado a assistir ao casamento.

Ao raiar do sol deixei a minha rede e com os olhos inchados pela falta de sono saí para conhecer a Vila de Coari, pois na noite anterior só lhe dera uma olhadela. Fiquei chocado com a feiura e a melancolia do lugar. Imagine-se, na margem de um amplo lençol de água, preta como tinta de escrever, imóvel e densa, um pedaço de terra coberta de capim rasteiro e amarelado; sobre esse chão, onze casas cobertas com folhas de palmeira num espaço de cento e cinquenta metros e, algo recuada, uma igreja que mais parecia um miserável celeiro com o reboco caído e o telhado afundado em vários pontos.

Aqui e lá, completando o quadro, havia algumas, cuieiras e laranjeiras plantadas pelos carmelitas portugueses que no século XVII fundaram no lugar uma missão chamada Alvelos. As cuieiras, nuas, dobradas e quebradas pela idade; as laranjeiras, ao invés de folhas e frutos, carregadas de longos pendões de um musgo-branco chamado salvagina que dava a aparência de velhos alquebrados cobertos de trapos. Acrescente-se a isso, a título de animação, cinco ou seis vacas magras andando de porta em porta, como a pedir aos seus donos um pasto melhor do que o capim-amarelo, e ter-se-á um quadro preciso da matriz de Coari.

Se a aparência dessa cidade fantasma é lúgubre e deprimente, a do lago, por outra parte, é mais animada, especialmente quando sopra um vento do sul, o que ocorre nos meses de setembro e outubro. Grandes ondas batem então na margem derrubando lhe trechos inteiros e, ao se quebrarem, cobrem as casas de um fino chuvisco. Quando agitado pelo vento, o imenso lençol de água torna-se turvo; o acre e argila do fundo vêm à tona dando-lhe uma tonalidade verde-acinzentada que só pode ser comparada à palidez de um negro morto. Durante sete a oito meses ao ano, o lago de Coari pode receber embarcações de cinco a seis de calado; mas com a chegada do verão, o seu nível baixa dia a dia que, no clímax do calor, se reduz a um estreito canal de comunicação com o Amazonas. O lodo exposto causa sezões que moradores evitam retirando-se para os seus sítios, pequenas roças de mandioca ou café no meio da floresta; cada um é provido de uma *ajupa*, ou pequeno abrigo feito com folhas de palmeiras.

Embora eu tivesse ficado só quarenta e oito horas em Coari, o tempo foi mais que suficiente para transformar em melancolia o meu bom humor. Uma visita que o padre me fez, seguida de um naco de carne de carneiro acompanhado de uma nota gentil, não foi suficiente para dissipar a tristeza que me possuía. Só recuperei o meu humor habitual quando deixei a vila atrás de mim e avistei de novo o Amazonas.

O lago Mamiá, que desviamos para examinar quando passamos defronte à sua embocadura, é um lençol de água preta de cinco a seis léguas de circunferência alimentado por um rio que vem do interior. Comunica-se com o lago de Coari através do canal Isidoro de que já falamos. Algumas famílias de Muras viviam nas suas margens, aparentemente ignaras dos projetos que o cura de Coari acalentava para o seu futuro. O bom padre conseguira do comandante da Barra do Rio Negro autorização para fundar uma missão entre os Muras do Mamiá. Tendo construído as casas necessárias ele sugeriu, como me disse, empregar os conversos no plantio de dez mil mudas de café que, no devido tempo se tornariam uma notável fonte de receita.

Uma vez que, o homem de Deus nos havia pedido sigilo não pudemos, qualquer que tivesse sido a nossa intenção, informar os Muras através do piloto sobre o futuro risonho que o padre lhes estava preparando.

Exploração das regiões equatoriais ao longo dos rios Napo e Amazonas Fragmento de viagem realizada nas duas Américas nos anos 1846-1848

Gaetano Osculati e Emilio Cornalia

No dia 26 chegamos de madrugada à foz do Rio Coary, para onde nos reunimos com os vigilantes até a feitoria d'Aquari, propriedade de um certo David, judeu de Gibraltar, onde lançamos âncora. O rio tem a aparência de um grande lago. No tempo que obrigatoriamente tínhamos que ficar lá para carregar 100 alqueires de castanhas do Maranhão por conta de Neil-Bradly, aproveitei imediatamente para nos reagrupar em uma pequena canoa com cinco índios e ir para Freguesia de Alvellos, que era distante apenas três léguas, onde cheguei depois de cinco horas de viagem.

Encontramos a localidade na margem esquerda e foi eminente observar a situação pitoresca do lugar: o clima é ruim e os habitantes estão sujeitos a febres terciarias e tifoides. A aldeia é um aglomerado de casebres formando um único bairro com uma igrejinha dirigida por um missionário de nome padre Pereira, a residência de um comandante e de um delegado civil.

O Rio Coary, segundo informações recebidas do próprio Padre Pereira, divide-se posteriormente em três grandes braços, formando assim três rios distintos denominados Coary, Urucu-paraná e Guani.

Esses afluentes descem do alto Peru, irrigam as regiões agrestes da vasta região do Rio Negro e são navegáveis com canoas até suas nascentes.

Em Alvellos há um lucrativo comércio de castanhas de Maranhão, bálsamo de copaíba, goma elástica e estopa de pele de onça. A ricota dessas nozes, do tamanho de um coco, muitas vezes é fatal para os pobres índios que vasculham as matas, pois as árvores que dão esse fruto são muito altas, quando atingem a maturidade perfeita, se desprendem ao menor sinal pelo vento e ele cai, quebrando a cabeça daqueles infelizes com seu peso e com sua dureza.

Um Naturalista no Rio Amazonas - Henry Walter Bates

No dia 18 de abril de 1850 passamos pela Boca do Mamiá, rio de águas pretas, e 19 chegamos na entrada do lado de Quarí. Não é propriamente um lago, mas a expansão dos leitos unidos de vários afluentes do Solimões, formada pelo movimento lento das águas dos tributários que se espalham sobre o grande vale aluvial plano, para o qual descem das regiões mais altas, em vez de diretamente despejar-se na corrente rápida do Solimões. Daí para diante quase todos os afluentes apresentam estas expansões de seus leitos formando uns como lagos. O mesmo fenômeno toma grande variedade de formas e é igualmente encontrado no Tapajós e outros tributários do baixo Amazonas.

A boca do Quarí, o canal que une o lago ao Solimões, tem apenas 200 a 300 jardas de largura (274,32 m), e de correnteza muito fraca. Tem meia milha de comprimento, e abre-se numa larga superfície de água sem imponente magnitude, pois é apenas parte do lago que forma um cotovelo agudo em sua parte inferior de modo que não pode ser todo visto de uma vez. Há uma pequena aldeia nas praias da parte inferior, há doze horas de viagem por bote da embocadura. Fundeamos dentro da boca e visitamos na montaria dois ou três moradores, cujas casas são construídas em situação pitoresca nas praias do lago inferior, não muito para dentro.

Vários pequenos igarapés navegáveis deságuam aí no pé uma nesga terra entre dois ribeiros, atravessando extensas plantações de café, feitas a esmo entre as árvores da mata. Um dos moradores era certo judeu de Gibraltar, aí estabelecido há muitos anos, e completamente adaptado com os modos de vida dos habitantes semicivilizados. Encontramo-lo de pés no chão, calças arregaçadas até acima do joelho, muito ocupado com certo número de índios - homens, mulheres e crianças - a descascar e secar cacau, que cresce espontâneo e em imensa profusão nos arredores. Parecia pessoa viva e sensível; era grande admirador da terra, do clima, do povo, e não tinha desejo de voltar para a Europa. Foi o único judeu que encontrei no Alto Amazonas; há vários estabelecidos em Santarém, Cametá e Pará, onde, como são muito mais honestos em suas transações do que os portugueses, fazem muito comércio e vivem em termos amigáveis com os brasileiros.

Nosso objetivo aqui era comprar sortimento de farinha fresca e qualquer coisa mais que pudéssemos encontrar provisões, pois nossa farinha já estava mofada, e imprópria para comer e já estávamos em pequenas rações há alguns dias. Conseguimos tudo que necessitamos, excerto açúcar. Não se encontrou nenhuma libra deste artigo de luxo, e fomos obrigados d'ai por diante adoçar o café com melado, como é costume generalizado nessa região.

Deixamos Quarí antes do nascer do sol do dia vinte. Vinte e dois penetramos no paraná-mirim do Arauanai, um dos numerosos furos que oferecem passagem para as embarcações, longe do rio, e não raro poupam longa volta em volta de uma ilha ou promontório[43]. (Bates, 1944).

43 - Viagem originalmente redigida em inglês numa viagem com destino a vila de Ega num vapor com 4 pessoas: 2 passageiros e 2 tripulantes.

Diário da primeira viagem do vapor "Marajó" de Belém à Nauta pelo Amazonas, em setembro de 1853, por Anacleto Eliziario da Silva

Às 4 horas e meia da tarde do dia 21 de setembro de 1853 fudemos na boca do Coary; a entrada é bastante estreita, e dentro forma-se um lago ou grande bacia, mas com pouco fundo. A povoação de Alvelos fica distante 5 léguas deste lugar, e consta-me que tem 32 fogos, sendo pela maior parte pequenas casas cobertas de palha.

Na boca do Coary há 26 fogos muito disseminados, e tornando-se mais notáveis duas casas grandes, uma de um ex-tenente chamado Simões Sourem, homem de bastante idade, e a outra pertencente a um negociante David Abdarham, de nação Israelita.

Tão depressa ancoramos, fomos à terra na casa do judeu e tivemos a certeza que não havia uma só acha de lenha, nem neste local, nem tão pouco na povoação do Alvelos. Fomos então, à casa do Simões, e tivemos a mesma notícia. Nesta colisão consultamos o Sr. comandante e o conde Florestan, comissário do governo, e observamos-lhe o que devíamos fazer, era dar direção a mala do correio e aos ofícios, e seguir viagem. Opinei que não subíssemos o rio em primeiro lugar, pela pouca profundidade que existe no canal estreito que segue para a povoação, e estando o rio na sua vazante, sujeitava a embarcação a ficar encalhada por muitos meses.

Em segundo, por termos exata informação de que há muito os habitantes de Alvelos tencionavam mudar a povoação para a boca do Coary, prova de que a povoação é insignificante, e que o ponto importante será sempre a boca do Coary. Além disto a boca do Coary é um ótimo lugar para fundação de uma grande povoação, sendo muito fértil, com belos terrenos elevados, onde a cheia, por maior que seja, nunca chegará, e muito abundante de peixe; convidamos o Sr. conde a que se responsabilizasse por escrito, e então seguiríamos; ele não anuiu ao convite, e o comandante foi da nossa opinião.

Às 11h seguimos viagem, depois de fazer entrega da mala e o ofício da presidência ao Sr. Ten. Simões, pai do inspetor do quarteirão, única autoridade do lugar, e se encontrava ausente.

Na mesma ocasião oficiamos ao subdelegado e comandante policial (as cópias dos ofícios existentes), requisitando-lhes 5.000 achas de lenha, duas embarcações e 6 pessoas para no dia 8 de outubro estarem no Coary aguardando o regresso do vapor.

A costa do Coary toda ela é elevada, e é de uma terra que parece barro... Chegamos ao Coary no dia 24 do outubro, às 13h30min, encontramos lenha (cerca de 4 mil achas); e estando a testa o comandante de polícia Antônio José Pereira Guimarães, logo que amanheceu começou-se o embarque da lenha, com embarcações e gente de terra. Recebemos 2.802 achas de ótima qualidade, que pagamos a 40R$; contratamos com este senhor o fornecimento futuro da lenha a 40R$ cada acha, o solicitamos-lhe que fizesse uma barraca de palha para abrigá-la.

Não sofre questão que a freguesia de Alvelos deve ser na boca do Coary; e consta-nos que Alvelos tem 7 fogos e 38 habitantes, sem contar com os índios muras, que vivem alguns nas imediações; e em todo o distrito consta haver 150 fogos e 800 almas, sendo a extensão do distrito mais de quatro léguas, excetuando o centro dos lagos.

Os gêneros que exporta são: 3.000 alqueires de castanha; setecentas arrobas do cacau, 40 canadas do óleo de copaíba, 2.000 à 3.000 arrobas do peixe seco, 500 potes de manteiga de tartaruga e peixe-boi, 40 arrobas de salsa, e 300 arrobas de café.

Há ali madeiras, sendo as mais notáveis o pau rosa, itaúba, itaúba-de-igapó, jaracutáca, tanimbuan, guariuba, anaxy-maracá o angelim; estas não são em abundância: na margem do Solimões nestes arredores há muito cedro, e de fácil extração. Para marcenaria encontram-se marapá-oba, sabuarana, cedro, mirapiranga. A saboarana não é abundante.

Há 4 malocas de índios muras, sendo uma no lago Acará, outra no lago Codajás, outra no lago Puirimis, e outra no lago Mamiá; é gente de maus costumes e mandriona. Não consta que haja minas de carvão. Toda a costa de Coary, e dentro do lago que se forma na sua boca há muita abundância de barro vermelho e branco. Novamente repetimos ser muito vantajosa a mudança da freguesia de Alvelos para a boca do Coary, sendo esta a vontade da maior parte dos habitantes.

Na boca de Coary oferece um lindo local, muito abundante de peixe (mais que na freguesia), e próprio para uma grande povoação: já tem muitas casas, e dizem todos ser muito fácil a mudança. Da boca do Coary à freguesia do Alvelos há 9 léguas, e é muito cheia de baixas; seis meses não é possível os vapores subirem.

Saímos do Coary à 1h30min do dia 25. Às 7h30min desse dia fundeamos devido a uma grande trovoada e a noite estar muito escura; às 9h30min do mesmo dia seguimos viagem.

Rio de Janeiro: Correio Mercantil – Nº 34 – 3 de fevereiro de 1854

Segundo Jobim: A criação da paróquia de N. S. Sant'Ana data do ano de 1774, segundo um mapa organizado pela "Secretaria de governo do Amazonas, em 30 de setembro de 1860. Ao ser inaugurada a província, pertencia à paróquia de Coary ao terceiro distrito eclesiástico, sendo vigário da vara o Rev. padre Luís Gonçalves de Azevedo.

Em 1854, João Wilkens de Matos trouxe informações sobre a freguesia de Alvelos em seu Roteiro de Viagem

"Já não havia mais índios bravos. Atualmente não habita horda alguma gentílica nos rios Coary, Urucu e Aruã, segundo informações de pessoas acostumadas a navegá-los para colherem castanhas de que muito abundam as suas margens. A freguesia de Alvelos incluía em seus domínios doze casas de palha, e uma população de 1.100 habitantes, dos quais, mais de dois terços habitavam em sítios longe da sede.

Além da mandioca, plantão algodão, milho, tabaco, pescam pirarucu, e peixe-boi, manipulam manteiga de ovos de tartaruga, extraem salsa, óleo de copaíba, colhem cacau-silvestre, e algum cravo.

A posição em que está este Povoado não oferece proporções para o seu desenvolvimento; é açoitada de ventanias fortes, o solo é árido e a distância em que está da foz do rio dificulta o acesso, principalmente no tempo da seca, por haver uma cachoeira (queda d'água) na parte mais estreita da baia, que só permite passagem a montarias.

Desejosos os habitantes de criar outro povoado junto da foz do rio, onde oferece outras proporções a sua prosperidade que não a atual situação. Em virtude de representação dos próprios moradores, foi a Presidência da Província autorizado por uma Lei Provincial promulgada de 30 de setembro de 1854 a transferir a Matriz da Freguesia para o lugar designado pela mesma Presidência, junto a foz do rio Coary, justamente aquele que se assenta hoje a cidade.

Tendo a chuva continuado até a manhã do dia seguinte, ficamos privados de saltar, e visitar esta povoação; mas pelo que vimos de bordo, fizemos ideia do seu estado.

A mudança da Freguesia de Alvellos para Coari

O precursor da mudança foi o italiano Gregório José Maria de Bene, religioso italiano da ordem dos Capuchinhos. Ele nasceu em 4 de junho de 1798, e chegou à América em 1844. Quando chegou ao Brasil, trouxe consigo o título de Frei, sendo mais tarde, perto de sua aposentadoria, promovido para padre.

No primeiro momento, o frei Gregório participou da revolta em São José do Queimado, no Espírito Santos, sendo o principal causador daquela insurreição. Depois veio para a província do Grão-Pará, atuando com os povos indígenas no Rio Negro.

No ano de 1854, o agora Padre Gregório estava com 56 anos e ao pedir sua exoneração, foi transferido para a freguesia de Alvellos, no rio Solimões. No dia 1º de agosto de 1854, o presidente da província nomeia o Frei Gregório José Maria Bene a exercer as funções de Vigário na Freguesia de Alvellos no município de Coary, que foi separado de Tefé (Ega) em 1848.

O vigário, Gregório José Maria Bene foi o primeiro a mudar-se de Alvellos para "Coari Novo". Trouxe consigo os sinos da igreja, que logo caiu e destruiu-se. Trouxe também as poucas ornamentações religiosas (antipêndio e púlpito), tudo muito simples, mas rico em significado simbólico.

Ele idealizou e construiu a nova capela, que continuou a ter a invocação da avó de Jesus. O local onde foi construída a primeira igreja em "Coari Novo" seria hoje a praça Santana, no bairro Tauá-mirim.

O Vigário Gregório veio acompanhado de alguns de seus paroquianos, que não tinham interesses enraizados na antiga povoação de Alvellos, ou logo perceberam as vantagens da mudança projetada. Uma vez que, naquele novo local não haveria problemas com as grandes ventanias, inundações, saúvas e isolamento, pois os barcos vapores poderiam chegar fácil com mantimentos e em qualquer época do ano.

No Rio Amazonas (1859) - Robert Avé-Lallemant

"Na tarde do dia 17 de julho (1859), passamos através duma entrada estreita, donde saía água escura, descendo com o Solimões, sem se misturar com ele, para um calmo e vasto lago, formado pelo Coari, pouco antes de sua embocadura.

O Coari é um rio muito semelhante ao Purus, que se estende do mesmo modo do Solimões, na direção do Sudoeste, até cerca de 10º de latitude sul. Mas ainda nada se conhece sobre seu curso. Um homem, que veio ver-nos a bordo, subiu-o durante 15 dias, sem ter encontrado seu fim. Uma selva ininterrupta cobria suas margens.

Logo na margem oeste do lago, encontramos algumas casas, diante das quais flanava um público domingueiro misturado. A lenha para o vapor estava empilhada na praia, e assim que chegamos, o pessoal na margem começou a embarcar lentamente o combustível, e a levá-lo ainda mais lentamente para bordo, de maneira que a cena se transformou em verdadeira vadiagem, roubando-nos muito tempo.

Toda a Natureza partilhava dessa preguiça. O lago de Coari semelhava um espelho diante de nós. O sol inclinava-se cada vez mais para a margem oeste do lago. Toda a região flutuava num mar de cores e emanações da floresta. Números golfinhos (botos) brincavam na superfície da água. Os lombos prateados vinham à tona, fazendo pequenos remoinhos cintilantes.

Nas margens, bando de urubus gozavam a sesta nas árvores. Mas, depois do sol se pôr, tudo mergulhou em verdadeiro sono. A luz zodiacal flamejava no horizonte longínquo, muito alta no céu, rivalizando com o suave brilho da Via-Láctea, sob a bela constelação do Escorpião. A Estrela Polar luzia no céu ao norte, na sua marcha lenta, rodeada pelos Setentriões.

Mas todas se retraíram, perdendo o brilho na amplidão do céu, quando a lua nasceu, e com os seus claros raios despertaram os milhares de vozes de animais para o mais singular dos concertos, de sorte que ficamos acordados quase toda a noite".

Nesse momento, Coari estava com a sua sede em mudança de Alvelos, dentro do lago de Coari e próximo á foz do rio Coari Grande para a desembocadura do lago de Coari.

Gonçalves Dias em Coari

Antônio Gonçalves Dias estava na Europa no ano de 1858, quando foi nomeado, pelo governo imperial para chefiar a seção etnográfica da Comissão encarregada de estudar as riquezas naturais do norte do Brasil. Em fevereiro de 1861, o prestigiado poeta chegou a Manaus, capital da Província do Amazonas, sendo logo nomeado pelo presidente da Província, visitador das escolas públicas do Rio Solimões e suas freguesias. Na viagem, o poeta e etnógrafo maranhense alcançou o Peru, e na volta entregou ao governo um relatório de sua viagem, descrevendo a situação das escolas visitadas, dos alunos e das famílias. Sobre Coary ele narrou:

A primeira escola que me caberia visitar subindo o Solimões, seria a do Coary. Esta freguesia tem a sua sede dentro do lago do mesmo nome, e distante do lugar a que aporta o vapor umas seis horas de viagem em montaria. Uma lei provincial determinou a mudança da freguesia para o lugar da estação do vapor, mas parece que a medida tem encontrado pequenos interesses, de forma que ainda não foi realizada no todo. O vigário mudou-se com os sinos da igreja, que se desmantelou, trouxe os seus poucos paramentos, engenhou uma capela na nova localidade, e veio acompanhado de alguns de seus fregueses, que ou não tinham interesses enraizados na antiga povoação, ou compreenderam melhor as vantagens da mudança projetada e só em parte realizada. No entanto, o professor e alguns outros moradores permanecem no antigo local.

Não me seria possível tentar uma viagem à povoação de dentro; porque o vapor não me daria tempo para isso. Era também inútil porque a escola não funcionava; mas felizmente o professor veio a bordo, onde tive ocasião de o ver e de conversar com ele.

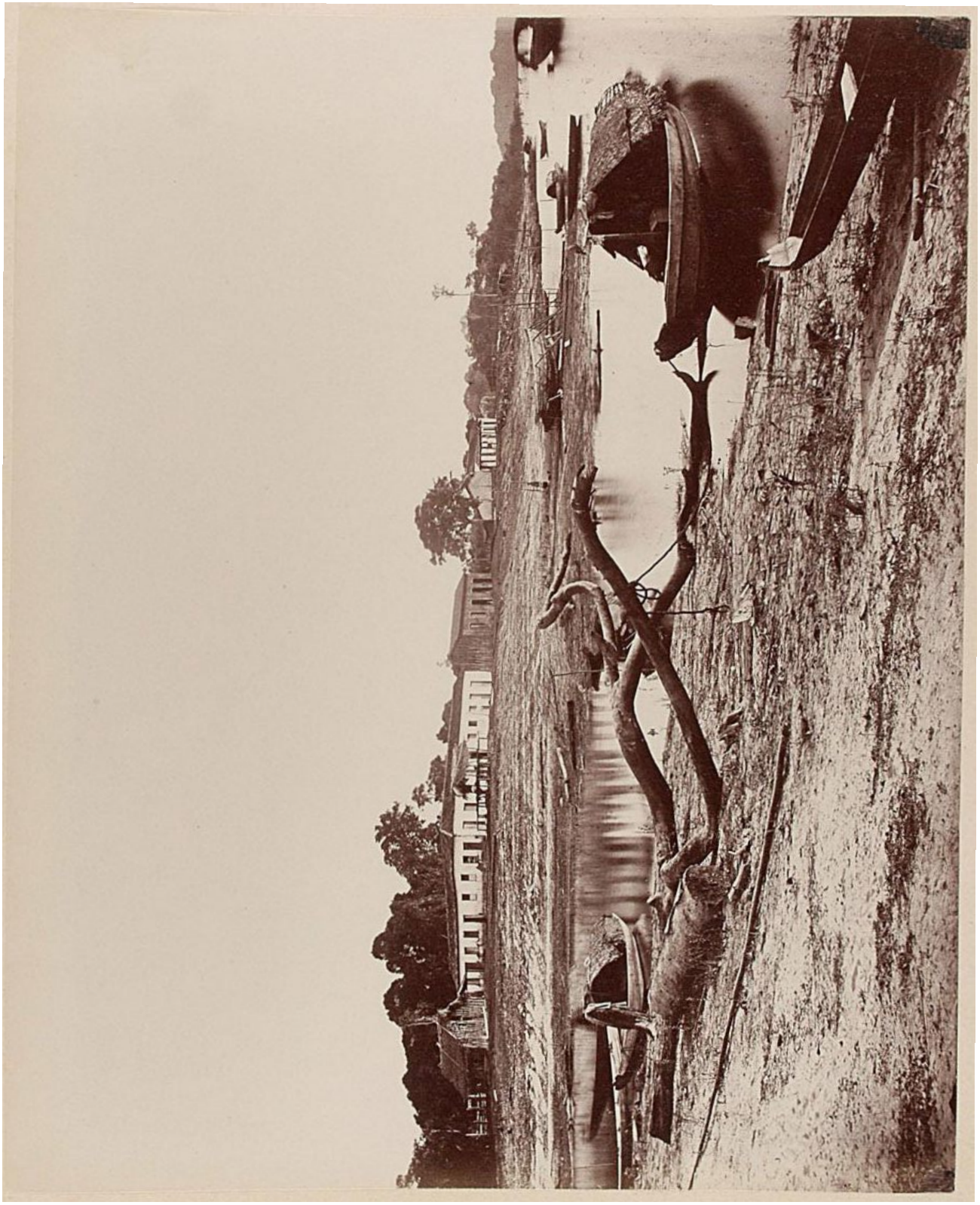
Disse-me que a escola do Coary não funcionava desde o começo do ano, o que era devido no seu entender, em parte à notícia de sua aposentadoria, em parte a mudança da freguesia: de que resulta que de fato ali não há escola primaria. Dá-se, além disso, uma circunstância digna de atenção. O professor me informou que a sua escola teve no último ano letivo somente dez alunos, em quanto a lei provincial fixa o número de doze, como o mínimo para que a escola mereça sua subvencionada pelos cofres da província.

Com a mudança da matriz da freguesia, o lugar Alvelos desapareceu por completo, tendo desabado a sua última casa em 1899. Passou a ser conhecida também pelo nome de Freguesia Velha.

A lei n° 132, de 29 de junho de 1865, que marcou os limites das freguesias da antiga província, determinou que os limites da freguesia de Coary seguissem a foz do lago Miuá, princípio da comarca do Solimões, até a ponta das barreiras de Camaraguary, onde entrava a freguesia de Tefé.

Viagem ao Brasil, 1865-1866 - Luiz Agassiz, Elizabeth Cary Agassiz – O Coari — Processo de tomar lenha

"13 de setembro — O navio fundeou esta manhã junto da pequena vila de Coari, no Rio Coari, um dos afluentes de águas negras. Demoramos aí algumas horas tomando lenha para a máquina. Essa operação se executa com tanta lentidão que um norte-americano, habituado em seu país com os processos expeditos, não acredita no que vê. Uma pequenina canoa em mau estado, trazendo um carregamento de lenha, se afasta da margem, arrastando-se no rio com lentidão ainda acentuada pelo fato de que, dos dois canoeiros, um se serve de uma pá quebrada e o outro de uma vara comprida.



Coari em 1867 pela lente de Albert Frisch. Podemos observar o igarapé de São Pedro e a rua Rui Barbosa no bairro de Tauá-mirim.

N. ° 65. Coari novo - O Lago Coari, na divisa com o Amazonas com 100 habitantes, fundada há 10 anos. A antiga Coari, fundada pelos Carmelitas, em 1709, fica em uma península no meio do lago.

Tauá-mirim 1867 - Hoje seria a rua Rui Barbosa - Albert Frisch

Uma senhora com um caldeirão - Tauá-mirim 1867 - Albert Frisch

Coari Novo - Tauá-mirim 1867 - Albert Frisch

Canoa no rio Japurá leva produtos ao mercado de Coari - Frisch, Albert 1867

Palmeira Caranã em Coari - 1867 - Albert Frisch

Nunca assisti a tamanha apologia dos remos! Quando a frágil embarcação acaba enfim de encostar ao navio, oito ou dez homens formam fila, e a lenha passa de mão em mão, acha por acha, contada na ocasião. Agassiz tirou o seu relógio do bolso e verificou que, em média, entram a bordo sete achas por minuto. Com semelhante processo, compreende-se que, tomar lenha não é negócio para cinco minutos. Acabamos afinal por deixar Coari, e, daí em diante, vamos tocando quase as margens não de uma ilha, mas as margens continentais; com efeito, são tão numerosas e vastas as ilhas do Amazonas, que é frequente supormos que nos achamos entre a margem esquerda e direita do rio quando, na verdade, estamos num largo canal compreendido entre duas ilhas. (Agassiz & Agassiz, 1938)".

Descrição de "Coari Novo" por James Orton em 1870

"O Amazonas começou a se parecer mais com um lago do que com um rio, tendo uma largura de quatro ou cinco milhas. Gaivotas flutuantes e botos rolantes lembram o mar. Coary é um amontoado de quinze casas, seis delas rebocadas, caiadas e ladrilhadas. Situa-se junto a um lago com o mesmo nome — a foz expandida de um pequeno rio cujas águas são castanho-escuras e cujas margens são baixas e cobertas de arbustos. Aqui pegamos tartarugas e óleo de tartaruga, castanhas e cocos, borracha, peixe salgado e madeira".

Em 1873, num censo realizado, apresentou-se um total de 2.078 habitantes livres e 05 escravos, sendo 1.006 homens e 1.072 mulheres, 2.023 brasileiros e 55 estrangeiros.

Coari no livro "Pará e Amazonas: pelo encarregado dos trabalhos etnográficos Cônego Francisco Bernardino de Souza" – 1874

Ainda não é bem conhecida a nascente do Coary. Deságua no lago do mesmo nome, que dista 132 milhas (212,43 km) da foz do Purus. Tem o lago 12 milhas de comprimento e 5 de largura. A antiga freguesia de Alvelos, criada em 1738, esteve assentada no extremo sul, na confluência dos 03 rios Coary, Urucu-parauá e Ourané. O Coary é o maior e fica do lado leste. Conhecendo-o somente as pessoas que se empregam na colheita e extração de drogas. Tem-se chegado a caminhar por ele 33 a 40 dias. No inverno, de março a julho, navegam grandes canoas de 8 a 10 palmos de calado. No verão, como o abaixamento é mui considerável, só passam igarités na parte superior. O seu curso não é longo; segundo o testemunho dos práticos, pode ser estimado em 83 a 90 léguas.

Alguns índios, diz o Exmo. Sr. Dr. Adolpho de Barros, tem passado do Purus para o Coary, e dão notícia de existirem campos de grande extensão nas cabeceiras deste rio, os quais vão confinar na margem esquerda.

O Coary não tem cachoeiras; as suas águas são pretas, bem como as dos outros dois rios, que com ele corre para o lago. Há um só canal que comunica o lago com o Solimões; fica do lado oriental e tem 2 milhas de extensão. Só nas vazantes extraordinárias é que não permite a passagem de navios que calem de 8 a 10 palmos.

Diz Baena que acima da foz do Coary acham-se as ilhas Jurupari e Juçaras, onde constantemente as tartarugas fazem o seu desovamento.

A vila de Alvelos (antiga freguesia do Coary) fica à margem oriental da baia do Coary, quatro léguas acima, foi sua primeira situação no rio Paratary, oito léguas acima da foz, donde trasladou-se para o desaguadouro do lago Anamã, e dali para a ilha Guajaratiba, aonde depois passou-se para a atual situação. Em 1768 foi elevada à categoria de lugar com a denominação de Alvelos; em 1833 foi qualificada simples freguesia, com a primitiva denominação de Coary, e por lei provincial do 1º de maio de 1874 acaba de ser elevada à categoria de vila, com o nome de Alvelos.

Segundo o último recenseamento, é de 2.078 almas a população do seu termo. O rio Coary que forma a baia em que está assentada a vila, é um afluente do Solimões, em que se lança, à margem direita, por duas bocas, entre os rios Purus e Tefé, ou mais perto, entre o rio Mamiá e o riacho Uariaú.

A Vila de Coary

Segundo o Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro de 1921, seus primeiros habitantes foram os irmãos Thomaz e Antônio José Pereira Guimarães, ou seja, depois da transferência da matriz da freguesia para a próximo á foz do lago de Coari, os irmãos Guimarães foram os seus primeiros habitantes.

A partir de 1854, a população, extraoficialmente, começou a chamar a Alvelos de "freguesia velha" e a sua nova matriz voltou a ser chamada outra vez de "Freguesia de Coari", seu nome com origem indígena.

No dia 1 de maio de 1874, Coari sofre uma significativa transformação na sua estrutura político-administrativa-institucional, pois pela Lei Provincial nº 287 a freguesia foi elevada à vila de Coari e pelo mesmo ato foi criado o município de Coari, desmembrando de Tefé.

Quinze mil milhas no Amazonas e seus afluentes

Por Charles Barrington Brown e William Lidstone em 1873

No dia seguinte àquele em que entramos novamente no Solimões, passamos por um vilarejo de aparência bem cuidada chamado Codajás, situado em uma faixa de terreno ligeiramente elevada acima da linha de inundação; e no seguinte entramos na foz do rio Coary, onde ancoramos na cidade de mesmo nome. Este rio é estreito em sua entrada, mas se expande em uma grande baía um pouco acima, no lado leste da qual, em um terreno alto que se inclina gradualmente para uma bela praia, está a cidade de Coary, um lugar disperso contendo cerca de seiscentos habitantes.

Tendo o Chefe conhecido o Sr. Valente - Capitão da Guarda Nacional deste distrito - durante sua viagem de Manaus ao Pará, nós agora fizemos uma visita a esse cavalheiro enquanto nosso vapor estava navegando. O Sr. Valente recebeu-nos cordialmente, fez as honras e mostrou-nos o local.

Com ele fomos à casa de um comerciante, homem alto e de compleição forte, onde vimos pela primeira vez alguns índios Miranha, entre os quais três moças corpulentas sentadas no chão perto da dona da casa, costurando.

Esses Miranhas provinham originalmente de aldeias acima das cataratas do Japurá, um imenso afluente do lado norte do Amazonas, tendo suas nascentes nas montanhas de Nova Granada. Eles não eram bonitos, tinham testas baixas e um semblante de tipo bastante inferior. Eles não eram tatuados, mas tinham pequenos orifícios nas laterais do nariz.

Enquanto conversávamos com o Sr. Valente, vimos de sua porta aberta uma pequena ravina, do lado oposto da qual ficava a escola, uma velha casa de colmo em péssimas condições. Tendo suas paredes de barro caído de seus postes verticais por todos os lados, toda a economia interna do estabelecimento estava exposta à nossa visão. Os meninos pareciam mais animais selvagens em uma jaula do que frequentadores de uma tranquila escola de aldeia. Na época, os estudiosos estavam empenhados em gritar suas lições todos juntos no topo de suas vozes estridentes, e levantaram um barulho que ressoou por todo o lugar, mas acima do qual as ordens do mestre podiam ser distinguidas às vezes.

A maior parte dos habitantes da cidade, como de todas as outras cidades do Solimões, são essencialmente pescadores, que vivem da captura de pirarucu e também da coleta de ovos de tartarugas nas praias do Solimões durante a época de postura desses répteis, de qual fabricam um óleo chamado óleo de Tartaruga.

A quando da nossa visita, estando as praias vazias e o rio a baixar, muitas das pessoas encontravam-se ocupadas nessas ocupações, mas um bom número permaneceu, que vimos a pescar na foz de duas pequenas baías perto da entrada do rio.

Ao deixarmos a extensão de água negra semelhante a uma baía fora da cidade, ficamos muito impressionados com sua semelhança com uma baía de maré, algumas planícies de areia recentemente expostas sugerindo essa ideia. Logo passamos pelo estreito onde por uma curta distância as margens de ambos os lados do rio se erguem em altas falésias vermelhas do depósito mais antigo. Acima disso, eles recuam, e nenhuma terra alta é vista novamente em ambos os lados ao mesmo tempo.

Carta XXXVIII - Alto-Amazonas, Solimões, 2 de agosto de 1883

Aproximando-nos da ilha do Ariá, avistamos a boca do rio e lago Coary, em cuja foz, na margem direita, está situada a vila do mesmo nome.

Coary, que tem amplas e vistosas casas de habitação, abarracadas e algumas de sobrado ou primeiro andar, oferecendo risonha perspectiva, vista do rio, divide-se em dois bairros, num dos quais vivem os conservadores, e no outro os liberais. Os indivíduos que formam estes dois partidos, não convivem uns com os outros, a ponto de nem assistirem à missa na mesma igreja. Além d'esta grande desarmonia, estão quase todos com febres palustres.

O pároco de Tefé, único que existe em todo o Solimões, é quem vem a Coary ministrar os sacramentos, quando algum arrependido de seus pecados o manda chamar, custando-lhe boa soma de dinheiro. O Sr. Fortunato Antônio de Assunção, que há treze anos reside em Coary, e foi nosso companheiro de viagem, quando quis desposar-se mandou vir de Manaus um padre a quem deu 300$000 réis, afora a passagem no vapor, alimentação, etc. De resto, todos por aqui pensam, em geral, mais nas coisas mundanas que nas divinas; sendo certo que no país onde existe a escravidão de fato e de direito, não pode haver nem moralidade, nem vida social.

Esta vila, que conta atualmente 911 habitantes, foi fundada pelos índios da tribo Jurimáguas, uma das mais bravas do Solimões, as quais prestaram acolhimento cordial ao cap. Pedro Teixeira, na volta da sua viagem a Iquitos.

Depois de missionada pelos carmelitas, foi perfidamente arrancada a estes por jesuítas espanhóis, que com parte dela fundaram uma povoação no Huallaga!

Estes campeões do cristianismo não tinham, por certo, a educação cristã, que comprime o desejo excessivo das riquezas e a sede dos prazeres: esses dois flagelos que frequentes vezes lançam a amargura e o desgosto no seio mesmo da opulência.

Boletim da Sociedade de geographia de Lisboa. Portugal: Vol. 15.

Escravidão em Coari

Em 17 de junho de 1884, segundo o Jornal Carioca "Gazeta da Tarde", Coari (Província do Amazonas) foi declarada livre de escravos conforme foi declarado pelos movimentos abolicionistas:

"Os senhores de escravos, que deviam ser os interessados em reagir contra o movimento emancipador, nenhuma resistência opuseram e antes concorreram para acelerar a resolução dessa importante questão. Eles concordaram em receber as indenizações oferecida pela Lei Áurea e seu Regulamento e até esta data nenhum protesto apareceu que denotasse o menor descontentamento".

As Regiões Amazônicas: estudos corográficos dos estados do Grão-Pará e Amazonas - José Coelho da Gama e Abreu Marajó - 1896

Coary – É um dos rios reputados mais abundantes do Alto Amazonas, sua foz é situada a 4° 3' latitude sul e na longitude 314º 18'; corre de sul ao norte; além da foz, cuja posição indiquei, tem uma outra um pouco mais acima e de menor largura. Logo próximo da boca é bastante largo, pois lhe dão perto de duas léguas; estreita, porém rapidamente é navegável em canoas por mais de um mês; é neste rio em uma planura elevada da sua margem direita, quatro léguas acima da foz, que está situado o povoado de Alvelos; junto a este lugar o rio forma uma bela baia em que deságuam três rios. Destes, o mais oriental é a continuação do Coary, o segundo é o Urucuparaná, e o terceiro é o Urauá ou Arauá ou Cuamé, pois pelos três nomes é conhecido; suas terras abundam em salsa, óleo de copaíba, as suas águas são piscosas e suas praias das mais abundantes em tartarugas.

Foi habitado pelos índios Catauixis e Jumas, hoje, os índios que mais abundam são os Muras e os Miranhas; muitos dos últimos se empregam em serviços diversos.

A sua extensão ainda não é bem conhecida, nem as suas nascentes; tem alguns regatões em canoas por 40 dias e calculam a extensão percorrida, até àquele ponto ao qual podem chegar igarités, em cerca de 90 léguas.

Até o ponto a que tem chegado, é livre de cachoeiras, e dizem os índios que em suas cabeceiras há belas campinas na margem direita; parece provável que estas campinas sejam aquelas que os exploradores do Purus noticiam existir muito no interior a 63 léguas, mais ou menos da foz.

* * *

Através da lei Nº 729 de 15 de maio de 1886, o presidente da província do Amazonas, o juiz de direito Ernesto Adolpho de Vasconcelos Chaves, autorizou a liberação da quantia 20.000$ para o começo da edificação de uma igreja matriz de alvenaria na villa de Coary.

O decreto Nº 95-A, de 10 de abril de 1891, no mandato do governador Eduardo Ribeiro, criou-se a Comarca de Coary, com o termo anexo de Codajás, conservando os limites anteriores. O termo instalou-se em 15 de novembro de 1890, e a instalação da comarca em 30 de junho de 1891.

Coari Dividida – 1891

Courtenay De Kalb

Há dificuldades de navegação que afligem o piloto (prático) no Solimões. O canal está claro o suficiente até Coary. Esta cidade, no entanto, é de difícil acesso, sendo construída dentro da foz do Rio Coary.

Muitas cidades ao longo do Amazonas são assim isoladas, uma medida de precaução, como afirmam alguns, contra as desagradáveis visitas de antigos governantes tirânicos, mas é bem provável que a maior abundância de peixes menores e a maior segurança das margens dos afluentes, tiveram algo a ver com isso.

Outra peculiaridade de Coary é a sua divisão muito perceptível em duas partes tão distintas como duas vilas separadas. Um cavalheiro digno afirmou gravemente que este era o produto da hostilidade política, uma parte sendo os coarienses republicanos e a outra os coarienses conservadores. Eu não poderia dizer se seu olho brilhou ou não quando ele disse isso, mas outras cidades podem ter uma dica disso.

* * *

Dados descritivos do município de Coary (1900)

No novo dicionário da língua portuguesa de Eduardo Faria, encontra-se:

Alvellos, paroquia do Brasil, na província do Amazonas, comarca do Solimões, município da vila de Coary, diocese do Pará, na margem meridional do Amazonas, a 20 quilômetros acima da embocadura do Coary. É a antiga aldeia deste nome fundada pelo padre Samuel Fritz, nos fins do século XVI: 2.202 habitantes e 12 escravos.

Este povoado, que teve outrora 300 fogos, conhecido vulgarmente por Freguesia Velha, berço de Silvério Nery, já desapareceu totalmente. A sua derradeira casa foi demolida em 1899.

Hoje, a antiga freguesia de Sant' Anna de Coary, ereta em vila pela lei n. 287 de lº de maio de 1874 por ato do presidente da então província, Dr. Domingos Monteiro Peixoto, e definitivamente transferida para a foz do rio Coary, à boca do lago do mesmo nome, possui uma importante intendência municipal, quartel, matriz em acabamento e oitenta fogos, entre os quais vinte e quatro estabelecimentos comerciais.

Está prestes a montar-se uma farmácia sob a direção do hábil farmacêutico Joaquim Batalha.

É dividida cm dois bairros. São Sebastião ao norte e Sant'Anna ao sul, separados polo pequeno igarapé de São Pedro, seco no verão, e atravessado por uma bela ponte de madeira de lei de cem melros de extensão, mandada construir e inaugurada em 1896 pelo pranteado superintendente municipal Celso do Menezes. Uma escada lateral dá acesso aos passageiros que desembarcam ali durante a enchente, ocasião em que podem atracar quaisquer vapores.

A população da vila durante o fabrico da borracha e extração da castanha é de cerra de 4OO habitantes, elevando-se este número ao dobro durante a estação calmosa de agosto a março.

Provém, em sua origem primitiva, das tribos Catuixys, Irijús, Jumas, Jurimáuas, Passés, Purús. Sorimões, Uaiupis, Uamanis e Uaupés.

Essas raças acham-se hoje fundidas com os elementos étnicos que hão trazê-lo o seu concurso ao rápido desenvolvimento da Amazônia.

Os Catauxis, habitantes dos rios Capará, Purús, Coary, Tefé e Jurua, eram de natural foveiros, defeito este que lhes aparecia aos vinte e um anos e que se comunicava por contágio.

Os Irijús desceram do rio Branco, Os Jumas, aborígenes, até hoje conservam-se arredios da civilização, os Jurimáuas habitavam a região que vai do Purus ao Juruá.

Os Passês, a melhor ascendência dos Coarienses, foram de todos os índios de que estes se originam, os mais avançados intelectualmente. Reconheciam um Deus supremo e a imortalidade da alma. Eram agricultores.

Os Purús e os Sorimões habitavam as margens dos grandes cursos fluviais a que deram o nome.

Os Uaiupis e os Uamaras vieram do Solimões, cujas margens povoavam.

Os dóceis e tratáveis Uaupés, originários do rio de sua denominação, distinguiam-se pelas orelhas e lábio interior furados.

Os principais traziam uma pedra polida cilíndrica, de cor branca, pendente ao pescoço por um cordão. Os mais considerados usavam-na com quatro polegadas de comprimento.

Eram artistas e comerciantes.

Foram indígenas trasladados desta região que repovoaram os lugares, hoje extintos, de São Felipe e Santa Barbara, no rio Branco, quando estes ficaram destruídos pela insurreição da Praia do Sangue, naquele rio.

Merece um sério estudo o desenvolvimento, ou antes, o renascimento da vida agrícola, da indústria pastoril e do comércio da vila de Coary.

Antigamente fazia-se a cultura do tabaco e algodão, havia a indústria de tecidos e redes e também de esteiras de palha, exercia-se a pesca do pirarucu e a manipulação do óleo de tartaruga e peixe-boi, e das florestas extraia-se salsa, copaíba, cravo e cacau.

Agora nada disto existe, a borracha mais lucrativa avassalou tudo. A lavoura a própria horticultura caseira é um mito.

Entretanto, conta-se no perímetro urbano uma pequena plantação de coqueiros, arvores, aliás raríssimas no Amazonas.

O seu cultivo protegido em início pelos poderes locais. Tornar-se-ia uma fonte de riqueza para o município e para todo o Estado.

Um milhar de pés deles daria anualmente na praça de Manaus o bonito resultado líquido de 75:000$000.

A indústria pastoril limita-se a algumas cabeças do gado vacum, cabrum e suíno esparsas, e uma florescente fazendola no rio Ipixuna, de propriedade do súbdito italiano Camillo Vergani, a qual já conta mais de cem cabeças bovinas.

Há campos apropriados no município, onde, com o auxílio dos poderes públicos, poder-se-ia ir iniciando essa futurosa indústria.

Auxílios pecuniários, proporcionais ao número de rezes importadas, pagos somente no ato da inauguração das fazendas, bem assim prêmios conferidos por um júri especial àqueles criadores que apresentassem maior número de exemplares, ou os mais belos, eis o que devem terem mira os administradores do município.

A apanha da tartaruga é realizada de modo bárbaro e anti-civilizador como se ver em todas as praias do grande rio e seus afluentes.

Durante o período da procriação, o seu perseguidor, para que elas não fujam, vira-as de costas em número superior ao que pode transportar, abandonando depois as que não chega a conduzir as intempéries do sol que as asfixia e mata inexoravelmente.

Por outras vezes, os currais enchem-se de tal quantidade desses anfíbios que eles se amontoam, perecendo os que não conseguem vir respirar o carbono vivificador a flor das águas.

Contra esse abuso deve operar o governo do município e insurgir-se o do Estado, tomando medidas prontas e enérgicas e criando uma lei protetora, a exemplo do que se faz na Europa onde na primavera e vedado o direito de caça.

O comércio de Coary é grande. Na vila há estabelecimentos comerciais, muitos dos quais exercem o tráfico de regatões. Contribuem pela última coleta 1:900$ para o fisco municipal com 5:970$000 de imposto de indústria e profissão.

A coleta geral do município sobre esse imposto deve atingir a 33:000$ o que revela a pujança do seu movimento comercial.

A cobrança é feita por uma quota igual para todos, O que não é de certo equitativo e proporcional, porquanto pagam o mesmo ônus grandes e pequenos comerciantes.

Lembramos o alvitre de arbitrar-se uma quantia certa e determinada para o referido imposto e encarregar-se a uma comissão de comerciantes a distribuição das importâncias com que cada um deve contribuir conforme o capital com que gira, apresentando dentro de um prazo o resultado dos sons trabalhos ao juízo do poder executivo municipal, a exemplo do que se pratica no sul do país.

Considerando que os comerciantes de menor escala pagam sem reclamar, por não ser excessiva a contribuição existente, é claro que ela deve ser insuficiente e parca para os de maior escala que lesam assim o município, cujas rendas ficam prejudicadas.

Apesar da malévola campanha de descredito contra a vila de Coari, podemos afirmar sem rebuço que de quatro anos a esta parte, é ela um dos povoados mais salubres do Amazonas.

Atualmente é admirável o seu estado sanitário. Durante o primeiro trimestre deste ano tiveram lugar na vila e seus arredores apenas 3 óbitos dos quais um de um indivíduo vindo de fora gravemente enfermo.

É de 38, portanto, a soma dos óbitos sucedidos durante o ano de 1899 na vila e seus arredores, inclusive dois indigentes desembarcados para sepultar vindos do Piorini no mês de maio.

Não houve falecimentos por moléstia contagiosa, beribéri, nem assim natimortos.

As crianças são robustas e sadias. O computo dos nascimentos pelo registro civil é deficiente, como em toda a parte, pela falta de instrução cívica do nosso povo.

Desde a lei do casamento civil tem sido realizado na vila 138 consórcios sendo 14 em 1899.

A terra é abundante de caça e pesca.

Na tapera da Freguesia Velha à pouca distância da sede deste município, abunda o veado, a anta e a paca.

O lago é pingue de toda a sorte de peixe, aparecendo em outubro a piracema de camarões.

Há cinco praias de tartarugas que abastecem à população.

Além da sede, possui o município um certo número de povoados nascentes.

No lago de Coari cita-se o lugar Isidoro com uma dezena de fogos esparsos onde se festeja anualmente o orago (padroeiro) S. José, início talvez de alguma dessas célebres romarias, pelas quais é idólatra o nosso povo.

Existe ali algum gado.

No Solimões, abaixo do desaguadouro de Coary, notam-se os povoados de Camará com grande número de almas e escola pública, Barro Alto, Copeá, no canal do mesmo nome e Caioé, no rio Pioriny.

Acima daquela embocadura, há o sítio Coanarú.

Finalizamos aqui a nossa exposição acerca do município e vila do Coary, tendo sido nosso único fite concorrer para a sua reabilitação perante a opinião pública, presentemente tão mal orientada sobre esta futurosa e importante facção da pátria amazonense.

Criação da Brigada de Infantaria de Coari

Senado Federal
Secretaria de Informação Legislativa

DECRETO Nº 3.989 de 13 de abril de 1901

Cria uma brigada de infantaria de Guardas Nacionais na comarca de Coary, no Estado do Amazonas.

O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, para execução do decreto n. 431, de 14 de dezembro de 1896, decreta:

Artigo único. Fica criada a Guarda Nacional da comarca de Coary, no Estado do Amazonas, uma brigada de infantaria, com a designação de 14ª, a qual se constituirá de três batalhões do serviço ativo, ns. 40, 41 e 42, e um do da reserva, sob n. 14, os quais se organizarão com os guardas qualificados nos distritos da referida comarca; revogadas as disposições em contrário.

Capital Federal, 13 de abril de 1901, 13º da República.

M. Ferraz de Campos Salles.
Epitácio Pessoa.

Benedicto Edelberto de Góes - Professor Góes

Dissertaremos sobre uma das principais personalidade de Coari no âmbito da educação, saúde, judiciário e história. Benedicto Edelberto de Góes, nasceu em São Luís no Maranhão em data desconhecida, na segunda metade do século XIX.

Para ingressar nas instituições de ensino superior na segunda metade do século XIX era necessária a aprovação dos estudantes nos Exames Gerais de Preparatórios, e o professor Góes fez seus exames em 2 de outubro de 1873.

No dia 23 de maio de 1884, Benedicto Edelberto de Góes deixou o cargo de procurador da Câmara Municipal de São Luís e foi nomeado Despachante Geral da Alfândega, na vaga deixada pelo Sr. João Nepomuceno Hermes de Araújo, que se retira para a província do Amazonas

Deu entrada na guarda da primeira companhia da Guarda Nacional[44] do Maranhão, e em 3 de junho de 1885 foi promovido de guarda a Alferes (Antigo posto militar, equivalente a segundo-tenente) na vaga de Arthur de Oliveira Almeida.

Em 11 de maio de 1887, o professor Góes viveu um dia que mudou totalmente suas perspectivas de vida. Faleceu sua genitora, Maria Bemvinda da Glória Góes, e a partir dessa perda, ele resolveu deixar o Maranhão e tentar uma nova vida no Amazonas, que estava em pleno desenvolvimento no primeiro ciclo da borracha.

No dia 19 de janeiro de 1989, o professor Góes dá início à sua jornada na província do Amazonas quando foi nomeado Promotor Público da Comarca de Itacoatiara.

Ele fez o concurso público para professor do estado do Amazonas e tomou posse no dia 9 de janeiro de 1891. Veio ainda em 1891 para Coari e exerceu a função. Trabalhando apenas com o público masculino. Tornou-se intendente municipal (vereador) e no ano de 1895 renunciou ao cargo. Contudo, durante toda sua vida em Coari, foi reeleito intendente por várias vezes e chegou a ser Superintendente Municipal Interino (Prefeito).

44. O império não poderia confiar inteiramente no Exército que tinha suas próprias ideias políticas. Optou-se por criar uma força armada formada pela elite, a Guarda Nacional. Seus membros eram todos os cidadãos com direito a voto e assim obteriam a dispensa de servir ao Exército. No entanto, não recebiam pagamento e eram responsáveis pelo próprio uniforme. O governo tinha a incumbência de fornecer armas e instrução. A maior patente que um civil poderia alcançar era a de Coronel e o título ficou reservado aos grandes proprietários de cada região. Desta maneira, gerou o fenômeno do "coronelismo" que tanto marcou a política brasileira.

No ano de 1895, o professor Góes exerceu o cargo de Juiz Municipal interinamente por vacância do cargo, e estando ocupando o cargo de superintendente, poderia exercer a função. Em seguida, voltou a ser intendente (vereador) em 1896.

Em 1906 tomou posse no governo municipal de Coary o coronel Ricardo Vicente Cluny. Durante sua administração, por várias vezes, foi substituído pelo professor Benedito Edelberto Góes. Ele permaneceu como intendente e professor até o ano de 1907, e a partir de 1908 até 1923, exerceu transitoriamente apenas o cargo de professor.

Em 11 de dezembro de 1917, Benedicto Edelberto Góes ficou encarregado da estação meteorológica de Coary e requereu da Delegacia Fiscal a entrega da verba, que foi disposta pelo diretor da despesa pública para fazer grande melhoria na estação da cidade.

J. F. FERRAZ em 1921 na sua obra "Através do Amazonas", descreveu a atuação do Professor Góes na área de Saúde em Coari:

Os principais males, que afetam a saúde da população, são as feridas bravas, a verminose, o paludismo e as febres catarrais. No entanto, não existe ali nenhum médico, tampouco farmácia. Nos transes mais dolorosos, os doentes são amparados pelo farmacêutico Benedito Edelberto de Góes, que, valendo-se de seus preparados medicinais e de outros remédios adquiridos com grandes sacrifícios, não tem poupado esforços em combater as enfermidades, livrando muitos infelizes das garras da fatalidade.

Ultimamente, esse abnegado descobriu um unguento de grande eficácia no combate as feridas bravas, assim como um colírio de efeitos positivos no tratamento de moléstias dos olhos.

Na falta de produtos farmacêuticos, o professor Edelberto recorre aos remédios homeopáticos e até mesmo as dosagens caseiras, aplicando continuamente cozimentos de ogervão como soporífico pronto e seguro no tratamento de defluxos e cozimento de alfavaca como paliativo as bronquites e febres catarrais.

Em 1926, Oswaldo Cruz visita à Vila de Coary e conversou com o Professor Góes sobre a realidade do local e da região da calha do Solimões para subsidiar o seu famoso relatório sobre a região, a malária e a imigração japonesa, em que Benedicto se mostrou contrário a imigração.

A partir de 1924 até 1929, além de professor, ele foi nomeado para Juiz Adjunto de Coari. Foi casado com Estephânia de Góes e geraram a seguinte prole: Guiomar, Adylles, Antônia, Ruth, Flávio, Eliezer, Elisabeth, Judith e Archipo. Eliezer Edelberto de Góes foi eleito intendente (vereador) em 1930.

Em 21 junho de 1931, foi fundada e instalada a Loja Fraternidade Maçônica Coariense e o Professor Góes fez parte da assembleia de inauguração. No funcionamento de uma loja há encarregados para diversos fins, dessa forna, aconteceu uma eleição, e ele foi escolhido para o cargo de Orador.

O Professor Góes foi casado Com Estephânia de Senna Marinho Góes, nascida na cidade de Tefé, no dia 30 de abril de 1872. Durante a vida que compartilharam e tiveram 9 filhos. Ela faleceu em Coari com 51 anos, no dia 24 de novembro de 1923.

Há registro no Diário Oficial do Estado do Amazonas que até 1939, o professor Góes ainda estava trabalhando como professor em Coari.

* * *

SILVÉRIO NERY

Dicionário Amazonense de Biografias Agnello Bittencourt

O Dr. Silvério José Nery, natural de Coari, nasceu no dia 8 de outubro de 1858, falecendo, em Manaus, a 23 de junho de 1934.

Filho do Major reformado do Exército e de igual nome e de D. Maria Antony Nery, também amazonense. Batizou-se a 9 de janeiro de 1859, na Capela de N. S. Remédios, na cidade de Manaus. Foram seus padrinhos o Coronel José Vicente de Amorim Bezerra e o Tenente Joaquim Fabrício de Matos, que o tocou com a coroa de N. S. dos Remédios.

Era de esperar que seguisse a carreira das armas. O seu destino, porém, estava na política. Estudou as primeiras letras do curso de preparatórios na capital de sua província, seguindo logo para o Rio de Janeiro onde se matriculou na escola militar, fazendo apenas o curso de agrimensura, regressando ao Amazonas, iniciou ali sua atividade na demarcação de terras, abandonando assim aquela Escola, como outros rapazes seus colegas o fizeram, por não vislumbrarem futuro na vida militar. Sabe-se até que, ao tempo, oficiais e graduados no posto de capitão trocaram de atividade profissional, ficando mais em liberdade no plano econômico.

Silvério Nery casou-se com D. Maria Maquiné da Silva cujo casal teve os seguintes filhos: Mário José da Silva Nery, casado, bacharel em Direito, advogado, deputado estadual, falecido em 1922; Antônio José, falecido; Júlio José da Silva Nery, casado, bacharel em Direito, advogado, ex-deputado estadual, ex interventor federal no Amazonas, funcionário aposentado; Lydia Nery Cabral, casada com o Dr. Luiz Caetano Cabral; Silvério José, casado, funcionário aposentado do tesouro do Amazonas; Paulo José, casado, bacharel em direito e inspetor da alfândega de Santos, quando recentemente faleceu.

Silvério Nery começou a ser atraído pelos interesses da política — política, então, mais idealista e menos destemperada, Raul de Azevedo, um dos seus melhores biógrafos, disse a seu respeito: "A sua larga carreira política não teve solução de continuidade. A sua ascensão foi feita normalmente. Primeiro, vereador municipal da monarquia; depois, deputado estadual por várias vezes, na república; deputado federal, reeleito; governador do estado, chefe de partido, de grande prestígio e respeitado pelos próprios adversários; senador federal, em várias legislaturas. Eleito e sempre reeleito l.° secretário do senado. Presidiu várias vezes o senado federal. ("Terras e Homens", pág. 129 – Rio – 1948).

Tanto quanto permite uma súmula de sua biografia, eu passo a considerar suas atuações no governo do Amazonas. Convém lembrar, antes de tudo, que os quatriênios governamentais no estado, conforme letra expressa da sua constituição, tinham começo a 23 de julho, terminando em igual dia, após quatro anos. Concluindo o período anterior para o qual havia sido eleito, o capitão Fileto Pires Ferreira, então renunciante, do resto do seu tempo, achava-se no governo o coronel José Cardoso Ramalho Júnior, na sua qualidade de vice e na ausência daquele titular, foi eleito para o substituir, o Dr. Silvério José Nery, que foi empossado a 23 de julho de 1900. Sua investidura iria até 23 de julho de 1904, quando, a 2 de dezembro de 1903, para desincompatibilizar-se, solicitou licença. Assim, o vice-governador Monsenhor Francisco Benedito da Fonseca Coutinho tomou posse do cargo.

Quando Silvério José Nery assumiu o governo, a Administração Pública estava dividida em quatro Departamentos. O novo detentor do poder acreditou que sua ação, para melhor eficiência de controle, sobretudo no setor fiscalização, deveria ser centralizada, até por motivos de economia. Para realizar esse empreendimento, carecia de um correto burocrata. É convidado para levar a bom termo a urgente tarefa, o Coronel Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt, funcionário já aposentado na qualidade de Diretor da antiga Secretaria Geral do Estado. Dentro de uma semana, o esboço da reforma estava pronto e entregue.

Nenhuma ordem de pagamento ia para o Tesouro sem que fosse controlada na Seção de Finanças daquela Secretaria.

Lá se vão mais de quarenta anos que, em livro publicado em 1925 (Corografia do Estado do Amazonas), tratei da Administração do Dr, Silvério José Nery. Hoje, resumindo aquele trabalho, apenas atualizando a ortografia, repito minhas palavras referentes ao seu governo: "Começou Silvério Nery por anular vários contratos firmados na vigência do seu antecessor considerados lesivos ao Estado, no valor de 13.796,200 (contos de réis), bem assim fez declarar insubsistentes várias nomeações de magistrados julgadas contrárias à lei. Mandou apurar as responsabilidades financeiras do Erário, achando um acervo no valor de 42.104,820, (contos de réis). Fez reorganizar a administração, extinguindo os Departamentos e restabelecendo o serviço público pelo sistema das antigas Repartições. Inauguram-se, em 1901 (20 de maio): a Seção de Numismática, a mais bela e valiosa coleção do Brasil; o Laboratório de Análises Químicas, Bromatológicas e Toxicológicas, além de novas linhas de navegação para muitos pontos do interior, auxiliadas com a quantia de 1.930.000 (contos) anuais. Adquire-se o Aviso cidade de Manaus, para fazer o serviço de polícia e fiscalização das rendas do Estado. Data desta ocasião a obrigatoriedade do beneficiamento (corte) da borracha, medida de grande alcance econômico. O comércio exportador de Belém, como consequência, a fluiu para Manaus, a fim de atender à providência do fisco estadual.

Para consolidar a enorme dívida flutuante, o governo faz emissão de apólices-papel ao portador, no valor de 25.000$ (contos de réis) a juros de 7%, resgatáveis em dez anos.

Para livrar o Estado dos encargos das empresas "Manaus Railway & Comp." e "Eletric Light Plant" que exploravam desde 1899, os serviços de viação urbana, bombeamento d'água, iluminação pública e particular, pesando no orçamento anual com cerca de 800 contos, o governo compra os direitos materiais e rescinde os respectivos contratos, para o que contrai um empréstimo em Nova York, no valor de 1.500.00 libras. Pela forma que se fizeram esses contratos o estado ficava preso à obrigação de, no caso de querer rescindi-los, pagar aos contratantes o seu valor em dólar cotado a 7 mil réis qualquer que fosse o câmbio.

Grande celeuma levantou, no meio da oposição, pelo jornal "Quo Vadis?", o pedido de autorização para "cobrar em espécie", obrigatoriamente, o imposto sobre borracha que fosse exportada. Foi julgado improcedente esse meio que vinha derruir a função crematística da moeda legal e pôr o Estado nas contingências das especulações comerciais. Protestos judiciários provocaram o ato do governo, reduzindo pela conversão a ouro, de 7% para 5% os juros e aumentando de 10 para 30 anos o resgate de apólices que havia antes emitido.

O governo, por falta de pagamento, procurou depreciar os seus títulos, no intuito que, em parte, conseguiu, de entrar no mercado, comprando-os e resgatando-os por menos do seu valor oficial. Muitos dos portadores, porém, não cederam e vieram receber, mediante protesto judiciário, o valor real das suas apólices (vide Discurso do Senador Jonathas Pedrosa, Anais do Senado Federal de 1913, vol. 1, pág. 61).

Agita-se, em 1903, a questão de limites entre o Pará e o Amazonas, que, para dirimir, é nomeada uma comissão de técnicos a fim de estudar a hidrografia da verdadeira foz de Nhamundá. O Estado fez compra de instrumentos, que foram depois restituídos.

Ainda nesse ano instala-se, em Manaus, um gabinete antropométrico e reparam-se os edifícios públicos. A renda foi orçada para este ano em 14.465 contos e a arrecadação atingiu 18.290.066,50.

Um grande acontecimento foi festejado, no Amazonas, no decorrer do governo de Silvério Nery: a instalação do porto da cidade, pela empresa Manaus Harbour Ltda, a 24 de junho de 1903. Nessa extraordinária obra de engenharia, não se sabe o que mais admirar: se a utilidade comercial, com reflexos no progresso do estado, a perfeição e segurança. Lá se vão mais de 60 anos que suporta os baques de atracação de transatlânticos, como as correntes do rio Negro, e ainda não deslizou uma polegada!

Durante o governo do Dr. Silvério Nery, os funcionários públicos tiveram sempre os seus vencimentos pagos em dia, bem assim grande parte de outros compromissos do Estado.

Ao findar seu quadriênio, a dívida pública, com o favor do aumento das rendas, e com os cortes nos contratos leoninos teve sensível redução.

"Foi, na administração do Dr. Silvério Nery, pelo tratado de Petrópolis de 17 de novembro de 1903, que o território do Acre se desmembrou do Amazonas, com grandes prejuízos para as suas rendas e em exclusivo benefício da união, que ali quase nada tem realizado até hoje, em troca de milhões de cruzeiros cobrados de impostos, além de haver deixado uma população de cerca de 95,000 habitantes privados das regalias politicas asseguradas pela constituição federal a todos os brasileiros".

O governo Silvério Nery foi encerrado no dia 2 de dezembro de 1903, com a inauguração de um prédio escolar (por traz da Igreja dos Remédios) para substituir o antigo da Escola "Públio Bitencourt", pois tudo nela foi mudado dos alicerces ao telhado, todo o mobiliário e demais utensílios, tendo sido por mim recebida.

O antigo chefe político foi combatido por mais de 15 anos, desde que se afastara do governo do Coronel Bittencourt até 1925, quando na Interventoria do Estado o Dr. Alfredo Sá. Este grande filho de Minas, chegado a Manaus, reuniu os antigos contendores, que aceitaram formar uma Coligação. Dentro em pouco, inclusive Nery e Bittencourt estavam de mãos dadas, por uma nova luta pelo Amazonas.

O Dr. Silvério José Nery faleceu em Manaus a 23 de junho de 1934, sendo sepultado no Cemitério S. João Batista. À beira do túmulo proferiu a última despedida o saudoso Dr. Aristides Rocha.

Coari comemora a pose de Silvério Nery

Na noite do dia 12 de julho de 1900, a convite do coronel Francisco de Assis Pereira Guimarães, reuniu-se em sua casa de residência um grande número de amigos da melhor elite coariense.

Depois de agradável palestra, subiram ao ar grandes girandolas de foguetes, anunciando o reconhecimento de Silvério Nery, no cargo de governador do Estado.

Em seguida o coronel Guimarães, usando da palavra, em um eloquente discurso, declarou o fim do convite por achar-se regozijado do reconhecimento de um dileto filho de Coary, seu conterrâneo, para o cargo de governador do seu estado natal, erguendo vivas em conclusão do seu discurso ao coronel Silvério Nery, Sr. Lima Bacuri e ao povo coariense, sendo aplaudido por todos.

Terminou a festa às dez horas da noite com a melhor ordem, retirando-se os convidados satisfeitíssimos pelo acolhimento que receberam do simpático chefe deste município, coronel Guimarães e de sua excelentíssimo consorte.

Através do Amazonas: de Manaus ao Javari - Viagem do governador eleito, Antônio Bittencourt, a Coari - 1908

Coari: Ao romper do dia principiou a avistar-se a vila, situada na terra firme, uma fila de casas de regular aspecto, algumas alegres e novas.

Pelas 6 horas da manhã veio a bordo o Dr. Ângelo Batista, juiz de direito, acompanhado do professor Sr. Edelberto Góes. Não foram recebidos pelo Sr. coronel Antônio Bittencourt, porque se achava ainda recolhido.

Às 7 horas, tendo vindo a bordo do "Virgínia" o superintendente municipal, coronel Lucas Pinheiro, acompanhado de várias pessoas gradas, realizou-se o desembarque.

A filarmônica de terra aguardava os viajantes e acompanhou-os através da vila. Foguetes e bombas estouravam no ar, e foram soltos alguns vivas aos chefes da política situacionista.

No edifício da Intendência foi servido champanhe, sendo saudado o Exmo. Sr. coronel Antônio Bittencourt pelo Sr. superintendente, e pelo major Moisés Magalhães, tabelião.

Dirigimo-nos em seguida a casa do Dr. Ângelo Batista, juiz de direito da comarca e cavalheiro muito estimado pela integridade do caráter e espírito justiceiro.

O Dr. Ângelo reside em um pequeno chalé, situado num dos extremos da vila. Conversou por alguns momentos com o Sr. coronel Antônio Bittencourt, que há muitos anos o conhece.

Em Coari, deixamos o vigário, reverendo Victor Merino, que embarcara em Codajás, espanhol, franzino e nervoso, olhar adunco, fisionomia vulgar de toureiro de Sevilha. O Sr. vigário, a convite de alguns passageiros, fizera-se ouvir em algumas malagueñas, acompanhado ao piano por um praticante de bordo, que martela regularmente esse instrumento.

Até o nosso companheiro Porfírio Varela exibiu o seu repertório, - uma série de cançonetas alegres com que se fechou o improvisado concerto musical.

Padre Victor, que nos disseram ser dominicano, não nos deixou vir para bordo sem visitarmos a sua capela, que ele trata de transformar num grande templo, a avaliar pelas grossas paredes que se lhe antepõem, destinadas á nova frontaria da futura igreja.

Levou-nos até a sacristia, onde, sobre uma velha mesa, chamou a nossa atenção de incrédulos uma mal cavacada imagem de S. Fidelis, barbudo e feio, demasiado horrendo para ser adorado.

O Varela lá encontrou também e meteu no bolso um certo instrumento aviltante, tosco e usado, semelhantes aqueles que o Sr. inspetor da alfândega se recusou, não há muito, a despachar como puxadores para gavetas. Talvez padre Victor sinta a falta de tal instrumento para ensinar a doutrina!

Coari necessita com urgência de um edifício escolar apropriado e salubre. O local destinado à escola do sexo masculino, um quarto lúgubre e sujo, sem ar nem luz, no velho edifício onde funciona a intendência e juntamente a cadeia, em todos produziu a pior das impressões.

Alguns minutos antes de fundearmos em Coari, passou pelo "Virgínia" o aviso "Cidade de Manaus", que encontramos neste porto. Transportava do Piorini nove presos sob a guarda do inspetor de polícia Sr. Moreira, e tomou rumo de Manaus pouco depois da nossa saída, que se efetuou às oito e meia da manhã, terça-feira.

De Coari a Tefé tocamos nos seguintes portos, para tomar lenha, largar ou receber passageiros, malas do correio e carga: - Boca do Copeá, Laranjal, Bairro Alto, Catuá, Caiambé e Boca do Tefé.

No primeiro desses portos ficou o coronel Lucas Pinheiro que tomara o "Virgínia" em Coari. Possui aqui vastos seringais. O barracão, sólido e espaçoso, quase é atingido pela enchente, e já as águas lhe banham, em torno, a resistente estacaria de Massaranduba.

As canoas transportam a carga, enquanto a família e o pessoal do fábrico aguardam o patrão, debruçados sobre a extensa varanda de madeira, a refletir-se na superfície plana e amarelenta das águas.

De Coari para cima, a paisagem alegra-se um pouco, aqui e ali animada por alguns pequenos povoados ou barraquinhas isoladas de caboclos felizes, sem ambições.

A silhueta das árvores, em cada margem, ainda há pouco desenhando-se branda, indecisa, no céu nublado, recorta-se agora nítida, em grandes curvas irregulares. O verde sombrio e monótono da floresta dissolve-se em cambiantes diversas, principalmente nos pequenos oásis cultivados deste imenso deserto luxuriante e ubérrimo, onde as laranjeiras de contínuo florescem, o açaí retempera o sangue, e a canarana alimenta o gado anêmico de bordo.

E como que desafiando o tímido despertar desse fantástico e profundo sono da Natureza, o rio-mar, monstro gigantesco e indomável, semelhante a um grande molusco, distende em todas as direções seus enormes tentáculos, os quais por sua vez se ramificam em um sem número de paranás, furos e igapós, completando o aparelho circulatório que dá vida e seiva a este monstro titânico que é o Amazonas, como outro não há tão estranhamente, admirável e opulento.

Relatório sobre as condições medico-sanitárias do Vale do Amazonas 1913 - Coary

Oswaldo Gonçalves Cruz

Nesta localidade, situada a três dias de viagem de Manaus, paramos algumas horas. Coary é uma cidade de 600 habitantes que na ocasião das cheias recebe grande número de seringueiros, os quais para ali vêm depois da colheita da borracha, elevando-se então a população, segundo nos informaram, a duas ou três mil pessoas. A população de borracha no Município de Coary é bastante elevada, havendo alguns rios bastante ricos. O povoado fica situado numa enseada do Solimões, num alto barranco e não é atingida pelas enchentes. Atravessa a cidade um igarapé de margens baixas, parecendo ser a fonte de anofelinas.

Em torno da cidade há matas, não tendo havido o cuidado de abrir aí um espaço maior, de modo a colocar as casas numa clareira de suficiente largura.

Não nos foi possível encontrar, devido à época pouco favorável, os depósitos de larvas de eulicideos. Eles, porém, ficam sem dúvida nas margens do igarapé e nas épocas das cheias serão encontrados em qualquer ponto da cidade.

Expedição do Instituto Oswaldo Cruz ao Amazonas e Acre
Carlos Chagas e Pacheco Leão na Amazônia 1913

Examinando grande parte da população de Coary, ficamos surpreendidos diante do elevadíssimo índice endêmico, relativamente ao impaludismo. Todas as crianças examinadas, em número de 80 a 100, apresentavam considerável esplenomegalia e mostravam-se definhadas, a maioria delas em franca cachexia palustre. Nenhuma criança encontramos sem aumento considerável do baço. Em adultos tivemos também oportunidade de verificar infecções crônicas e outras agudas pelo impaludismo, causando-nos grande admiração alguns casos de considerável esplenomegalia, entre eles, numa mulher, cujo baço caíra no hypogastrio, onde se encontrava com dimensões consideráveis e num homem, cujo baço tomava todo o abdômen.

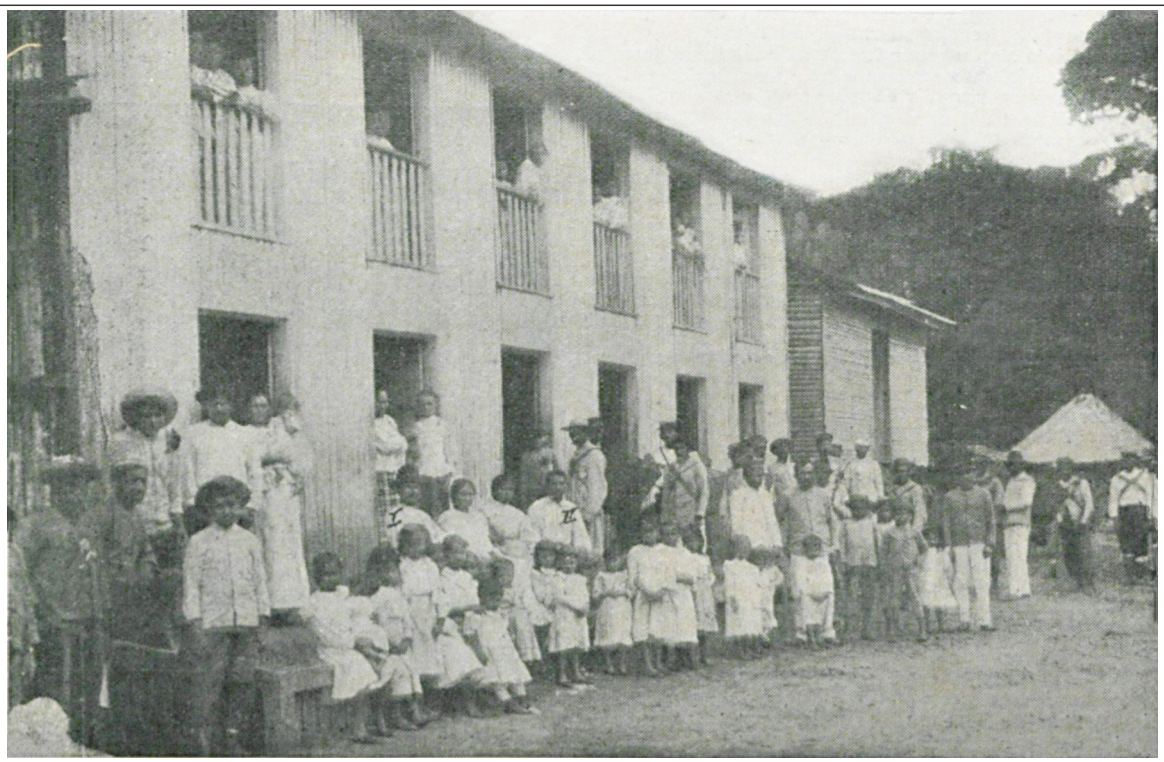
Observamos ainda uma criança com infantilismo, provavelmente devido ao impaludismo. Coary deve merecer como centro de produção de borracha a atenção do Governo nas medidas de profilaxia antimalárica.

Não encontramos em Coary espécie alguma de anofelinas, talvez pela época pouco propícia à proliferação desses eulicideos. Em diversos domicílios verificamos a presença do St. Calopus. Das informações colhidas nada nos foi possível deduzir relativamente a outras entidades mórbidas.

Encontramos também em Coary um caso de purú-purú, sob o aspecto de manchas negras, extensivas à mucosa bucal e de manchas brancas mais abundantes nas mãos.

A alimentação da população de Coary é a comum no Norte, predominando o peixe e a tartaruga. Há aí pequena cultura de cereais, nas proximidades da cidade, limitada a um mínimo quase desprezível, como atividade agrícola.

As residências de Coary são regulares e comparáveis as dos pequenos povoados do Sul. As casas são cobertas de telhas, sendo as melhores rebocadas e caiadas.



Barracão do Seringal Socó, no Rio Copeá de propriedade do Cap. José Ribeiro da Silva, Intendente Municipal de Coary.

Acham-se presentes:

1) O proprietário, tendo a sua esquerda a sua extremosa filha, Guiomar;

2) O gerente da casa, o Sr. F. Brazão, sua irmã D. Raymunda Brazão e parte do pessoal extrator, num dia de recebimento de borracha.

É, pois, um aspecto bizarro do sertão do extremo norte do Brasil, de cujas entranhas sai grande parte da receita geral da República.

Por outro lado, à vista da pasmosa porcentagem de crianças, também se pode concluir que a indústria extrativa da goma elástica favorece notavelmente o povoamento do solo.

Fonte: Reino da Borracha no Copeá – Revista "O malho" - 16-10-1909

Era meado do ano de 1903. E no final da tarde em Coari eram acesos os velhos lampiões de querosene, iluminando aqui na foto, a rua XV de Novembro, conhecida como "Rua da Frente"

Através do Amazonas (Impressões de viagens) — 1921

A impressão de uma visita a Coari em nada sugestiona o espírito do observador. Situada em terreno pouco elevado, à margem direita do Solimões, a vila é cortada, na frente, por um pequeno braço fluvial, que, avançado alguns metros, tenta dividi-la em dois bairros.

Torna-se desolador o aspecto geral da localidade, vendo-se as ruas invadidas pelo matagal viçoso e o solo crivado de enormes poças, onde as enxurradas se chocam, por falta de escoadouros. O terreno da vila é acidentado, e as edificações, na sua maioria, nada mais são que velhos casebres de taipa a evidenciar a miséria e o abandono.

O pouco número de habitações recomendáveis, algumas assoalhadas e outras com o chão cimentado, demora nas ruas Silvério Nery, Quinze de Novembro e Independência e na praça coronel Gaudêncio. Mas, os edifícios notáveis, são o da Intendência Municipal, reformado ultimamente, e a igreja de São Sebastião, no centro da praça do mesmo nome. Esse templo, de estilo pouco elegante, foi construído a tijolo e cimento e oferece magnífica impressão nas suas dependências internas, sendo o ladrilho todo de mosaico. Do recinto principal parte uma bela escada de caracol, pondo-o em comunicação com o coro e, daí, por meio de outra escada, com a única torre existente no frontispício da nave.

As obras do templo ainda não foram concluídas, achando-se a frente desse empreendimento uma comissão zeladora chefiada pelo coronel Francisco José Pereira de Carvalho. Trabalhando pela conservação da igreja, o sacristão tem o cuidado de fazer repicar o sino todas as manhãs de domingo ou dias feriados, chamando os romeiros ao serviço de capinação e asseio da praça, onde o matagal prolifera continuamente, transformando-a em campo de pastagem dos animais que vivem à solta.

O comércio local compõe-se do elemento sírio, contando-se as casas "Nova Síria", de Moraes e Addad; "Novo Mundo", de Miguel e Irmão, e as mercearias de David Antônio, Miguel Jorge, Antônio Litaiff, Camilo José e Abrahim Azulay. Os preços dos gêneros de primeira necessidade são os seguintes: ¼ de tartaruga, 1$500; 1 quilo de pirarucu fresco, 1$000; uma cambada de peixe, de $500; a 1$000; 1 quilo de farinha, $500; 1 quilo de feijão, $600; uma mão de milho, $700; ovos, a $100. Os artigos de moda são vendidos por preços razoáveis.

Possui a vila uma delegacia de polícia, de que é delegado o tenente Pedro Ferreira de Souza; uma agência postal, bem organizada e dirigida pelo coronel Francisco Carvalho e uma coletoria estadual, a cargo do Sr. João Batista de Carvalho, notando-se nesta completa falta de selos e de papel selado.

A instrução local tem tomado algum incremento com o funcionamento de uma escola particular, mantida e regida pelo professor Benedito Edelberto de Góes; da escola mista estadual, dirigida pela normalista Cesarina Ponce de Leão e da escola mista municipal, regida pela professora dona Maria Guimarães Pinheiro. As aulas do professor Edelberto funcionam com doze alunos, e mais ele não recebe, porque a sala da casa em que mora não comporta maior número.

O chefe político da localidade é o coronel Lucas Pinheiro, que, a contento da população, exerce as funções de superintendente municipal e acompanha a política dominante, sendo a oposição chefiada pelo major Deolindo Dantas. Outros políticos situacionistas, divergentes, seguem a orientação política do Dr. Virgílio de Barros, que prestou relevantes serviços à localidade, tendo até mantido, quando superintendente, um bom serviço de iluminação pública, que hoje não existe.

O clima do município, como o de todo o vale do Amazonas, é quente e úmido, sendo de trinta e seis graus a sua maior temperatura. Chove ali de modo irregular e com abundância, exceto nos meses de julho e agosto.

Os principais males, que afetam a saúde da população, são as feridas bravas, a verminose, o paludismo e as febres catarrais. No entanto, não existe ali nenhum médico, tampouco farmácia. Nos transes mais dolorosos, os doentes são amparados pelo farmacêutico Benedito Edelberto de Góes, que, valendo-se de seus preparados medicinais e de outros remédios adquiridos com grandes sacrifícios, não tem poupado esforços em combater as enfermidades, livrando muitos infelizes das garras da fatalidade.

Ultimamente, esse abnegado descobriu um unguento de grande eficácia no combate as feridas bravas, assim como um colírio de efeitos positivos no tratamento de moléstias dos olhos.

Na falta de produtos farmacêuticos, o professor Edelberto recorre aos remédios homeopáticos e até mesmo as dosagens caseiras, aplicando continuamente cozimentos de ogervão como soporífico pronto e seguro no tratamento de defluxos e cozimento de alfavaca como paliativo as bronquites e febres catarrais.

Não exige nenhum recurso pecuniário dos seus clientes e contenta-se em viver naquela vila com sua família quase à míngua, envergonhado da sua pobreza, mas sempre orgulhosos do seu caráter de homem honesto e laborioso.

Vem a pelo salientar que a vila de Coari é farta de peixes e tartarugas, mas não possui mercado. Os gêneros são vendidos no porto ou nas ruas pelos caboclos que chegam dos lugares adjacentes. A população da vila não passa atualmente de cento e vinte habitantes, quando antigamente ascendia a um número considerável, acontecendo que muitos habitantes em certas épocas do ano, moravam em canoas fundeadas no porto.

As únicas embarcações que trafegam normalmente, no município, são as lanchas "Fausto", do coronel Lucas Pinheiro; "Alvorada", do major Deolindo Dantas; "Carlos Alberto", de José Joaquim de Souza e "Macambira", de Pedro Nolasco de Melo. Percorrem continuamente os lugares ribeirinhos, onde os seus proprietários fazem o comércio de regatão, comprando castanha, pirarucu, tartarugas e frutas em troca de outros gêneros.

As principais produções do município são a castanha e a borracha, as quais têm minorado, de algum modo, a sorte dos seus habitantes.

Numa viagem que fiz da vila ao lago Cajuiri, onde existe a antiga aldeia dos índios Miranhas pude contar as seguintes propriedades ribeirinhas: "Travessia do Coari", de Emílio Nunes; "Esperança", de Samuel Gonçalves da Silva; "Paraíso", dos herdeiros de José Marques; "Cantagalo", de José Azulay; "Santa Rosa", de José Ignácio; "Cassiporé", de Tomás Montenegro; "São Paulo", do Dr. Anísio Jobim; "Porto Alegre", de Cândido de Lima; "Casa Branca", de José Cohen; "Engenho", de Francisco Costa e Teófilo Monteiro de Aguiar; "Floresta", de Anastácio Marques.

No lago de Coari entre outras contam-se "Bom-an", de Isidoro do Carmo; "Patauá", e "Alvelos", (antiga freguesia de Coari), do major Deolindo Dantas.

Na propriedade do Dr. Jobim (Anísio Jobim) vi alguns espécimes de gado bovino, aves domésticas e um bem cuidado jardim onde há flores e trepadeiras de várias matizes. (Gondim, 2001)

A Vila de Coary foi construída a princípio com dois bairros: o primeiro foi Santana (Tauá-mirim), onde foi localizado o primeiro núcleo de "Coari Novo" e construído as primeiras habitações. Segundo Stradelli, Tauá-mirim significa "aldeia pequena ou aldeiazinha".

O segundo bairro foi denominado São Sebastião (Centro), local construído para ser a região comercial da vila

O igarapé de São Pedro separava os bairros de Tauá-mirim e o Centro, sendo ligados por uma grande ponte de madeira de lei, assentada sobre arcadas de alvenaria. Ela media 120m de comprimentos e 3m de largura. Era um ponto mais frequentado pelos coarienses no início do século XX – (Foto de 1924).

O Trágico Naufrágio Acontecido em Coari – 1926

Eros Divino Maia Alfaia

O Naufrágio do Vapor Paes de Carvalho no ano de 1926

Os pacatos moradores do Distrito do Camará, o primeiro da Vila de Coari, no rio Solimões, não acreditavam no que viam durante aquela fria madrugada de inverno amazônico… Era 22 de março de 1926.

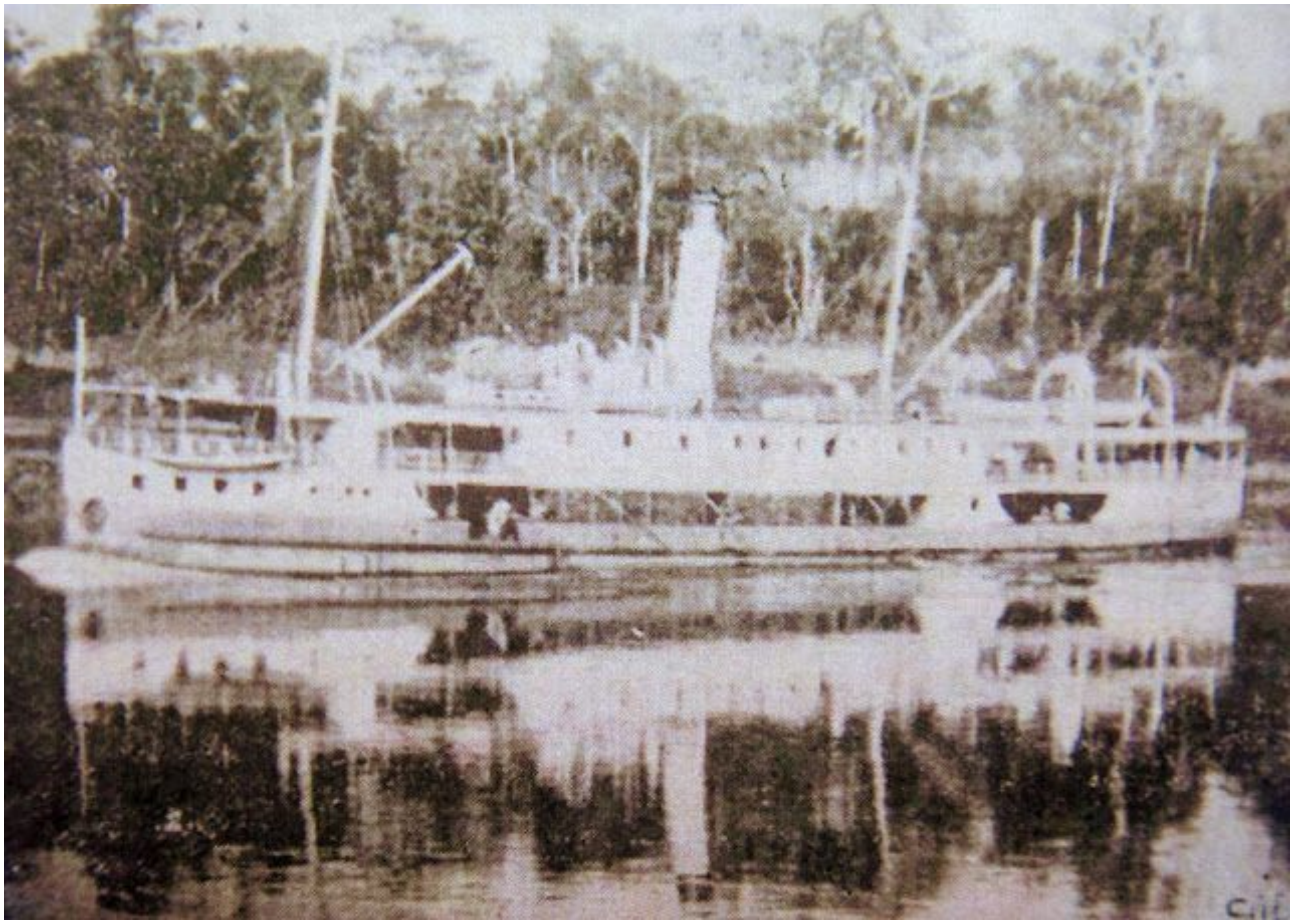
Numa distância de cerca de cem metros da margem, o navio à vapor, Paes de Carvalho, vindo de uma longa viagem, iniciada há semanas atrás, na cidade de Belém do Pará, é consumido pelas chamas famintas de um incêndio infernal! Inimaginável.

Mas aquele povo do Camará teve que agir rápido, pois havia muita gente viva, ou lutando para sobreviver, nas águas agitadas do rio.

O desespero tomou conta de muitos. Não restava outra saída, a não ser pular nas águas do Solimões! Foi o que muitos a bordo do navio fizeram. Ou pelo menos, os que conseguiram, pois, muitos findaram carbonizados. Homens, mulheres e crianças… Muitos índios, caboclos e nordestinos, muitos nordestinos. Mas na primeira classe havia gente graúda, rica, de boa família do Estado.

Os conhecidos moradores da Vila de Coari, Sebastião Salignac e o Capitão da Guarda, José Ribeiro da Silva, viajavam na primeira classe também. Dos dois, só o primeiro conseguiu, a nado, chegar à terra. O Capitão Silva deixou viúva e filhos à ocasião, infelizmente.

Aquela gente do Camará, pegou suas canoas e batelões, foram ao confronto, do rio e do naufrágio terrível e infernal, ao desafio de salvar vidas! Havia vários tipos de vidas a bordo, pois, além dos humanos que viajavam, cargas vivas eram transportadas também! Equinos, bovinos, suínos e aves.



Vapor Paes de Carvalho

Todos misturados aos pobres e desassistidos passageiros de terceira classe! Em geral, índios e nordestinos.

Aquela gente do Camará, pegou suas canoas e batelões, foram ao confronto, do rio e do naufrágio terrível e infernal, ao desafio de salvar vidas! Havia vários tipos de vidas a bordo, pois, além dos humanos que viajavam, cargas vivas eram transportadas também! Equinos, bovinos, suínos e aves. Todos misturados aos pobres e desassistidos passageiros de terceira classe! Em geral, índios e nordestinos.

Às três horas e quarenta e cinco minutos, aquele inferno todo havia começado, com uma explosão na popa do Vapor! Por ser madrugada, a grande maioria dos passageiros dormia e sonhava com a chegada a uma nova oportunidade, ou a sua Vila de destino. Logo estariam no porto do sobrado dos Dantas, na velha Vila! Ainda daria tempo de ir até à Praça Péricles de Moraes para comprar algumas castanhas e outras guloseimas pra seguir viagem. Bastava atravessar a ponte do igarapé de São Pedro. Mas jamais chegariam a Vila naquela madrugada.

A viagem, a muitos, havia iniciado em Belém, porém só findaria em Cruzeiro do Sul, no Acre. Eram muitos nordestinos sem rumo, em busca de ficar rico com a ilusão do fatídico final do período áureo da borracha, que já dera o que tinha que dá. Foi um acidente fatídico, sem medidas, apesar de que o vapor vinha abarrotado de combustível: líquido e pólvora! Uma verdadeira bomba relógio!

Disseram haver 150 almas a bordo, mas naquele tempo, assim como hoje, já havia negligência! E o lucro também.

Enquanto o Paes de Carvalho subia, o Índio do Brasil baixava, estavam há apenas uma hora de se cruzarem, logo após a ilha da Botija… Ambos, os vapores, eram de uma mesma firma de navegação, uma firma inglesa.

O professor Rubem Dário Lisboa Lima, ajudou a salvar 03 pessoas que ficaram à deriva no rio. Foi uma das testemunhas do acidente. Lecionava no Camará na época.

O Capitão José Ribeiro da Silva era uma personalidade no cenário político da Vila de Coari na época, estava a bordo do Paes de Carvalho, mas não conseguiu sobreviver.

Mas quando o Índio do Brasil se aproximava da beira, no lugar do Camará, viu um movimento mais do que fora de ordem àquela hora da manhã. Dia clareando, cheiro de fumaça no ar, mais gente do que o normal pela beira. Gritos, choros, angústia, muitos agasalhados com lençóis do povo da comunidade. A população do Camará explicou que o Paes de Carvalho explodiu, próximo à ilha da Botija, baixou e afundou exatamente em frente a comunidade.

Tentaram salvar os que puderam, mas, muita gente de Coari, Tefé, Belém, Manaus e do Acre, tiveram seu fim ali mesmo. Até mesmo os arigós, naquelas águas, ou no fogo medonho da madrugada.

O Índio não encontrou mais o Paes, muito menos João de Deus, o comandante do Vapor, que deixou uma viúva e nove filhos em Belém. Assim como tantos outros também deixaram. O povo do Camará nunca esqueceu dessa história. Através dela, a comunidade ficou famosa, em jornais e revistas, de toda a região amazônica, e até do país! Tão cedo não seria esquecida.

Por muitas e muitas gerações, os moradores repassaram o ocorrido a seus filhos, netos e bisnetos. Foi um fato que uniu gerações, por décadas, através da história oral. Se tornou o maior "causo" já ocorrido com aquela gente que ali vivia. Mas, após mais de noventa anos decorridos, o fato foi sendo esquecido, outros acidentes fluviais foram tomando a memória das novas gerações, da modernidade…

Porém, os que buscarem no hoje, informações precisas sobre tal acontecimento, vão se deparar com um desfecho apresentado pela mídia daquela época, no mínimo, injusto, e até certo ponto pretensioso.

Os jornais deram notícias de que o incêndio começou com as cinzas do fumo de uma passageira idosa, da terceira classe. Acordou de madrugada, com vontade de fumar seu cachimbo, e assim, uma fagulha chegou até os barris de pólvora!

Quer dizer, a corda arrebentou para uma mulher, cabocla, pobre, idosa, tabagista, culpada por entupirem o vapor com combustível, e por terem ultrapassado a lotação máxima da embarcação. Sempre foi assim.

Mário de Andrade - Ponte em Coari - 11 de junho de 1927

Visita do Poeta Mário de Andrade à Vila de Coari — 1927

11 de junho — De madrugada nos envolveu uma névoa tamanha que o Vaticano[45] parou. Só andou já de manhã, enveredando para a boca do Mamiá, onde tinha uma fazenda simpática, bem pitoresca, grande apuro de arrumação. O dono nem aparecia mais, leproso.

A mulher, também leprosa, vinha conosco a bordo, só agora sabemos. Os filhos também leprosos. Deu um aspecto absolutamente tétrico na paisagem, nem se pensou em descer, está claro. No entanto, não tem pouso em que não desçamos. E depois são os banhos de cachaça para derrubar a carrapatagem mucuim. Ali pelo meio-dia descemos na bonitinha vila de Coari, uma vontade de desafogar. Tudo era bonito, tudo era são, a ponte gentil.

Compramos castanhas, comemos castanhas em quantidade. Calor. Partimos rebocando um canoão e o tal vendedor de fruta, negro, que faz parar os navios da Amazon River com um canhãozinho. Hoje conversamos bastante com o gênio de bordo. A princípio imaginamos que era maluco, mas não era não, era gênio, todos afirmam. Parece também que é vigarista, mas não terei a experiência. É assombroso que um vaticano destamanho pare num lugarejo chamado São Luís só para entregar uma carta. Não fiz trocadilho não: é o tamanho do navio, mesmo.

1º de julho — Manhã de chuva. Parada pra lenha em São Sebastião. Passou uma lancha com soldadesca, indo para Coari, onde mataram o prefeito.

45. O barco Vaticano São Salvador, da empresa de navegação Amazon River que fazia linha para Iquitos, no Peru.

Coari, 11 de junho de 1927/ Manacá Trombeta e Balança apelidos das viajantes: Olívia Guedes Penteado, Dulce do Amaral Pinto e Margarida Guedes Nogueira. (Notação no verso).

O Assassinato de Herbert de Azevedo

O Jornal Acreano "A Reforma" publicou na seção "Informações Telegráficas" as seguintes notícias em 3 de julho de 1927:

Um bando de castanheiros, superior a 20, assaltou a vila de Coary, assassinando o prefeito municipal Dr. Herbert Azevedo e mais quatro pessoas. O Dr. Herbert Azevedo, era filho idolatrado do coronel, jornalista e escritor Raul de Azevedo, deputado amazonense e administrador dos Correios do Amazonas e Acre.

Acabam de chegar a Manaus, os Drs. Anísio Jobim e Rocha Barros, juiz de Direito e Promotor da vila de Coary, respectivamente.

Em demanda da Vila de Coary, segue amanhã, o vapor "Alegria", com um contingente de 40 praças, 2 sargentos, 4 cabos e 2 metralhadoras. A fim de apurar a responsabilidade dos fatos desenrolados ali ultimamente, foi nomeado em comissão o Dr. Raymundo Vidal Pessoa.

A expedição, que se destina a vila de Coary, vai sob o comando do Tenente Alexandre Montoril, e como médico o Capitão Dr. Tariano Meira, conduzindo ambulância. No "Alegria" viaja também o tenente Gualter Marques Batista, nomeado promotor para servir na apuração da responsabilidade dos culpados da tragédia de Coary. Logo após a luta sanguinária da Vila de Coary, os desordeiros foram ao lugar "Apaurá", sob a chefia de João Barreto Cruz, que ficou gravemente ferido. O tenente Zany Reis, que exercia o cargo de delegado da Vila de Coary, escapou dos sangrentos acontecimentos daquela localidade.

Herbert Azevedo

Relatório Final do Inquérito

Passamos hoje para as nossas colunas, a jurídica e bem fundamentada denúncia apresentada pelo nosso prestimoso e querido companheiro Gualter Marques Baptista, no caso dos assassinatos desenrolados no Município de Coary, Estado do Amazonas.

"Excelentíssimo senhor doutor juiz de direito designado para servir em comissão especial nesta comarca de Coary — O promotor público ad'hoc no exercício de atribuição que lhe é conferida por lei e baseado nos autos que esta acompanha, vem perante v. exe. denunciar de Pedro Flores Ferreira, Victor Flores Pereira, Argemiro Garcia, Raymundo Gomes da Silva, vulgo Pica-pau; Inocêncio Lopes Pereira, Antônio Lopes Pereira, Manoel Domingos da Costa, Silvarino Serra, Ludgero Pereira, Manoel Pereira, vulgo "Três Quartilhos"; Vicente Bartolomeu, Antônio Monteiro, vulgo "Porquinho"; Manoel Pereira, vulgo "Veado"; Manoel Paulada Silva, Ignacio Souto dos Santos, João Nazareth da Cruz, Raymundo Nonato da Cruz, Isaac Cohen, José Carvalho, vulgo "Pipira"; Manoel Lage e Antônio Zany dos Reis, este, tenente da Força Policial do Estado e aqui comissionado, aqueles moradores no lugar denominado "Apaurá", deste município e comarca, atualmente reclusos à cadeia pública local, com exceção da Isaac Cohen, Antônio Lopes Pereira e José Carvalho, vulgo "Pipira", que andam foragidos e se acham, portanto, em lugar incerto e não sabido, pelo fato delituoso que passa a expor:

— Em meados do mês de junho último o delegado de polícia, tenente Antônio Zany dos Reis, tendo conhecimento de que Manoel da Cruz Barreto e Isaac Cohen insuflavam constantemente a Pedro Flores Pereira e Victor Flores Pereira para fazer as sucessivas ameaças de morte de que se diziam vítimas João Ferreira de Araújo e Francisco Assis Ferreira de Araújo, no referido lugar "Apaurá", onde também residem, mandou intimar, por intermédio do respectivo agente de polícia distrital, cidadão Antônio Mendes, os mesmos Manoel na Cruz Barreto e Isaac Cohen para virem à delegacia dar explicações a respeito desse procedimento reprovável e prejudicial à tranquilidade do lugar. Aguardava, pois, o tenente Zany, a vinda de Manoel da Cruz Barreto e Isaac Cohen para, então, com a presença de ambos, solucionar o caso do "Apaurá", quando, às primeiras horas da noite de vinte e dois de junho, chegaram a esta vila, em duas embarcações — um batelão e uma canoa possante, — não somente Manoel da Cruz Barreto e Isaac Cohen, como também os demais denunciados, habitantes da zona do "Apaurá", quase todos armados de rifle e revólver, com o fim preconcebido de suplantar pela força, de que dispunham, o delegado de polícia, tenente Zany e o promotor público da comarca, Dr. Manoel da Rocha Barros, a quem votavam ódio satânico e mortal.

Atracaram suas embarcações ao porto, mais ou menos às dezenove horas, e aí ficaram na quietude intencional de criminosos verdadeiros que esperavam apenas o momento propício de estabelecerem a luta, da qual diabolicamente tinham a certeza que lhes caberia a vitória, porque contavam com a surpresa do ataque premeditado, a superioridade numérica dos componentes de seu grupo, armados e municiados convenientemente que estavam para aquela sinistra empreitada.

Na manhã do dia seguinte, isto é, do dia vinte e três de junho, logo cedo, pelas oito horas, compareceram Manoel da Cruz Barreto e lsaac Cohen, acompanhados de Silvarino Serra e Manoel Domingos da Costa, ao edifício da Prefeitura Municipal, onde dava o expediente, num dos seus compartimentos, o respectivo delegado de polícia, tenente Zany. Atendendo-os, a autoridade policial logo notara a atitude francamente hostil dos indivíduos que se achavam em sua presença para dirimir uma acusação cujos fundamentos se estavam averiguando regularmente. Em meio às indagações que fazia o tenente Zany teve de mandar recolher ao xadrez Pedro Flores Pereira e Victor Flores Pereira, que, chamados, ali se portaram desatenciosamente e com visível desrespeito à pessoa do delegado.

Quando seguiam os dois para a prisão correcional, escoltados por um praça da força policial, o único que compunha o destacamento local, correram em direção ao porto, lugar em que se encontravam suas embarcações atracadas, a bordo das quais se achavam os companheiros de insurreição. A combinação estava feita e, ao primeiro grito de Pedro e Victor Flores Pereira, todos, de arma em punho, partiram em demanda da Prefeitura e, inopinadamente, atacaram a quantos ali se encontravam, num verdadeiro bombardeamento.

Contra esta investida brutal e insidiosa vieram o Dr. Herbert Lessa de Azevedo, prefeito municipal; o Dr. Manoel da Rocha Barros, promotor da comarca e os funcionários municipais que por essa ocasião se achavam no desempenho de suas obrigações quotidianas. Ante a estupidez da agressão, o doutor Herbert e o tenente Zany lançaram mão de suas armas, revólver que conduziam no bolso e não trepidaram, estoicamente, tentaram repelir os bandidos atacantes. Em dado momento, Manoel da Cruz Barreto, aproveitando-se da confusão, ia se escapulindo, saltando uma das janelas, naturalmente para ir se reunir ao seu bando malfeitor.

Amedrontado, talvez, por essa possibilidade perigosa, o tenente Zany disparou seu revólver contra o fugitivo, pondo-o por terra, gravemente ferido, desse ferimento vindo hoje a falecer. Enquanto isso se passava à porta da Prefeitura, o doutor Herbert impedia, a tiros de revólver, que a horda de celerados penetrasse o edifício. Todavia, a disparidade de forças e de meios ressaltava aos olhos de toda a gente! Pedro Flores Pereira fez pontaria certeira com o seu rifle e alvejou, em pleno ventre, a queima-roupa, o doutor Herbert, que ainda assim, profundamente atingido, feriu-o no braço homicida com a bala do revólver que detonara na luta em que se viu envolvido estupidamente.

O pânico estabelecido foi horroroso, não é possível descrevê-lo. Refugiado no sótão que há nos altos do edifício da Prefeitura, o doutor Herbert, o doutor Barros, o tenente Zany, Francisco Fraga e José Dantas da Silveira, dali se puderam evadir o doutor Barros e o tenente Zany que escaparam miraculosamente, por este meio, à sanha dos criminosos terríveis. José Dantas da Silveira, porém, na ocasião em que, do telhado da Prefeitura, procurava passar para o teto de uma casa contígua, foi alvejado pela bala do rifle que disparou, sucessivas vezes, Victor Flores Pereira, demorando a pontaria, cujo projétil, seguro, alcançara-lhe o rosto, deixando-o em estado melindrosíssimo.

Cessada a fúria que reinava entre os facínoras, puderam algumas pessoas retirar do sótão da prefeitura o Dr. Herbert de Azevedo, que sucumbia horas depois, em consequência do ferimento recebido. Assim procedendo, Pedro Flores Pereira incorreu na sanção do artigo duzentos e noventa e quatro do Código Penal da República, Victor Flores Pereira na do Art. 294, combinado com o Art. 13 do mesmo Código e todos os outros denunciados no mesmo Art. 294 de combinação com o art. 21 e parágrafo 1º, menos o tenente Antônio Zane dos Reis, que está incurso no artigo duzentos e noventa e quatro do citado código.

Herbert Azevedo

E, para que sejam punidos devidamente, se oferece a presente denúncia a fim de que, recebida, tenha lugar o processo da formação de culpa, em dia e hora previamente designados, notificando se as testemunhas abaixo arroladas para depor em presença dos acusados que já estão à prisão, feitas as diligências necessárias, inclusive a citação por edital, com o prazo de trinta dias dos acusados Isaac Cohen, Antônio Lopes Pereira e José Carvalho, vulgo "Pipira", que se encontram em lugar incerto e não sabido.

Rol de testemunhas: – Primeira, major Deolindo Alfredo Dantas; segunda, Benevenuto Lima; terceira, Landolpho Euclydes de Oliveira; quarta, Manoel Nogueira da Silva; quinta, Aristotelina Gonzaga de Oliveira.

Informantes: — José Dantas da Silveira, Francisco Fraga, Antônio Mendes, João Ferreira de Araújo, Francisco de Assis Ferreira de Araújo, Luiz Abreu de Queiroz, — todos residentes nesta comarca. Coary, nove de julho de mil novecentos e vinte e sete.

(Assinado) Gualter Marques Baptista, promotor público "ad hoc".

Na denúncia acima transcrita proferiu o Juiz o seguinte despacho: — "Recebo a denúncia constante da presente, para fins legais, cite-se os acusados na forma requerida, para assistirem à formação da culpa que será iniciada no dia dez de agosto próximo, às nove horas da manhã, no edifício da Prefeitura e na sala das audiências. Ciente a Promotoria e notificadas as testemunhas. Em nove de julho de mil novecentos e vinte e sete. (Rubrica): — Raymundo Pessoa".

Os Seus Últimos Momentos
Depoimento de Abguar Bastos

Ainda sob a impressão acabrunhadora dos últimos acontecimentos, de que esta vila foi teatro, escrevo-lhe para, minuciosamente, relatar-lhe o que vi e o que ouvi a respeito.

Na manhã de 23 de junho, saiu de casa, em direção ao edifício da Prefeitura para atender ao expediente diário, o Dr. Herbert de Azevedo, o qual, muito alegre, me perguntara se eu nada queria de fora; dizendo-lhe eu que mais tarde iria até à Prefeitura. Mais tarde, fui até a porta da rua, e vi que alguns indivíduos saiam da Prefeitura acompanhados de uma praça em direção a ponte.

Ao aproximarem-se da mesma, todos, quase a um tempo, correram para o lado do rio, penetrando no batelão que os transportara à vila, saindo logo, armados de rifle, aos disparos, que calculei serem para a praça que os conduzia, o que efetivamente era, pois, a praça correra para o interior do prédio de residência do delegado, nas imediações da Prefeitura. Imediatamente os atacantes cercaram a Prefeitura enquanto várias detonações estrondavam. Estabeleceu-se o pânico. Ao ver que a Prefeitura era atacada, corri à sala, dali retirando um rifle, com ele saindo em direção a ponte. Ao verificá-lo, notei que o mesmo estava desarmado, perguntando ao empregado que me seguia se não havia balas em casa. Recebendo resposta negativa, voltei, ao mesmo tempo que o dito empregado me dizia: — Não vá porque são muitos. Olhei em direção ao local do conflito e vi mais de quinze homens, desorganizados, a dispararem para o recinto da Prefeitura as suas armas.

Diante disso, imponente, fiquei encostado à porta, sofrendo uma das maiores angústias da minha vida, e que era de ver um amigo dedicadíssimo exposto à sanha duma facção embriagada.

Alguém lhe meteu uma vela nas mãos. Ficou-lhe segurando o Sr. José Joaquim Pereira. Apenas um termo breve, de vez em quando. Estava comatoso. Antes um desejo de dizer alguma coisa. Chegou a dizer-me:

— Eu quero falar-te depois. É uma conversa de muito interesse.

Mais tarde: — Fez o que eu te disse?

Pensava que já tinha falado. Para não o impressionar, assenti.

Tomei-lhe o pulso. Escutei-lhe o coração. Cessava o movimento vital. Era o momento em que a lancha se aproximava. Não era mais preciso.

Eis os fatos de que fui presente, reais, sob a minha palavra de honra.

Várias testemunhas dizem que ele se portou com incrível heroísmo.

Afrontou a morte como um verdadeiro herói. As causas o meu amigo já sabe. Não fez referência a ninguém.

Calmo e forte não verteu uma lágrima. Profetizou a morte logo após o ferimento.

A uma visitante em Coari, professora pública, disse:

— Vim morrer em Coari..., disse com ironia pungente.

Vesti-lhe um seu fato azul-marinho. Logo que se espalhou a notícia da sua morte, mesmo afrontando as balas miseráveis que ainda estavam na vila, quase toda a população veio à casa mortuária.

Era muito querido. Noutro dia, de manhã, uma velhinha veio a minha residência e na porta da rua chorou como uma criança...

Diário Oficial, Manaus, 23 de junho de 1928

In Memorian de Herbert de Azevedo

Local: Manaus - Editora: Palácio Real

Data: 1930 - Coleção: Amazoniana

Notícias de Coari

No dia 13 de julho de 1891, o jornal alagoano "O Horizonte" publicou:

Onze Empregos

Segundo refere o "Diário de Manaós" existe na vila de Coary um rapaz lá de 18 a 19 anos, de nome Moysés João Guimarães, o qual, graças à incontrastável influência política do seu protetor, é uma verdadeira maravilha empregomania, uma criança que promete muito:

Este esperançoso menino é filho unigênito do senhor Jesuíno Marinho, capitão da guarda nacional e 1º suplente do juiz municipal. Acha-se atualmente em exercido dos seguintes empregos, que, ao que parece, pelas leis que vigoram cm Coary não são incompatíveis:

1* Escrivão de delegacia de polícia.

2* Escrivão do juiz de paz.

3* Escrivão do júri.

4* Escrivão de órfãos.

5* Escrivão das hipotecas.

6* Escrivão do registro civil.

7* Oficial privativo dos casamentos.

8* Tabelião público.

9* 2º suplente da delegacia de polícia.

10* Agente de fazenda do Estado

11* Agente do correio

Este precocíssimo menino é ainda tenente da guarda nacional. Membro do diretório do partido democrata, ex-amanuense da Intendência Municipal e ex-protegido do Coronel Gaudêncio.Que raio de menino! É o que na gíria se chama uma "turuna".

O MENINO VADIO

Quis um menino vadio
Algum bom prêmio ganhar
Mas queria ele o tal prêmio
Sem as lições estudar.

O que fez o meu garoto?
Com um colega falou
E dentre muitos projetos
Este enfim apresentou:
- As bananas do jantar
Eu te darei se quiseres,
Mas tu me darás em troco
Todo o prêmio que obtiveres.

(O menino é como macaco!)
E o meu vadio brincando;
Viu-se no teto paterno
Cheio de prêmios brilhando.
Não se admirem do fedelho
Se mostrou ser grande arteiro,
Que entre nós crianças trocam
As comendas por dinheiro.

Eugênio Jorges.

* No dia 17 de fevereiro de 1880, o jornal maranhense Pacotilha noticiou:

«Converteu-se a fé católica apostólica romana tendo abjurado a lei de Moysés, o hebraico David Abdarham, que há muitos anos reside nesta província e vivia na vila de Coary, onde passou há algum tempo para esta capital. O novo convertido, achando-se doente procurou o pastor católico da freguesia, o Revd. padre Dr. José Manoel dos Santos Pereira, para em suas mãos fazer a sua abjuração, sendo antes instruído por este, nos principais dogmas da religião católica.

Depois de haver o converso recebido a água do batismo, casou-se com a Sra. Lucinda Maria do Carmo, com quem vive há algum tempo e tem filhos. »

* Em março de 1881, o jornal "Correio Paulistano" Noticiou:

"No dia 17 de março, pelas 9 horas da manhã, sentiu-se na vila de Coary, província do Amazonas, um tremor de terra que durou alguns segundos. Foi percebido claramente o estremecimento que produziu nas casas e nos móveis. Felizmente, não causou estragos e a população não se tomou de grande susto".

* Em 17 de fevereiro de 1883, o jornal maranhense "PACOTILHA" noticiou: foi criada uma coletoria na vila de Coary.

* Em maio de 1885, no jornal Carioca "A Imigração" noticiou:

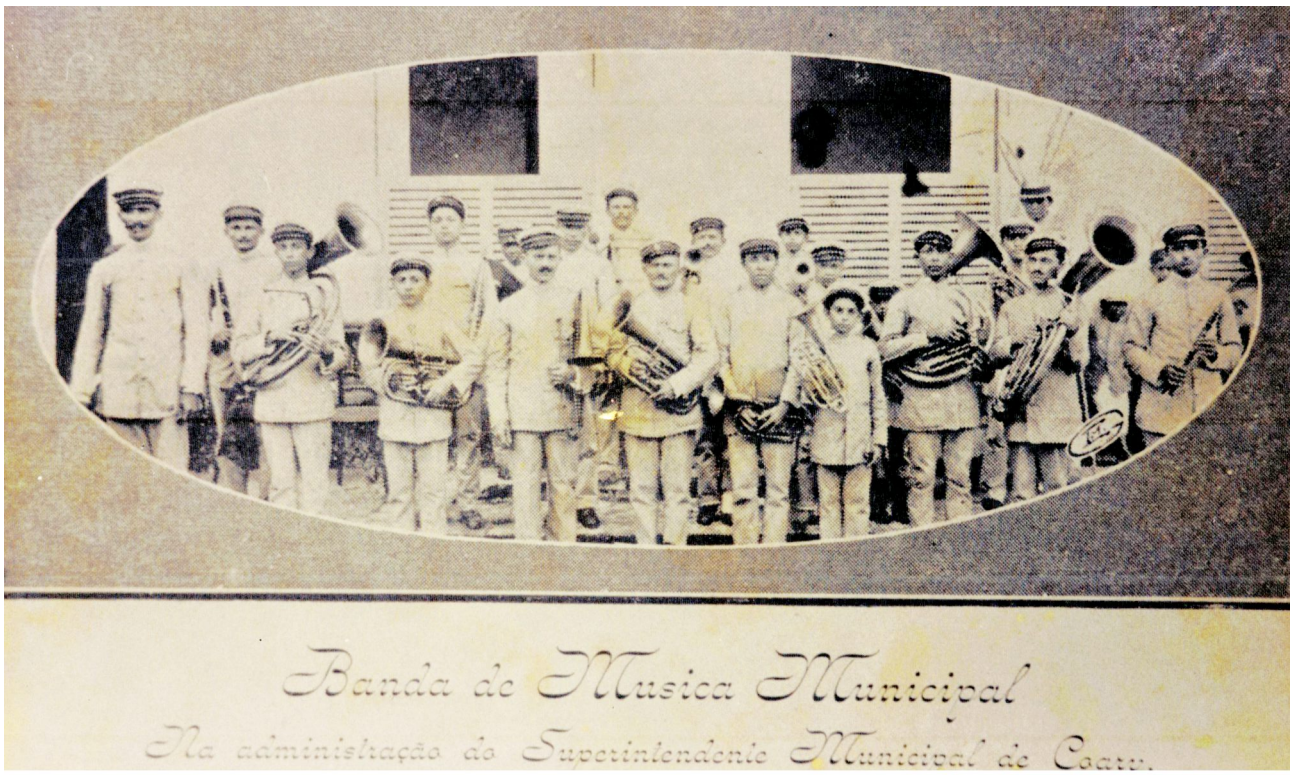
Coary - O Sr. Jesuíno Felix Marinho, agente do correio na vila de Coary, comunica-nos que existe naquela localidade grande quantidade de bons terrenos devolutos. A Câmara Municipal não tem patrimônio. O clima é saudável e existe ali água em abundância.

* O Jornal mato-grossense "O Pharol" noticiou em 17 de julho de 1909:

A BANDA MUNICIPAL

O Malho nº 349 de 22 de maio transato, estampou na página 12, como amostra do progresso no município de Coary no estado do Amazonas, um quadrozinho da Filarmônica Municipal Coariense.

"Fotografia tirada a 15 de janeiro último, depois da alvorada pelas festas daquele dia em comemoração da posse do governo municipal e inauguração da banda, que teve o seu início em junho do ano próximo findo, sob a regência do hábil professor Hermógenes Saraiva da Silva".



Criação da Banda Municipal de Coari em 1909

A MUSICA NO EXTREMO NORTE

Em Coary, Amazonas: *Philarmonica Municipal Coaryense.* — Photographia tirada a 15 de Janeiro ultimo, depois da alvorada pelas festas d'aquelle dia, em commemoração da posse do governo municipal e inauguração da banda, que teve o seu inicio em Junho do anno proximo findo, sob a regencia do habil professor Hermogenes Saraiva da Silva.

(*Cliché do habil photographo Olgar de Castro*)

Revista "O Malho" - Ed. 349 ano VIII – 22 de maio de 1909

Ecos do governo Efigênio Sales

* No dia 15 de fevereiro de 1930, o Jornal "Correio Paulistano" Noticiou:

Radiograma do general Rondon, de Coary, felicitando o antigo governador pela obra radiotelegráfica realizada no estado.

MANAUS, 14 (A.) — O general Rondon, em viagens para a fronteira com o Peru, radiografou de Coary[46] ao Sr. Efigênio Sales, felicitando-o, mais uma vez, em termos elevados, pela grande obra realizada durante seu governo, instalando estações, radiotelegráfica no interior do Estado. O general Rondon acentua nesse despacho que só esse serviço bastaria para a benemerência do governo do Sr. Efigênio Sales.

Emancipação Política de Coari

Coari no início da década de trinta era uma das cidades mais próspera do interior do Amazonas, tendo a maior produção agrícola do estado e sua infraestrutura já era bem organizada, com vários serviços disponíveis aos seus munícipes. Coari já possuía edifícios, ruas, praças, estação de radiotelegrafia e iluminação elétrica.

A então Vila de Coari se destacava num elevado progresso, em que se constatava um aumento expressivo de sua população, assim como seu promissor comércio através da exploração de suas riquezas naturais. É notório também que já havia escolas e o ensino primário já era satisfatoriamente propagado.

E pelo lado político, o então prefeito Alexandre Montoril, fazia parte do grupo político do "Clã dos Nerys", na qual seu líder, Senador Silvério Nery (coariense), e seu sucessor político, Álvaro Botelho Maia, fizeram as negociações necessárias para comprovação de como era imperativo essa emancipação para Coari.

Então, no dia 2 de agosto de 1932 a Vila de Coari é elevada à categoria de Cidade, pelo Ato Estadual n° 1.665 assinado pelo interventor interino, que substituía Álvaro Maia, o senhor Waldemar Pedrosa, que veio a Coari para celebrar a elevação da condição de vila para cidade, no dia 7 de agosto. Acontecendo no salão nobre da Prefeitura de Coari uma celebração, conforme descreve Anísio Jobim:

> "Reunidos no salão nobre da Prefeitura as autoridades e grande número de senhoras e cavalheiros, industriais, comerciantes, proprietários e artistas, às vinte horas, o Prefeito Municipal capitão Alexandre Montoril, abrindo a sessão, concedeu a palavra, por ordem, aos oradores inscritos Drs. Raymundo Santos, promotor público, e Enoch de Siqueira Cavalcante, advogado, e cidadão Dolabela Balbi, que discorreram com eloquência sobre os motivos da reunião".

Alexandre Montoril
Militar, político, dentista e poeta

46 - O Serviço de radiotelégrafo começou a funcionar em Coari em 26 de setembro de 1929. – Jornal "O Paiz" de – 27/09/1929.

No dia 2 de agosto de 1932 através do Ato nº 1.665, o Interventor interino do estado do Amazonas, Waldemar Pedrosa, elevou a Vila de Coary a categoria de cidade.

A instalação ocorreu às 20h do dia 7 de agosto, em que o prefeito da época, Alexandre Montoril, fez uma reunião no salão nobre da prefeitura celebrando a oficialização do ato. Houve alguns discursos de autoridades locais e participação de industriais, comerciantes e o povo em geral.

Alexandre Montoril – Personalidade Histórica

O nome Montoril deriva de "Montorio", monte existente na Itália de onde os primeiros membros da família saíram no sentido de Portugal e posteriormente migraram para o Ceará a fim de desenvolverem atividades agrícolas.

Alexandre Pereira Montoril, nasceu no dia 31 de janeiro de 1893, na cidade de Assaré, distrito do Crato, no estado do Ceará.

Seus pais foram Joaquim Montoril e Luzia Pereira Montoril. Filho caçula numa família com três irmãos: Antônio Pereira Montoril (nasceu em 31 de janeiro de 1880), o irmão mais velho; José Pereira Montoril (1891), o "Cazuzinha", que ficou famoso ao levar seu primo Patativa do Assaré, com 20 anos ao Pará, onde passou 5 meses com os primos e bebeu na fonte da cultura paraense; e Maria Pereira Montoril (1881).

Seu irmão, Antônio Montoril, cedo começou a trabalhar no comércio e logo foi reconhecido por seu trabalho e tinha uma boa remuneração. Dessa forma, ele pagava toda a despesa da casa, chegando a pagar um professor para ensinar os irmãos.

No ano de 1898, seu pai, Joaquim Montoril, mudou-se de Assaré para o Pará com o intuito de prosperar em terras da Amazônia e se estabeleceu no Rio Tapajós cortando seringa. Após cerca de 02 anos, ele retornou a Assaré e conduziu os filhos Antônio e José (Cazuzinha) para Macapá, ficando Alexandre, Maria e a mãe Luzia no Nordeste. Sua irmã, Maria Montoril, que estava noiva, casou-se com João Lourenço.

Chegada do Governador Álvaro Maya em Coari - Década de 40

Sua infância foi pobre, e logo cedo, para ajudar no sustento da família, Alexandre Montoril trabalhou como ferreiro e mais tarde como ourives. Mas logo em seguida mudou-se da cidade de Crato-CE, junto com sua mãe. Em pouco tempo se tornou funcionário público da Prefeitura com a função de Fiscal e Cobrador de Impostos na feira da cidade.

Em 1907, faleceu sua mãe Luzia, sendo então acolhido pelo primo José Montoril. Longe da família que estava no estado do Pará: no rio Tapajós estava seu pai trabalhando e seus irmãos em Macapá. Em junho de 1909 Alexandre Montoril foi ao encontro de sua família no Norte.

Depois de chegar na cidade de Macapá, passou a morar com os dois irmãos. E depois de 08 meses seu pai veio buscá-los e foram viver no Tapajós, contudo em junho de 1910, seu pai adoeceu e foi se tratar em Belém, onde veio a falecer, ficando órfão Alexandre Montoril com 17 anos.

Sendo acometido de Beribéri aguardou o fim do fábrico e voltou ao Ceará, logo se restabelecendo. Mas a saudade do Norte o fez voltar e em dezembro de 1912 chegou em Manaus.

Em janeiro de 1913, tornou-se praça da Força Policial do Estado. Depois de seis meses de instrução, no dia 7 de fevereiro de 1914 foi promovido a cabo da esquadra da CIA de Bombeiros.

Em 7 de fevereiro de 1914 foi promovido a cabo de Esquadra da CIA de Bombeiros. Em junho foi promovido a 3º sargento intendente, e logo em seguida no dia 1º de outubro foi promovido a sargento-ajudante.

Em 1916, foi admitido na Faculdade de Odontologia de Manaus, diplomando-se em 1920. Logo em seguida, foi nomeado Delegado de Polícia em Tefé (1920/22), em Maués e em Eirunepé.

Em 1923, contraiu núpcias com Elisa Oliveira e, nesse mesmo ano, foi nomeado Interventor em Itacoatiara, no rápido governo revolucionário de Ribeiro Júnior, expressão maior, no Amazonas, do movimento tenentista que dominou o Brasil na década de 1920.

Em 13 de janeiro de 1928, após o assassinato do Prefeito Herbeth Lessa de Azevedo foi nomeado Prefeito Militar de Coari, sendo, então, efetivado no posto de capitão da antiga Guarda Nacional, passando para a reserva remunerada.

Casou-se com uma jovem tefeense chamada Elisa Montoril.

Prefeito de Coari

O governo de Montoril foi marcado pelo dinamismo e seu espírito construtor. Seu primeiro passo foi construir uma olaria que foi a base para todos os seus empreendimentos, que mudaram a aparência da cidade.

"Há quem diga ter sido ele o mais dinâmico de todos os prefeitos, erguendo prédios públicos aqui e ali, inclusive o grupo escolar, onde estudei; abrindo ruas, construindo pontes (como esquecer a ponte Álvaro Maia, exatamente a ponte pintada de verde, que ficava quase atrás de minha casa e que tinha, bem na frente, um pé de muçambê?)." - *(Francisco Vasconcelos)*

O Progresso da Cidade da Coary.

Trapiche

Por um rádio recebido pelo Dr. Álvaro Maia, interventor federal, estampado ontem no "Diário Oficial" e transmitido de Coary pelo respectivo prefeito Alexandre Montoril, sabe-se que foi ali inaugurado um trapiche com duzentos e sessenta metros de extensão, facilitando a atracação de dois vapores ao mesmo tempo. Esse serviço, que atesta o progresso da cidade ribeirinha e a atividade do atual prefeito, custou a municipalidade cinquenta e oito contos, duzentos e oitenta e nove mil e vinte oito reis[47].

Em 5 de novembro de 1933, o jornal do Território do Acre "A REFORMA" noticiou que foi inaugurada na vila de Coary no Amazonas, um engenho a vapor com turbinas para fabricação de açúcar.

Biblioteca Municipal de Coari

No dia 22 de novembro de 1940, o Jornal do Comércio noticiou: do senhor Alexandre Montoril, prefeito municipal de Coary, recebemos uma circular comunicando-nos haver sido inaugurada naquela cidade, no dia 10 do corrente[48], uma biblioteca popular denominada "Álvaro Maia".

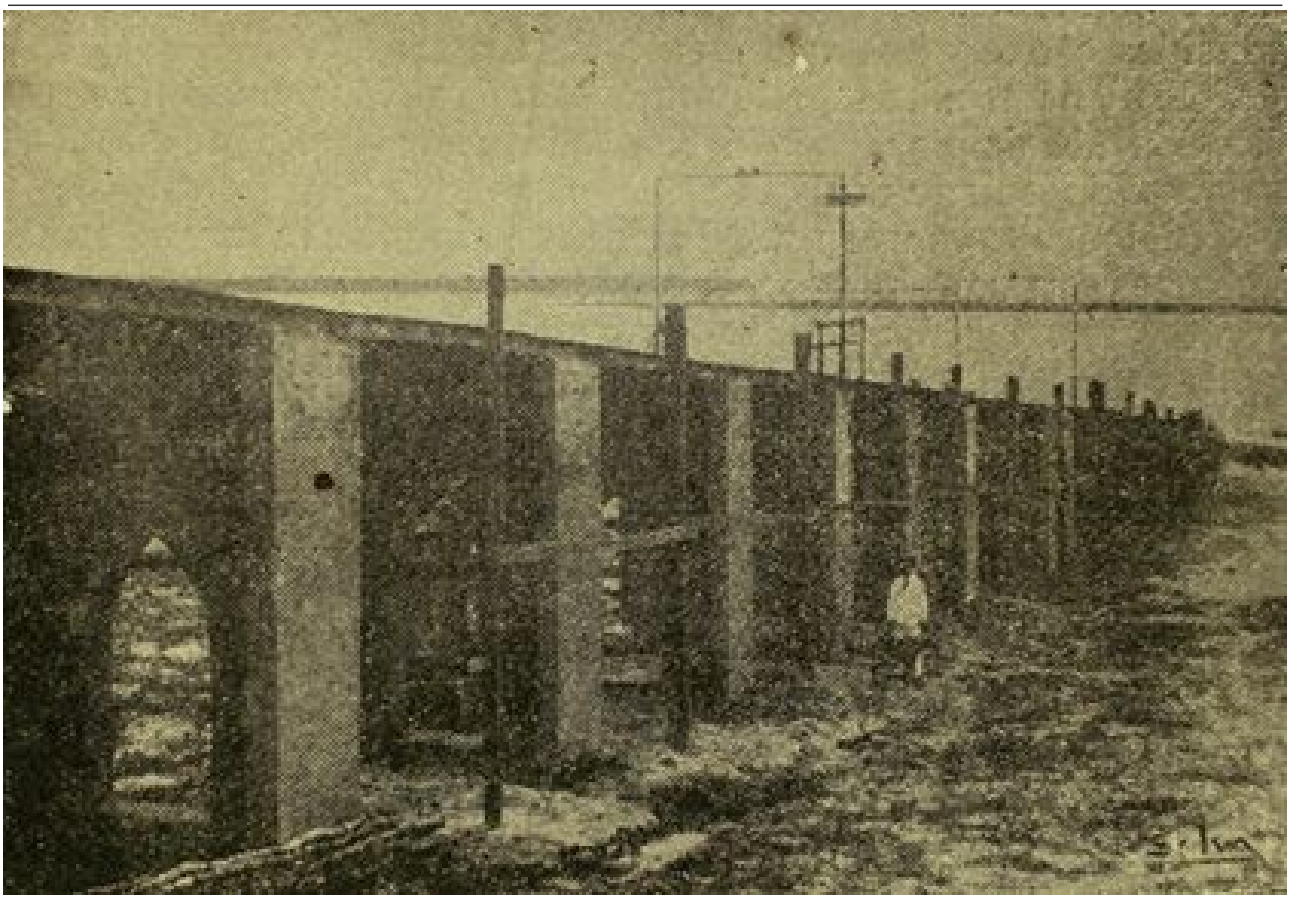
A Praça Getúlio Vargas.

A Praça Presidente Vargas, como era denominada na época, foi o símbolo da administração de Montoril, onde foram construídos alguns marcos da arquitetura coariense: o obelisco[49], o coreto municipal e o monumento do marco zero.

47. Anno XXXIV Nº 11.349 - 7 de dezembro de 1937 - Jornal do Comércio.

48. 10 de novembro de 1940.

49. O obelisco é um monumento comemorativo, típico elemento da arquitetura do Antigo Egito. A palavra obelisco vem do grego obeliskos, que significa "pilar" ou "espeto". Era um termo que foi sinônimo de "proteção" ou "defesa". A agulha de pedra tinha a função de perfurar as nuvens e dispersar as forças negativas que sempre ameaçavam acumular-se sobre a cidade, na forma de tempestades visíveis ou invisíveis, ou demais eventos catastróficos de origem da natureza. Os obeliscos têm forma quadrangular e ligeiramente afunilada na parte mais alta, formando uma pequena pirâmide na ponta.

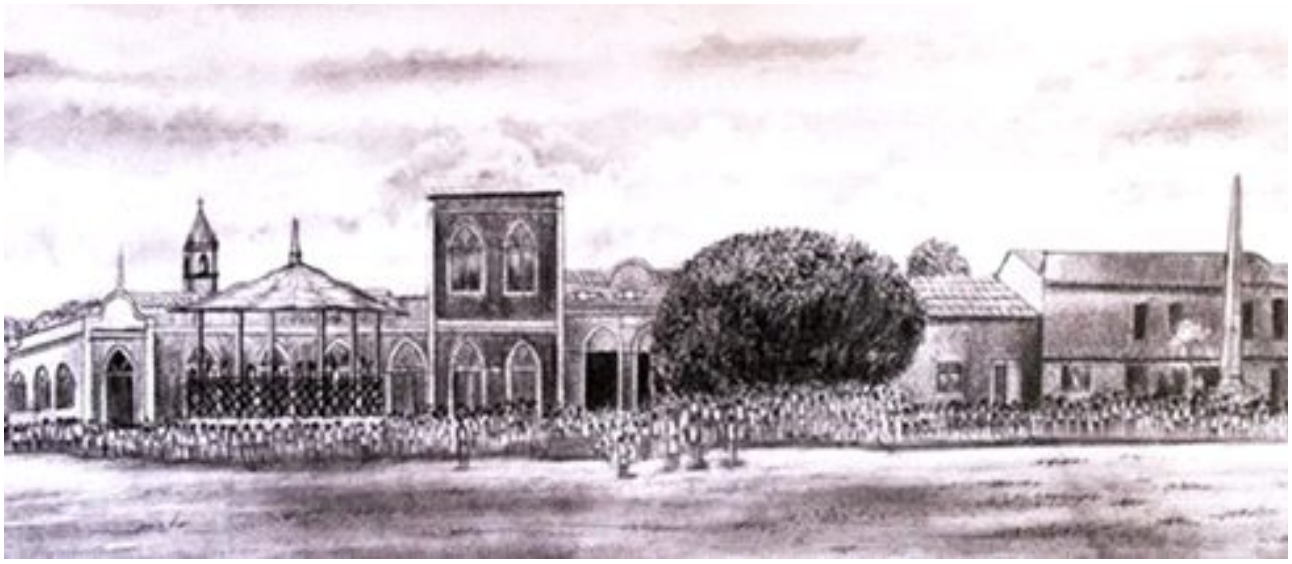


Trapiche do Porto – 1939 [50]

Biblioteca Pública de Coari

50. No Jornal "A Tarde", edição de 1942, por Alexandre Montoril.

Escola Francisco Lopes Braga



Pç Getúlio Vargas - Retratação do Artista Coariense Paulo César Silva de Moura

Escola Francisco Lopes Braga

Em 30 de janeiro de 1935 a escola foi oficialmente criada pelo Decreto Lei n 4.508 e publicada no Diário Oficial nesta mesma data. Passando a ter seus estudos regularizados e sistematizados. Assim, passou a chamar-se "Grupo Escolar Francisco Lopes Braga", seu nome atribuiu-se a uma homenagem engenheiro manauara Francisco Lopes Braga.[51]

Sua Vida Política

No princípio do século XX, o líder político da cidade era o coronel Lucas Pinheiro, chegando ao ápice quando foi Superintendente Municipal (prefeito) biônico da cidade entre os anos de 1920 a 1926, quando perdeu a liderança para Deolindo Dantas (que teremos um capítulo para descrever sobre sua vida).

Após a reforma Constitucional de 14 de fevereiro de 1926, foi nomeado Prefeito Constitucional, em 13 de abril de 1926, o avultado escritor Péricles Moraes[52], contudo, devido ao grande agastamento da capital, Manaus, e das poucas condições da cidade, o mesmo apenas ficou um ano.

Em 12 de janeiro de 1927, assumiu o Governo Municipal, Dr. Herbert Lessa de Azevedo, natural de Manaus, filho do grande escritor Raul de Azevedo. Foi assassinado em 23 de junho de 1927, fato esse que foi determinante para a vinda de Montoril a Coari como interventor.

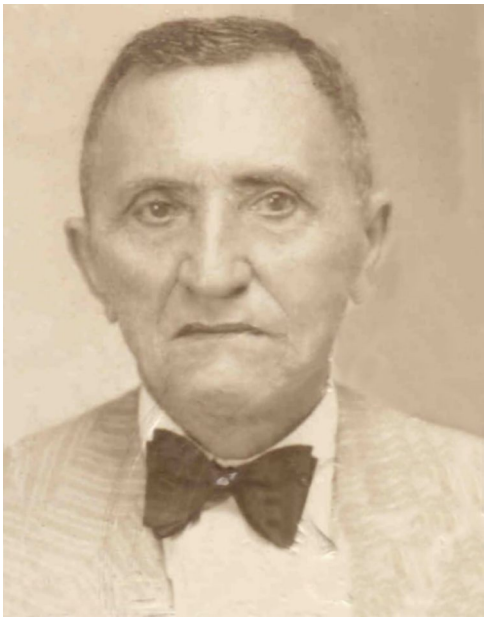
Após a revolução de 30, houve uma intervenção geral, Montoril foi nomeado prefeito para o período de 1932 a 1936 (seu primeiro mandato), depois foi eleito novamente para o ciclo de 1936 a 1939 (segundo mandato). Houve ainda, um período de prefeito nomeado, na ocasião da intervenção da ditadura, o Estado Novo, chefiado por Getúlio Vargas (1939 a 1947), ficando as eleições livres suspensas e os partidos políticos são abolidos. Dessa forma, Alexandre Montoril permaneceu 15 anos no poder como prefeito de Coari.

Com o período pós Estado Novo, exatamente no dia 27 de abril de 1947, Montoril é eleito deputado estadual representado Coari na Assembleia Legislativa do Amazonas. E ainda em Coari, elegeu seu sucessor a prefeito, o Senhor Edgar da Gama Rodrigues, através de eleições diretas, sobressaindo seu grupo político.

A Câmara Municipal ficou composta de: Teófilo Marques Vera, Antenor Albuquerque Leitão (Presidente 1947/1948), Dulce Cruz de Moraes (Primeira Vereadora do Município de Coari), Enedino Monteiro da Silva e Raimundo Monteiro Júnior (Presidente 1949/1951).

51. Francisco Lopes Braga (08.07.1857 A 192?) nasceu em Manaus, onde realizou seus estudos Primários e de Preparatórios. Viajou então para a Europa e graduou-se em Engenharia pela Universidade de Coimbra, em Portugal. De volta à capital amazonense, tornou-se professor de Matemática. Apesar de ter sempre se esquivado do mundo político, na administração do governador Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt, entre 1908 e 1912, assumiu a Diretoria de Obras Públicas e Concessão de Terras do Estado. Foi na sua gestão à frente dessa repartição pública que se construiu, na rua José Clemente, o prédio do antigo Grupo Escolar Marechal Hermes. Ainda na década de 10, foi professor e diretor substituto da então Faculdade de Engenharia da Universidade de Manáos.

52. Péricles Moraes (1852-1956). Ensaísta, crítico, professor de língua francesa, funcionário público, prefeito de Coari – foi talvez o intelectual mais influente do Amazonas, na primeira metade do século XX. Está entre os fundadores da Academia Amazonense de Letras, tendo sido seu primeiro presidente.



Passamos agora a descrever a biografia de um importante líder político e comercial coariense. Foi o principal opositor político de Alexandre Montoril e um personagem lendário e polêmico na história de nossa cidade.

Deolindo Alfredo Dantas, major da guarda nacional, natural de Teixeira[53]-PB, descendente da expressiva família Dantas da Paraíba, sobrinho de João Dantas[54]. Deolindo Dantas ainda criança e sua família chegaram em Manaus-AM no ano de 1895, período "pré época áurea da borracha". Por um tempo, moraram no Camará (distrito de Coari) e logo depois na vila de Coari, vindo morar na rua XV de novembro, a rua da frente.

Na sua juventude começou seus empreendimentos em diversas áreas, comprou alguns seringais e castanhais. Foi o primeiro a implantar uma usina de energia, em que ela supria e provia seus outros negócios, como: uma serraria, fábrica de sabão, padaria, indústria de beneficiamento de pau rosa e uma sorveteria. Comprou as terras da antiga Freguesia e um Sobradinho no Tauá-mirim, pertencente a um turco que já vivia distante, no Oriente Médio. O Antigo dono do Sobradinho passou uma procuração autorizando a venda em árabe, que primeiro foi traduzida em outro documento em francês, para depois ser traduzido para o português finalmente. Deolindo Dantas foi um dos empresários mais próspero de nossa cidade na primeira metade do século XX, chegando a possuir um famoso barco, que era um bem muito valioso naquele período, com o nome de Alvorada.

Foi casado três vezes. No primeiro, desposou Adelaide Correia Dácia, e desse matrimônio nasceu: Antônio Correa Dantas, a filha conhecida como Senhorita, Lamartine Correa Dantas, Nair Correa Dantas e Américo Dantas (Jacó).

O Segundo Casamento foi com Francisca de Freitas Gintirana, e dessa núpcias nasceu Alvelos (Raimundo de Freitas Dantas) e Dandi (Deolindo de Freitas Dantas). E da terceira união Nasceu Nelson Dantas, que hoje mora em Brasília.

Na segunda metade da década de vinte, Deolindo, tornou-se um grande líder político devido ao seu sucesso como comerciante desbancando o famoso Coronel Lucas de Oliveira Pinheiro, até então líder da cidade. Contudo, o então Coronel de Barranco Lucas Pinheiro entrou em falência, vendendo a maior parte de seus seringais e castanhais para Deolindo Dantas, assim encerrando suas atividades políticas e econômicas na cidade de Coari.

O major Deolindo Dantas, foi o principal chefe político da UDN (União democrática Nacional), situava-se na ala conservadora dos ruralistas, partido que fazia oposição ao Presidente Vargas, de quem Montoril era fiel partidário. Possuía muitos bens, principalmente imensos seringais e castanhais, onde se desenvolvia fortemente um comércio extrativista marcado pelo sistema de aviamento que caracterizava a economia amazônica na época.

53. Teixeira é um município brasileiro no estado da Paraíba, localizado na microrregião da Serra do Teixeira e integrante da Região Metropolitana de Patos.

54. No dia 26 de julho de 1930, em Recife, João Dantas assassinou João Pessoa, então governador da Paraíba. Sua morte serviu como estopim para a Revolução de 30, que trouxe Getúlio Vargas ao poder.

Nas eleições suplementares realizadas em 11 de março de 1951, o Major Deolindo chegou a eleger deputado estadual seu filho Deolindo de Freitas Dantas, conhecido por Dandi, que recebeu 481 votos representando a UDN. E na mesma eleição Alexandre Montoril foi reeleito pelo PSD (Partido Social Democrático) com 549 votos. Dessa forma, no princípio dos anos dourados Coari tinha dois deputados estaduais que travavam vários embates políticos que influenciaram diretamente a vida da cidade.

Em 1940, Emilia Abinader foi eleita a primeira Miss Coari, no concurso promovido pelos periódicos "O Jornal" e "Diário da Tarde" de Manaus-AM.

A Chegada dos Padres Redentoristas

Até o ano de 1942 só aparecia padre em Coari em atividade religiosa por um ou dois dias e em condição especial de "Desobriga". A viagem era feita solitariamente para visitar o seu rebanho e "desobrigá-los" em relação aos Sacramentos do Batismo, Eucaristia, Penitência, Crisma e Matrimônio sem todos os preparativos apropriados e sem continuidade.

A Diocese do Amazonas enfrentava grandes dificuldades para evangelizar nosso estado, e o principal motivo era a falta de padres para atender sobretudo as paróquias das cidades do interior. Em razão disso, no dia primeiro de outubro de 1943, o Bispo do Amazonas, Dom João da Mata de Andrade e Amaral solicitou ao superior da Ordem Redentorista da província de Sant´ Louis (EUA), o envio de missionários daquela localidade para evangelizar no Estado do Amazonas.

A solicitação foi aceita. As primeiras paróquias em que começaram o seu trabalho de evangelização foram as de Coari e Codajás. Mais tarde se estendendo para Manacapuru, Anori e a vila de Anamã etc.

Os primeiros missionários a chegarem a Manaus, em 22 de julho de 1943, eram os Padres José Elworthy[55], João McComick, André Joerger, José Maria Buhler, Jaime Martin e o Irmão Cornélio Ryan.

Ainda no ano de 1943, a comitiva dos recém-chegados padres norte-americanos viajou à Coari, e ao chegarem foram recebidos pela população no lago de Coari, próximo ao sobrado da Família Dantas com muita festa e curiosidade. Os sinos da igreja soaram dando boas-vindas e todos queriam receber as bênçãos que eram distribuídas em inglês e as missas celebradas em latim, como era tradição naquela época.

Destacamos que, além da grande mudança no modo de viver do coariense com amparo espiritual, assistência social e de saúde, houve o início da mudança na arquitetura paisagista da cidade, com a construção coordenada pelo Irmão Cornélio Ryan e do Padre José Elworthy, da casa paroquial, um pequeno hospital e o seminário, que mais tarde se transformou na escola Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

55. Em 04 de fevereiro de 1944, foi nomeado o primeiro pároco da paróquia de Coari, que em 13/06/1963 tornou-se sede da prelazia de Coari (Codajás, Anori, Anamã, Beruri, Caapiranga, Manacapuru e Coari) desmembrada da Diocese de Manaus.

A Chegada das Irmãs Adoradoras do Sangue de Cristo

A bordo do "Industrial" (à frente) Ir. Georgiana, Madre Julitta, Irmã Franciscana, Ir. Marciana e Ir. Jane Frances

Em meados do século XX, a Amazônia era isolada dos grandes centros urbanos e a crise pós ciclo da Borracha impedia que as cidades do interior do estado possuíssem o mínimo de condições básicas para o desenvolvimento e sobrevivência do povo da floresta. Na região do Solimões não era diferente. Porém, os Redentoristas foram os principais personagens que lutaram para equalizar esses déficits, e ainda ter um "olhar" sobre as necessidades dos ribeirinhos.

Constatando a necessidade de criação de escolas do ensino fundamental (primário e ginásio) e ensino médio (secundário), algumas clínicas médicas e que havia uma falta de profissionais destas áreas. Em 1946, o Padre João McComick fez uma viagem de retorno à província dos Redentoristas (EUA) para tentar sensibilizar algumas congregações para angariar religiosas para servir na Região Amazônica. Recebeu resposta positiva do convento das Irmãs Adoradoras do Sangue de Cristo de Wichita, no estado do Kansas, aquelas que, seriam suas colaboradoras incansáveis ao longo dos anos.

No dia 27 de novembro de 1947, chegaram à Manaus pelas asas da Panair do Brasil quatro Irmãs Adoradoras do Preciosíssimo Sangue de Cristo que foram pioneiras na evangelização desta congregação no estado do Amazonas. Eram elas: Maria Julitta Elsen (Irmã Julita), Maria Georgeana Heimermann (Irmã Georgiana), Maria Marciana Heimermann (Irmã Marciana) e Mary Jane Frances (Irmã Joana Francisca).

O Bispo do Amazonas, Dom João da Mata de Andrade e Amaral, fez uma festiva recepção, em que na ocasião, fez um discurso vibrante, e disse aos convidados que ali estavam realmente algumas virtuosas e destemidas Irmãs: "E que duas delas podem até mesmo dirigir um automóvel! ". O fato de que uma era uma professora de música e a outra uma enfermeira registrada era excelente para atender as necessidades da população de Coari. Portanto, o fato de que duas delas podiam dirigir um carro, era a parte mais apreciada da notícia que se divulgou por semanas. Ele disse isto ao governador do estado. Ele o disse ao prefeito da cidade. Anunciou-o na Igreja Catedral. De fato, disse a cada pessoa que encontrou. Pensem nisso: "Irmãs que podem dirigir um carro".

A Chegada das Irmãs Adoradoras do Sangue de Cristo

Catedral de Santana e São Sebastião

No dia 21 de dezembro de 1947, o Pároco José Elworthy e as quatro Irmãs embarcaram no Barco de nome "Industrial", às 23:00 horas, enquanto caía uma chuva torrencial. O "Industrial" foi abastecido e carregado com cargas para abastecer o mercado coariense. Partiram de Manaus, à meia-noite, em movimento de velocidade lenta. Elas realizaram a viagem num pequeno camarote. Todas estavam contemplando a estadia no barco, bem como a paisagem amazônica.

Naquele tempo, uma viagem de barco demoraria cerca de quatro dias. Portanto, as irmãs e o padre tiveram de passar o Natal a bordo do barco.

Na Véspera do Natal ainda se encontravam em pleno rio Solimões. À meia-noite, o Padre Elworthy celebrou a Missa de Natal sobre o rio e em um belo cenário Natalino. O altar não foi um dos mais bonitos, mas o bebê de Belém veio para cada passageiro durante a celebração.

Quando as Irmãs finalmente chegaram a Coari, o primeiro núcleo missionário que a elas foi destinado no Amazonas, às 16 horas do dia 25 de dezembro. A cidade fez uma recepção calorosa para as missionárias. Padre João Maria Kreuzer estava ali para saudá-las. As Irmãs foram levadas para sua casa, o Hospital da cidade, onde encontraram tudo preparado, até mesmo os sinos de Natal. Foi um grande dia para Coari.

A concretização do início do projeto educacional sistematizado e institucionalizado em Coari aconteceu com a chegada na cidade da primeira brasileira a ingressar na congregação das Adoradoras do Preciosíssimo Sangre, a Irmã Serafina Cinque[54], que chega de avião a Coari, em 25 de março de 1949, onde se tornou a diretora do Ginásio de Coari e da Escola Normal Rural, em que ficou para história como primeira escola mista em todo o estado do Amazonas.

Hoje Irmã Serafina Cinque ASC está em processo de beatificação e santificação. É conhecida como o "Anjo da Transamazônica". A organização do processo de investigação e defesa está sob a coordenação da Irmã Marília Menezes ASC.

Tenente Holanda

Os Ânimos Exaltados em Coari

No dia 6 de janeiro de 1948, o senhor Alvelos Dantas fez sérias denúncias sobre os fatos recentes na Câmara Municipal de Coari ao Jornal do Comércio. Ele ressaltou que os vereadores da UDN foram hostilizados pelo presidente Antenor Leitão e pelo vereador Enedino Monteiro. Citou ainda, que o cidadão Tertuliano Rebelo teve acesso ao púlpito e fez agressivos ataques ao Presidente da República, General Dutra. E o mais grave foi a denúncia que a vereadora Dulce Morais, UDN, "foi agredida barbaramente, ao sair da Prefeitura por dois capangas do Prefeito e do ex-ditador Montoril. No caso do Sr. Governador do Estado não tomar sérias providências, brevemente haverá uma chacina neste município".

Três dias depois, 9 de janeiro de 1948, podemos verificar que houve uma resposta também no Jornal do Comércio, em que pode se verificar que o deputado Alexandre Montoril publicou um telegrama do Prefeito Edgard da Gama, enviado de Coari (07/01/1948), explicando os fatos que ali ocorreram, diferente da comunicação que foi feita.

Os trabalhos da Câmara foram encerrados com uma sessão especial noturna, no dia 4, tendo comparecido os coletores Raimundo Barreto e Manoel Morais, o padre José, Vigário da paróquia, o tabelião Dimas Rodrigues e a grande massa popular. Os discursos pronunciados pelo presidente da Câmara e pelo vereador Enedino Monteiro fizeram constar da resenha dos trabalhos do legislativo, exaltando os beneméritos governos do general Dutra e do Sr. Leopoldo Neves[56], aos quais endereçaram moções de apoio e solidariedade. Terminada a sessão, à saída do edifício da Prefeitura, a vereadora Dulce Morais, provocou uma discussão, trocando insultos com o trabalhador Modesto Ramos, sendo o incidente prontamente encerrado com a intervenção das pessoas presentes, sem que houvesse qualquer exaltação de ânimos.

Quanto à referência "haverá brevemente uma chacina neste município", isto revela a existência de um plano sinistro de perturbação da ordem, premeditada pelos nossos adversários políticos, ao qual talvez não seja estranho o delegado de polícia, tenente Holanda, que continua publicamente destratando e hostilizando a administração municipal, afirmando não merecer meu governo apoio ou garantia de qualquer espécie, por parte de sua autoridade policial, atitude essa que já levei ao conhecimento do Exmo. Sr. Governador do Estado.

A Volta do Gatuno Peruano

Em 23 de junho de 1948, Deolindo Dantas faz uma denúncia no Jornal do Comércio:

"Soubemos haver voltado à cidade de Coari, o perigoso gatuno Tomaz Peres, que, processado e pronunciado, por vários furtos que praticou naquela cidade dali fugiu amparado por um salvo-conduto, que lhe forneceu o então delegado de Polícia, Américo Leitão, na noite do dia em que fora, pela Promotoria Pública, requerida a sua prisão preventiva. Devo frisar que naquela época — da Ditadura — era Prefeito o deputado Montoril e nada se fazia ali sem a sua ordem. A volta desse larápio àquela cidade põe em sobressalto seus habitantes, além de ser desrespeito às autoridades, especialmente àquelas perante quem correu o processo".

Ameaça de Morte ao Deputado Montoril

No dia 27 de julho de 1948, o Jovem Dandi (Deolindo de Freitas Dantas) proferiu as seguintes ameaças:

56. Foi governador do Amazonas, de 8 de maio de 1947 a 31 de janeiro de 1951.

"Encontra-se preso, na cidade de Coari, o peruano TOMAZ PERES, por haver praticado inúmeros roubos, e ante o clamor que se levantou contra a presença daquele gatuno. Cumpre adiantar, que a maior vítima daqueles furtos, foi a firma comercial de meu pai e, em 1940.

Agora com a volta de Tomaz Peres, correm ali, insistentes boatos, que estão sendo averiguados, de que o Dep. Alexandre Montoril, havia oferecido a aquele larápio, a importância de dez contos de réis, para que o mesmo assassinasse o meu velho pai.

Infelizmente ainda não podemos concretizar estas denúncias. Todavia, verdadeiros ou não aqueles boatos, fica o Sr. Alexandre Montoril advertido, de que qualquer violência ou traição que venha a sofrer o meu velho pai ou qualquer outro membro de nossa família, as represálias não se farão esperar. Sabe que em caso de qualquer ofensa, quer seja moral ou física, nós, DANTAS, saberemos reagir à altura. Portanto, faça com que os membros de nossa família não sejam alvo da sanha dos seus capangas e apaniguados, pois eu e meus dois irmãos estamos de atalaia, para revidar as ofensas que por ventura venhamos a sofrer.

Está o Sr. Alexandre Montoril acobertado pelas imunidades parlamentares, que lhe oferta a cadeira de Deputado, meu pai, infelizmente, não está a salvo de uma traição. Todavia, fica o Sr. Montoril sabendo que, juntamente com os seus, arcará com as responsabilidades do que nos venha a acontecer. Neste caso, as suas imunidades serão meras formalidades.

Meu pai, meus irmãos e eu somos homens de brio, a quem a sepultura ou o cárcere não nos amedrontam, ao ponto de impedir a salvaguarda da nossa honra".

A Resposta de Montoril

No dia 28 de julho de 1948 o Jornal do Comércio publicou:

"Depois de aprovada a ata da sessão anterior e relatado o expediente, usou da palavra o Sr. Alexandre Montoril, para ler um ineditorial publicado, ontem, em nosso matutino, e assinado pelo estudante Deolindo de Freitas Dantas, após o que fez comentário em torno do mesmo, dizendo ser aquilo uma ameaça pública, e que, não sendo apático, podia mostrar aos três irmãos Dantas que não era covarde. Depois de dizer que tudo era mentira, bastando para tanto observar a linguagem, que bem podia definir a família, acabou por chamar os Dantas de "loucos". Para sanar, de vez por todas, a questão, informava à Casa que já havia solicitado ao Dr. chefe de Polícia, em petição, abertura de inquérito a respeito".

Foi Pedido a Substituição do Delegado de Polícia de Coari

No dia 3 de setembro de 1948 o Jornal do Comércio publicou:

O orador seguinte foi o Sr. Alexandre Montoril, que manifestou o seu desejo de fazer um apelo em favor do município de Coari. Vinha o orador "prevenir acontecimentos lamentáveis, talvez de consequências imprevisíveis, no que diz respeito a ordem, ao bem-estar, à segurança pública, à garantia das autoridades daquele município", e fazia essas declarações em vista "do que se planeja de maquiavélico e tenebroso, à sombra do amparo da autoridade policial, Sr. Tenente João Holanda Cavalcante, recentemente nomeado para delegado de Polícia dali. Depois de dizer ser esse cidadão seu inimigo pessoal, do prefeito e do povo em geral de Coari, e que o mesmo se encontra fazendo a política do Sr. Deolindo Dantas, formulou uma indicação a Casa, no sentido de que o Sr. governador do Estado, Dr. Leopoldo Neves, tomando em consideração as suas alegações, nomeie um delegado insuspeito, podendo escolher uma autoridade da sua inteira confiança, contanto que para ali não vá fazer política, desejando perturbar a boa ordem administrativa reinante em Coari.

Outro fato que determinava a atitude do deputado Montoril, era que o Dr. Sebastião Salignac de Souza, juiz de direito da comarca, se encontrava ameaçado pela própria autoridade policial, nomeada recentemente", conforme dissemos, e sim: "A presença do Sr. tenente Holanda em Coari, como delegado, importará também numa ofensa ao judiciário, pois, ligado como está aos meus inimigos, e inimigo das autoridades, a sua ação como delegado nesta conjuntura, ou melhor, nesta fase efervescente de ansiedade e tristes expectativas, coloca em perigo a vida do juiz de direito, o Dr. Sebastião Salignac de Souza, íntegro e enérgico magistrado, pertencente a uma família tradicional desta terra, o qual também se encontra ameaçado na sua vida pelo próprio cunhado, Sr. Américo Dantas, que peitou o Sr. Manoel Felix para assassiná-lo a faca, conforme declarou este na polícia, em inquérito que está correndo na delegacia daquela cidade.

Na sessão posterior houve a votação da indicação do Deputado Alexandre Montoril, em que o seu autor fazia um apelo ao governador do Estado, para que substituísse o Tenente José Holanda Cavalcante, nas funções de delegado geral de Coari, para onde fora nomeado recentemente. Contudo, foi recusada por 12 votos contra 9.

A Morte do Tenente Holanda

Observamos que a longa e épica disputa entre Deolindo Dantas e Alexandre Montoril pelo poder em Coari causou inúmeras intempéries e desavenças graves entre a década de trinta e cinquenta. Um fato marcante entre essa disputa entre UDN X PSD trouxe a Coari o tenente João de Holanda Cavalcante, com uma personalidade forte, rude, grosseira e que usava do autoritarismo para manter a ordem na pequena e pacata Coari.

Depois da longa noite da ditadura getulista e o retorno à prática da Democracia, a primeira passagem de Holanda por Coari, no início de 1948, deixou claro que a volta das eleições diretas municipais e a vitória do grupo de Alexandre Montoril (PSD) através da eleição de Edgard da Gama, incomodou profundamente a ala udenista coariense.

Na mesma época foi Governador do Estado, Leopoldo Amorim da Silva Neves, que apesar de ser filiado ao PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) de Getúlio Vargas, foi eleito entre uma coligação, fora do comum no Brasil, com a UDN (União Democrática Nacional), arqui-inimiga do ex-ditador. Dessa forma a UDN Coariense tinha influência no governo estadual e assim garantindo a escolha do aparelho de repressão policial, representado pelo tenente Holanda, que desafiava, desrespeitava e atacava a autoridade do então Prefeito Edgard da Gama, vereadores do PSD e do Juiz de Direito da Comarca, Senhor Sebastião Salignac.

Depois de muitas tentativas, por parte do deputado Alexandre Montoril, houve a remoção do Tenente Holanda da cidade de Coari, e a paz voltou a ser vivenciada por pouco tempo. Contudo, no início de setembro de 1948, a notícia da volta do militar udenista encheu de preocupação os ânimos da população prevendo uma possível tragédia.

O Retorno do Tenente Holanda a Coari

Tenente Holanda ao desembarcar do vapor em Coari, a "Terra dos Jurimáguas", foi recebido de forma áspera e provocativa. Quando já em terra, foi abordado pelo senhor Doca Monteiro, escrivão de Polícia, dizendo-lhe este, que ele não poderia assumir o exercício do cargo, porque o Delegado de Polícia, Antônio Araújo (partidário de Edgard da Gama), havia recebido um telegrama do chefe de polícia do estado, dizendo-lhe que não entregasse a Delegacia nem desse posse ao mesmo, sob pena de crime de responsabilidade. A essa intimação respondeu o tenente Holanda ao escrivão: "Não vim assumir, vim ver minha mulher, que se encontra doente".

A Saída do Prefeito da Cidade

Foram feitas algumas intimações e convites em nome do delegado Antônio Araújo, para uma festa e passeata, por ocasião da chegada do Tenente Holanda. As ruas estavam cheias de cartazes, com dizeres ofensivos a esse Oficial, que acabava de ser nomeado Delegado de Polícia de Coari. Quando tudo estava preparado, no momento exato de seu desembarque, uma multidão enchia a prefeitura, a delegacia, as casas do prefeito Edgar da Gama e do presidente da Câmara Municipal, senhor Antenor Leitão.

O Prefeito então, resolveu viajar, e passou o exercício do cargo ao seu cunhado Antenor Leitão e partiu para Manaus, sob o pretexto de ir procurar garantias para aquela cidade. Antenor Leitão, menos experiente, aceitou a tarefa desagradável, com seu irmão Raimundo Leitão.

Chegado o prefeito Edgar a Manaus, no dia seguinte, vai ao telégrafo, na hora das comunicações telegráficas com Coari (13 horas), prostrando-se na estação telegráfica e dali retirando-se, após haver recebido o despacho esperado, anunciando a morte do Tenente Holanda Cavalcante.

A visita às casas e a manifestação pelas ruas

O tenente Holanda foi a sua residência rever a família e, às 16 horas, saiu para fazer visita aos seus correligionários. Foi primeiro a casa do senhor Deolindo Dantas, contudo, onde somente se encontrava seu filho Américo Dantas (Jacó), em que soube que o senhor Raimundo Dantas (Alvelos) se encontravam em Manaus com seu pai, dessa maneira, como era costume, não poderia visitar sua família. Depois da visita, saindo, esteve nas Casas dos Senhores Dorval Melo, Benjamim Mussa e "Cabeça Branca". Todavia, quando na volta ao seu lar (Rua Independência), ao passar em frente à Prefeitura (Pç Getúlio Vargas), observou um grupo de homens conduzindo cartazes com dizeres ofensivos à sua pessoa, em que um destes representava um homem com as mãos cruzadas sobre o peito e a cabeça caída para um lado, como se estivesse morto, evidenciando as intenções de o matarem.

Recolheu-se então o tenente Holanda a sua residência, sem ser, de outra forma, importunado. A partir das dezessete horas, os manifestantes voltaram à delegacia de polícia, de onde haviam saído. Sendo ali servido um farto jantar, fornecido pelo prefeito em exercício, senhor Antenor Leitão, regado a guaraná e cachaça.

A Morte

Era 20 horas do dia 8 de setembro de 1948, quando um grande grupo de pessoas, os comensais da morte armados de rifles, facas, cacetes e até de uma metralhadora portátil, chefiados por Raimundo Leitão e Doca Monteiro, se dirigiram para a casa do Tenente Holanda, que fica na outra extremidade da cidade, passando pela praça São Pedro, Ponte do Igarapé de São Pedro, Prefeitura Municipal, rua XV de Novembro e rua Independência, onde morava o Tenente Holanda (Hoje seria a casa da tradicional família Barreto).

Ali chegados, após fazerem a intimação, por intermédio de Raimundo Leitão, irmão do Senhor Antenor Leitão, presidente da Câmara de Vereadores e do Senhor Astrogildo Monteiro Maia, vulgo Doca Monteiro, escrivão de Polícia, para que naquele exato momento Holanda deixasse a cidade e nunca mais voltasse a Coari.

Porém, mesmo tendo o tenente Holanda dito que se ia retirar, mas às primeiras horas da manhã, por não ter embarcação de saída e por estar sua esposa doente. Foi dado o ultimato, mandando-o sair incontinente, alegando os líderes que havia uma embarcação à sua inteira disposição e pronta para a viagem de retorno a Manaus.

O Julgamento

Mais de um ano se passou, quando chegou o dia do julgamento dos réus da tragédia. Iniciou no dia 16 de outubro de 1949 e só terminou no dia 17, após 33 horas consecutivas de debates em torno da ocorrência.

Quando tinha se como certo, a condenação dos culpados — esfaqueador e seus corréus — resultou em suas absolvições pelo reconhecimento da preliminar de Legítima Defesa, apresentada pelos seus advogados reconhecida pelo Conselho de Sentença.

Um depoimento de Deolindo Dantas sobre o julgamento:

"Nunca se viu ato tão absurdo, do que esse reconhecimento de legítima defesa, num crime cometido à noite no interior do domicílio da vítima, onde penetrara um grupo de bandidos, superior a trinta, armados de rifles e facas, cacetes, quebrando cadeiras, mesas e outros móveis conforme ficou esclarecido nos autos. Na sala de jantar, ficaram aos gritos de socorro sua mulher e dois filhos de 5 e 7 anos. Atos como o desse julgamento são que fazem desacreditar na instituição do júri, criado em tempo, em que os homens tinham outra mentalidade, a política, ainda não havia invadido os sentimentos humanos como agora, e julgavam pela gravidade do fato e não pelos interesses partidários como aconteceu! E o julgamento, além de representar uma afronta a sociedade, um acinte a família do morto, e insegurança para os habitantes de Coari, pela volta desses bandidos aquela cidade, nos fez parecer mais um ring de partidos, do que propriamente um julgamento".

Os advogados dos UDENISTAS, da acusação, não compareceram, não sabemos se receosos de enfrentarem seus adversos PESSEDISTAS da defesa, ou pelo nenhum interesse pela causa. Compareceu à sessão apenas, o Dr. Sá Peixoto, dos três advogados inscritos para acusação. Esse mesmo, fez uma acusação pífia, cortada de apartes pelos advogados da defesa e deixou a causa entregue à Promotoria, no que lhe concerne, não podia aparar todo o peso dos advogados de defesa.

O Prefeito "trabalhista"' de Coari, Sr. Edgard da Gama Rodrigues, viajou três dias antes do julgamento, em motor especialmente fretado, para assistir o mesmo e levar de volta a Coari os implicados. Os habitantes de Coari, estavam preparados com festivas manifestações, que não houve efetividade, pela criteriosa atitude do Cap. Adalberto Cavalcante, Delegado de Polícia, que não consentira, fazendo-os seguir imediatamente, para suas residências, após os seus desembarques.

O Atentado contra Edgard da Gama

Decorrido o julgamento e com o pronunciamento final, que foi o da soltura dos 26 réus, os membros da família enlutada não ficaram satisfeitos, de vez que, os homens por eles considerados responsáveis pela morte de seu chefe, haviam sido julgados e declarados impunes.

Precisamente às 18 horas e 30 minutos, do dia 17 de outubro de 1949, Manaus foi abalada com a notícia de que o Sr. Edgard da Gama Rodrigues subia a rua Lima Bacuri, em direção a sua residência, que ficava naquela rua, no nº 356, quando em dado momento, estando mais ou menos na metade do trecho daquela artéria compreendido entre a Joaquim Nabuco e a Dr. Alminio, na calçada esquerda de quem sobe, foi subitamente agredido, pelas costas, por um dos filhos do tenente João de Holanda Cavalcante, que tem 23 anos, com o nome de José de Holanda Cavalcante, com quem, muito embora houvesse travado luta corporal, para se desvencilhar, o que não conseguiu de vez que o primeiro dos ferimentos que o atingiu, a altura da 5ª costela direita, o deixou quase sem forças, ensejando isso ao agressor, possibilidade para que disparasse outras facadas, as quais chegaram a atingir o número de sete.

A hora da agressão sofrida pelo Sr. Edgard Rodrigues, à rua Lima Bacuri estava quase às escuras e, sem quase transeuntes. Da luta, conforme narramos, saiu ferido por 7 vezes o Sr. Gama Rodrigues. O ferido, com esforço inaudito levantou-se e, com a mão direita no peito, conseguiu atingir sua residência, banhado, completamente, em sangue, de onde foi logo transportado ao Serviço de Socorro de Urgência.

No S.S.U. vários dos filhos do Sr. Edgard da Gama Rodrigues, os quais, indignados com a atitude do filho do tenente Holanda Cavalcante, diziam que há dias, ou melhor, desde a chegada de seu pai, vinham acompanhando-o, tantas vezes fosse necessário o mesmo sair à rua, sendo que o mesmo se armava, antes de qualquer iniciativa para a obrigação. Ontem, porém, desde que, passado o julgamento, os filhos da vítima resolveram deixar de acompanhá-lo, e este, ao sair de casa, deixou a arma. Acreditavam os filhos do Sr. Edgard da Gama e ainda as próprias pessoas que o viram levantar-se após ser ferido, que mesmo se estivesse armado naquele momento, teria morto seu agressor.

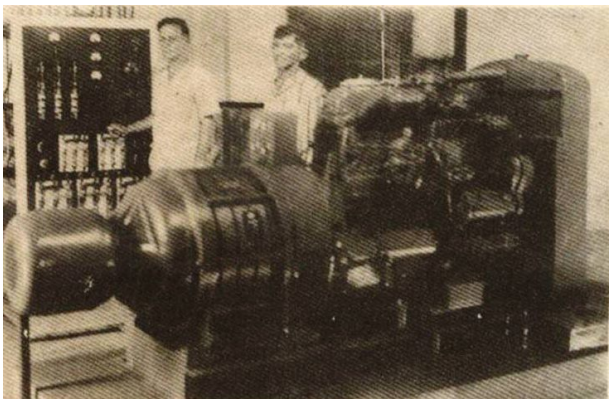
Inauguração da Usina Elétrica Governo de Edgard da Gama

Em 06/03/1949, o Jornal do Comércio:

"Amplamente divulgado pelo serviço de alto-falante municipal, teve início às 17 horas do dia 19 de fevereiro de 1949, a inauguração oficial do novo Serviço de Luz e Força da cidade de Coari.

Àquela hora, no prédio da Usina, à praça São Pedro, perante as autoridades do município e grande massa popular, começou a cerimônia, com a bênção ao primeiro grupo eletrogêneo da cidade, pelo Vigário da Paróquia, Pe. José Elwerthy. Em seguida, usou da palavra o Sr. Carlos Reis, técnico montador que, em nome da firma contratante, Radiomotor Ltda, de Manaus, fez entrega do primeiro grupo eletrogêneo montado, bem como da rede geral de iluminação pública. Logo após usou da palavra o Dr. Tertuliano Rebelo, que disse da satisfação do povo pela inauguração do novo Serviço de Luz, no Município, graças aos esforços do Governo Municipal. Seguiu-se com a palavra o Sr. Deputado Alexandre Montoril, que manifestou o seu imenso júbilo em ver continuada a sua obra de realização no Município, congratulando-se com o povo e as autoridades coarienses pelo surto de progresso, paz e prosperidade que atualmente vem usufruindo o Município. Também usou da palavra o Sr. Manuel Soares Fonseca, mecânico chefe da Usina, que manifestou a sua alegria por ter a seu cargo o modelar serviço inaugurado. Finalmente, o Sr. Prefeito Municipal proferiu uma curta oração, declarando inaugurado o novo serviço de Luz do Município e agradecendo a presença de todos. Foram servidos "gelados" a todos os presentes. Os oradores foram entusiasticamente aclamados, bem como os nomes do Sr. Presidente da República, Governador do Estado e Prefeito Municipal".

Usina Elétrica de Coari



Usina Elétrica de Coari

Carro de Boi — 1950

Mário Ipiranga Monteiro

Carroça de boi em frente à Catedral de Coari

O carro de bois existente na sede do Município de Quari, único aliás, evoluiu na forma e na nomenclatura. Enquanto que em outras regiões do Brasil, e mesmo no Amazonas, é vulgarmente conhecido pela denominação de carro de bois, naquela é chamado carroça de bois. Isto porque evoluiu na forma, sendo o boi adaptado a um tipo de carro muito comum em Manaus, as carroças tiradas a burro, empregadas em vários misteres: mudanças, transportes de mercadorias, de lenha a domicilio, madeiras, tijolos, areia, cereais, etc.

Esse tipo de carroça, mais leve e menor que os verdadeiros carros de bois do norte e do sul (conhecidos pela simplicidade dos seus itens). portanto inferior em tonelagem àqueles, são construídos em Quari por um operário português. Uma carroça custa, atualmente (1950) cinco mil cruzeiros (Cr$ 5.000,00) sem os animais. A única existente na sede do município não chia ("Canta"). O unto empregado nos eixos é a graxa comum. Não existe nenhuma postura municipal vigente que proíba o "canto do carro".

Na cidade de Quari, os bois utilizados na tração, e que morreram de velhos, chamavam-se respectivamente Chamurro, Pretinho, Lavanderia e Canário. Atualmente os bois que prestam serviços: Fortaleza e Moleque.

O regime de trabalho, apesar do clima opressivo do Amazonas (agosto, setembro e outubro), parece não afetar muito ao homem, não acontecendo o mesmo aos animais, que se esgotam facilmente. O homem trabalha no seu mister das oito e meia às dez e meia, e recomeça às quinze para terminar às dezoito horas. Creio, portanto, que o calor amolecedor da tarde deve prejudicar muitos aos animais, principalmente naqueles três meses de verão grande, salvo se esse horário não é cumprido à risca e os bois podem suportá-lo sem perigo de estafamento.

A carroça de bois existente na cidade de Quari é de propriedade da prefeitura municipal, que a utiliza diariamente no transporte de materiais de construção, cargas do porto, mercadorias, madeira, etc. O peso desse material oscila entre duzentos a quinhentos quilos.

O uso da carroça de bois foi introduzido no município de Quari em 1930, por iniciativa do então prefeito municipal, capitão Alexandre Montoril, em substituição às carroças puxadas a burro. Essa medida foi posta em prática em virtude da dificuldade cada vez maior de aquisição de muares, já pelo seu alto custo, já pela faculdade menor de resistência, pois que o boi suporta melhor o carro e os martírios todos que lhe costuma oferecer o homem em troca do trabalho.

Deolindo X Montoril

Os Anos 50 em Coari

A partir de 1950, o mundo vivia grandes transformações em sua história. Os anos 50 ou anos dourados foram conhecidos como um período de transição. A mudança na sociedade deveu-se ao crescimento econômico que os EUA e a Europa experimentaram após o fim da 2ª Guerra Mundial, o que deu a todos uma sensação de otimismo e prosperidade.

Esse tempo foi marcado por importantes conflitos políticos, como o início da "Guerra Fria", e muitos avanços tecnológicos, principalmente nas comunicações e no crescimento no conhecimento científico. Foi na década de 50 que se deu início a corrida espacial entre os Estados Unidos e a União Soviética.

A primeira metade dos anos dourados no Brasil, foi marcada pelo último governo de Getúlio Vargas (já não mais com regime ditatorial), findando com seu suicídio em 24 de agosto de 1954.

Na segunda metade, podemos observar que foi um período marcado pelo governo de Juscelino Kubitschek, que aplicou o seu plano de metas desenvolvimentista. Acontecendo a criação das indústrias de base, o grande investimento no setor energético, a entrada de capitais estrangeiros no país, a implantação das indústrias automobilística.

No primeiro período, a política foi caracterizada pela disputa entre dois grupos: os Liberais e os Nacionalistas. Os Liberais defendiam a abertura econômica e o alinhamento com o bloco capitalista. Esse grupo dos liberais era muito bem representado pelo partido da União Democrática Nacional, a UDN. Enquanto isso, aos nacionalistas do PTB, chamavam eles de entreguistas, diziam que queriam entregar o brasil para o capital multinacional. Os nacionalistas tinham um projeto próprio e interno de nacional de desenvolvimento.

O liberalismo nada mais era do que a defesa da propriedade privada e dos ideais de liberdade econômica, política religiosa e intelectual. O Nacionalismo favoreceria o desenvolvimento econômico interno e a concorrência no exterior.

Em Coari, como vimos nos capítulos anteriores, possuía dois grupos políticos antagônicos, representados pelos seus grandes líderes: Deolindo Dantas (UDN) X Alexandre Montoril (PTB). A partir desse momento, continuaremos a relatar a fase final de suas epopeias nas terras coarienses.

Houve um considerável desenvolvimento demográfico no município de Coari entre os anos de 1940 e 1950. Em 1940, Coari possuía 1.400 habitantes, contudo, após o censo de 1950, passou ao número de 3.140 habitantes, gerando o aumento do índice decenal de expansão em 124%.

Era o ano de 1951, nesse primeiro momento, estava ocupando o cargo prefeito de Coari, o senhor Francisco Areal Souto (1951 – 1956). O governador do Amazonas era Álvaro Maia, eleito 01 ano antes.

Nesse período, houve uma eleição suplementar para a escolha dos 30 deputados da Assembleia do Estado do Amazonas, que aconteceu no dia 11 de março de 1951. Nesse dia, 12 cadeiras ficaram com PSD (Novo partido de Alexandre Montoril); 09 cadeiras com a UDN (partido de Deolindo Dantas); 04 cadeiras com o PTB; 03 cadeiras com o PDC e 02 cadeiras com PSP.

Coari elegia pela primeira vez, dois deputados estaduais. Foi reeleito o ex-prefeito Alexandre Montoril pelo PSD com 549 votos. Foi eleito o filho do Major Deolindo Dantas (Major da Guarda Nacional), o jovem Bacharel em Direito e líder estudantil, Deolindo de Freitas Dantas, também conhecido por Dandi, com 481 votos.

Tiroteio na Assembleia Legislativa do Amazonas

Em 13 de agosto de 1952, na sessão da Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas, aconteceu um fato noticiado nos jornais de todo Brasil. Depois de anos de embate e denúncias, os ânimos se acirraram e acontecem insultos e uma tentativa de assassinato.

Transcreveremos o sucinto depoimento de Jefferson Peres em seu livro denominado "Evocação de Manaus, Como Eu a Vi ou Sonhei":

"Com a sua posse, no início de 51, começava um período tumultuado e cheio de incidentes. Na Assembleia, a nova legislatura prenunciava problemas sérios com a presença de dois deputados, um veterano, Alexandre Montoril, reeleito, e um estreante, Deolindo de Freitas Dantas, eleito para um primeiro mandato. Ambos representavam o município de Coari, onde se digladiavam, como adversários irreconciliáveis e rancorosos inimigos pessoais, o velho Deolindo Dantas, pai, chefe da UDN e o próprio Alexandre Montoril, líder do PSD. Poucos anos antes, essa pendência havia provocado um episódio sangrento.

Servia como delegado de Polícia em Coari o tenente Holanda, da Polícia Militar, um homem corajoso, mas violento, a quem conheci pessoalmente, nas duas ou três vezes em que esteve em minha casa, em visita a meu pai, com quem tinha um bom relacionamento, desde Codajás, onde estivera, também como delegado, e o velho, como juiz. Em Coari, o tenente, ligado à UDN e hostil aos pessedistas, gerou um clima de animosidade crescente. Um dia, acuado em sua residência por um grupo de homens armados, partidários de Montoril, reagiu à bala, ferindo dois deles, sendo assassinado, em seguida, a golpes de faca.

Anos mais tarde, aliás, um dos filhos de Holanda, aqui em Manaus, na Rua Lima Bacuri, apunhalou um dos supostos mandantes do crime, o ex-prefeito Edgar da Gama Rodrigues, que sobreviveu ao atentado. Era de esperar, assim, que não fosse pacífica a convivência de Deolindo e Montoril no Legislativo. O primeiro, inteligente, combativo, desde o início fustigou o governo pessedista com denúncias feitas na tribuna. Montoril, calmo, de poucas palavras, raramente discursava. Apesar de ser um homem de reconhecida coragem, e que andava habitualmente armado, por algum tempo evitou o confronto com o adversário.

Até que um dia solicitou um aparte, os dois discutiram, foram aos insultos, e, de repente, Deolindo partiu em direção ao inimigo, sacou o revólver, a dois metros de distância, e disparou, errando o alvo. Surpreendido, Montoril levou a mão à cintura, sendo contido por outros deputados, enquanto seu adversário corria para se abrigar atrás da mesa da presidência.

Ignorava Deolindo que Montoril naquele dia estava desarmado, pois, deixava seu revólver num armeiro para consertar um defeito no cabo. Seu gesto de levar a mão à cintura fora puramente reflexo. Felizmente, a partir daí os dois adversários firmaram, tacitamente, um pacto de não-agressão e não houve mais incidentes."

Morte de Dandi Dantas

Na eleição de 1954, Montoril disputou a Assembleia Legislativa do Amazonas pelo PSD e obteve 616 votos, ficando como suplente. Dandi disputou para deputado federal pelo PSP e obteve 319 votos, ficando na suplência.

Em 31 de janeiro de 1956, toma posse como prefeito de Coari, Dorval Santos Melo (PTB). E nesse mesmo ano, dia 16 de junho de 1956, aconteceu a morte de Deolindo de Freitas Dantas, o Dandi, que narrarei a seguir:

Roubada pelas águas, a vida do jovem advogado, que pereceu afogado no lago do Rei no Paraná de Terra Nova, o Dr. Deolindo de Freitas Dantas, pessoa muito conhecida e estimada em Coari e na capital Manaus.

Segundo informações de pessoas que presenciaram o fato, a triste ocorrência verificou-se por volta das 7 horas, quando ele viajava em canoa em companhia de alguns pescadores, caiu n'água, não mais voltando à tona. O corpo do saudoso jovem, apesar das inúmeras buscas, não foi encontrado, dada a grande profundidade do local onde se deu a tragédia.

De acordo com alguns esclarecimentos que nos foram prestados pelos pescadores, Deolindo de Freitas Dantas, pelo fato de estar chovendo, viajava sob a tolda da canoa, mas, em dado momento, de calção e camisa, rumou para a proa dessa pequena embarcação, dizendo aos seus companheiros que iria remar.

Dandi, no entanto, não chegou a fazer o que pretendia, pois, segundo os relatos de quem com ele iam, deu demonstrações de que estava sentindo alguma dor desumana e, sem que os outros pudessem impedi-lo, atirou-se n'água, de cabeça.

Os pescadores imaginaram que ele tivesse caído n'água apenas para aliviar a dor que estava sentindo, de modo que esperaram que ele 'boiasse' para recolhê-lo. Como verificaram que ele não voltava à tona, iniciaram imediatamente as buscas, que, lamentavelmente, foram em vão. Mais tarde fizeram buscas ao corpo com anzóis (espinhel) no lago, sendo um local em que as águas são paradas, e mesmo com a colaboração dos bombeiros voluntários, não conseguiram encontrar o corpo.

Durante seus mandatos de Deputado Estadual, Alexandre Montoril fundou os bairros de Petrópolis e de São Francisco, na zona Sul de Manaus.

Os Fabulosos Anos 60

No dia 1 de janeiro de 1960, Alexandre Montoril (PSD) iniciou o seu 3º mandato na prefeitura de Coari. Novos tempos eram esperados para a linda e pacata cidade de Coari. O seu grande líder político voltava a governar e era aguardado um grande plano de obras, como foi em seus mandatos anteriores. Nesse período o Amazonas era governado por Gilberto Mestrinho, em seu primeiro mandato (de 1959 a 1963).

Na posse de Alexandre Montoril houve uma grande participação da população que foi ao evento aplaudir o seu antigo líder. Por parte da Câmara Municipal discursou o vereador Raimundo de Freitas Dantas manifestando o integral apoio da instituição ao prefeito empossado Alexandre Montoril, desde que seu trabalho se dirija no sentido de proporcionar o bem coletivo e o progresso do município.

Liga para construção da Ponte

Em 31 de janeiro de 1960, foi criada uma liga para construção da "Liga Pró-Ponte Espírito Santo", cujo fim é mandar construir uma ponte sobre o igarapé daquele nome e que circunda a mesma cidade. Foi aclamada a sua diretoria que ficou composta das seguintes pessoas. Presidente, Dr. Cândido Honório Soares Ferreira; Vice, Luiz Pereira; secretário, tesoureiro e gerente, prefeito Alexandre Montoril; Diretores: Alvelos Dantas, Elias Sadala, Manuel Barreto, Raimundo Mota, Enedino Monteiro, Jorge Abílio, D. Maria Hígina. Conselho Fiscal: Teófilo Marques Veras, D. Lindalva Dantas.

A seguir, foi feita a lista de contribuintes de donativos, que arrecadou cento e trinta e oito mil cruzeiros (Cr$ 138.000,00). À noite, na Prefeitura, houve um grande baile, on-de se reuniu a sociedade coariense.

Foi muito divulgado nos jornais de Manaus, o grande número de obras realizadas na administração de Alexandre Montoril, como o porto da cidade, a ponte ligando a cidade ao bairro de Chagas Aguiar, a restauração dos limites do município, que formaria os municípios de Piorini e Camará, e conseguintemente a volta do recebimento dos impostos.

O Acidente com o Avião PT-BUK

O fato que vamos começar a relatar aconteceu no dia 25 de novembro de 1962. Era domingo as 16h e havia uma partida de futebol sendo disputada no pequeno campo de futebol em frente da cidade (hoje seria o mercado municipal Clemente Vieira).

Um pequeno avião com prefixo PT-BUK, começou a fazer voos rasantes pela cidade, chamando atenção de grande parte da população, pois era bem diferente dos aviões Catalinas da Panair que, por anos, costumavam fazer pouso no lago de Coari aquatizando até parar na frente do sobradinho dos Dantas.

Era no período da estiagem e a praia da frente da cidade estava totalmente exposta. A tripulação do avião jogou dezenas de papéis com mensagens na praia e no campo de futebol. Algumas pessoas pegaram os papéis para ler, e nos bilhetes a tripulação solicitava desesperadamente que pelo amor de Deus, saíssem do campo, pois estavam com problema na aeronave e precisavam pousar. As pessoas que se encontravam no local foram conscientes e saíram da área central do campo, aguardando o que poderia acontecer.

O avião fez várias voltas para acabar o querosene do tanque. E depois de um tempo ele começou a descida para o pouso definido. O público ficou assistindo à cena em um silêncio temeroso. O avião desceu na ponta da praia da frente da cidade, bateu com as rodas pela primeira vez. E logo adiante, surge uma vaca andando vagarosamente na trajetória de pouso do avião, e assim, fazendo o avião levantar um pouco e desviar da mesma.

No final da praia, o piloto fez uma curva fora do comum e virou em sentido perpendicular em direção ao campo de futebol, fez outra pequena subida com o avião para não bater na primeira trave do campo. Na sequência, a aeronave percorreu todo o campo freando os pneus, rasgando a grama de fundo a fundo, e foi nesse momento que um tripulante se jogou no meio do campo, enquanto o avião seguia até a segunda trave.

Na sequência, a aeronave deu uma pequena guinada para a direita para desviar da segunda trave. Porém, com isso, bateu em 02 vigas de madeiras gigantes, que o Pe. Marcos e o Chico Doido estavam guardando para ajudar a compor a ponte que atravessaria o igarapé do Espírito Santo (ligaria o Centro ao bairro de Chagas Aguiar). Com isso, o avião PT-BUK acelerou para frente, atingindo a casa (de alvenaria) do Sr. Miguel Simão, na parte de trás e na cerca do quintal, libertando algumas galinhas que foram em direção à região da Matinha.

O Acidente do Avião PT-BUK

Quando o avião bateu na casa e finalmente parou, subitamente começou a lançar muita fumaça. O tripulante, que havia pulado no meio do campo, gritava apavoradamente: — pelo amor de Deus, onde estamos? Estamos no Brasil?

A aeronave continuava fumaçando e foi quando a população começou a se aproximar. Alguém começou a gritar: — Vai explodir! — e todos começaram a correr se afastando da região do acidente.

E foi nesse momento que surge alguém com grande atitude heroica, o saudoso Pe. Marcos, que enrola a sua batina, adentra na aeronave e sai com três tripulantes e com o piloto desmaiado. Com o fato, a população vibra e aplaude a cena teatral. A partir daquele momento, foi só festa. O avião PT-BUK passou a ser ponto turístico, local para misses e os jovens tirarem fotos, até ser embarcado e levado por balsa para Manaus.

Dias mais tarde, a tripulação do avião PT-BUK foi entrevistada pela "A Voz Coariense", um serviço de alto-falante da cidade. Na oportunidade explicaram que, por problemas na bússola, perderam a rota. Como estavam com pouco combustível, já haviam decidido pousar na selva, mas quando avistaram longe, no meio do grande verde, uma área avermelhada, foram naquela direção. Eles haviam avistado as nossas Barreiras. Foram averiguar e chegaram a Coari. A tripulação agradeceu ao Pe. Marcos e ao povo de Coari.

O Fim da Era Alexandre Montoril

No final do seu mandato (1963), Alexandre Montoril indica e apoia o então tesoureiro da prefeitura, o senhor José Alves Maciel (PDC) que disputou com Clemente Vieira Soares a Prefeitura de Coari, causando a primeira derrota em Coari de Montoril, que deixou a cidade e nunca mais voltou. Em Manaus fez esse poema:

Coari, Terra Mártir...
Alexandre Montoril

Punge-me o triste estado,
Do teu solo sem destino,
Espoletado e ao desatino,
De um plano infernal,
Eras tu o meu orgulho.
A razão da minha vida,
Da minha constante lida
No setor Municipal.

Agora tão desmembrado,
Em seis pedaços partidos,
Não ouvem os teus gemidos
E os brados de Montoril
Nessa luta desigual...
Ninguém te presta a atenção,
Por isso na eleição,
Despreza quem te fez mal.

Um teu favor terra amiga,
Uso a rima mais cadente,
O labéu mais contundente,
Profligando o ato insano.
De inconsciente algoz,
Que a pretexto de progresso
Encobre o intuito perverso,
E te envolve em ledo engano.

Já foste espoliada
Sem a consulta do povo;
E para alcançar de novo
A tua antiga grandeza
Que o passado te deu.
Passarás tempos amargos
Presa a duros encargos,
Semelhante a Prometeu.

Que apareça um novo Hércules
Num Plínio sensato e justo.
Que no leito de procusto
Atire os teus inimigos;
E quando chegar a eleição
Máxime para Prefeito.
Não esqueças o mal feito
E neles... não votes não!...

Manaus, 4 de junho de 1963

Após a sua mudança de Coari para Manaus, passou a morar atrás do Colégio Estadual Pedro II, aonde voltou a atender em seu consultório de dentista e também recebia seus preventos de coronel reformado da Polícia Militar. A sua casa era um reduto dos coarienses, que Montoril sempre os recebia com alegria e entusiasmo. Faleceu em 1975, (com 82 anos) em sua casa, na rua Henrique Martins, no Centro, vítima de uma úlcera na perna.

Os irmãos Montoril: Alexandre é o primeiro à esquerda, Antônio Montoril é o do meio, em pé, Rivadávia Montoril (Filho de Antônio), à direita está José Pereira Montoril (Cazuzinha).

Dom Mário

Nasceu Robert Emmett Anglim em Lombard, uma vila localizada na área metropolitana de Chicago, Illinois, EUA, quinto dos nove filhos de Rosanna Purcell e Francis Michael Anglim.

Foi educado no Seminário Menor dos Redentoristas, St. Joseph's College, em Kirkwood, Missouri. Fez o noviciado em De Soto, naquele mesmo estado, onde professou na dita ordem, em 2 de agosto de 1942.

Completou os estudos de filosofia e teologia no Seminário da Imaculada Conceição em Oconomowoc, Wisconsin, sendo ordenado sacerdote em 6 de janeiro de 1948, pelas mãos do arcebispo Moses Elias Kiley, da Arquidiocese de Milwaukee.

Em fevereiro de 1949, viajou para o Brasil. De junho de 1953 a janeiro de 1949, foi vigário da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, em Manaus, Amazonas. De lá, foi transferido para Coari, onde foi vigário da Paróquia Sant'Ana e São Sebastião, até janeiro de 1962, quando foi nomeado superior vice-provincial dos redentoristas da Amazônia.

Em 25 de abril de 1964, o Papa Paulo VI o escolheu prelado da recém-criada Prelazia de Coari.

Dom Mário atendeu às terceira e quarta sessões do Concílio Vaticano II e foi responsável por iniciar as reformas do concílio na prelazia.

Em 2 de maio de 1970, foi nomeado administrador apostólico da Prelazia de Lábrea, vaga com a morte de Dom José del Perpetuo Socorro Alvarez Mácua, OAR. Permaneceu nesta função por um pouco mais de um ano, até 7 de junho de 1971, com a chegada de seu sucessor.

Durante os sete anos que serviu como prelado, D. Mário trabalhou para trazer melhorias para sua prelazia. Sempre que viajava ao interior, levava consigo, além de catequistas, um grupo de enfermeiros e de assistentes sociais. Construiu centros de treinamento para educação de adultos do meio rural. Foi membro da Associação de Crédito e Assistência Rural do Amazonas (ACAR/AM) e do Movimento de Educação de Base.

Faleceu vítima de um ataque cardíaco, ao chegar no porto de Manaus proveniente do rio Solimões. Seu corpo foi velado no mesmo dia ao de sua morte, na igreja de Aparecida, onde fora vigário e, após a missa de corpo presente, levado para Coari, onde foi sepultado no piso da Catedral Prelatícia de Sant'Ana.

Rádio Educacional Rural de Coari

Rádio Educacional Rural de Coari

Os estúdios da rádio foram montados, no primeiro momento, no refeitório do antigo seminário em Coari. A torre de transmissão foi erguida nas terras do outro lado do igarapé do Espírito Santo. No dia 30 de junho de 1964, o primeiro programa experimental foi transmitido das 12h às 15h. E no mesmo dia das 18h às 21h.

A Rádio Educação Rural de Coari (RERC) foi inaugurada oficialmente e entrou no ar no dia 26 de julho de 1964. Foi um dia grande e glorioso para o povo de Coari, não sendo somente a festa de sua padroeira, Santana, mãe de Maria, mas também o dia em que o recém-ordenado Bispo, Dom Mário Anglim, tomou posse na prelazia de Coari.

Desde o início e até hoje a emissora chama-se "Rádio Educação Rural de Coari", sendo que o seu principal objetivo é a educação das áreas rurais. Padre Mateus George foi nomeado diretor em junho de 1964. Ele teve como seu ajudante um recém-ordenado Redentorista brasileiro, padre Francisco Martins. No início, a emissora transmitia programas todas as noites durante a semana, entrando no ar com o "Ângelus" às 18h e continuando a transmissão até às 21h.

Padre Martin Laumann assumiu a direção da RERC em nome da Vice Província de Manaus. A dedicação, abnegação e o afinco desse missionário foram determinantes para que a RERC continuasse sendo um importante instrumento de evangelização, apesar das dificuldades, desafios e problemas que ainda existem. Ainda na administração de padre Martin Laumann (1980 a 1989), houve várias mudanças na frequência e potência da Rádio Educação Rural de Coari.

O transmissor de 2500 quilowatt de potência passou para 5.000 quilowatt e a frequência também foi alterada de 2.040 kHz na faixa de 120 metros, para 5.035 na faixa de 62m, sempre atuando em Ondas Tropicais. Todas essas mudanças foram lentas e graduais, pois a legislação do nosso país é muito complexa em relação à Radiodifusão. Para a RERC chegar onde chegou na atualidade, com esta potência e frequência, foi preciso passar mais ou menos 60 anos de existência e investimentos.

A importância da RERC cresceu muito durante seus 57 anos de existência, não só técnica e profissional como também humanamente, pois seu compromisso é a "Promoção do homem amazonense". Ela é a "Voz e a Vez" do povo brasileiro desta porção territorial esquecida.

A Rádio Educação Rural de Coari apesar de pertencer à Diocese de Coari, também é a vez e a voz de 7 municípios: Codajás, Anori, Anamã, Beruri, Caapiranga, Manacapuru e Coari. São mais de 500 comunidades eclesiais de base espalhadas na diocese e outras centenas que formam outros tipos de comunidades. A RERC tem um papel fundamental para essas comunidades.

A recepção da mensagem da RERC cruza oceanos e continentes e acontece em grandes países, como: Austrália, Itália, Estados Unidos, Índia, Suíça, e vários estados da Finlândia. Os elogios à programação e à contribuição social do trabalho da emissora vêm de todos os lados, mas são poucos os que contribuem para este sucesso.

Coari na década de 60 na visão de um fazendeiro norte-americano

Em minhas pesquisas sobre Coari nas bibliotecas do mundo, encontrei a obra do fazendeiro norte-americano Marvin Schuttloffel, que foi voluntário papal em nossa cidade, entre os anos de 1964 e 1966. Nessa obra ele descreve como realizou seus projetos de plantação de arroz e criação de coelhos e galinhas híbridas em plena floresta amazônica.

O primeiro depoimento que selecionamos é sobre o hidroavião da Panair que fazia voo para Coari e ao chegar aquatizava nas águas do lago de Coari:

"O avião que pousou na água estava bastante velho. Este estilo de avião era da Segunda Guerra Mundial, e estes aviões avariavam-se cada vez mais durante esse longo tempo, uma vez que as suas peças eram muito escassas. Fontes disseram-me que a empresa que operava esta linha para Coari apenas assinou um contrato de um ano, e que este contrato seria cancelado dentro de mais alguns meses. O plano de longo prazo incluía a limpeza de um campo de desembarque onde o meu arroz estava atualmente a crescer, pelo que eu sabia que o projeto do arroz era de curta duração. Mas também sabia que, se os planos de construção do aeroporto fossem anunciados no dia seguinte, eu ainda teria várias colheitas porque "isto era o Brasil".

Em 18 de maio de 1966, ao escrever para os seus pais, Marvin volta a descrever como era viajar no Avião Catalina no trecho Manaus–Coari:

"Acabei de voltar de uma viagem a Manaus no avião Catalina que pousou na água. A velha moça está ficando bastante velha, e às vezes me pergunto como isso continua. Meu assento estava perto da água e, quando o avião pousou, me molhei com um fino jato de água que entrou na cabine por algumas rachaduras na fuselagem. Rachaduras na fuselagem são comuns. Na verdade, durante este voo, pegamos uma tempestade e o telhado começou a vazar. De repente, apareceu os lenços de mão dos passageiros para limpar a água".

Nesse livro, podemos extrair através dos relatos do autor, como era viver em Coari na década de 1960. Nessa época, os motores de energia eram desligados todas as noites a partir das 21h e dessa forma, a população passava a noite na escuridão.

Em seguida, vamos observar a narração sobre o acidente da corveta da Marinha na praia em frente de Coari:

"Por volta do final de maio (1966), um barco da marinha brasileira conhecido como Corveta entrou no Lago Coari com alguns materiais de construção para os padres. O capitão da enorme embarcação aproximou-se demasiado, bateu num banco de areia oculto, e ficou pendurado. O próprio barco devia ter pelo menos 250 pés de comprimento, e eu nem sequer arriscaria um palpite quanto ao seu peso. Para tirá-lo do banco de areia, vários barcos menores saíram e descarregaram a carga da Corveta que se destinava a Coari. Isto por si só não foi suficiente para o ajudar a recuar do banco de areia, mesmo depois da Corveta ter corrido com os seus poderosos motores, a toda a velocidade, em marcha ré. Muitos mais barcos foram convocados, e com todos eles a puxar, ainda não conseguiam movê-lo. Finalmente, após várias tentativas, que levaram o dia todo, a Corveta largou a sua âncora de duas toneladas da parte de trás do navio, e com ações repetidas, conseguiram guinar o navio para fora do banco de areia. Uma enorme multidão tinha-se reunido para observar todo o processo, e era consenso geral que o capitão do navio não sabia o que estava fazendo. Aparentemente, todos tinham razão porque uma enorme barcaça petrolífera do Peru atingiu o Corveta na foz do lago de Coari quatro horas depois de este ter deixado o banco de areia.

De acordo com alguns dos muitos rumores, a Corveta estava a navegar fora da foz e à volta de uma curva, não viu a barcaça carregada de petróleo, e colidiram. Ambos os barcos estavam a cerca de 40 pés da costa, e a barcaça, viajando a cerca de doze milhas por hora, não conseguia parar. A Corveta alegadamente virou-se para o lado largo para tentar sair do caminho, e a barcaça bateu na Corveta mesmo à saída dos dois compartimentos da frente, mesmo abaixo da linha de água. A Corveta não afundou devido às rápidas ações da tripulação que fechou os dois compartimentos antes de poder tomar mais água. Infelizmente, dois homens da marinha morreram, e apenas um corpo foi recuperado. O outro corpo de marinheiro não pôde ser encontrado e aparentemente foi para o rio. Este fato suspendeu todas as formas de pesca em torno daquela zona durante pelo menos uma semana. Nenhum dos nativos queria arriscar e consumir um peixe que pudesse ter consumido carne humana. O corpo recuperado do outro marinheiro foi transportado para Belém para um grande funeral. O acidente aconteceu mesmo perto da foz do rio na saída de Coari".

Podemos ver um lado mais hilário de Marvin, na escolha da Rainha da Primavera ou Miss Primavera, evento com tradições norte-americana que foi trazido para Coari pelas Irmãs A.S.C.:

"Na mesma época, a escola de Coari (E.N.S.P.S.) sediou a "Coroação da Rainha da Primavera" e resolvi ir. O julgamento da rainha foi claramente embaraçosamente manipulado. A garota que ganhou o concurso de beleza era feia como uma velha cerca de barro e não tinha nenhuma pose teatral. No entanto, essa garotinha atarracada era filha do homem mais rico da cidade. Ficou claro para mim e para muitos outros que muito mais talentos estavam no palco naquela noite e os melhores nem foram considerados. E ainda por cima, sua irmã ganhou o mesmo título no ano passado. Muitas pessoas ficaram aliviadas porque essa menina era a última da família. Talvez seja um concurso mais justo no ano que vem. Depois que a candidata foi coroada, houve uma dança muito divertida e aprendi uma nova dança chamada bolero, a primeira dança latina que dancei. Várias das jovens brasileiras fizeram fila para dançar com o americano de olhos azuis".

Um olhar sobre o bairro de Chagas Aguiar:

"Padre Jaime ficou atrás da conclusão da ponte sobre o igarapé que separava Coari da área chamada Chagas, onde ficavam meus galinheiros e onde eu viajava todos os dias de canoa. Vários políticos chegaram ao cargo prometendo à população de aproximadamente mil pessoas do lado de Chagas a conclusão da ponte. Depois de iniciarem uma pequena construção, logo parou as obras quando assumiu o cargo. A área era um remanso que enchia e dividia a cidade enquanto o rio Amazonas estava em sua crista durante oito meses do ano. Como resultado, Chagas não tinha mercado, igreja, escolas ou acesso a um centro médico. Táxis aquáticos (canoas improvisadas) transportavam as crianças até as escolas. Em muitas ocasiões, as canoas atolavam e as crianças tinham que nadar até a margem. Apenas algumas mortes ocorreram ao longo dos anos, mas inúmeros sapatos e livros foram perdidos. Cansado disso, Padre Jaime entrou em contato com o governo brasileiro e, com a ajuda de um engenheiro, elaborou um plano. Uma ponte de cimento estava fora de cogitação devido ao custo, mas o padre Jaime procurou Chico Corrêa, que tinha apenas oito anos de escola, mas se provou estabelecendo um parque industrial em Coari e administrando seu próprio negócio. Os ricos deram dinheiro em arrecadações de fundos, os trabalhadores concordaram em trabalhar com uma taxa reduzida e apenas os pedreiros se recusaram a aceitar a uma taxa mais baixa em pagamento."

A Primeira Igreja Batista de Coari

A Primeira Igreja Batista de Coari começou a ser concebida no final da década de 20 do século XX por reuniões com intuito de preparar os grupos para fundamentar a sua criação. Contudo, ela só foi organizada efetivamente como igreja em 24 de novembro de 1932 pelos membros vindos da Igreja Batista que existia na comunidade da Boa Fé, no Rio Copeá e outros.

Um marco para o desenvolvimento da Primeira Igreja Batista de Coari foi a chegada de Codajás de seu primeiro dirigente, o Pastor Júlio Martins Braga.

Em 1945, sob organização dos membros da Primeira Igreja Batista de Coari, e na liderança do Pastor Alberico Antunes de Oliveira foi fundado o Instituto Bereano de Coari, localizado na rua Ruy Barbosa, em plena ocorrência da 2ª Guerra Mundial.

A Primeira Igreja Batista de Coari acompanha diretamente a trajetória histórica do município de Coari desde 1932 e foi a primeira Igreja Evangélica fundada no município de Coari.

O templo da Primeira Igreja Batista de Coari, tem arquitetura inspirada nos templos Batistas dos Estados Unidos. Foi construído sob a liderança do Pr Miguel Horvath e inaugurado na data de 24 de novembro de 1960. Está localizado na rua Gonçalves Ledo, n. 199, no centro da cidade de Coari.

Segundo Raimundo Parente:

"A Primeira Igreja Batista de Coari é uma igreja tradicional, histórica e conservadora. É filiada à Convenção Batista Brasileira, Convenção Batista do Amazonas e Associação das Igrejas Batistas do Médio Solimões. Tem a Bíblia como única regra de fé, conduta e a Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira".

Atualmente a Primeira Igreja Batista de Coari tem como Pastor o Pr. Jorge Marins de Lira e tem como pastores auxiliares o Pr. Cláudio Ricardo de Oliveira Lima e o Pr. Natalino Pereira de Souza Filho, todos eles nascidos em Coari. Foi recentemente criada mais 3 igrejas Batistas em Coari: Igreja Batista Agua Viva, no bairro de Santa Efigênia, Igreja Batista Monte Horebe, no bairro do Urucu e Igreja Batista Príncipe da Paz, no bairro do Pera I. Existe ainda, mais três congregações na cidade, situadas nos bairros de Grande Vitória, Ciganópolis e Vila Lourenço; e na zona rural do município existem seis congregações.

Líderes históricos

O senhor Enedino Monteiro da Silva, 1º Prefeito de denominação evangélica de Coari (1973), foi enviado pela Primeira Igreja Batista de Manaus para ser evangelista aqui em nossa cidade, com sua esposa Alda Bráule Pinto Monteiro e Maria Elizabeth Silva Bastos Rodrigues, esposa do senhor Dimas Teles Rodrigues. Eles ajudaram na fundação do Bereano. Dimas Teles Rodrigues atuou na Primeira Igreja Batista de Coari por mais de 50 anos com sua esposa, sempre como diácono e presidente.

A Origem da Igreja Assembleia de Deus em Coari

Após algumas tentativas frustradas de iniciar o trabalho pentecostal na sede do município, em virtude das perseguições religiosas, o primeiro núcleo de irmãos da Assembleia de Deus se estabeleceu na comunidade Novo Horizonte no ano de 1947. Foram anos sucessivos de pregação da mensagem pentecostal, evangelização e exposição da palavra de Deus na região do município de Coari, até que no dia 17 de junho de 1965 é oficialmente aberto o trabalho com a presença do evangelista Walmiro Candido Sena, em uma casa alugada no Bairro de Tauá-mirim, na Rua 2 de Dezembro, número 623.

Segundo o irmão Alfredo Rodrigues da Silva, membro pioneiro do trabalho na cidade de Coari, o evangelista Walmiro pregava o evangelho constantemente na Pç Getúlio Vargas, no centro da cidade e através destas pregações ele ganhou as primeiras pessoas que passaram a se congregar na referida casa de oração que funcionava na rua 2 de dezembro. Foi grande o empenho do evangelista, até que no memorável dia 17 de junho de 1965 o trabalho foi fundado oficialmente, com a redação de uma ata para documentar a reunião de fundação. Assim foi narrado, em ata oficial da igreja o início de tudo:

"Precisamente às 19h30 do dia 17 de junho do ano de 1965, em salão alugado, sito à rua 2 de dezembro reuniram-se os seguintes irmãos (crentes), sobre direção do evangelista autorizado pelo ministério da Assembleia de Deus, Manaus, Estado do Amazonas, Walmiro Candido Sena e os pioneiros: Antônio Frazão e esposa Beatriz Frazão, Eduardo Cruz e esposa Raimunda Cruz, Antônio Pereira da Silva e sua esposa Amália Amâncio da Silva e outras pessoas que se faziam presentes na oportunidade. Com uma oração a Deus foram abertos os trabalhos e entoados os hinos de número 15, 2 e 40 da Harpa Cristã.

Sendo logo feito depois pelo referido evangelista Walmiro Candido Sena o convite a todos para a leitura da Palavra de Deus, em Romanos 1.16, falando da salvação pela fé em Jesus Cristo, mediante o sacrifício do calvário, dissertou pela doutrina esposada pela doutrina desposada pela Assembleia de Deus e, em todos os presentes havia grande esperança e notável alegria, que traz o evangelho de Jesus Cristo. E ainda sob o cântico de número 25, da mesma harpa, foram recebidas as ofertas cristãs, para o trabalho do Senhor Jesus Cristo.

Ficando assim constituída a diretoria da igreja:
Presidente: Walmiro Candido Sena;
1º Secretário: Antônio Pereira da Silva;
2º Secretário: Eduardo Cruz;
Tesoureiro: Antônio Frazão;
2º Tesoureiro: Amália Amâncio da Silva.

Todos estes irmãos, já mencionados, foram ao momento aceitos por aclamação (unânimes), tendo sido em seguida encerrada a sessão (o culto).

Templo da Assembleia de Deus em Coari, 17 de junho de 1965".

Nesta casa de oração os cultos foram realizados por cerca de um ano, até que os cultos passaram a ser realizados em outro lugar, na Rua Rui Barbosa nº 582 já sob a liderança do pastor Fernando Granjeiro, enviado ao município para dar continuidade ao trabalho iniciado pelo evangelista Walmiro Candido Sena. Cerca de quinze pessoas se congregavam no local. Em menos de um ano depois, os cultos voltam a ser realizados novamente no primeiro endereço, na rua 2 de dezembro, ainda em local alugado.

A pequena igreja, que crescia lentamente sob a pregação da Palavra de Deus e a unção do Espírito Santo enfrentava várias dificuldades, a maior delas a resistência à aceitação da Palavra de Deus por parte de religiosos ligados à religião tradicional, há muito tempo existente no município e até mesmo a hostilidade de pessoas que por total desconhecimento da Palavra de Deus promoviam badernas, apelidos e até mesmo jogavam pedras sobre o telhado da humilde casa de oração enquanto os irmãos buscavam ao Senhor orando em voz alta.

A Origem da Igreja Assembleia de Deus em Coari

2º batismo em águas realizado na história da igreja em Coari, no dia 31 de março de 1968.

Fachada do primeiro templo da IEADAM em Coari, com os membros da igreja posicionados na frente do mesmo.

O 1º batismo em águas foi realizado no dia 25 de abril de 1966, durante o ministério do pastor Fernando Granjeiro de Menezes, em que foi ministrado pelo pastor José Reis, neste dia desceram às águas os primeiros membros da igreja a serem batizados: Maria Suzana Rodrigues, Justa Rocha Simeão e Raimundo Rocha Simeão.

O 2º batismo aconteceu no dia 31 de março de 1968 e foram batizados os seguintes irmãos: Sebastião Pereira Martins, Sebastião Leão Oziel, Alfredo Rodrigues da Silva, Aldenora Amâncio da Silva, Pedro Simão da Silva, Gláucia da Silva, Quelita Elói da Silva, Raimunda Maciel (Raimundinha), Aldebaram Amâncio da Silva e irmã Maria de Nazaré Maciel Gomes. As cerimônias de batismo eram realizadas nas águas nas margens do Lago de Coari em frente onde atualmente ficam as instalações da meteorologia.

No dia 14 de abril de 1968, o pastor Osvaldo de Freitas Elói assumiu a Igreja em Coari. Neste período a igreja ainda funcionava em uma casa alugada na Rua 2 de Dezembro. Surgia no coração do pastor e dos primeiros membros a necessidade de a igreja possuir um templo de sua propriedade. Ao lado da casa de oração havia um terreno baldio, uma saída de rua que estava sem utilidade alguma, cheia de entulho e tomada pelo matagal. Observando tal fato, o irmão Alfredo Rodrigues procurou as autoridades do município para ser feita a doação daquela área de terra, onde seria construído o primeiro templo da Igreja Assembleia de Deus em Coari. O pedido foi aceito, a terra ao lado da antiga casa de oração foi doada pelas autoridades do município para a construção da igreja, que foi iniciada no mesmo ano.

Envolvidos na construção, os irmãos trabalharam lado a lado com o pastor Osvaldo Elói, sendo responsáveis diretos pela construção os irmãos Alfredo Rodrigues e Antônio Pereira, auxiliares da obra. Ajudaram vários irmãos, dentre eles José Gomes Pereira. Almir Elói, filho do pastor Osvaldo Elói, deu o seguinte testemunho falando sobre a construção do primeiro templo: “Meu pai disse que muitas vezes ele molhou cimento com lágrimas”.

Tal empenho na pregação da palavra de Deus, na união pela obra e na dedicação no serviço resultou na inauguração do templo no mês de junho de 1969, com a presença do Pastor Presidente da Assembleia de Deus no Amazonas e caravana vinda de Manaus, que vieram a bordo do Barco Avante, para celebrar a vitória do povo de Deus em Coari, trouxeram de capital uma orquestra e chegaram com salvas de fogos de artifício, chamando a atenção da cidade para a grande obra que se iniciava em Coari. Portanto, o templo central ficou definitivamente estabelecido na rua 2 de Dezembro nº 623.

Excerto do livro “A História da Assembleia de Deus em Coari” — Daniel Maciel Gomes”.

Clemente Vieira

O mandato de Clemente Vieira (1963 a 1969) apontou um novo marco na forma de governar Coari. Uma característica forte foi a manifestação do populismo e o assistencialismo, paralelamente a criação de grandes obras por toda a cidade.

Em 1967 houve a inauguração de algumas obras na visita do governador do estado Danilo Areosa:

- O grupo escolar Inês de Nazaré Vieira.
- Inauguração e revitalização das ruas Independência, Travessa Mota e XV de Novembro.
- Apoio a instalação da Celetramazon (Companhia de energia).
- Doação da praça Silvério Nery para a instalação da CAMTEL (Companhia Amazonense de Telecomunicações).

Fátima Acris, nossa primeira Miss Amazonas

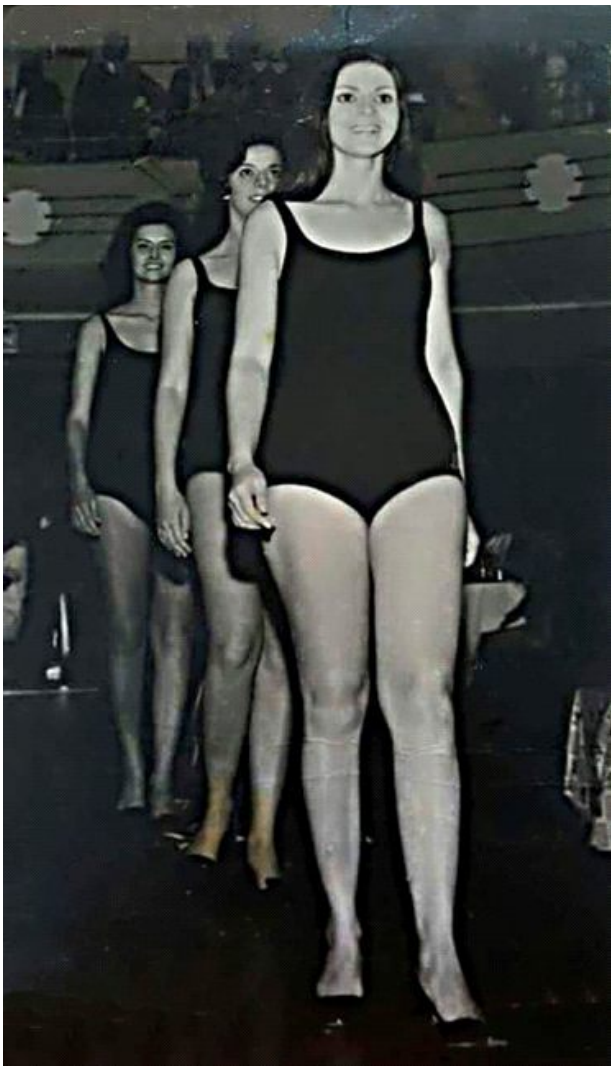
O Miss Coari é um concurso de beleza mais tradicional do estado do Amazonas. Teve seu início no ano de 1940 e foi organizado nos anos iniciais pela pelos periódicos "O Jornal" e "Diário da Tarde" de Manaus, mais tarde pela associação Tijuca Esporte Club e depois de alguns anos, passou a ser organizado pela prefeitura de Coari, que no decorrer do tempo, mudou o local do concurso para a Praça da Matriz, quadra de Esporte São José, Refúgio Dois Pinguins, quadra da escola Dom Mário e atualmente no centro cultural.

A nossa primeira Miss Coari foi a senhora Emília Abinader Ribeiro em 1940, esposa do senhor Messias Ribeiro, expressivo comerciante de nossa cidade. E no decorrer do tempo, o povo coariense foi entendendo, aprendendo e se envolvendo no seu concurso mais expressivo de beleza feminina.

Todos os anos a população já espera chegar o mês de agosto, especificamente no dia 02, aniversário de nossa cidade, para torcer por sua candidata preferida ao Miss Coari, título muito concorrido na Cidade da Beleza ou Terra de Mulheres bonitas. Designação muito pertinente, visto que, na história de nossa cidade há uma exaltação à beleza das indígenas da região, registrado sobretudo pelo Padre João Daniel, no seu Livro "Tesouro descoberto no máximo Rio Amazonas". Ele as descreveu assim:

"Algumas fêmeas a que além de suas feições lindíssimas, têm os olhos verdes e outras azuis, com uma esperteza e viveza tão engraçadas que podem ombrear com as mais escolhidas brancas".

O livro foi escrito entre 1741 e 1757, dessa forma, podemos concluir dedutivamente, que a maneira em que se formou o povo coariense, advém da miscigenação entre os viajantes europeus que por essas terras passaram e os povos indígenas.



Fátima Acris – Desfile de Maiô – Salão dos Espelhos do Rio Negro Club

As indígenas coarienses são descendentes diretamente dos Jurimáguas que nas passagens das belas Icamiabas, nessa terra, se relacionavam e as meninas nascidas dessas uniões permaneciam junto às amazonas, e os meninos eram entregues aos pais da tribo dos Jurimáguas, juntamente com um amuleto da sorte denominado de muiraquitã.

Com essa miscigenação e mais tarde, com a chegada dos imigrantes turcos, libaneses, árabes, judeus e a migração dos nordestinos nos dois ciclos da borracha, formou-se um povo com características físicas típicas de várias "raças" com uma rica e belíssima mistura. Surgindo assim, as coarienses, as mais belas mulheres da Amazônia.

A constatação da beleza coariense ficou muito evidente em 31 de maio de 1968, no concurso de Miss Coari realizado no Tijuca Esporte Clube, no período que se realizava a festa da primavera e a escolha também da Miss Primavera. A vencedora do concurso de Miss Coari 1968 foi a linda coariense, Maria de Fátima de Souza Acris.

No ano de 1968, era então, o último ano do primeiro mandato do prefeito Clemente Vieira Soares, e o mesmo conduziu com sua esposa, Fátima Acris, para participar do Miss Amazonas 1968 com todos os cuidados e muitas notas nos jornais manauaras.

O concurso aconteceu na noite de 8 de junho de 1968 e foi promovido pelo Jornal do Comércio e a Rádio Baré.

O baile de "Miss Amazonas 1968" foi iniciado às 22h40min, em que logo, o mestre de cerimônia, Dr. Jayme Rebello, deu início ao desfile em traje de noite encantando todos os presentes. Na passarela, que estava estendida de uma extremidade a outra do salão de danças do Rio Negro, desfilaram: Maria das Graças Garcia (Clube Municipal), Evan Neves (Bancrévea), Helen Rita Guimarães (Princesa Isabel), Maria de Fátima de Souza Acris (Cidade de Coari), Theolinda Franco Duarte (Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia da UA) e Greice Marques (União Esportiva Portuguesa).

Em seguida, aconteceu o desfile em traje banho (Maiô), assim sendo possível tirar todas as dúvidas sobre os critérios avaliativos das medidas e a beleza de cada participante. Logo após, as candidatas se retiraram para os camarins do clube, esperando a decisão da Comissão Julgadora. Enquanto os juízes se reuniram para eleger a mais bela amazonense daquele ano, Zeina Chama, Miss Amazonas 1967, desfilou para encerrar seu reinado, sendo vibrantemente aplaudida pelo imenso público.

Traje de Noite – Salão dos Espelhos do Rio Negro Club

Fátima Acris usando seu Traje Típico no Miss Brasil - Revista Cruzeiro – 1968

No momento final, houve o anúncio da vencedora do concurso, a coariense Fátima Acris, que foi ovacionada pela verdadeiramente multidão que se comprimia no "Salão dos Espelhos" do Atlético Rio Negro e na área fronteiriça ao clube.

O concurso de Miss Amazonas 1968 premiou Fátima Acris com produtos da Sanyo e Mundial Magazine, passagem ida e volta para Miami pela Avianca e uma viagem a Salvador, onde a mesma prestigiou no Ginásio Antônio Balbino, a eleição de Martha Vasconcellos como Miss Bahia 1968.

Coari viveu na madrugada daquele domingo, momentos de intensa euforia. Pelas ondas da Rádio Baré, os conterrâneos da Miss Amazonas 1968 acompanharam com ansiedade o concurso. Quando foi conhecido o resultado, o povo saiu à rua cantando em meio a um foguetório.

Inez Batista disse:

"*Coari fez festa. Ficamos todos no canto do Mengo Bar esperando o resultado pelo rádio. O desfile tinha transmissão ao vivo pela rádio Baré. Lembro que saímos pulando e parecia a vitória do Brasil no futebol".*

O Miss Brasil de 1968 foi um concurso inesquecível na lembrança das pessoas que são apaixonadas pelo mundo da missologia. 1968 ficou na história como o ano da escolha da nossa segunda Miss Universo, a baiana Martha Vasconcellos. Martha e Fátima Acris se destacaram na sua preparação do concurso e na expressiva divulgação de suas fotos nas revistas e jornais de grande circulação em todo o país.

O concurso de âmbito nacional aconteceu no dia 29 de junho de 1968, no Ginásio do Maracanãzinho, Rio de Janeiro. Foi promovido pelos "Diários e Emissoras Associados" e foi transmitido pela saudosa TV Tupi. Houve a participação de 25 candidatas, representando os Estados e Territórios brasileiros. A grande festa nacional da beleza começou com a apresentação em traje de gala, seguida em trajes típicos e finalizou com traje banho (maiô).

Retorno de Fátima Acris a Coari

Retorno de Fátima Acris a Coari

Desde a década de 60, em Coari há uma tradição de revelar grandes talentos para os concursos de beleza ao nível estadual e até nacional. Fato que vem influenciando diretamente nesses 50 anos a paixão dos coarienses pelo concurso de Miss Coari e ajudaram nossa cidade a ser chamada de "Terra da Mulher Bonita".

Fica aqui minha homenagem à Fátima Acris, que neste ano de 2018, completou 50 anos de seu eterno reinado. Dona de uma beleza suave, angelical e sobretudo, que irradiou sempre simpatia. Essa mulher que saiu de sua cidade, onde trabalhava nas Casas Pernambucanas e, no período de um mês, partiu para o mundo, deixando em sua Coari um legado de dignidade e uma história que influenciou sempre o empoderamento da Mulher Coariense.

Unidade Mista de Coari

Inauguração do Hospital de Coari

Era sábado, dia 6 de março de 1971, às 9h de um dia ensolarado, chega a Coari a comitiva do governador Danilo Areosa para inaugurar o hospital de Coari da Superintendência dos Serviços Médicos do Interior — SUSEMI. O prefeito Mussa Abrahim Neto (1969 a 1973) fez a recepção da comitiva e foi um dia de muitas festividades.

O hospital foi pré-fabricado na Inglaterra, o hospital dispunha de secretaria, laboratório, banco de sangue, sala de reuniões, centro cirúrgico, com sala de recuperação, maternidade, salas de pré-parto, enfermarias, berçário, inclusive para prematuros, ambulatórios, apartamentos para médicos e parteira, cozinha e refeitório, necrotério, sala de vacinação, gabinete de raios-X, gabinete odontológico e as demais dependências necessárias, e tudo o que um hospital deve ter e que muitos não têm.

Um dos objetivos secundários do hospital de Coari foi para servir de centro de apoio às lanchas da secretaria de saúde e cidades próximas.

Isso tudo em uma cidade em que até pouco tempo, o que tinha de assistência médica era de iniciativa de abnegados Padres Redentoristas, funcionando precariamente. Em alguns municípios do interior do Amazonas se construiu maternidades, em lugares onde o índice de crianças nascidas nos hospitais é nulo, porque para o caboclo menino nasce mesmo é, em casa, pelas mãos da "comadre", pois difícil não é nascer, é viver.

Coari, centro de uma extensa área do Solimões tem agora, um hospital com H maiúsculo, que ao lado de outras iniciativas governamentais de fundo infraestrutural, não expulsa o homem interiorano para as periferias marginalizadas de Manaus em busca de saúde. Agora tem um hospital moderno, equipado, completo, servido por jovens médicos saídos do Projeto Rondon para dar-lhe a assistência.

Jornal do Comércio — 04/03/1971

Rainha do Solimões

No dia 9 de novembro de 1971, o vice-presidente da República, Almirante Augusto Rademaker, subiu o Amazonas no navio Lobo D'almada da Empresa de Navegação da Amazônia – ENASA inspecionando a calha do Solimões. Nessa viagem, ele parou em Coari e visitou o hospital de Coari, fez um discurso na praça Getúlio Vargas, em que disse que a partir daquele momento, Coari seria conhecida como "Rainha do Solimões", devido a sua grande pujança e desenvolvimento.

O avião monomotor de prefixo PT-DKC, pertencia aos padres redentoristas da Prelazia de Coari

Avião mergulhou no lago de Coari matando o piloto [57]

No dia 12 de abril de 1971, o avião monomotor de prefixo PT-DKC, pertencente aos padres redentoristas da Prelazia de Coari, mergulhou pela manhã nas águas do Lago de Coari, provocando a morte do seu piloto José Edno Rios Gomes e deixando gravemente ferido o passageiro José Arnaud Sales, gerente do Banco do Estado do Amazonas, agência local.

As primeiras notícias dão conta de que o piloto, na tentativa de desviar de uma canoa que surgiu no momento de aquatizar, provocou descontrole da aeronave, que adernou mergulhando posteriormente nas águas do Lago de Coari. José Edno Rios Gomes, ficou engatado no cinto de segurança, acompanhando toda a trajetória do monomotor, enquanto José Arnaud Sales, conseguindo se soltar foi retirado das águas em estado de coma, sendo internado no Hospital da SUSEMI existente na cidade de Coari.

O Voo

O monomotor de prefixo PT-DKC saiu às 9h do dia 12 de abril de 1971, de Manaus às 9 30 horas de ontem, levando em seu bojo além do piloto José Edno Rios Gomes, o gerente da agência do Banco do Estado do Amazonas (BEA), em Coari, que passou o fim de semana na capital. No exato momento em que tentava pousar o hidroavião, surgiu segundo as primeiras notícias chegadas a Manaus, uma canoa. O piloto José Edno Rios Gomes ao tentar desviar da pequena embarcação, provocou o desequilíbrio do monomotor, tendo este adernado, mergulhando posteriormente sob as águas do Lago de Coari. José Edno Rios Gomes, engatado no cinto de segurança e em virtude do esforço que despendeu na tentativa de corrigir a posição do avião, não teve tempo de fugir, enquanto o seu companheiro de viagem, José Arnaud Sales, em virtude do violento impacto, era depois socorrido por populares, em estado de coma, gravemente ferido.

57. Jornal do Comércio - Em 17 de julho de 1972

"Há outra versão, não oficial, de que os dois haviam saído do avião, porém o gerente do BEA, José Sales havia esquecido a sua pasta com documentos do banco. O piloto Rios em um ato impensável, voltou para pegar a pasta e já dentro da cabine, o avião tombou mais ainda, batendo a porta. Dessa forma, ele ficou preso dentro do avião enquanto o avião afundava."

Socorro

Pessoas que se encontravam nas proximidades do local onde o pequeno avião costumava fazer pouso, avistaram com espanto quando o monomotor de prefixo PT-DKC perdia o controle do rumo de voo, para depois mergulhar nas águas do lago de Coari. Imediatamente, várias pessoas, com o auxílio de canoas, rumavam para o local, retirando o gerente do Banco do Estado do Amazonas, agência de Coari, que foi imediatamente içado e, quarenta minutos após o piloto José Edno Rios Gomes era retirado do interior do seu avião com ferimentos e já sem vida.

O corpo do jovem piloto foi transportado para a sua residência em Manaus, na rua 31 de janeiro, no morro da Liberdade. Assim como o gerente do BEA, José Arnaud Sales, foi transportado para tratamento em Manaus, visto que permanecia em coma.

O Piloto

José Edno Rios Gomes, nascido em Manacapuru, tinha 29 anos, 4 dos quais trabalhando para a Prelazia de Coari como piloto, profissão que sempre sonhara em se realizar. Era filho de Maria Reis Gomes e Raimundo Gomes da Silva, funcionário do Ministério da Agricultura. Concluiu o curso técnico na Escola Técnica Federal do Amazonas, para depois empenhar-se na carreira dos seus sonhos: ser piloto. Em 1965 viajou a São Paulo onde foi licenciado por uma Escola de Aviação, retornando a Manaus onde passou a trabalhar para a Prelazia de Coari, dos padres Redentoristas, realizando diariamente voos a aquele município em desobriga profissional.

José Edno Rios Gomes, no dia 2 de março último, realizara mais um sonho de sua vida. Contraiu matrimônio com a jovem universitária, estudante de 29 anos da Faculdade de Odontologia, Vera Lúcia Abugoste Gomes, a quem conhecera há dois anos e nove meses, período em que faziam planos para unirem-se pelo matrimônio que se realizou no mês passado. Na manhã de ontem, José Edno Rios Gomes acordara bem cedo, dizendo que iria transportar duas pessoas que pretendiam ir a Coari, o gerente do BEA, José Arnaud Sales e o comerciante Galdino B. Guedes residente na rua Belém, 407 que desistiu da viagem minutos antes de ela se realizar. Antes de se dirigir ao Aeroporto, José Edno, como de costume, levou a esposa Vera Luzia para a escola, dizendo que voltaria ainda ontem, pois teria de resolver uma série de problema... em que se incluía a reserva de passagens em uma agência de viagens para sua irmã Rosa Maria Gomes, que deverá chegar a Manaus nos últimos dias deste mês procedente de São Paulo. Iriam, segundo ficou acertado, fazer compras no mercado. As primeiras horas da tarde de ontem, entretanto, Vera Lúcia recebia a triste notícia: o avião pilotado por seu marido mergulhava no lago de Coari, provocando-lhe a morte.

Vera Lúcia Gomes dizia que sempre que José Edno Rios Gomes realizava uma viagem, ela lhe dizia: "amor toda vez que fazes uma viagem, eu tenho a sensação de que você vai morrer, pelo que ele acalentava: "você não entende de aviação".

José Edno Rios Gomes, no ano de 1968 esteve na Califórnia. Estados Unidos, onde fez um curso de aperfeiçoamento de aviação e conduziu o avião de prefixo PT-DKC que fora adquirido nos Estados Unidos pelos padres redentoristas, no interior do qual ele morreu.

Depoimento in loco de Seresta (Francisco Oliveira e Silva) sobre o acidente do avião do bispo Dom Mário no lago de Coari.

— Eu estava no flutuante Texaco, que é até hoje, o comércio de venda de combustíveis de nossa família. Junto comigo, estava um funcionário que chamávamos de Cabo Rural, pois ele era parecido com o famoso militar que vivia em Coari.

— Quando o avião chegava, tradicionalmente dava uma primeira volta para verificar se não havia nenhum obstáculo (canoa, barco, tronco). Quando eu ouvi o barulho do avião, saí para assistir, pois naquele tempo tudo era novidade, a gente quase não avistava avião em Coari. Mas, ao vê-lo, percebi algo diferente. Uma roda do trem de pouso estava baixada. Era comum que quando o avião chegava, às 02 rodas estavam recolhidas.

— Infelizmente, naquele dia uma roda estava recolhida e a outra estava baixada. Ao perceber isso, achei muito estranho, pois, ao sair do aeroporto, este hidroavião usava o trem de pouso para a decolagem, mas para aquatizar (amerissar) não há necessidade do uso das rodas e sim dos flutuadores.

— Na segunda volta, o hidroavião veio para fazer o pouso aquatizando (amerissagem), porém, ao tocar nas águas do lago de Coari, a roda fez o avião tombar para ao lado, justamente onde a mesma estava baixada, ficando de cabeça para baixo, com uma parte da aeronave imersa sob as águas.

Seresta chamou o seu funcionário, pegaram uma canoa e foram rapidamente ao encontro do avião. Os dois remaram velozmente e ao chegarem no local, Seresta conseguiu abrir a porta do avião e o gerente do BEA (Banco do Estado do Amazonas) conseguiu sair e passar para a canoa.

Seresta perguntou pelo piloto Rios, e José respondeu que ele estava pegando a sua pasta de documento do banco. Mas, Seresta observou que o piloto Rios não estava consciente. E neste exato momento o avião se movimentou, batendo a porta e descendo mais fundo no lago.

Seresta mergulhou e tentou abrir a porta do avião para salvar Rios, mas não conseguiu. Foi quando veio um pensamento em sua mente: — E se o avião explodir? — Então resolveu subir e voltar para a canoa.

Foi quando chegaram mais pessoas em outras embarcações para ajudar. Seresta relatou também que mais tarde quando o avião foi arrastado para terra, e os primeiros socorros começaram a ser prestados, viu uma grande marca roxa no peito do piloto Rios provavelmente causada pelo manche do avião e poderia ser o motivo dele estar inconsciente na hora do acidente.

Catedral de Santana e São Sebastião

Catedral de Santana e São Sebastião

Em 1910, o município de Coary possui uma Comarca[58] e os seus 05 distritos: A vila de Coary, o distrito do Barro Alto, distrito de Camará, distrito de Itapéua e distrito de Piorini. A população no final da primeira década do século XX era de 11.000 mil habitantes e 295 eleitores[59]. A Superintendência Municipal (Prefeitura) era presidida pelo Coronel Lucas de Oliveira Pinheiro.

A atual igreja matriz de Coari foi inaugurada em 1910 pelo Padre Víctor Merino, que trabalhou em Coari entre os anos de 1906 a 1910. Ela possui estilo arquitetônico espanhol e na época possuía apenas a nave central.

Em 13 de julho de 1963, foi erigida a Prelazia de Coari pelo Papa Paulo VI através da Bula Ad Christi. Contudo, a prelazia só foi instalada em 11 de março de 1964 numa celebração feita pelo bispo de Manaus, Dom João de Souza Lima, que entregou a prelazia aos missionários Redentoristas que já atuavam nessa região e também em Codajás e Manacapuru. O primeiro bispo prelatício foi o americano, Dom Mário Robert Emmet Anglim, que foi escolhido no dia 25 de abril de 1964 também pelo Papa Paulo VI.

Início da obra de ampliação da igreja matriz de Coari

O Pe. Alyrio Lima dos Santos (Padre Lima – 19/12/1931 - 12/07/1913) missionou o evangelho em Coari entre 1958 e 1962, após isso, viajou para fazer um curso de direito canônico e alguns pequenos cursos de arquitetura em viagem a Roma entre os anos de 1962 a 1964. Ao voltar ao Amazonas em 1964, foi designado pelo bispo Dom Mário para ser seu vigário geral e diretor da Rádio Educação Rural de Coari. Contudo, sua mais difícil e ousada missão foi projetar e coordenar a ampliação da igreja matriz da Paróquia de Coari, sede da prelazia, sendo construída 02 naves laterais e dando esse aspecto suntuoso e imponente a edificação.

58. Corresponde ao território em que o juiz de primeiro grau irá exercer sua jurisdição e pode abranger um ou mais municípios.
59. Nessa época só votavam homens alfabetizados com mais de 21 anos e que comprovassem posse, os religiosos e os militares.

Pe. Lima explicava aos paroquianos que independentemente de onde você estivesse, na nave central, nave direita ou esquerda, poderiam assistir à celebração do padre sem empecilhos. Deu-se início às obras e a partir daquele momento, as missas, batizados, casamentos etc foram realizados no prédio da paróquia, que mais tarde seria conhecido como Centro Dom Mário.

Pe. Alyrio Lima dos Santos em 2012

Sagração da Catedral de Coari

Era uma segunda-feira, dia 26 de julho de 1971, data essa, que também iniciaram os festejos de Sant'Ana, gloriosa padroeira de Coari e cujas solenidades foi ponto alto a grandiosa cerimônia de sagração da Catedral Prelatícia de Coari. A antiga sede paroquial, dedicada a São Sebastião e a Sant´Ana conjuntamente, foi inteiramente remodelada e ampliada, tornando-se um belo e grandioso templo que é uma afirmação de fé do povo coariense, tanto como clássica dedicação e zelo dos padres Redentoristas.

A convite do Primeiro Bispo Prelado de Coari, Dom Mário, o arcebispo metropolitano Dom João de Sousa Lima chegou à cidade de Coari no avião particular da prelazia para participar da grandiosa cerimônia e fez uma recomendação ao povo de Coari:

E falando de Igreja Catedral, não resistimos ao estímulo do próprio assunto para registrar um augúrio de caráter cultural religioso. É este: oxalá os católicos da Prelazia de Coari honrem imediatamente a sua cultura religiosa habituando se a designar a sua principal igreja com o título que ela merece, de Catedral! Catedral Prelatícia, pois lá estará a CÁTEDRA de onde o Bispo ensinará a doutrina cristã contida na Escritura Sagrada e sobretudo nos Evangelhos. E não adquiram o costume sem qualificativo do povo de Manaus, quase na sua maioria que teima em diminuir a sua Catedral Metropolitana chamando de matriz simplesmente.

A Catedral de Coari foi assim revitalizada na gestão de Dom Mario Robert Emmet Anglin, bispo da prelazia de Coari e destaca-se por possuir a torre mais alta das igrejas do Solimões.

Moção de Júbilo

Em Coari, sede da Prelazia do mesmo nome, o povo vive, hoje, um dos maiores dias do seu calendário religioso. A antiga matriz paroquial de Santana e São Sebastião, hoje será sagrada Catedral Prelatícia, durante as festividades da gloriosa Padroeira. Do Cônego Walter Gonçalves Nogueira, um dos poucos sacerdotes coarienses, ao Exmo. Sr. Dom Mário Roberto Emett Anglin, Prelado de Coari, recebeu a Moção de Júbilo que ora transcrevemos.

"Excelentíssimo Senhor Bispo

Por ocasião da festa de Santana, gloriosa Padroeira de Coari, e quando se consagra a sua Catedral Prelatícia, o último dos filhos dessa terra em importância e o primeiro em ufania, felicita jubilosamente Vossa Excelência e, na sua pessoa, todo o Revmo. Clero e Religiosas da Prelazia de Coari, assim como o povo generoso e bom ao qual se associa com honra e alegria, nesta hora refulgente.

Queira abençoar-me, em Cristo Jesus.

Mui respeitosamente,

Cônego Walter G. Nogueira."

Catedral de Santana e São Sebastião em Reforma

Catedral de Santana e São Sebastião em Reforma

Projeto de Ampliação da Catedral de Coari

Avião cortou a cabeça de dois homens

Jornal 'A Notícia' – 19 de setembro de 1971

Edvan Matos Cavalcante (Funcionário da Celetramazon, casado, pai de um filho de três meses) e Pedro Antônio da Cruz (casado, verdureiro, pai de seis filhos), ambos residentes nesta cidade, tiveram morte horrível, no dia 17 de setembro de 1971, às 11h30min, no porto de Coari, ao serem violentamente atingidos por uma hélice de um Catalina da Força Aérea Brasileira, no momento em que ambos se aproximavam do aparelho, numa canoa, conduzindo diversos passageiros que iam embarcar com destino a Manaus.

MORTE

Edvan, como colaborador, era encarregado de entregar ao comandante do avião a lista de passageiros, elaborada, também, espontaneamente, pela Srta. Margareth Mesquita, funcionária da Prefeitura de Coari e Pedro Antônio, por sua vez, ajudava no transporte, de canoa, de terra para o avião e vice-versa, dos passageiros. Essa missão seria cumprida regularmente, ontem, não fosse a fatalidade. Quando o Catalina amerissou, os dois puseram os passageiros na canoa e remaram ao encontro do aparelho, que ainda mantinha em funcionamento, sem muita velocidade, as suas duas hélices. Edvan e Pedro Antônio já faziam aquilo com muita perícia, de modo que não existiam obstáculos na abordagem, mesmo quando o banzeiro é forte e faz o avião mexer-se à flor d'água.

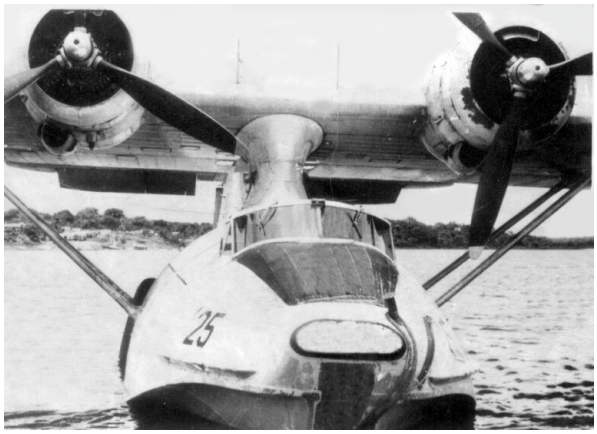
Quando a porta do Catalina se abriu, a canoa foi certamente empurrada por alguma onda para a frente. A hélice do lado direito, subitamente, atingiu em cheio de uma só vez, a cabeça de Edvan e Pedro Antônio, jogando ao rio.

O golpe foi de cima para baixo, bem no meio do couro cabeludo, evitando, por certo, fossem ambos decapitados. A médica Edna Guerra, esposa do médico Guerra, diretor do hospital da SUSEMI, que também estavam dentro da canoa, escapou milagrosamente de morrer, pois se achava bem ao lado de Edvan. Quando este recebeu o golpe mortal e foi cuspido para dentro do rio, bateu na médica, tirando-a do perigo. Mesmo assim ela caiu, recuperando-se horas depois do tremendo choque. Edvan e Pedro Antônio toram retirados imediatamente do rio e levados para o hospital, onde chegaram mortos, pois tinham a cabeça aberta em duas bandas.

INQUÉRITO

Horas depois o comandante do aparelho, major Varela, compareceu à Delegacia de Polícia, prestando depoimento em inquérito instaurado. Toda a população de Coari saiu às ruas, depois do acidente. As duas vítimas eram pessoas queridas em todos os círculos, aos quais serviam sempre com abnegação e pontualidade. O Catalina da FAB, que procedia de Tefé, com outros passageiros, deverá seguir para Manaus ainda hoje, sábado.

N.R. — Até o encerramento de nosso expediente a Base Aérea de Manaus ainda não havia expedido nenhum comunicado oficial, mas acredita-se que os detalhes do acidente sejam pormenorizados nas próximas horas.



Como aconteceu o primeiro Festival Folclórico de Coari?

Coari em nova dimensão - 1972 [60]

Coari está despertando! Uma equipe de representantes de classe do Colégio N. S. do Perpétuo Socorro, dessa cidade do Solimões. Está esse ano sacudindo o povo, procurando, através de várias atividades, fazê-lo viver uma verdadeira vida comunitária.

O Colégio faz parte da Unidade Educacional de Coari, que tem movimentado todos os estudantes, em um plano de ação que corresponda aos interesses do povo e sobretudo da juventude, demonstrando também às autoridades que os alunos e mestres não atuam apenas na sala de aula, mas em toda a sociedade.

A primeira atividade se realizou nas festas Juninas. Foi o Primeiro Festival Folclórico de Coari, cujo objetivo foi mostrar ao povo a importância desses folguedos antiquíssimos de nossa gente.

Os dias escolhidos foram 29 e 30 de junho e 10 de julho, numa festa animadíssima, que contou com o apoio integral do Prefeito Mussa Abrahim Neto, ardoroso amigo da Juventude, o qual contribuiu com uma taça para o 1º colocado, mandou construir um palanque de 18x20 metros para a exibição dos grupos folclóricos e preparou o local, que foi a grande esplanada em frente à Catedral.

O Sr. Alexandre Jorge Morais, Presidente da Câmara Municipal, ofereceu a taça ao segundo colocado e a Unidade Educacional deu a 3ª taça. Um vereador, empolgado com o desenrolar do Festival, ofereceu, na última noite, um prêmio ao 4° colocado.

Os nove grupos brincantes foram: Quadrilhas: "O Lampião", do Grupo Escolar Francisco Lopes Braga; "Brotinhos na Roça", do Grupo E. N. S. Perpétuo Socorro; Quadrilha "Junina" do G. E. Inês de Nazaré Vieira; "Os Netinhos da Vovó", do Ginásio N. S. do Perpétuo Socorro; "Bereana", do Ginásio Bereano, e "Coronel Maionés", do Grupo Jovem de Coari. Bumbás; "Estrelinha", do Grupo Infantil da rua XV de Novembro; "Prata Fina", de tradicional renome no Município, dirigido pelo seu Yoyô. Tribo: "índios Guaranis", do G. E. Iraci Leitão.

Os brincantes, vestidos a caráter, na maior animação, dançaram ante grande multidão e a Comissão julgadora, constituída pelas seguintes autoridades: Sr. Prefeito Municipal em exercício, Sr. Presidente da Câmara de Vereadores, Vereador Adelino Lima Viana, Sr. Michiles, Gerente do BEA, Sr. Aylz, Gerente do BASA, Dr. Nunes, titular da ACAR em Coari, Tenente Sales. Delegado de Segurança Pública e Professor Lúcio Porto Lima, gerente da Celetramazon.

Foi a seguinte a classificação: 1° lugar: Quadrilha Bereana; 2º lugar: Quadrilha do Coronel Maionés; 3° lugar: Brotinhos na Roça e 4° lugar: índios Guaranis.

As atividades desportivas não ficaram atrás das culturais. Aconteceu um torneio inter-classe com a participação de 20 equipes de alunos de salas, séries e sexos diferentes, entre o 1º e 2º graus, que movimentou efusivamente a escola e houve um grande número de espectadores na improvisada arquibancada.

Aconteceu outro torneio que foi denominado afetuosamente de "Copinha", em que reuniu 5 equipes provenientes dos diversos municípios, já radicados em Coari; Belém, Manaus, Codajás e Tefé, além da equipe de Coari. Essa Copinha foi ideia exclusiva do Professor Lúcio Porto Lima, que leciona português no colégio N. S. do Perpétuo Socorro.

E assim, na noite de 8 de julho, defrontaram-se os times para vibrantes partidas de futebol de salão (Futsal), tendo saído vencedores os seguintes: Campeão: Equipe de Coari; vice-campeã: Equipe de Belém.

60. Jornal do Comércio - Em 17 de julho de 1972

♫Lá vai, lá vai, lá vai boi pra quem quer ver♫
♫Lá vai o Prata Fina fazendo a terra tremer♫

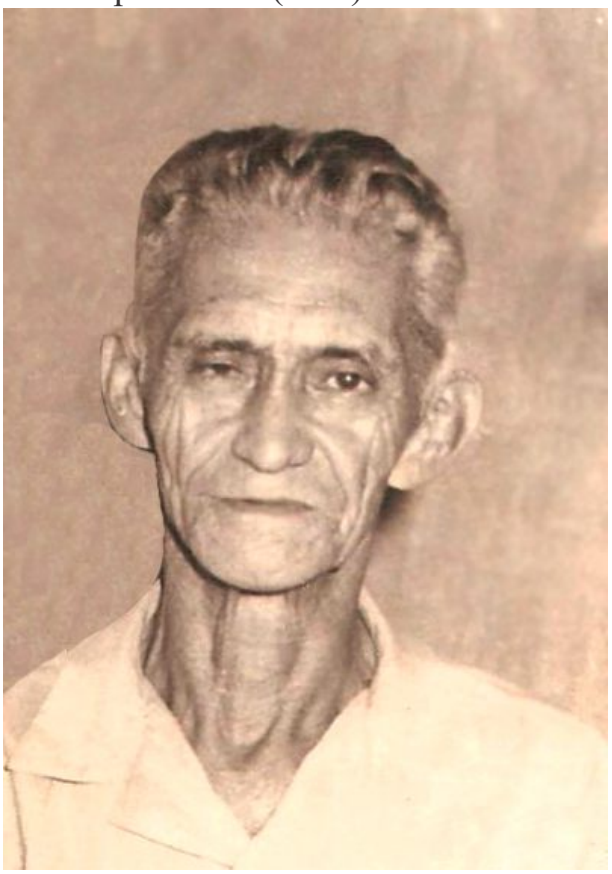
Boi Bumbá Prata Fina

Diante do êxito desses dois movimentos, planeja-se um torneio esportivo entre todas as escolas do município, em data a ser marcada.

É justo nomear aqui os esforçados representantes de classe do colégio N. S. do Perpétuo Socorro: Antônio Valério, Maria de Fátima, Rosa Esmeralda, Manuel Brasil, Raimundo Martins, Valdex Moraes, Sebastião Oliveira, Augusto Martins, Fábio e Francisco Monteiro.

O esforço desses jovens é orientado por um grupo de professores entusiastas: tenente Sales, professor do Colégio e Delegado de Segurança Municipal; Raimundo Oliveira Lúcio Porto Lima e Ivan Souto Conde. O Tenente Sales dá cobertura policial a todas as atividades. Duas professoras. Irmã Ivanete Azevedo e Cosma Marques de Abreu são também dedicadíssimas.

A Diretora da Unidade e do Colégio N. S. do P. Socorro. Irmã Maria Clemens Oliveira, entusiasmada com o espírito de liderança da turma jovem da Unidade, anunciou à reportagem do Jornal do Comércio que essa turma participará ativamente em outros movimentos no segundo semestre. E no dia 2 de agosto, aniversário de emancipação da cidade, haverá promoções diversas que estão empolgando o Sr. Prefeito, e que se farão sob a coordenação do dinâmico Tenente Sales. Movimentos esses que farão parte das comemorações do Sesquicentenário da Independência (150º).



Benedito de Lima Nogueira – Seo Ioiô

Obras do Governador Danilo Areosa em Coari

- Grupo Escolar Lopes, recuperação total 1969;
- Exatoria de Rendas com duas residências anexas para funcionários, 1969 – 185m²;
- Fórum de Justiça, 1969 – 225m²;
- Residências para o Juiz e o Promotor de Justiça, 1969 – 183,60 m²;
- Agência do Banco do Estado do Amazonas (BEA), 1969 - 332m²;
- Quartel e Delegacia de Polícia, 1970 – 263m²
- Hospital de Coari – 1971

Danilo o Pagador de Promessas

Jornal do Comércio 13/03/1971

A Associação Comercial de Coari, pelo seu presidente Sr José Ohana, endereçou ao governador Danilo Areosa ontem, a mensagem seguinte:

"Ao término de sua profícua administração, que veio trazer ao interior do Amazonas a certeza de que não era mais esquecido, não poderia deixar esta Associação de agradecer-lhe as realizações de tão real alcance implantadas pelo seu governo.

— Nossos agradecimentos pela Celetramazon, Camtel, Susemi, Banco do Estado, assistência educacional e demais obras que são marcos reais de uma administração patriótica e compatível com os princípios progressistas da Revolução de março de 1964. Nossos agradecimentos pelo sentido humano que deu ao seu governo e pela lição de bem governar que nem sempre se encontra neste Brasil afora. E, finalmente, nossos agradecimentos por ter sido o pagador de promessas daqueles que tanto prometeram e não cumpriram. Nossos cumprimentos, Senhor Governador, pelo cumprimento do dever".

Criação do 1º núcleo da UFAM

O primeiro momento, foi a criação por ato legal do CRUTAC, Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária nas universidades do Brasil a partir da Resolução nº 259 de 28/09/1972.

Decorridos dois anos de sua criação, aconteceu efetivamente a instalação operacional do CRUTAC em Coari no dia 28 de outubro em 1974, sendo que essa ação teve o objetivo de integrar a UA (Universidade do Amazonas) com a comunidade do interior do Amazonas. E também um esforço de participar do projeto de aceleração de mudanças das condições humanas e sociais das populações interioranas, compartilhado entre diversas universidades brasileiras.

Após 7 tentativas, Enedino Monteiro consegue eleger-se Prefeito de Coari

Nas eleições de 1972, o MDB (Movimento Democrático Brasileiro) saiu vitorioso em Coari, elegendo o seu candidato, o Sr. Enedino Monteiro da Silva, que conseguiu 2.236 votos, seguido pelo sr. Clemente Vieira Soares, da ARENA 1, com 1504 votos. Os outros, pela ordem, foram os seguintes: Antenor Leitão, da ARENA 2, com 209 votos, Francisco de Carvalho, do MDB 3, com 46 votos, Salomão Jorge de Melo, com 38 votos e Manuel Rodrigues Caxeixa com 33 votos. O vice-prefeito foi o Sr. Manoel Soares da Fonseca Filho.

Após a posse dos dois prefeitos, em 1º de fevereiro de 1973, o deputado Natanael Rodrigues também do MDB, acompanhava os prefeitos de Coari e Codajás na capital do estado para juntos conseguirem programas e obras para Coari. Contudo, os resultados não eram tão positivos e na maioria das vezes eram protelados. E o pior, a prefeitura de Coari estava cheia de dívidas e os fornecedores com os pagamentos atrasados.

Bispo de Coari faleceu no porto de Manaus

O bispo Dom Mário Roberto Anglim, prelado de Coari, faleceu no dia 13 de abril de 1973 em Manaus, vítima de um ataque cardíaco.

Ele faleceu às 7h30min, no porto de Manaus, onde acabara de chegar do rio Solimões. Seu corpo foi velado durante toda a tarde do mesmo dia, na igreja de Aparecida, onde foi vigário durante algum tempo, e onde recebeu visitas do povo e das autoridades do Estado. Depois da missa de corpo presente, realizada às 19h30min, o corpo foi levado para Coari, onde foi sepultado no piso do altar da Catedral Prelatícia de Santana e São Sebastião.

A Lápide de Dom Mário

Satisfeito Insatisfeito

O prefeito Enedino Monteiro, de Coari, está satisfeito com a maneira cortês e o interesse demonstrado pelo governo Henoch Reis com referência aos problemas de seu município no Alto Solimões. No dia 25 de abril de 1975, ele teve um encontro com o governador do estado. Mas se confessa totalmente insatisfeito com seus companheiros da oposição que não lhe tem dado qualquer ajuda. Está até pensando que para dar solução aos problemas do povo da cidade que abraçou há 31 anos será melhor passar para o lado dos que o ajudam e ajudam Coari.

Devido o apoio do governador Henoch da Silva Reis as causas de Coari, o prefeito Enedino Monteiro saiu da legenda do MDB e passou para a ARENA (Aliança Renovadora Nacional). Dessa forma, a partir de 29 de abril de 1975, houve um expressivo apoio para incluir a cidade de Coari no projeto Polamazônia da Sudam, que financiou a construção do porto de Coari; do aeroporto e sua estrada de acesso pela COMARA (Comissão de Aeroportos da Região Amazônica). Essas obras iniciaram no governo de Enedino Monteiro e foram inauguradas no governo seguinte.

A Posse do Prefeito Enedino Monteiro

A Posse do Prefeito Enedino Monteiro

O Centro de Coari e o bairro de Chagas Aguiar foram ligados por uma ponte

No dia 19 de junho de 1976, com a presença de mais de mil pessoas e todos os carros da cidade, lambretas e bicicletas marcaram a inauguração da ponte sob o igarapé do Espírito Santo, ligando às duas partes mais importantes da cidade, que estavam separadas pelo volumoso caudal das águas barrentas do Igarapé, impedindo a movimentação normal dos habitantes entre o Centro e Chagas Aguiar.

O Governador Henoch Reis esteve presente à inauguração e o armador Waldemiro Lustosa desatou a fita simbólica, numa solenidade que durou o tempo suficiente para que o Secretário de Transportes José Fernandes explicasse o valor da obra e o mecanismo para a sua construção.

A ponte de 160 metros de comprimento por seis de largura, dividida para veículos, lambretas e pedestres tem a finalidade de unir os dois bairros criando opções para a implantação de módulos habitacionais para os ribeirinhos, e evitando a montagem de favelas, como acontecia nos anos anteriores.

Com recursos da Sudam, na ordem de Cr$ 1.600.000,00, a Secretaria de Transportes, se preocupou, como executora da obra, também no sistema viário de acesso à ponte com a construção e abertura de estradas paralelas, devidamente pavimentadas.

No entanto, a entrega da ponte ao uso dos habitantes de Coari, foi apenas o primeiro passo, no sistema de benefícios que o Governo do Estado realizou no município e cujo trabalho mais importante, além do sistema viário da cidade, num total de quatorze quilômetros, e da estrada de acesso ao aeroporto é a construção do bairro Chagas Aguiar, já quase concluído com ruas abertas e quadras dimensionadas e lotadas para distribuição entre a população. Debaixo das castanheiras, num imenso parque, onde foram erguidos prédios para recreação, o Governador Henoch Reis foi homenageado pelo povo de Coari.

Calçamento da rua 02 de Agosto

Enedino Monteiro fez a Escola Presidente Kennedy, a pavimentação e o calçamento das principais vias de Coari. Esse serviço de pavimentação foi realizado com tijolos, cimento e areia.

Em 1976, o bairro Duque de Caxias foi iniciado no governo do prefeito Enedino Monteiro com serviços de desmatamento e terraplanagem.

Foram poucas obras, mas Enedino Monteiro conseguiu pagar todas as contas da prefeitura e deixou dinheiro em caixa para a próxima administração.

Clemente Vieira - 1977

Dia 01 de fevereiro de 1977, assumiu a prefeitura de Coari para o seu segundo mandato, Clemente Vieira Soares e o vice Alexandre Moraes. Coari havia passado por dois governos sem muitas obras e a mola financeira sem circular renda para as várias camadas da população coariense.

Clemente assume a cidade trabalhando com muito dinamismo, deixando a população esperançosa de novos tempos com prosperidade e muitos empregos.

Governador faz inaugurações

No dia 1 de março de 1977, o Governador do Estado do Amazonas, o Sr. Henoch Reis veio a Coari para fazer inaugurações de obras do seu mandato. Em seu discurso falou rapidamente, mas com muita emoção, como sempre fez todas às vezes que se encontra em qualquer um dos municípios amazonenses:

"Estamos inaugurando uma nova etapa para esta região do Solimões, tão controvertida como o próprio rio, mas sempre um caudal de esperanças para o futuro em termos de produção, graças à força, à coragem e ao destemor do seu povo, operários da produção".

Foi inaugurado o retroporto, moldado em dimensões das mais modernas e eficientes para prover o movimento de embarcações dessa região.

A inauguração do retroporto foi uma festa para o povo porque marcou uma fase básica de trabalhos no município. Por exemplo: depois das obras fixas e das construções, começaram a ser implantadas as partes flutuantes do porto que marcaram maior eficácia para o mecanismo geral da recepção de embarcações. O porto construído pela Secretaria de Transportes do Estado, tem segundo as projeções dos técnicos, capacidade para operar no fluxo de embarcações e de carga e descarga, durante os próximos vinte anos, sem que seja necessário mexer em sua estrutura.

Seleção Infantil de Handebol Coariense

I Campeonato Infantil de Handebol

Na primeira semana de junho de 1977, a SEDAM (Secretaria de Desportos do Amazonas) realizou na cidade de Manacapuru o I Campeonato Estudantil de Handebol com participação das cidades Itacoatiara, Parintins, Manacapuru e Coari.

Depois da disputa entre as 04 equipes com partidas memoráveis, Coari sagra-se o primeiro Campeão de Handebol Infantil Masculino do Amazonas sobre os anfitriões Manacapuru.

A entrega de medalhas aconteceu no mês de agosto de 1977 em Coari. Uma equipe da SEDAM e a seleção de Manacapuru vieram em excursão para a Rainha do Solimões no Barco "Dorval Porto". O objetivo da vinda da comitiva da SEDAM foi de entregar as medalhas aos campeões e vices do I Campeonato Estudantil de Handebol do interior, realizado anteriormente na cidade de Manacapuru.

Era um sábado à noite, e as medalhas foram entregues pelo Tenente Costa da Cosa, Militar Antônio Prudente Costa representante do titular da SEDAM; Dra. Valdemarina Silva, de Coari, e mais, Carlos Rodrigues Bentes e Guilherme Assis.

Depois da solenidade houve um jogo amistoso entre a seleção de Coari e a Seleção de Manacapuru, em que o placar foi de 16 a 10 em favor de Coari.

O jogo foi bem equilibrado, tendo Manacapuru se avantajado no marcador por 7 a 1, mas caiu de produção com a entrada do atleta Betinho. O 1º tempo terminou com 8 a 6 em favor de Manacapuru.

No segundo tempo, a seleção de Manacapuru foi tomada pelo cansaço e sofreu 10 gols e marcando apenas dois.

Os gols da seleção de Coari foram marcados por: Vicente que foi o artilheiro com 8 gols, Erivelto (5), Valdir, Mariano e Francisco Lopes cada um com 01 gol. Por Manacapuru houve a marcação de: Haroldo (4), Ademir (3), Betinho (2) e Teíde (1).

Dirigiram a partida os árbitros: Carlos Rodrigues Bentes e Guilherme Assis.

Jogaram pelas duas seleções — COARI — Afonso (Daniel), Paulo Gilberto, Valdir, Vicente, Francisco Lopes, Mariano, Erivelto, Josué, Eros e Antônio Oliveira — MANACAPURU — Benedito (Paulo), Ademir, Haroldo, Avalmir, Jaime, Adalberto, Teíde, Betinho e Francisco.

O técnico Evandro Morais da equipe de Coari, também recebeu a sua medalha, ele que juntamente com o diretor da unidade escolar de Coari teve destacada atuação para com a delegação ao SEDAM e de Manacapuru. Os dois nada deixaram que faltassem aos visitantes, que à noite foram homenageados com um baile na sede do Tijuca Esporte Clube.

"Sutura do Miocárdio"

Roberval Vieira - Jornalista de Itacoatiara

Uma cirurgia difícil, mas que Coari já conhece com sucesso.

Mesmo o "Jornal Nacional" fazendo alusão ao feito extraordinário do médico Jorge de Almeida Brito, que no dia 10 de setembro de 1977, realizou uma sofisticadíssima cirurgia no Sr. Hélio Alves de Souza, no Hospital de Coari.

Ninguém em nossas casas legislativas sequer mencionou o fato (posso até estar equivocado) nem de leve. Conversando com um dos maiores nomes de nossa medicina, falo do Diretor do Hospital Getúlio Vargas, Deodato de Miranda Leão, disse-me aquele facultativo: "Realmente foi um grande feito que aquele colega e amigo realizou em Coari. Sem os recursos dos grandes centros cirúrgicos ele conseguiu realizar com absoluto sucesso a cirurgia".

Deodato de Miranda Leão, disse ainda que o médico Jorge de Almeida Brito é um moço inteligente e um excelente anatomista: "razão pela qual não teve grandes dificuldades para a realização do seu trabalho".

Jorge de Almeida Brito já foi Diretor do Hospital de Maués, além de um cem números de serviços que vem prestando ao Estado através da SESAU, onde milita há alguns anos. Como não podia deixar passar em branco este fato, liguei para Coari e cumprimentei o facultativo que é diretor da Unidade Mista da "Rainha do Solimões".

Em nome do povo de Coari e de toda população interiorana deixamos aqui os mais efusivos cumprimentos àquele moço dedicado às causas médicas.

Vá em frente amigo Jorge Brito. Continue salvando vidas preciosas e dedicando-se cada vez mais à profissão que Deus lhe deu.

Jorge Brito, é o médico-diretor da unidade Mista de Coari, onde vem realizando excelente trabalho no campo da saúde e que às vezes, por força de sua profissão e sem as condições dos centros maiores, é obrigado a fazer verdadeiros "milagres", como o da sutura do miocárdio, comentada inclusive pelo "Jornal Nacional" da Rede Globo.

A TABA em Coari.

Na segunda quinzena de dezembro de 1977, a TABA (Transporte Aéreo da Bacia Amazônica) começou seus voos regulares para Coari, Carauari e Barcelos, completando assim a sua 3ª fase de expansão ao tempo em que atende a toda uma área que sofria a ausência de transporte aéreo desde a paralisação da Panair.

Coari ganha escolas, novas ruas pavimentadas e mercado

Jornal do Comércio em 14/06/1978

O aumento das escolas rurais, o melhoramento do setor de abastecimento com a construção de uma feira pública e um mercado público, o calçamento das vias centrais, o apoio ao esporte, e um eficiente sistema de atendimento a populações do interior, com equipes médicas e odontológicas são as principais proposições da Prefeitura de Coari, conforme informou ontem pela manhã, numa análise dos 18 meses de sua administração, o Prefeito Clemente Vieira.

Dizendo que atua em comum acordo com os órgãos estaduais, a fim de evitar o desperdício de recursos e a pulverização de ações. Clemente Vieira, explicou que "como o setor de educação na cidade está muito bem servido pelas escolas mantidas pela Secretaria de Educação e rede particular, inclusive com duas unidades de ensino de segundo grau, voltou suas atenções para a área rural, já tendo construído três escolas de alvenaria e quatro de madeira, atingindo o número de sessenta escolas que servem ao município, com oitenta e quatro professoras. Na sede já funcionam, com currículo normal de primeiro e segundo grau, as escolas: Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Inês de Nazaré Vieira, Francisco Lopes Braga, Presidente Kennedy e Iracy Leitão, além do colégio particular Bereano, também com segundo grau.

— Hoje, em Coari, podemos dizer que ninguém fica sem escola por falta de vaga, nem na cidade e nem na área rural. Nossa intenção é fornecer os instrumentos de apoio à formação dos jovens, dando condições para que tenham um caminho adequado de desenvolvimento integral" explicou Clemente Vieira.

Abastecimento

Enquanto a população é atendida no antigo mercado e numa feira livre formada num grande piso de alvenaria de 1.200 m² com oitenta bancas distribuídos num sistema higiênico e prático, a prefeitura inicia a construção de um moderno mercado, em convênio com o governo do Estado, numa área construída de 600m², na principal avenida da cidade, na entrada do município, contendo sistema de escoamento de detritos, bancos móveis, e espaço para a fácil locomoção dos consumidores. Além disso, situando-se na margem do rio, tem facilidade para recepção das mercadorias, evitando despesas extras no transporte.

Pavimentação

Outro trabalho importante da Prefeitura de Coari é a pavimentação das ruas do centro da cidade, com tijolo rejuntado com cimento, aproveitando o mão-de-obra do local e a matéria-prima produzida em suas olarias. numa saudável maneira de proporcionar rendimento circulando no próprio município.

Até o momento já foram pavimentadas as ruas Samuel Fritz, 2 de dezembro, 5 de setembro, facilitando aa movimentação dos veículos, atualmente Coari possui 120 veículos entre automóveis, jipes e camionetas circulando somente na cidade.

Clemente Vieira, costuma dizer que Coari cresce em ritmo de cidade grande, quando explica que somente na limpeza pública, mantém uma equipe de cento e trinta pessoas, o que assegura a continuação de uma cidade limpa e agradável.

Grandes inaugurações de Clemente Vieira

No dia 6 de outubro de 1979, o prefeito Clemente Vieira recebeu a visita do governador José Lindoso para fazerem juntos algumas inaugurações. Nesse momento, Coari possuía 40 mil habitantes, sendo metade na zona urbana e a outra parte na zona rural do município.

O Mercado

Denominado "Mercado Municipal 31 de Março", é uma obra de arquitetura muito expressiva e moderna. Possui 30 boxes, depósitos para legumes e cereais, frigorífico para carnes e peixes. E extensa área de circulação para os consumidores. O velho mercado possuía apenas três boxes; o peixe era comercializado no chão e não havia estrutura para manutenção do pescado e da carne.

FEIRA

Ao lado do mercado, a feira coberta ou pavilhão Santana possui três grandes pavilhões, sendo um para cereais, outro para legumes, frutas e o terceiro para serviços; inclusive um grande restaurante. Situado perto do rio; tanto o mercado como a feira podem ser abastecidos pelas embarcações através do porto próprio construído de madeira.

PREFEITURA

O prédio da Prefeitura foi denominado "02 de Agosto", data em que a Vila de Coary foi elevada à categoria de cidade. Possui dois andares e seis salas; podendo abrigar toda a engrenagem da administração municipal; inclusive os setores educacionais, rodoviários e de saúde; possuindo ainda um amplo auditório com capacidade para quarenta pessoas.

O antigo prédio da Prefeitura foi cedido ao Plimec (Plano de Integração do Menor e Família na Comunidade). O Plimec, hoje Policlínica Dr. Roque Juan Dell'oso, visava ações principalmente educativas, além de ações com as famílias, objetivando prevenir o trabalho informal de crianças e adolescentes já indicando, portanto, a preocupação com o trabalho infantil.

LUZ

Ainda em Coari; o governador José Lindoso autorizou a Celetramazon a estender o sistema de distribuição de energia elétrica para uma granja; a Granja Coari; a única do município, mas com capacidade de atender toda a demanda e até a se expandir para a exportação dos excedentes. A granja, que é de propriedade particular, está situada em terras centrais; na estrada do aeroporto; não conta com energia elétrica; apesar da proximidade da rede de alta tensão, e por este motivo, não tinha condições de expandir-se.

Inauguração do Pavilhões Sant' Ana

Chegada do Governador José Lindoso

Aeroporto de Coari

Com o objetivo de integração e desenvolvimento das cidades do interior da Amazônia, foi inaugurado o Aeroporto de Coari no dia 18 de dezembro de 1979, com uma pista asfaltada, com comprimento de 1.600 metros, com cabeceira de 10 × 28.

Foi construída pela COMARA, financiada pela SUDAM e o Ministério da Defesa através do projeto Polamazônia, em parceria com a Prefeitura Municipal de Coari. Também foi construída e asfaltada uma estrada de acesso com 7 km de comprimento.

Anos 80 em Coari

Era 15 de novembro de 1982, um ano especial com copa do mundo de futebol, quando aconteceu a eleição para o novo mandato de prefeito e vereadores. Ao término da apuração foi confirmado que o então presidente da Câmara Municipal de Coari, o Sr. Roberval Rodrigues da Silva (1983 à 1988) seria eleito para um mandato de 6 anos, tendo como vice-prefeito o jovem Evandro Francisco Aquino de Oliveira.

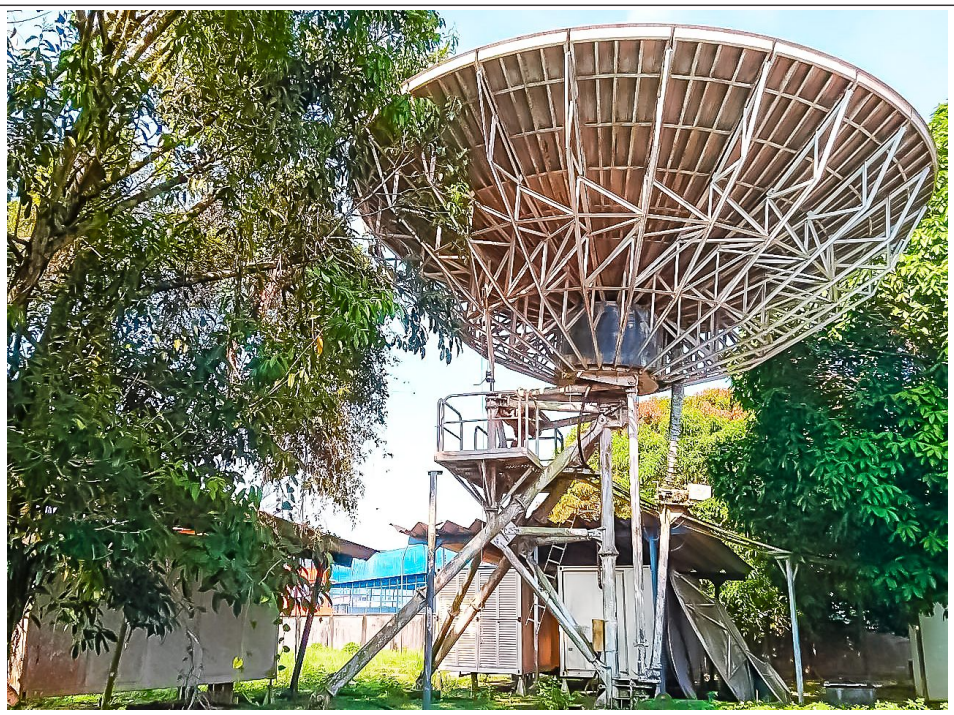
Ministro lança o primeiro barco movido à álcool

No dia 31 de outubro de 1980 foi o lançamento do barco comercial "Coari", o primeiro do mundo movido à álcool. Aconteceu às 16h, no porto de Manaus estavam presentes o ministro da Agricultura Ângelo Ameury Stábile, o governador José Lindoso, o presidente da COBAL Antônio Sales Leite e demais autoridades. No evento, serão assinados os seguintes contratos e convênios: Rede Somar, Cesta Básica e lançamento do programa de compra antecipada da produção.

Além do sistema de atendimento ao público modernizado da nova embarcação comercial que integra a frota da COBAL, registra-se, segundo os observadores da política econômica local, um reduzido gasto de combustível, o que sustentará um preço mais conveniente nas mercadorias destinadas a atender à população ribeirinha.

Esse barco recebeu um carregamento de mercadorias e partiu para atendimento nas cidades de Codajás, Coari e Tefé.

A escola estadual João Vieira, no bairro Itamaraty, foi inaugurada em 1981. Iniciou suas atividades da Alfabetização até o Ensino Médio (2° grau). O nome é uma homenagem ao pai do prefeito Clemente Vieira.



Inauguração da Embratel em Coari

A Embratel (Empresa Brasileira de Telecomunicações) inaugurou no dia 3 de junho de 1982, uma estação para comunicação em satélite no município de Coari.

O ato aconteceu em Manaus e foi presidido pelo ministro das Comunicações, Haroldo Corrêa, e contou com a presença do governador Paulo Pinto Nery, e demais autoridades locais.

Com o funcionamento da unidade, o município de Coari passou a receber imagens ao vivo de televisão, inclusive transmissões diretas dos jogos da Copa do Mundo de 82 na Espanha, além de serviços de telefonia e telex.

Simultaneamente a Telamazon inaugurou uma série de melhorias no sistema de telecomunicações do Estado.

Visita do Vice-Governador a Coari

Em 1984, nas festividades do aniversário de 52 anos de emancipação política de Coari, recebemos a visita do vice-governador Manoel Ribeiro, momento em que houve uma grande festa, inaugurações e a escolha da Miss Coari 84.

Após a recepção no aeroporto, Manoel Ribeiro e sua comitiva seguiram para a inauguração do sistema direto de televisão, ligando Coari ao Brasil e ao mundo todo através de antenas rastreadora de satélites (Antena Parabólica), atualizando a população com a televisão Ajuricaba e TV Amazonas em Coari. Manoel Ribeiro recebeu aplausos e homenagens do povo quando acionou um dispositivo que ligou o município ao mundo através do sistema direto via satélite.

No segundo momento houve a inauguração do prédio da Secretaria de Educação e Cultura, situada na estrada do contorno, ao lado da atual Escola Estadual Dom Mário. E em seguida, foi inaugurada uma pista pavimentada em torno da Unidade Mista de Coari.

Foi inaugurada no bairro de Santa Helena, a Escola Estadual Diamantina Ribeiro. O nome é uma homenagem à mãe do então vice-prefeito, Evandro Aquino.

Um grupo de 60 escoteiros de Coari liderado por Edmar Torres recebeu a visita de Manoel Ribeiro. Após o almoço no "Telhadão da Maçonaria", o vice-governador assistiu à missa em ação de graças pelo 52° aniversário da cidade, celebrada pelo padre Jackson, na Catedral de Santana, padroeira do município.

Manoel Ribeiro assistiu do começo ao fim o concurso da Miss Coari-84, que foi realizado em praça pública. Das cinco lindas candidatas ao concurso, a comissão julgadora escolheu a jovem Ana Cristina Mota (Miss Coari-84), Maria José Queiroz de Lima (Garota Simpatia) e Eliane Bertoldo e Silva (Garota Sorriso).

Telefone residencial chega a Coari

No dia 29 de agosto de 1984 foram entregues 340 terminais telefônicos em Coari com sistema de DDD e DDI. Os telefones possuíam 7 numerais e prefixo 761-2***. Foi uma grande revolução na cidade, pois já se poderia ligar para os amigos e parentes em qualquer parte do país, mas principalmente em Manaus.

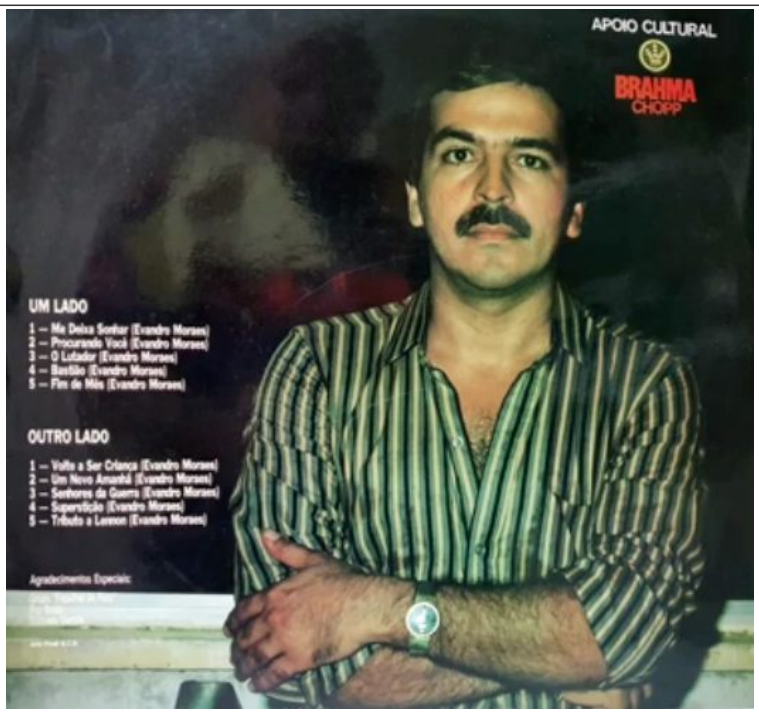
Anteriormente, era preciso ir na CAMTEL e agendar uma ligação, a pessoa em Manaus teria que ir em um posto telefônico na hora agendada para poder haver a ligação na hora marcada.

O Supermercado da COBAL

Num sábado, 30 de novembro de 1991, foi inaugurado em Coari um supermercado de porte médio da COBAL (A Companhia Brasileira de Alimentos). A implantação desta ação fez parte da efetivação do plano de abastecimento às populações das cidades.

O objetivo chave da implantação desse supermercado significou à COBAL, uma grande realização no que diz respeito ao abastecimento dos gêneros de primeira necessidade, ao mesmo tempo, em que regularizou os preços no mercado varejista na cidade.

Coari era então, uma cidade desassistida pela COBAL na área de supermercado varejista, no entanto, ela já operava desde 1980, com os postos de vendas, para o atendimento exclusivo a seringueiros e seringalistas através do Convênio COBAL/SUDHAVEA e pelo Navio da Cobal denominado Coari. O supermercado de Coari serviu também aos municípios vizinhos, ainda desassistidos pelos serviços da COBAL.



LP de Evandro Moraes

3º Festival da Música Coariense

Com uma música romântica que apela para o bom senso das pessoas de verem que a solução está na paz e na destruição de fronteiras, Evandro Moraes ganhou o 3º Festival de Música Popular de Coari. Filho de Coari, Evandro é advogado, compositor, músico e um irreverente fã dos Beatles. O primeiro lugar neste festival com "Tributo a Lennon", que vem reforçar sua adoração pelo grupo inglês. Evandro pretende esperar bons resultados do prêmio que ganhou: um compacto simples com duas músicas.

"Não sei se esse prêmio vai modificar minha vida fazendo eu deixar a advocacia e me dedicar somente à música. Tudo é apenas um começo e vamos deixar como está para ver como é que fica". Evandro já participou outras vezes de concursos. Quando era estudante do seminário de Belém ganhou o segundo lugar de um festival estudantil com a música "Bastião", quando sentiu sua tendência para compor temas regionais.

Evandro inicia sua carreira com discos colocando mil cópias do Compacto "Tributo a Lennon", que será vendido a Cr$ 30 mil. É meio difícil tentar imaginar um ex-seminarista que foi para o Rio Grande do Sul e lá cursou Letras, veio para Manaus, fez o curso de Direito e hoje, com 31 anos, mora em Coari e trabalha no Centro de Defesa dos Direitos Humanos. Pois é, com todo esse currículo que Evandro tenta conquistar o público amazonense. As duas músicas que ele gravou neste primeiro trabalho comercial revelam a temática que pretende seguir de agora em diante: a defesa dos direitos humanos, em versos que falam dos problemas sociais.

O Festival da Música Coariense surgiu em 1984 e foi idealizado pela Universidade do Amazonas em parceria com a Prefeitura de Coari, que operacionalizou a realização do festival em 3 edições, sempre acontecendo na semana da pátria. O Festival da Música Coariense é anterior ao FECANI de Itacoatiara que iniciou um ano depois, 1985. Nas duas eliminatórias que envolveram todo o concurso, participaram 23 artistas e entre eles saíram os cinco finalistas. "Sentimos a importância deste concurso porque não foi apenas uma oportunidade de descoberta de novos valores, mas a possibilidade de ampliação da atuação da música regional. Com o prêmio de gravar um compacto que terá mil cópias a venda, das quais 400 já foram vendidas em Coari, mais pessoas poderão conhecer o trabalho de criação que também acontece no interior do Estado", finalizou Evandro.

Aniversário de Coari com Inaugurações

Num domingo, dia 3 de agosto de 1986, o governador Gilberto Mestrinho veio a Coari para, entre outras coisas, fazer algumas inaugurações:

- Escola Estadual Gilberto Mestrinho. O nome é em homenagem ao governador Gilberto Mestrinho. Foi construída no bairro Santa Efigênia.
- Escola Estadual Dom Mário. O nome é em homenagem ao primeiro Bispo da Prelazia de Coari. Foi construída no bairro Itamarati.
- O prédio da exatoria de rendas.
- A Olaria Municipal
- A quadra de Esporte Edgar da Gama Rodrigues.
- A quadra de Esporte Edgar Tancredo Neves
- Uma Usina Elétrica de 120 KVA da CEAM na comunidade Murituba.

Escola estadual Thomé de Medeiros Raposo, construída no bairro Chagas Aguiar, foi inaugurada em 1987. O nome é em homenagem ao pai do governador Gilberto Mestrinho.

Jorra Petróleo Coariense

A Petrobrás e o presidente José Sarney anunciaram no dia 12 de outubro de 1986: "Jorra petróleo de boa qualidade", no coração da Amazônia, às margens do rio Urucu, no município de Coari. Embora as buscas por petróleo na Amazônia iniciaram em 1917, é a primeira reserva comercialmente viável descoberta na região amazônica.

O óleo de Urucu, um dos mais leves produzidos no país (quanto mais leve, melhor a qualidade), facilita o seu processamento nas refinarias e permite o aproveitamento na produção de gasolina, nafta petroquímica, óleo diesel e Gás Liquefeito de Petróleo (GLP).

Apenas 62 pessoas presenciaram o momento em que o petróleo jorrou pela primeira vez na Amazônia. O engenheiro de produção Ivaldo Santos da Silva conta como foi a experiência no começo dos trabalhos em Urucu:

"Isto aqui era mata cerrada e lamaçal. Não era incomum encontrarmos onças, cobras e todo tipo de animal. Era aventura pura, estilo Indiana Jones mesmo. Todo transporte de material e de pessoas era feito pelo Rio Urucu. Os equipamentos, máquinas, tratores e sondas eram desmontados e carregados pelo meio da mata fechada e enlameada nas costas mesmo. Desmontava-se tudo, colocavam-se tábuas para reduzir os atoleiros e, em meio as clareiras que eram abertas, se montava tudo de novo."

Governo Evandro Aquino

Nas eleições que aconteceu em 15 de novembro de 1988, houve uma lendária disputa entre Evandro Aquino X Clemente Vieira, que teve uma música do Manoel Novinho de campanha inesquecível:

♫♪ Povo da cidade e do interior
Querem o Clemente seja como for
O que digo agora não é brincadeira,
Quinze de novembro
vote em Clemente Vieira.
É ele sim é não tem jeito
Em 88 é nosso prefeito.
Vai trabalhar, ele e Jancy,
Para melhorar a nossa Coari.♪♫

A vitória foi de Evandro Francisco Aquino (PFL), que iniciou o seu mandato em 01/01/1989 e finalizou em 31/12/1992.

Candidatas a Rainha da I Festa da Banana

Primeiras Obras de Evandro Aquino

Em 16 de abril de 1989, o governador Amazonino Mendes visitou Coari, momento em que recebeu o título de Cidadão Coariense, e ainda fez algumas inaugurações, como: a penitenciária pública, uma fábrica de gelo e o posto de atendimento do INSS.

Justiça do Trabalho em Coari

No dia 27 de outubro de 1989, o Tribunal Regional do Trabalho da 11ª Região realizou a solenidade de instalação da Junta de Conciliação e Julgamento de Coari.

Aconteceu um concurso público anteriormente e três coarienses foram classificados: Ecionete Cavalcante Martins (Coari), João Souza e Souza (Lábrea) e Raí Letícia Corrêa Lima e Souza (Coari). E a primeira Juíza foi a Sra Maria das Graças Alecrim Marinho.

I Festa da Banana

Coari desde a década de 70 vinha se destacando como a cidade com a maior produção de banana do estado Amazonas. Em 1988, Coari enviou mais de um milhão de cachos de banana para a capital do estado.

Com o objetivo de incentivar ainda mais os produtores de banana, foi criada a Festa da Banana. Sendo uma atividade realmente muito significativa para a economia do município de Coari.

A sua primeira versão aconteceu no dia 9 dezembro de 1989, sendo realizada na recém-inaugurada Feira do Produtor Rural no aterro sobre o igarapé de São Pedro.

O ponto alto da festa foi o concurso de Rainha da I Festa da Banana. Foram escolhidas 5 candidatas para a difícil disputa: Gerlane Farias, Simoni Medeiros, Fernanda Alves, Arione Lima e Eloíza Reis. Depois de um disputadíssimo desfile, a vencedora foi Gerlane Farias.

O governador Amazonino Mendes e o ex-governador Gilberto Mestrinho estavam prestigiando a festa e nessa noite fecharam a união dos grupos políticos para as eleições de 1990.

Houve durante toda a festa a apresentação de atrações regionais e nacionais como: Genival Lacerda; a dupla sertaneja Havaí e Rouxinol; a Banda Embaixadores.

UFAM forma primeira turma no interior

Universidade do Amazonas forma primeira turma no interior

No dia 8 de março de 1990, os primeiros 48 profissionais formados pelo curso de Licenciatura Plena em Pedagogia mantido pela Universidade do Amazonas em Coari, colaram grau em solenidade presidida pela vice reitora da UA, Dilma Montezuma, no salão nobre da escola Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

O programa de formatura dessa primeira turma, denominada Professor Luiz Carlos Cerquinho de Brito, teve início no dia 1º com uma aula da saudade, às 8:30h, ministrada pelo prof. Carlos Rubens Costa, no Centro de Treinamento da Universidade, em Coari, antigo Crutac.

No dia 2, os formandos assistiram, às 7 horas, a uma missa em ação de graças na Igreja Matriz de Coari, e às 20h, a um culto em ação de graças na Igreja Evangélica Assembleia de Deus. Após a solenidade de formatura no dia 3, sábado, realizou-se um coquetel e o baile da saudade, às 22 horas, no Refúgio Dois Pinguins.

Tendo como patronas as professoras Maria Inácia Barreto Offlini e Maria Helena Freire de Souza, e como paraninfo o prof. Juarez Calheiros, os novos profissionais de Pedagogia prestaram homenagens especiais ao ex-prefeito de Coari, Roberval Rodrigues da Silva, ao prof. Luiz Francelino da Silva e ao ex-reitor da UA, Roberto Vieira. Foi orador da turma, o diplomando Raimundo Nonato Saraiva de Araújo, de Itacoatiara, e juramentista, Maria Áurea Brasil de Araújo, de Codajás.

Dos 48 novos profissionais de Coari, a maioria é de Coari, 15 professores ao todo (31,25%): São os seguintes os primeiros professores formados pela Universidade do Amazonas, em Coari, dentro do Programa de Interiorização do ensino superior: Adalberto Vieira da Costa, Alexei Chaves de M Costa, Ecionete Cavalcante Martins, Ignês Melo da Cruz, João Oliveira de Souza, José Barbosa da Silva, José Raimundo da Silveira, Levi Haoxovell Fernandes, Maria Auxiliadora Yamaguchi, Maria Delvanir da Silva, Maria Dorimar Granjeiro Pinto, Maria Luiza Caxeixa Alfaia, Maurício Roberto da Silva, Raimundo Alves Nogueira, Walter Costa de Moraes.

A Folha de Coari

Folha de Coari

Coari-AM, dezembro de 1991 Ano 2 Nº. 19

Aquino está entre os 100 melhores de 91 Página 3

Coari-Itapeua já começa a ser asfaltada Página 6

Festa da Banana leva povo à emoção. Aquino considera "sucesso absoluto"

Agência Volume Dez

Nos dias 6 e 7 deste mês aconteceu a 3ª Festa da Banana. Uma multidão calculada em torno de cinco mil pessoas lotou, durante as duas noites de festa, a praça da Feira do Produtor Rural, localizada no centro da cidade. Atrações como Perla, Netinho Solimões, Nino Gato e outros animaram o público. A Prefeitura distribuiu antenas parabólicas e motores de luz para várias co-

No dia 13 de abril de 1990, foi inaugurado o tabloide mensal denominado "Folha de Coari". Um jornal da prefeitura de Coari, que foi um excelente informativo para a sociedade coariense e permaneceu por três anos sendo publicado através de 25 edições.

Na Folha de Coari havia principalmente a divulgação das ações e obras do governo municipal, notícias policiais, o seu editorial, e a página mais lida, uma coluna social nomeada de "Circuito".

A coluna Circuito foi escrita pela professora Erivânia Lima e nela eram narrados os eventos, festas e os acontecimentos sociais da cidade de Coari.

Ponte Roberval Vieira

No dia 12 de maio de 1990, esteve visitando Coari o deputado Átila Lins, presidente da Assembleia Legislativa do Amazonas, para as festividades do Dia das Mães e a inauguração da ponte Sizeno Sarmento, que liga o centro da cidade ao bairro Chagas Aguiar. Os estudos para a construção da ponte Sizeno Sarmento foram iniciados no segundo governo do professor Gilberto Mestrinho, mas coube ao ex-governador Amazonino Mendes executar a obra, cuja conclusão se deu no governo Vivaldo Frota.

"Nós tivemos a honra de ser o representante do governador Vivaldo Frota na inauguração da ponte, que era denominada Sizeno Sarmento, mas que passa a se chamar ponte Roberval Rodrigues da Silva, numa homenagem esse extraordinário homem público, que foi prefeito do município de Coari e que realizou um excelente trabalho em benefício de seu povo", destacou o presidente da Assembleia Legislativa do Estado. Átila Lins salientou que Roberval Rodrigues é um líder político respeitado em toda a região do Alto Solimões.

Miss Coari 1990

No dia 2 de agosto de 1990, aniversário de emancipação Política de Coari, aconteceu um inesquecível concurso de miss que ficou marcado na lembrança de cada coariense que assistiu aquele concurso na quadra de esporte São José.

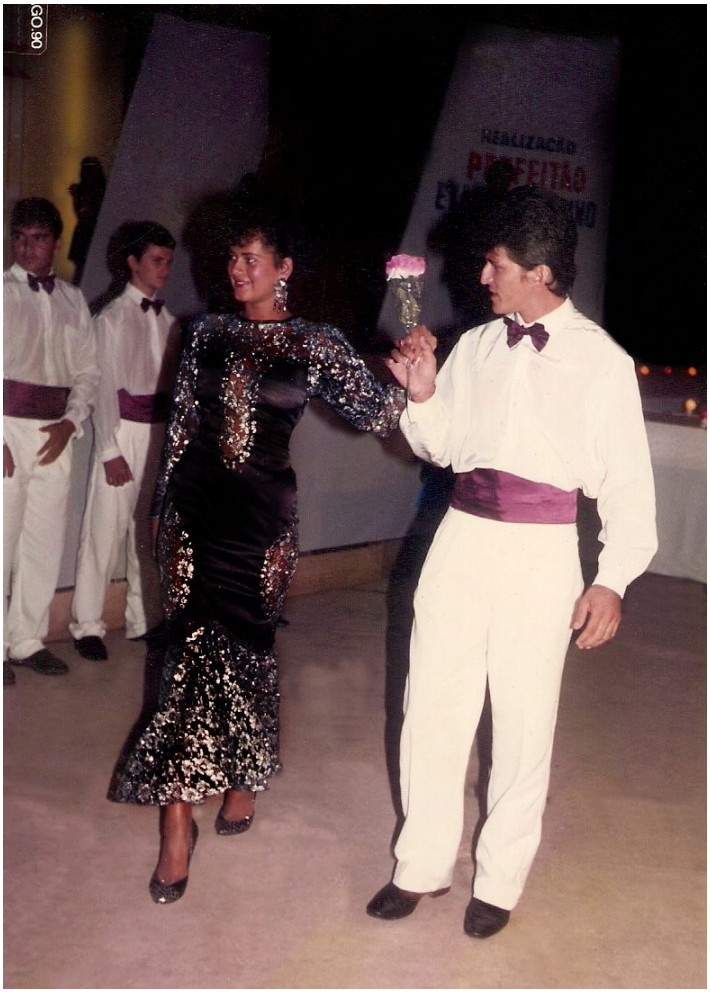
A seleção das candidatas foi primorosa, pois foram 7 candidatas de alta índice de beleza plástica, desenvoltura e simpatia, um verdadeiro time dos sonhos de qualquer concurso de misses coarienses: Mara Alfrânia Batista Batalha (Miss Coari), Rosemary Gomes Fogassa (Primeira Princesa), Ângela Sheila Lima Ribeiro (2ª Princesa), Fabiana Raírima da Conceição Gomes (4º Lugar), Belanice Gonçalves Rodrigues (5º lugar), Nalra Milene da Cruz Gonçalves (6º lugar) e Elanes Rebolças Rocha (7º lugar).

A premiação da vencedora foi uma passagem Manaus-Fortaleza-Manaus com direito a acompanhante.

Na década de 80, o público coariense era conhecido por ser um pouco frio e não aplaudir muito as atrações que se apresentavam. Mas naquela noite, o autor viu em foco, toda arquibancada se levantar e aplaudir com orgulho ainda no desfile de apresentação de sua candidata preferida. Mara declarou à Folha de Coari com humildade "que ser vitoriosa é saber conviver com um título, sendo a mesma pessoa que sempre foi".

Mara Alfrânia, no ano seguinte (1991), foi disputar o Miss Amazonas em Itacoatiara e trouxe o título para Coari, sendo a segunda Miss Amazonas coariense.

Mara no Miss Amazonas 1991
Em Itacoatiara



Mara no Miss Coari 1990

Astrid Silva

Pinduca

Cleomara Araújo

II Festa da Banana

Coari realizou a II Festa da Banana no ano de 1990. Nessa edição, o evento aconteceu em 02 dias, nos dias 6 e 7 de dezembro. Coari é o maior produtor de banana do estado do Amazonas com uma produção de 1 milhão e 200 mil cachos anuais e dessa forma, a realização da Festa da Banana foi uma forma de incentivar o aumento da produção dessa cultura em Coari e o reconhecimento da sua importância para a economia do município.

Uma obra muito expressiva que foi reinaugurada durante as festividades, foi o estádio de futebol "José Rosquildes". O nome do estádio foi escolhido em homenagem ao filho do ex-prefeito de Coari "Roberval Rodrigues", atleta do local, que morreu aos 19 anos, vítima de afogamento.

Na área da festa, feira do produtor rural, foram dispostas várias barracas vendendo produtos típicos da banana, como: a torta de banana, a pizza com a cobertura de banana, a salada de banana, a farofa da casca da fruta entre outros. "Antes, a casca era jogada fora. Hoje, ela também é aproveitada.", afirmou o chefe da Emater-AM de Coari, Luiz Rebelo. No stand da Emater, além de vender comidas típicas, mostrava o que era possível produzir da banana, como, por exemplo: vinagre, licores, mel, cocada, etc.

Durante a festa foi realizado um concurso de calouro, em que o vencedor foi o jovem Jean Walmor com a música "Era um garoto como eu que amava os Beatles e os Rolling Stones".

O concurso Rainha da II Festa da Banana foi narrado no jornal Folha de Coari dessa forma:

A primeira a pisar na passarela foi Ana Creuza, com um vestido todo em verde, destacando-se o desenho da banana em amarelo. Ana Creuza fez um belo destile. A segunda foi Elane Souza; com um lindo sorriso no rosto, ela apresentou-se como sendo a própria fruta e trazia sobre a cabeça uma palma de banana. Seu desfile também foi muito bom. Em seguida, a loiríssima Cleomara Costa emocionou a plateia, derramando muito charme e simpatia. Cleomara desfilou com a fantasia denominada "Chiquita Banana".

A penúltima candidata foi Marilene Maciel. Para saudar a grande homenageada, Marilene trouxe consigo um pé de bananeira, além de fantasiar-se com as folhas e os frutos da árvore. Astrid Silva encerrou o desfile. Sua apresentação simples e alegre deixou o público emocionado. Sua fantasia transparente e sensual talvez fora o suficiente para conquistar a simpatia dos jurados. Astrid Silva, de 16 anos, foi eleita rainha da II Festa da Banana. Como premiação, ela ganhou uma passagem aérea Manaus-Fortaleza-Manaus, com direito a acompanhante.

Durante a festa houve apresentações musicais da Banda Play Pop que preparou a público para a grande noite; A cantora Sandrinha, a pepita dos garimpeiros que empolgou a plateia cantando os seus mais famosos sucessos, com muito charme, sensualismo e um domínio de palco com muita adrenalina. E finalizando o tão esperado show de Pinduca, o rei do Carimbó. O cantor paraense contagiou todo o público da feira do produtor rural, brincando com as crianças e cantou os seus principais sucessos tão conhecidos em Coari.

Inauguração da Escola Raimunda Ribeiro

O governador Vivaldo Frota inaugurou, no dia 17 de fevereiro de 1991, a escola Raimunda Ribeiro, com dez salas de aula, com todas as estruturas mais modernas conforme a orientação pedagógica e mais ainda com todos os materiais exigidos para o bom funcionamento, das carteiras aos ventiladores e bebedouros elétricos.

Na construção ela foi chamada de escola de enfermagem, mas na inauguração ela recebeu o nome de escola Raimunda Ribeiro, em homenagem à tia do prefeito Evandro Aquino, funcionária por muitos anos da Câmara de Coari e depois da Biblioteca Pública de Coari.

Hoje, devido à mudança na lei de nomeação das obras públicas, a escola passou a ser conhecida por Maria Almeida do Nascimento, a saudosa professora e vereadora coariense.

Banco do Brasil abre agência em Coari

No dia 15 de março de 1991, às 10h, foi inaugurada a agência do Banco do Brasil em Coari. Foi um evento muito concorrido, em que vários segmentos sociais compareceram à rua XV de novembro, onde houve uma solenidade simples, mas muito representativa.

Compareceram à rua XV de novembro, onde houve uma solenidade simples, mas muito representativa. Na ocasião compareceram à cerimônia de inauguração o prefeito em exercício João Carlos, a presidente da Câmara Auxiliadora Yamaguchi e o ex-prefeito Roberval Rodrigues.

O senhor Roberval, em seu discurso, lembrou e destacou a figura do ex-superintendente do Banco do Brasil, Francisco Vasconcelos, filho de Coari, como um dos responsáveis pelo trabalho de implantação da agência em nossa cidade.

Expedição Amazônia

Durante o mês de julho de 1991, aconteceu um evento muito expressivo em Coari, o início da Expedição Amazônia, em que um grupo de canoeiros e uma equipe multidisciplinar realizaram uma viagem em caiaques partindo de Coari até a capital Manaus pesquisando, atendendo e interagindo com a população ribeirinha.

O Prefeito Evandro aqui resumiu o projeto: "O principal disso será o resultado das pesquisas que se reverterão em projetos para solucionar problemas do município como, por exemplo, esgotos. Após os estudos, serão apresentados relatórios com as sugestões para diversas áreas, inclusive saúde. São propostas não só para a cura, mas também para a prevenção. Os cientistas da Expedição Amazônia não vieram apenas para ensinar, mas para aprender também.

Nesse processo, eles terão a oportunidade de ter uma outra visão sobre a realidade da nossa região, e poderão apresentar sugestões para melhorar os trabalhos no município. Aqui estiveram gente de todos os pontos do Brasil e do mundo e essa integração é muito importante.

Cientistas, ecologistas, médicos, estudantes universitários e desportistas invadiram Coari no último dia 14. Eles faziam parte do projeto Expedição Amazônia, cujo objetivo é o de fazer um levantamento completo da problemática da região. Saindo de Coari até Manaus, eles percorreram cerca de 600 km pelo Solimões e chegaram na capital no dia 27 de julho.

Durante a permanência em Coari, a Expedição Amazônia passou três dias discutindo o meio ambiente. Enquanto cientistas, ecologistas, médicos e sociólogos preparavam as suas pesquisas, um grupo de estudantes universitários faziam apresentações em caiaques no lago de Coari.

Domingo pela manhã, os canoeiros, em conjunto com as canoas locais, fizeram um passeio pelo lago, num ato de confraternização. A mesma cena se repetiu na segunda-feira. Na terça, houve uma surpresa. Músicos da Orquestra Sinfônica do Teatro Amazonas fizeram uma apresentação especial sobre os caiaques. Nos três dias, a população superlotou a orla fluvial da cidade.

Pela parte da noite, a programação continuava com shows na praça São Sebastião, ao lado da catedral de Sant'Ana. Domingo, a Orquestra Sinfônica se apresentou na catedral e o público aplaudiu de pé. Em seguida, no palco armado na praça, foi a vez do cantor amazonense Paulo Onça balançar o público presente com pagodes, sambas-enredo e toadas dos bumbás de Parintins. Na noite seguinte, houve a reapresentação da Orquestra Sinfônica, repetindo o mesmo sucesso da noite anterior. Depois, encerrando a programação de shows, o grupo regional Raízes Caboclas levou à praça as músicas que falavam de temas amazônicos, além de interpretar sucessos de nível nacional. O público gostou.

O idealizador e um dos coordenadores da Expedição Amazônia, Janary Alves de Moraes, disse que o povo coariense recebeu a expedição de forma carinhosa e agradeceu o prefeito Evandro Aquino pelo apoio dado ao projeto. Ele afirmou ainda que "estamos buscando conhecimento, tentando aprender muito mais sobre o meio ambiente". Janary adiantou que, após a expedição, pretende elaborar uma proposta de ação futura e apresentar aos governos municipal, estadual e federal para que chegue à Conferência Mundial de Meio Ambiente e Desenvolvimento, a ECO/92, a ser realizada no Rio de Janeiro.

No Camará, Expedição é recepcionada pela Emater

A primeira parada da Expedição Amazônia foi na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro do Camará. Lá, a Emater e a Prefeitura Municipal de Coari fizeram a recepção aos canoeiros, que remaram, desde a sede do município, cerca de seis horas — eles chegaram ao Camará às 17 horas.

Naquela comunidade, os expedicionários, principalmente da área de saúde, fizeram atendimento médico aos comunitários. Mais de 50 pessoas foram ao centro social se consultar.

O técnico da Emater, Antônio Carlos, era quem dava as explicações. Quando indagado sobre a moradia precária dos habitantes da Amazônia, ele foi lacônico: "Isso devido à condição de dependência econômica em que o homem do campo vive". Ao mesmo tempo, a extensionista Maria de Jesus desenvolvia junto às donas-de-casa o processo de produção de sabão caseiro, chocolates, licores, doce de cupuaçu, além de inseticidas caseiros.

À noite, houve um show musical com o grupo Raízes Caboclas. Na manhã seguinte, a Expedição Amazônia se despediu do Camará rumando em direção a Codajás.

Cleomara vence o Miss Amazonas 1992

A beleza da mulher de Coari venceu pelo segundo ano consecutivo o concurso Miss Amazonas, realizado em Itacoatiara, no dia 1º de maio de 1992, na casa noturna Amazon Night.

A vencedora do concurso foi Cleomara de Araújo Costa, 17 anos, com 276 pontos. O segundo lugar ficou com a representante de Itacoatiara, Wicilene Brandão, 271 pontos, e a terceira classificação foi da candidata de Maués, Rosana Dias Pereira, com 268 pontos.

O prêmio da primeira classificada foi Cr$ 1 milhão, o da segunda, Cr$ 500 mil; o da terceira, Cr$ 200 mil. Este foi o terceiro ano de realização do Miss Amazonas Estudantil, promovido pelo grupo folclórico Dança do Vinho. O evento tem o apoio da Prefeitura de Itacoatiara. O seu objetivo, conforme os realizadores, é o de promover a integração dos municípios do Estado.

O concurso iniciou às 22h do dia 1 de maio, e 15 candidatas, representando vários municípios, inclusive uma de Manaus, desfilaram para a plateia que lotou a Amazon Night. Às 4h30min, da manhã de sábado, após a apresentação de diversas atrações, o resultado foi divulgado. Cleomara Costa foi eleita a Miss Amazonas Estudantil/92.

A coroa e o cetro foram entregues à vitoriosa pelas mãos da, também coariense, Mara Alfrânia Batalha, vencedora do concurso no ano passado. Cleomara Costa disse sentir-se feliz por levar o bicampeonato para Coari. Ela agradeceu o apoio da Prefeitura de seu município que patrocinou a sua ida para Itacoatiara, os trajes de noite e traje típico, usados nos desfiles.

Muitos prefeitos estiveram presentes no concurso e diversos municípios levaram caravanas de pessoas para torcerem por suas candidatas. A representação da Prefeitura de Coari em Manaus alugou um ônibus leito, que foi colocado à disposição dos coarienses.

Fonte: A Folha de Coari

A Cólera em Coari – 1991

A cólera estava presente desde os primeiros séculos da humanidade, causando diarreias agudas, vômitos, cãibras musculares e a perda de peso intensa. É uma doença altamente contagiosa, ou seja, com grande facilidade de dissipação. Sua causa é uma toxina, a toxina colérica (TC), produzida pelo seu agente etiológico, a bactéria Vibrio cholerae.

O período de incubação é de aproximadamente cinco dias. É transmitida pela ingestão da água, alimentos, peixes, animais de água doce contaminados por fezes ou vômito de indivíduo portador da doença, sem o devido tratamento. Sua ação inicia vencendo a acidez estomacal, multiplica-se no intestino delgado de forma bastante rápida e, em razão de seus sintomas, pode causar desidratação, perda de sais minerais e diminuição acentuada da pressão sanguínea em curto espaço de tempo, com possibilidades de causar a morte das pessoas afetadas.

A Cólera chegou às Américas em 1991, começando no Peru e depois se espalhando por grande parte da América do Sul e América Central, em que depois de alguns anos veio a se tornar endêmica.

Em 15 de fevereiro de 1991, o Peru se encontrava em plena epidemia, com 77 pessoas mortas e 11.000 pessoas contaminadas pela bactéria. Ainda não havia casos identificados no Brasil, mas também não acontecia nenhuma ação preventiva para evitar a chegada da Cólera. Em particular, foi possível observar que a população da cidade de Tabatinga estava muito preocupada com a chegada da doença pela fronteira.

O ministro da saúde, Alcenir Guerra, descartou uma campanha de vacinação contra a doença nas cidades brasileiras que fazem fronteira com o Peru. Ele disse haver dificuldades geográficas de contágio por via terrestre. Por isso, só haveria fiscalização nos portos e aeroportos de maior movimentação de passageiros vindo daquele país.

Contudo, dias depois, tudo mudou. No Peru, a doença já matou mais de 100 pessoas em menos de duas semanas, mais de 11 mil estavam contaminadas e quase 3 mil estavam hospitalizadas só em Lima, estava acontecendo mais de 100 internações por hora. Autoridades peruanas acusavam as tripulações dos navios cargueiros chineses de terem introduzido a doença no país. E foi confirmado que a origem da doença realmente era de origem asiática.

As autoridades de Tabatinga enviaram documento solicitando ao Ministério da Saúde, o início imediato da campanha de vacinação contra cólera no município. Além disso, houve a proibição de comercialização de produtos oriundos do Peru. No final do dia, o Brasil fechou as fronteiras com o Peru.

O deputado federal (AM) Euler Ribeiro, que também é médico expressou suas preocupações:

— Estou muito preocupado com a entrada da cólera no Brasil, pelo Amazonas, o que poderia acarretar muitas mortes, devido às nossas péssimas condições de saneamento. O risco da cólera se alastrar no Amazonas é gravíssimo, pois a doença pode ter acesso facilmente ao estado pela região do Alto Solimões, vindo do Peru, onde está tornando-se um caso da mais alta gravidade.

No dia 27 de fevereiro, em Lima, um balanço oficial, divulgado pelas autoridades sanitárias peruanas, informou que 150 pessoas morreram e que havia mais de 26 mil infectadas, devido à epidemia de cólera que atinge o país.

Além da Cólera, o Peru se viu às voltas com campanhas conflitantes: enquanto o Ministério da Saúde pedia que ninguém comesse peixe cru, que seria o portador do vírus, o próprio Presidente da República, Alberto Fujimori, estimulava a população a não abandonar um dos tradicionais pratos da cozinha nacional, o Ceviche – peixe cru com limão e outros temperos.

No dia 13 de março de 1991, o Instituto Butantã, de São Paulo, anunciou que iria preparar um estoque de 150 mil vacinas contra a Cólera, a partir das variedades de bacilos chamadas Ogawa e Inaba, de origem asiática. As vacinas seriam para imunizar brasileiros que viajam para regiões onde há surtos de Cólera. Uma vez que, até a presente data, ainda não havia sido detectada a presença da doença no Brasil.

No dia 20 de março, apareceram os primeiros casos de pessoas contaminadas pela Cólera na Colômbia. E aumentou os números de casos na fronteira entre o Peru e o Brasil, principalmente na cidade de Iquitos, a 500 km de Tabatinga, interligadas pelo rio Maranon (Amazonas), que passa também pelo município de Letícia antes de atravessar a fronteira brasileira. O Ministro da Saúde do Peru, Carlos Vida Layseca, renunciou ao cargo por discordar da política adotada pelo presidente do país, Alberto Fujimori, com relação ao combate à Cólera.

Primeiro Caso

O primeiro caso de cólera no Brasil foi anunciado oficialmente em 18 de abril de 1991. O doente, Antenor Gonçalves Cruz, 23 anos, morador da ilha de Santa Rosa, Peru, foi identificado em Tabatinga. A cidade, que fica a cinco minutos de barco da ilha peruana e é separada da Colômbia por uma rua, tornou-se rapidamente foco da doença no país. Dez dias depois, Alceni Guerra confirmava a existência de mais cinco casos, um dos quais em Benjamin Constant, Amazonas.

Em 23 de maio, foram detectados pelo Ministério da Saúde, 10 casos de Cólera em Tabatinga. E assim, epidemia chegou ao Amazonas.

Gilberto: "Cólera está controlada"

Entrevista concedida ao programa "Encontro com a Imprensa" da Rádio JB-AM (Rio de Janeiro) em 14 de junho de 1991.

Governador Gilberto Mestrinho

— A ameaça de cólera não é tão grande quanto está sendo propagada pela imprensa. No caso do Amazonas não há motivos para preocupações maiores, uma vez que a Secretaria Estadual de Saúde, em conjunto com o Ministério, conseguiu estabelecer uma barreira de prevenção à doença na região de Tabatinga, fronteira entre Brasil e Colômbia e especificamente o Peru, que é onde se registra o maior número de casos de cólera — A explicação foi do governador Gilberto Mestrinho que se pronunciou ontem sobre o assunto para tranquilizar a população amazonense.

Segundo o governador, a prova de que o trabalho da Sesau de controle da Cólera está sendo eficaz são os números: nenhum caso até agora comprovado no Território Nacional, enquanto o Peru, só na primeira quinzena posterior ao aparecimento da doença, mais de mil pessoas já haviam sido contaminadas. Ele ressalta ainda que a cólera é menos maléfica do que a gripe, e uma vez detectada a tempo é facilmente curada, com uma simples medicação e tratamento de reidratação do organismo. Por outro lado, as campanhas de esclarecimento sobre as novas preventivas de higiene, alimentação e saneamento são poderosas armas contra a doença, e as campanhas que vêm se realizando estão sendo muito efetivas.

"Na opinião de Gilberto Mestrinho, o Brasil terá, mais cedo ou mais tarde, que se deparar com a cólera, como já acontece em outros 105 países. Mas não como epidemia e sim da mesma forma como se depara com o sarampo, com a malária. No caso específico do Estado do Amazonas, o governador ressalta que Manaus fica a dois mil quilômetros de Tabatinga, região de risco, o que, portanto, dificulta a contaminação".

"***O bacilo do cólera descendo o Solimões vai morrer de solidão e tédio, tamanha a distância***."

Coari, área de risco

A Cólera, doença altamente contagiosa, chegou ao Brasil. O primeiro caso foi registrado em Tabatinga-AM, em abril de 1991. "O vibrião colérico morreria de tédio e solidão, se tentasse se deslocar de Tabatinga a Manaus", disse Gilberto Mestrinho, governador do Amazonas, cético quanto à possibilidade de a doença chegar à capital do estado. A partir destes casos, alastrou-se pelo estado do Amazonas e pelo país.

A poluição e a acidez dos rios da bacia amazônica podem ter evitado um pouco a propagação do vibrião através da água, mas ele acabou desembarcando no corpo de pessoas que viajavam até Coari de barco.

Alguns pontos da sede do município de Coari foram visitados pelas autoridades epidemiológicas, que se encontram envolvidas no município com o problema cólera. Uma olhada na entrada da cidade – O porto de Coari – ou uma rápida entrada no mercado público municipal, até os menos esclarecidos podem perceber a grave situação de saneamento básico da "capital da banana". Mas a fotografia do vibrião colérico pode ser notada bem de perto na rua Professor Góes, por exemplo, localizada no centro da cidade, onde caminham à solta a malária e a hepatite.

De lá já saíram várias pessoas suspeitas de cólera e as autoridades municipais, estaduais e federais, não passaram no local para um levantamento epidemiológico e sanitário da localidade. A maioria dos moradores daquela rua e das diversas que formam um verdadeiro aglomerado de doentes, apresentam algum tipo de complicação, que pode iniciar com um simples comprometimento respiratório.

Dona Maria Ferreira da Silva, por exemplo, está com malária, mãe de 10 filhos, dona Maria garante que ainda não sabe como trabalha o pessoal da Fundação Nacional da Saúde, ex-Sucam, responsáveis, inclusive, pelo combate à malária. Atualmente, 3 de seus filhos estão com malária. José da Silva Azevedo, foi o mais atingido e já vivencia sua 5ª malária, somente este ano. Em frente à casa de dona Maria, o pequeno Antônio Filho, de 1 ano e 6 meses, não escapou do ataque do vibrião colérico. "As crianças são as mais vulneráveis à doença. Além da água ser captada de um lago poluído, a água tratada pela Cosama, dificilmente chega às residências sem serem contaminadas em função do vazamento da rede", denuncia a moradora Maria José.

Para completar ainda mais a situação dos moradores da Professor Góes e ruas vizinhas, quando chove, as casas ficam praticamente dentro d'água. Dona Cândida Amaral, que há anos sofre de problemas respiratórios, garante que a "catinga é medonha". Ninguém vem aqui meu filho, começaram a colocar esses tubos, mas até hoje não fecharam. O cocô escorre toda hora nas ruas e ninguém toma uma providência", condena.

— "Estamos condenados ao completo abandono. Depois da malária e da hepatite, só faltava chegar à Cólera. Agora temos de tudo", critica Maria José, que ressaltou que a grande preocupação das autoridades não é a Cólera, mas a Festa da Banana.

Depoimento sobre a situação do hospital

Os moradores de Coari, por cerca de 15 dias passaram a conviver bem de perto com o vibrião colérico, contudo quando tiveram de depender dos serviços médicos do hospital, foram obrigados a esperar pelo menos o dia amanhecer. As 18 horas, quando vários pacientes suspeitos de cólera procuraram o hospital, encontraram apenas a atendente Maria Ferreira da Silva que, em função do estado clínico do doente, ministrava a eles o soro oral e venoso.

O médico de plantão ao ser procurado pela reportagem foi enfático ao afirmar que no hospital só compareceria se o estado do paciente fosse grave. Segundo declarou, a atendente estava suficientemente habilitada para saber – se o problema do paciente fosse cólera – a capacidade hídrica do enfermo era negativa ou não.

Próximo às 22 horas, o médico compareceu ao hospital, embora tenha permanecido o tempo todo do lado de fora. Sem mostrar nenhuma preocupação com a morte de uma recém-nascida, que acabara de morrer por falta de assistência médica, o plantonista limitou-se a que fazer frente a uma população de 40 mil habitantes era impossível para quatro médicos.

Às 8 horas da manhã seguinte, o número de pessoas suspeitas já era maior e nenhum médico presente para atendê-los. O menino Raimundo Vilhena, 11, se contorcia em dor e só depois de alguns goles de soro e o carinho de sua mãe Laurentina Vilhena se acalmava.

A primeira atenção médica aos pacientes suspeitos de cólera só acontece quando a equipe do Piauí, coordenada pela médica Maria Amparo Salmito, chega ao hospital. Segundo ela, todas as pessoas com diarreia são mais suspeitas, embora até o momento só tenham sete casos comprovados. "Todos os dias mandamos para Manaus várias coletas. Estamos certos de que o número de casos comprovados em laboratório é maior que sete. Como ainda não dispomos dos resultados fica difícil saber a incidência real de cólera no município", explica.

Se os números de casos comprovados dependem dos resultados dos exames, os números de pacientes suspeitos atendidos dependem do controle da equipe de coordenação da Unidade de Saúde de Coari. Ninguém sabe informar quantas pessoas suspeitas de cólera passaram pela Unidade de Saúde do município.

Unidade de Tratamento de Cólera sem controle

Depois de "lavado" todo material contaminado pelo vibrião colérico, a funcionária da lavanderia prosseguiu na sua missão, agora com o material de cama e outras enfermarias. Segundo garantiu, o tratamento dispensado de acordo com as orientações do hospital ao material de cama é um só.

Na própria UTC pode-se observar que não existem regras quando acompanhantes ou o profissional de saúde está diante do portador do vibrião colérico. Uma criança suspeita colocava tantas vezes fossem necessárias a chupeta à boca, que por descuido caía onde se encontrava há dias hospitalizada.

Nem mesmo a médica Nauri se importou de pegar um dos baldes que se encontrava debaixo da cama do paciente Joaquim Sebastião, 51, para mostrar as características do líquido expelido pelo portador do vibrião colérico. A médica sequer tinha às mãos luvas de proteção.

Na Unidade de Tratamento à Cólera não existe nenhum controle quanto ao acesso de pessoas que queiram visitar um suspeito. A entrada, praticamente, é franca e o vai vem é constante.

Outra demonstração de nítido descontrole é quando um paciente é transportado com urgência para a UTC. Mesmo que o leito tenha sido desocupado naquele instante por um portador suspeito nada impede que um outro seja levado a ele. A rotatividade, aliás, é constante e pode acontecer durante as 24 horas do dia.

Água captada à beira do lago

Coari é uma cidade carente e com deficiência na estrutura sanitária. A água potável, por exemplo, é um dos problemas mais graves. Ela é captada na beira do lago de Coari, onde vários flutuantes e embarcações se confundem com a pequena flutuante da Cosama, de onde inicia a distribuição para alguns setores da cidade.

Os principais esgotos da cidade podem ser notados sobrecarregados entre o emaranhado de pequenas casas flutuantes e barcos, que no lago de Coari formando o principal depósito de dejetos fecais. Devido à seca, eles, atualmente, estão fora d'água, mas suas águas servidas formam na área da praia, um visível corredor até atingir o lago de onde é tirada a água para a população.

A fiscalização no porto da cidade, segundo comentou Francisco dos Santos, encarregado pelo bombeamento da Cosama, é uma brincadeira e se existe "é para inglês ver". A própria embarcação da prefeitura do município, conforme observou, atraca bem ao lado do flutuante da Cosama.

Devido a esses descuidos, é comum o motor da companhia estar ligado no momento em que as fezes flutuam sobre as macias águas esverdeadas do lago de Coari, próximo ao flutuante da Cosama. "Aqui está a pior imundície de Coari. É merda dos esgotos, dos flutuantes, das embarcações, de todos os lugares", assegura.

Na sede do município de Coari, as famílias que não são atendidas pela Cosama são servidas na sua maioria por cacimbas localizadas próximas a um braço d'água, como é o caso do igarapé do Pêra e do Espírito Santo.

Depois de alguns dias, chega à cidade de Coari a equipe da Rede Globo de Televisão, chefiada pelo jornalista Caco Barcellos e expõem em rede nacional para todo Brasil, todas as mazelas e a situação caótica que Coari se encontrava.

Povo consome água captada à beira do poluído lago de Coari

Flutuante da Cosama no Lago de Coari

Na época, eu era um jovem professor do ensino fundamental, com 19 anos e foi possível acompanhar, in loco, as várias fases dessa epidemia em Coari. A cidade estava vivendo cenas de um filme de terror, com pessoas chegando da zona rural do município, em total estado de desnutrição avançada, sem poder se locomover, se desfiando. Lembro que na fila do Banco do Estado Amazonas (BEA), havia senhoras que caiam e apresentavam os sintomas mais graves, ali no chão.

Elas eram conduzidas a Unidade Mista de Coari (antigo Hospital), onde ficavam isoladas, deitadas em uma maca hospitalar que havia um buraco no meio, onde as pessoas continuavam fazendo suas necessidades sem interrupção. Houve muitas mortes em nossa cidade.

Após essa epidemia, aconteceu algumas mudanças na cidade de Coari:

O flutuante que recolhia água para os tanques da Cosama (Companhia de Saneamento do Amazonas) saiu das águas paradas do lago de Coari, há 500 metros do principal local de liberação do esgoto da cidade, para o Rio Solimões, que é um rio com uma correnteza muito forte, dessa forma, dificultando o recolhimento de águas poluídas.

Outra mudança qualitativa em Coari, foi o cuidado com a água de consumo. Foram abertos inúmeros poços artesianos na cidade (particulares e das instituições governamentais). A população começou a ferver água para beber ou adicionar hipoclorito de sódio. Os velhos filtros de barros foram aposentados, sendo trocados pelos bebedouros de água mineral de 20 litros.

Em suma, o negacionismo e o despreparo das autoridades amazonenses não acreditando que a bactéria da Cólera chegasse ao Brasil, além das eternas condições sanitárias deficientes, foram os principais motivos para que a epidemia de Cólera chegasse a Coari, que foi na época, o principal local de risco da doença no Brasil.

Fotos da Coari Antiga

A História de Coari Através das Fotos

O Coreto da Pç Getúlio Vargas

Casa Paroquial e o "Colégio" na praça São Sebastião em 1968

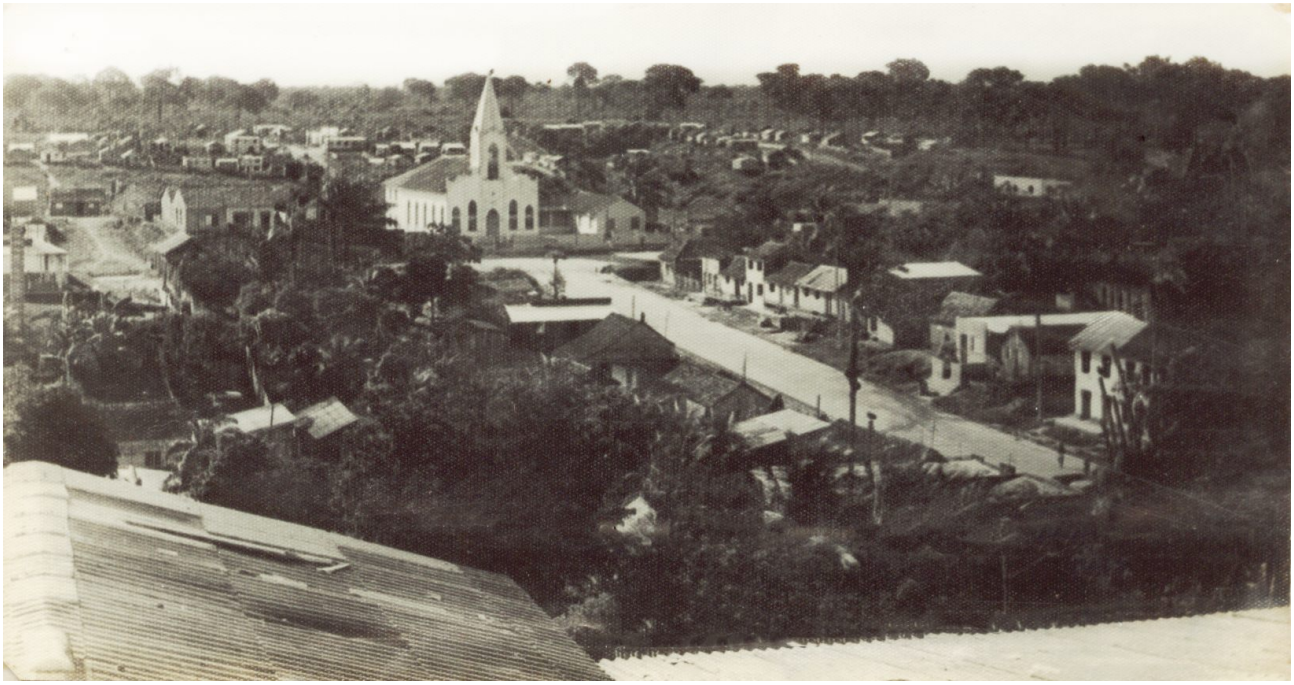
Escola Inês de Vieira - 1968

Rua 02 de Dezembro - Tauá-mirim - Em 1968

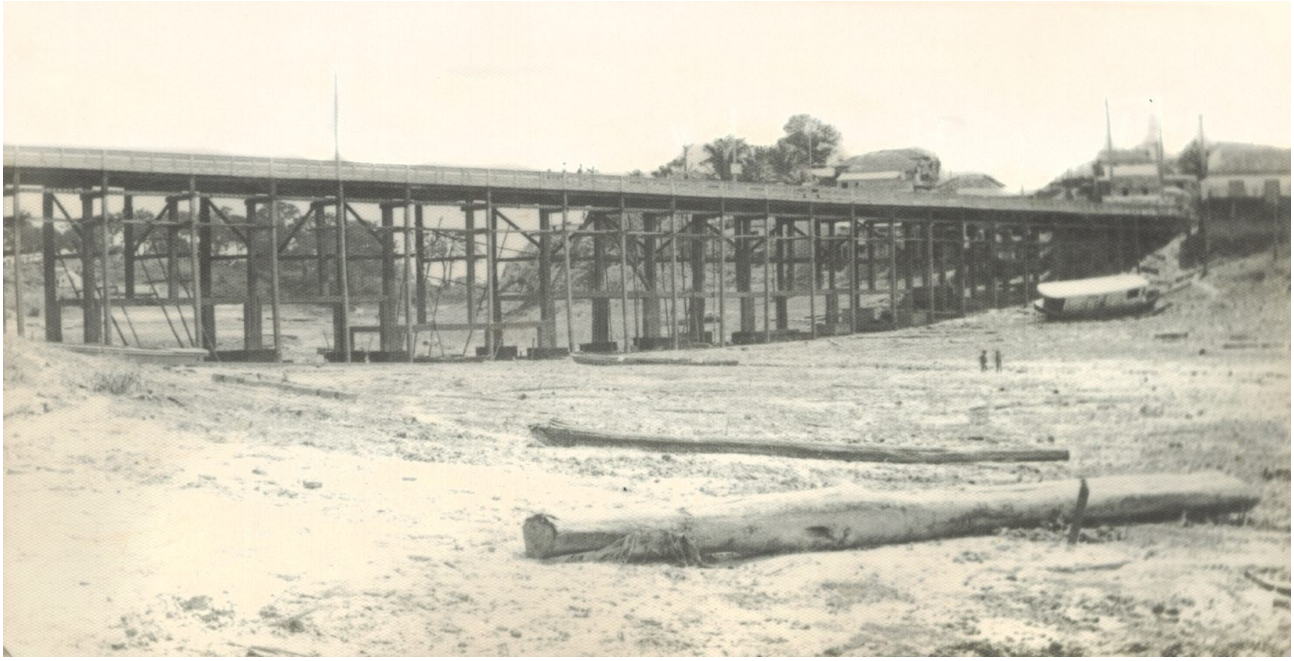
Funcionários da Secretaria de Obras da Prefeitura de Coari - Junho de 1975

Vista Aérea da Rua 02 de Agosto - 1977

Escola Nossa Senhora do Perpétuo Socorro - 1977



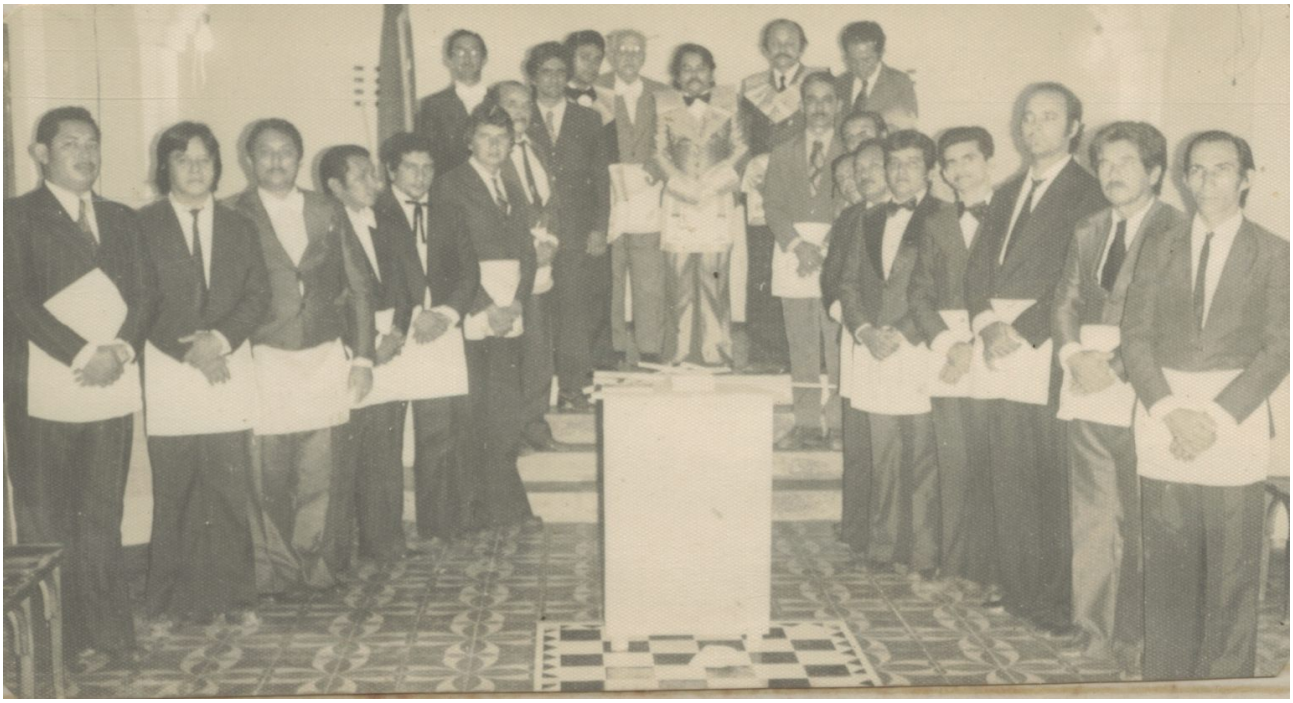
Vista aérea da rua Marechal Deodoro – Centro
Ao fundo a Igreja Batista e o início do bairro Duque de Caxias – 1977



Ponte Siseno Sarmento (Atual Roberval Rodrigues) - 1977

Foto tirada da janela da escola Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Podemos ver algumas casas da rua Independência. Na parte superior à direita: a rua Plínio Coelho no bairro de Chagas Aguiar. Ao fundo, as árvores do bairro do Pêra e a região conhecida como Matinha.

Unidade Mista de Coari (Hospital) - 1977



Loja Maçônica de Coari - 1977

Bairro e Igarapé do Pêra - em 1977

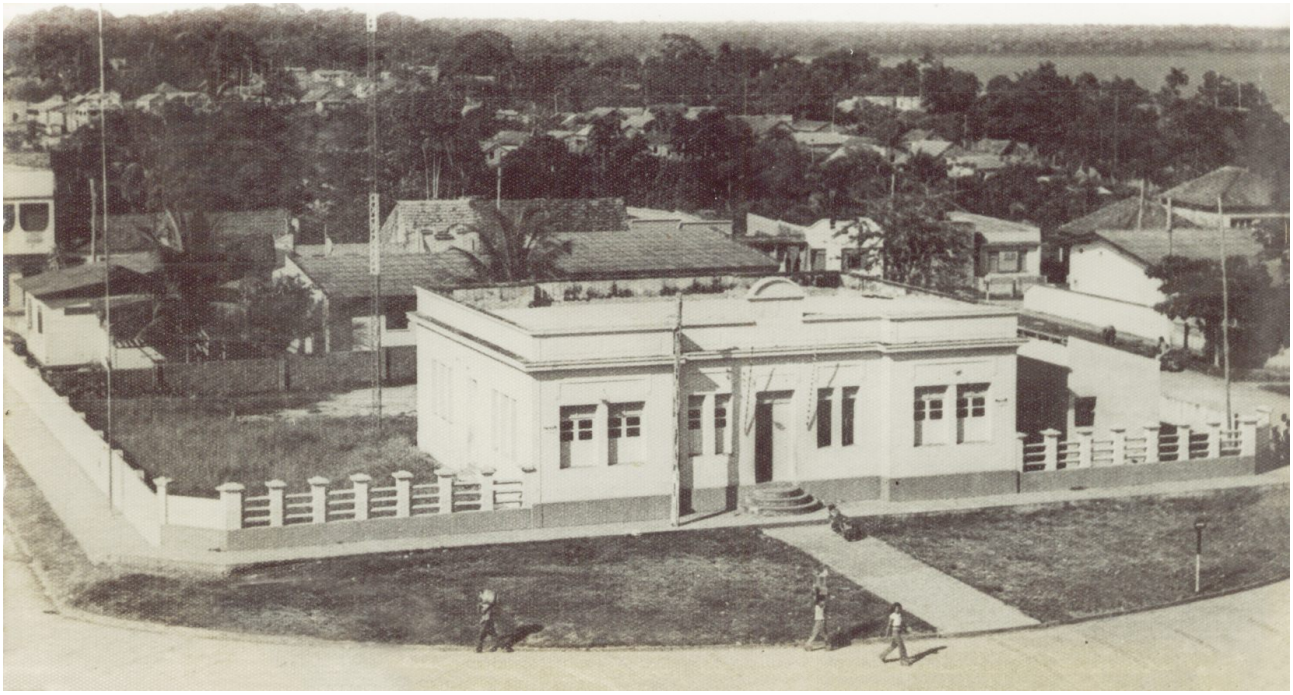
Banco da Amazônia - Basa - 1977

Carnaval de 1977 - Palanque das Autoridades

Um Bloco Carnavalesco no ano de 1977

Centro Dom Mário - Novembro de 1968

Cine Alex - Nosso Cinema dos anos 70



Escola Francisco Lopes Braga - Foto de 1977

O nome é em homenagem ao engenheiro que foi Diretor de Obras Públicas e Concessão de Terras do Estado do Amazonas.

Podemos ver nessa foto: O final da rua XV de Novembro, o lugar conhecido como "Alto do Bode", a esquerda o bairro de Chagas Aguiar.

Yara Bar, o point da Juventude em 1968

Igreja de São Francisco - Tauá-mirim - Em 1977

Igreja de Santo Afonso - Morro - Bairro Espírito Santo - Em 1968

Igarapé do Espírito Santo no período da seca - 1978

Feira do Produtor Rural - 1994
e o Cristo Redentor ao fundo sendo terminado

Carnaval de Rua - Bloco Carnavalesco "Os Fantásticos"
Em 1977 - Local: Travessa Mota

Rua Padre José Maria em 1977
Colégio [ENSPS] - Catedral de Santana - Casa Paroquial

Pç Getúlio Vargas - Centro

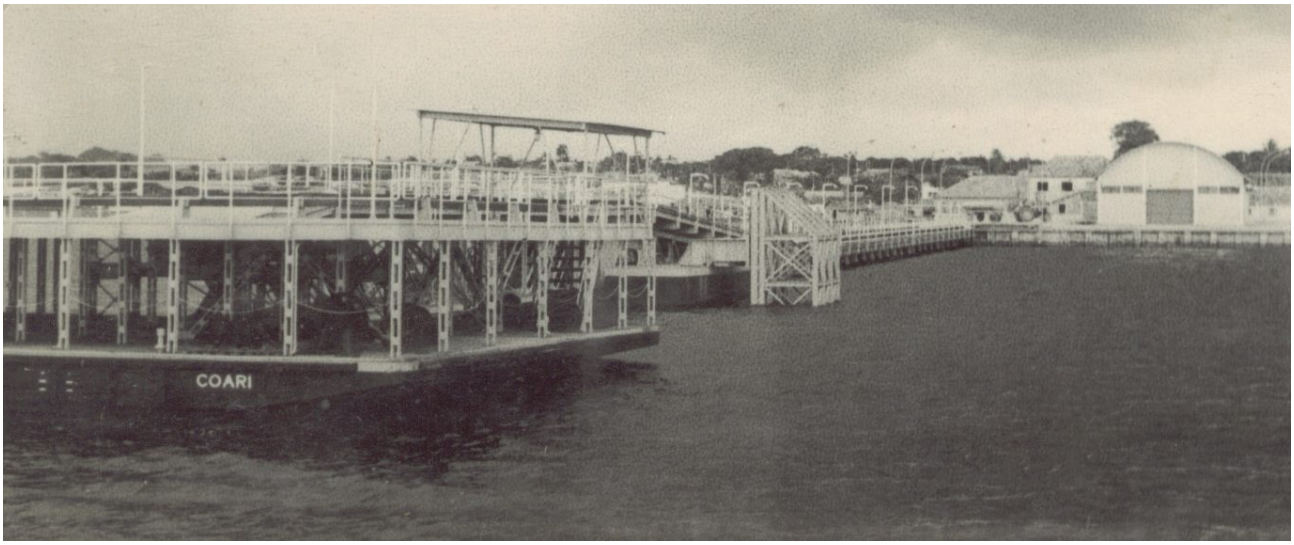
Pç Getúlio Vargas - Centro de Coari - Ano de 2000

Pç São Sebastião - Em 1994

Caixa d'água na praça São Sebastião - Centro - Por trás da Catedral

Praça Getúlio Vargas em 1968

Ponte do Igarapé de São Pedro

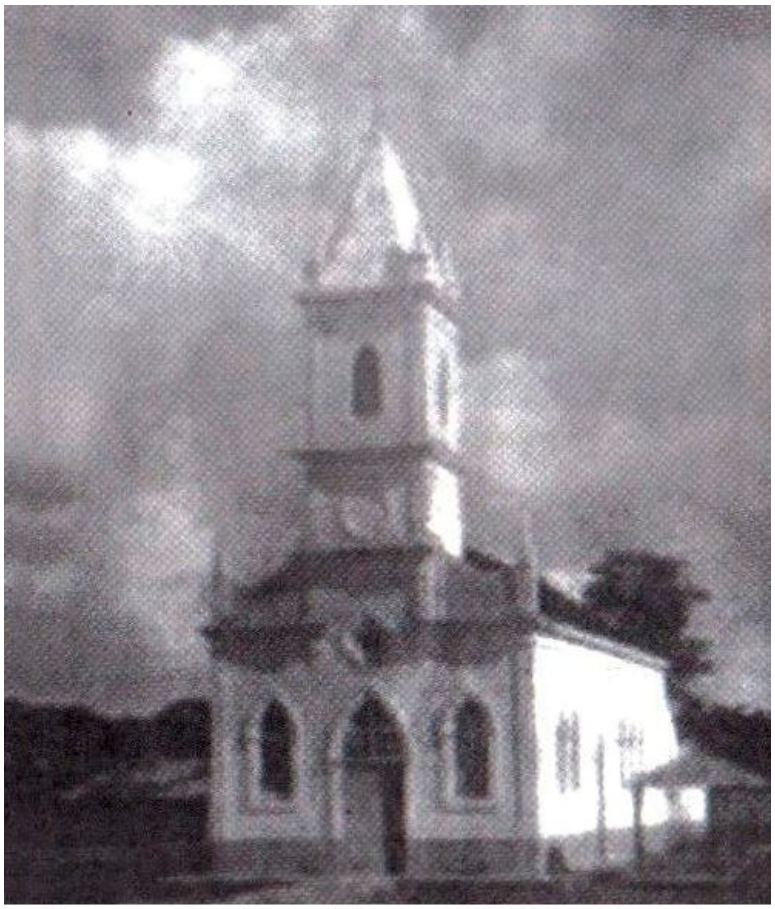


Porto de Coari - 1977

Posto de Gasolina Texaco - 1978

Praia em Frente da Cidade - 1977

Prefeitura de Coari em 1968 - Mais tarde virou a escola Progente
Hoje a Policlínica Dr Roque Juan Delloso



Igreja de Sant'Ana - 1948 - Coari

Rua 02 de Agosto - 1968

Rua Gonçalves Lêdo em 1968

Coreto na Praça Getúlio Vargas

Rua XV de Novembro - Centro

Travessa Mota - Centro - Década de 70

Vista Aérea de Coari Antiga - 1977
Podemos observar a CAMTEL, o Tijuca, a Coletoria

Primeira Feira do Produtor Rural - 1979

Praça São Sebastião

Pc São Sebastião

Esquina da rua 05 de Setembro com a rua Gonçalves Ledo - Década de 70

Prefeitura Municipal de Coari - Atual Bradesco
Esquina da praça Getúlio Vargas com rua XV de Novembro
Construída pelo Cap José Rodrigues Pessoa (Delegado) em 1923

Autoridades Coarienses

Praça São Sebastião

Rua XV de Novembro - Setembro de 1986

Rua Xv de Novembro - Centro

BEA - Banco do Estado do Amazonas

Tijuca Esporte Clube

Feira do Produtor Rural na década 90

Rua Gonçalves Ledo

Feira do Produtor Rural na década 90

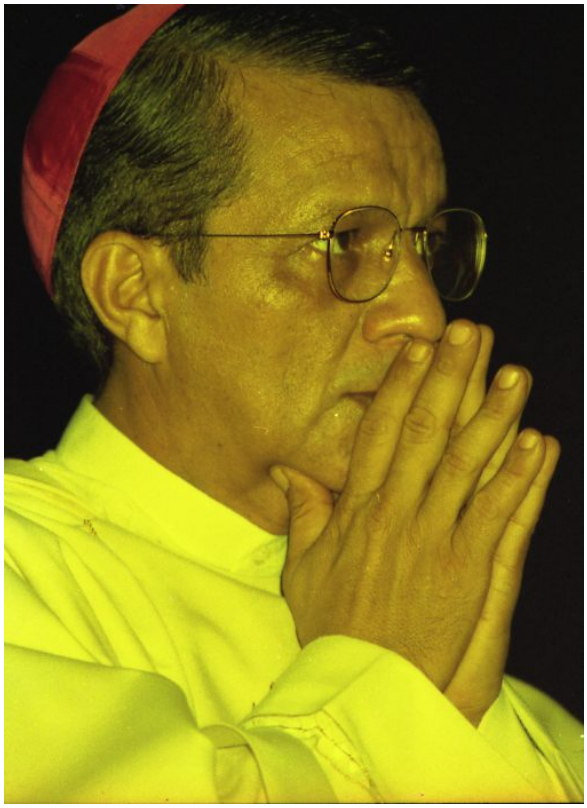
Conjunto dos Ribeirinhos - Rua Samuel Fritz

Dom Mário Roberto Anglim - 1º Bispo Prelado de Coari

Dom Gutemberg Freire Régis - 2º Bispo Prelado de Coari

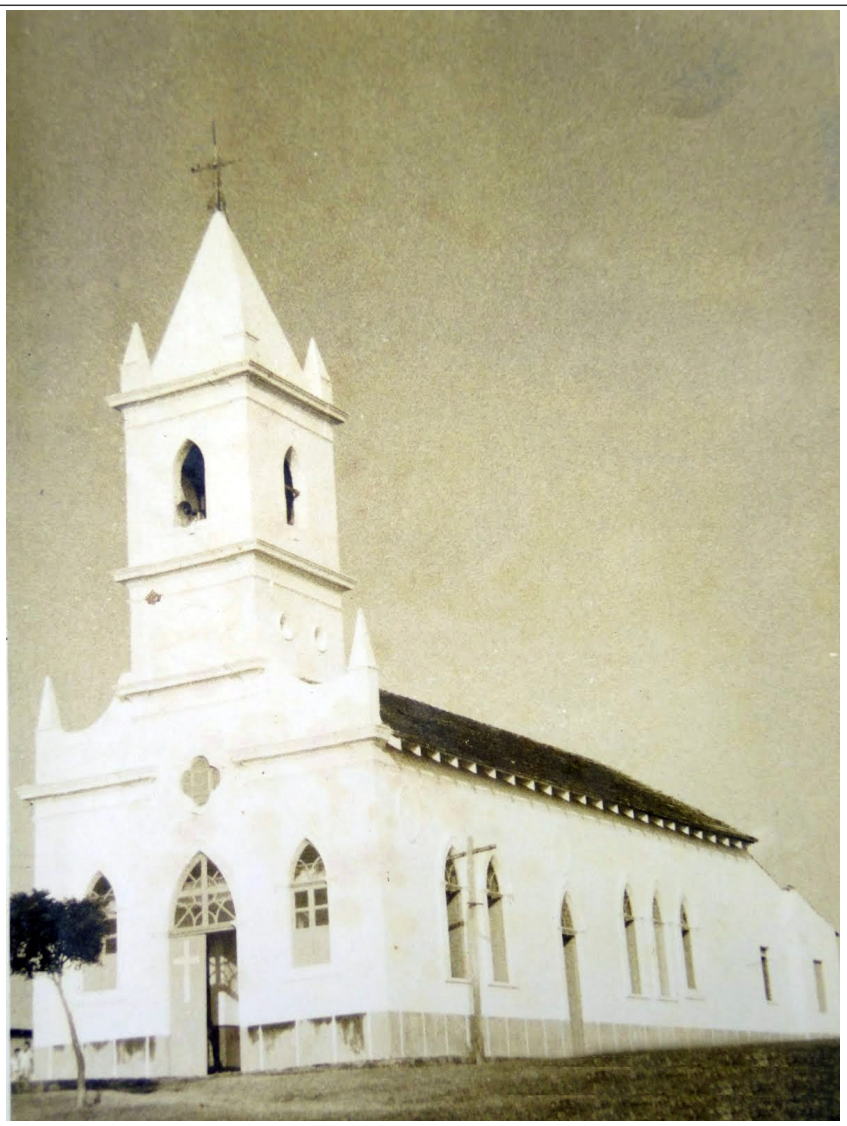
Dom Joércio Gonçalves Pereira, CSsR - 3º Bispo Prelado de Coari

Dom Marcos Marian Piatek – 4º Bispo de Coari (Diocesano)



Dom Jackson Damasceno Rodrigues
1º Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Manaus

Sagração do Dom Gutemberg Freire Régis



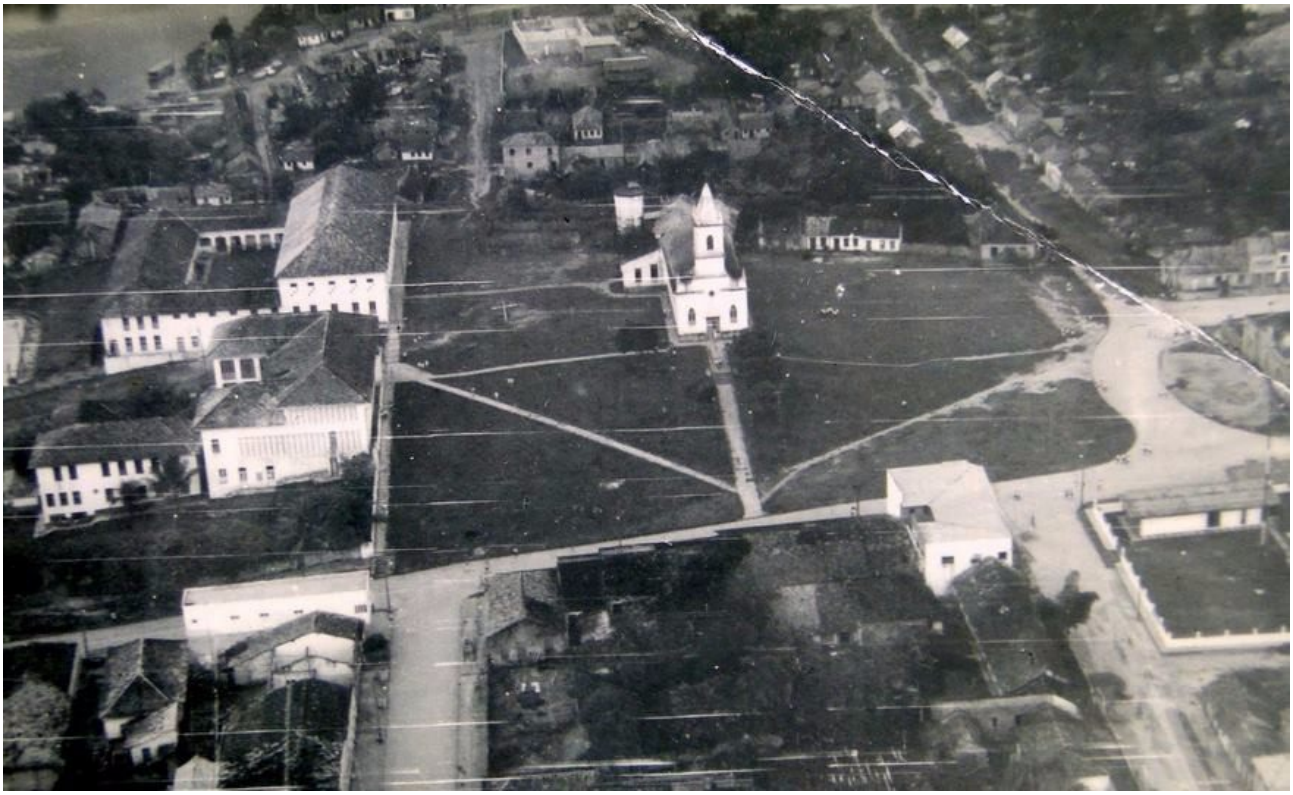
Igreja de Santana e São Sebastião

Rua Marechal Deodoro

Seleção Masculina de Handebol

Grêmio Atlético Indrustrial

Vista Aérea do Centro de Coari

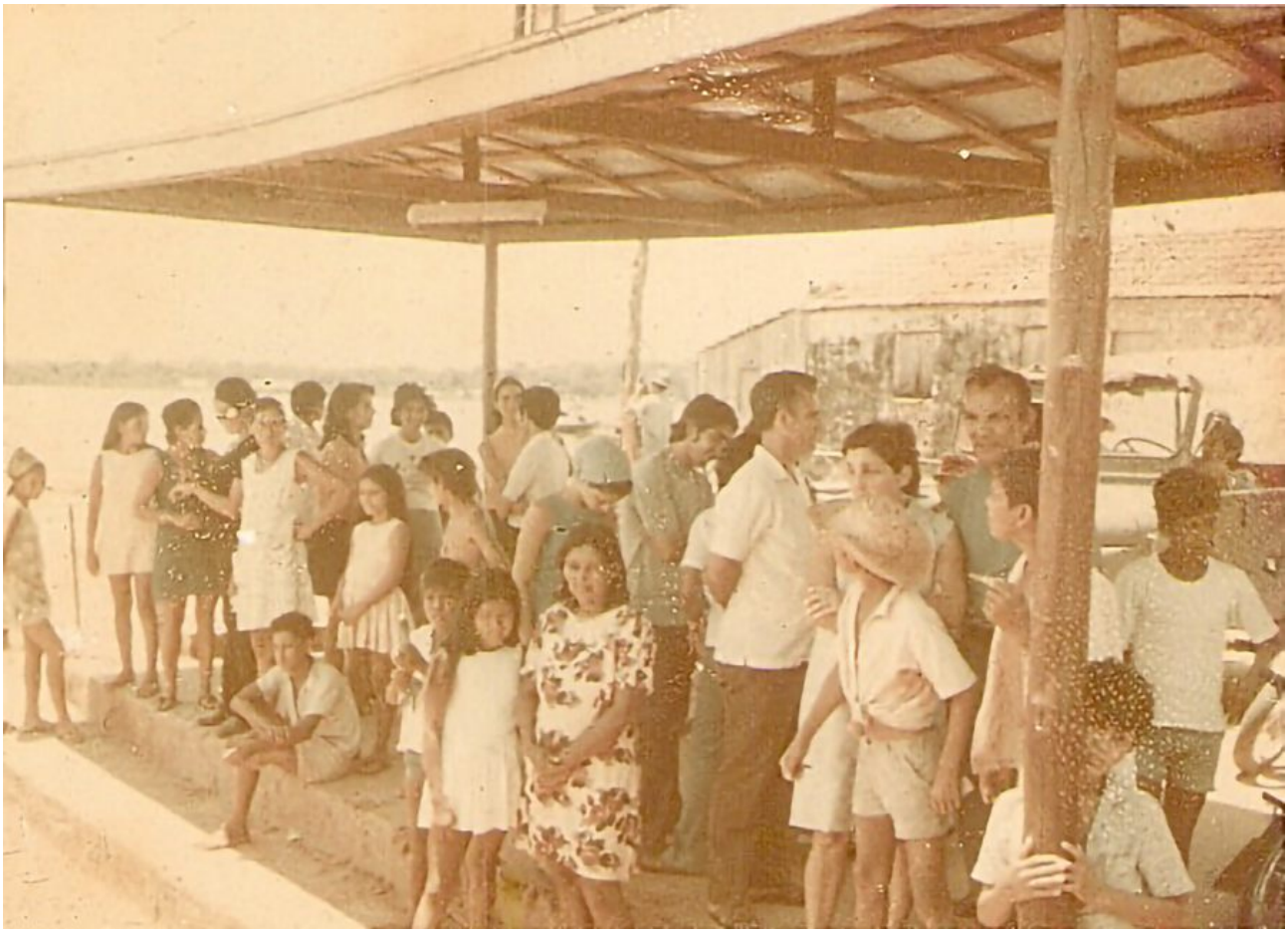


Praça São Sebastião

Asfaltamento da Praça São Sebastião

Instituto Bereano de Coari

Escadaria de Coari



Escadaria de Coari - 1972

Radio Educacional Rural de Coari

Praça Getúlio Vargas

Praça Getúlio Vargas

Concentração antes do Desfile Cívico

Desfile Cívico

Escola de Samba Coariense - 1984

Usina da Luz e Força de Coari

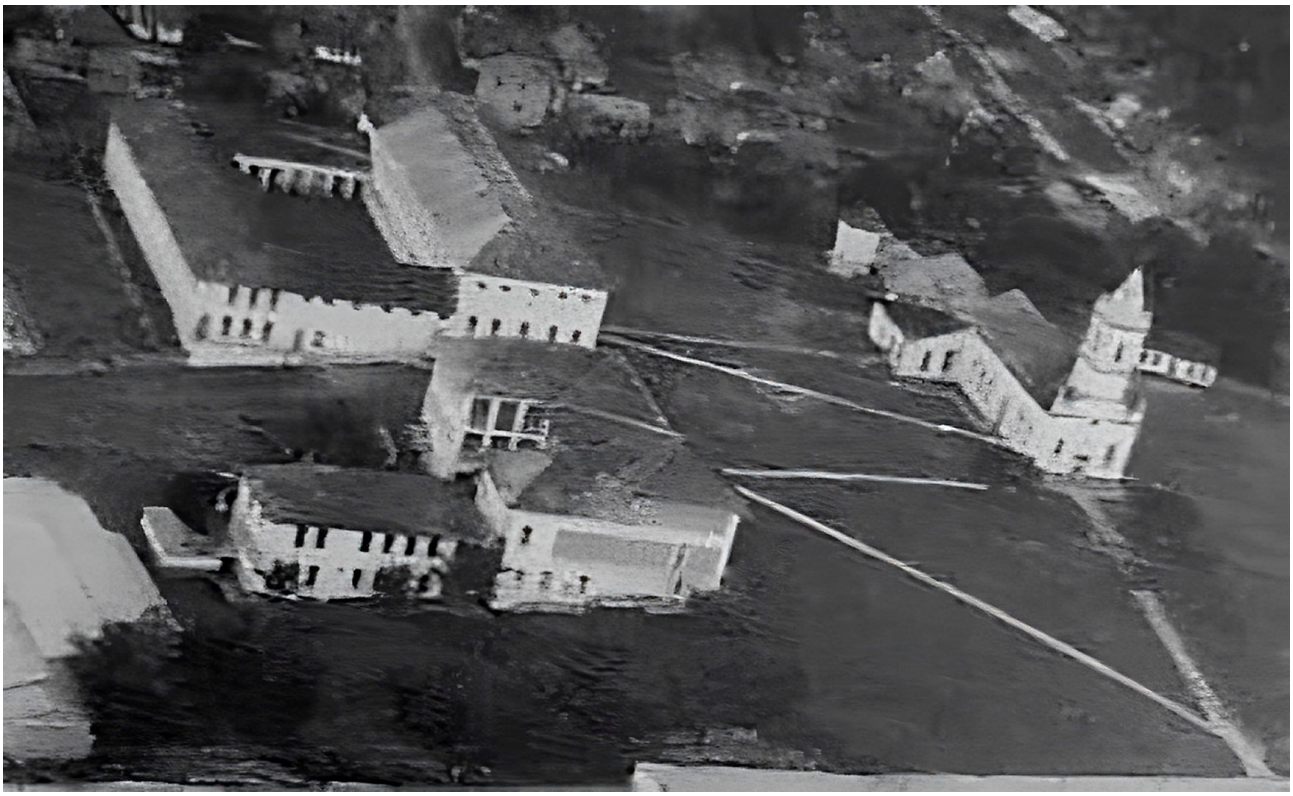
Rua XV de Novembro

Cais Velho - 1968

Igarapé de São Pedro

Avião Catalina partindo de Coari

Avião Catalina partindo de Coari - 1968



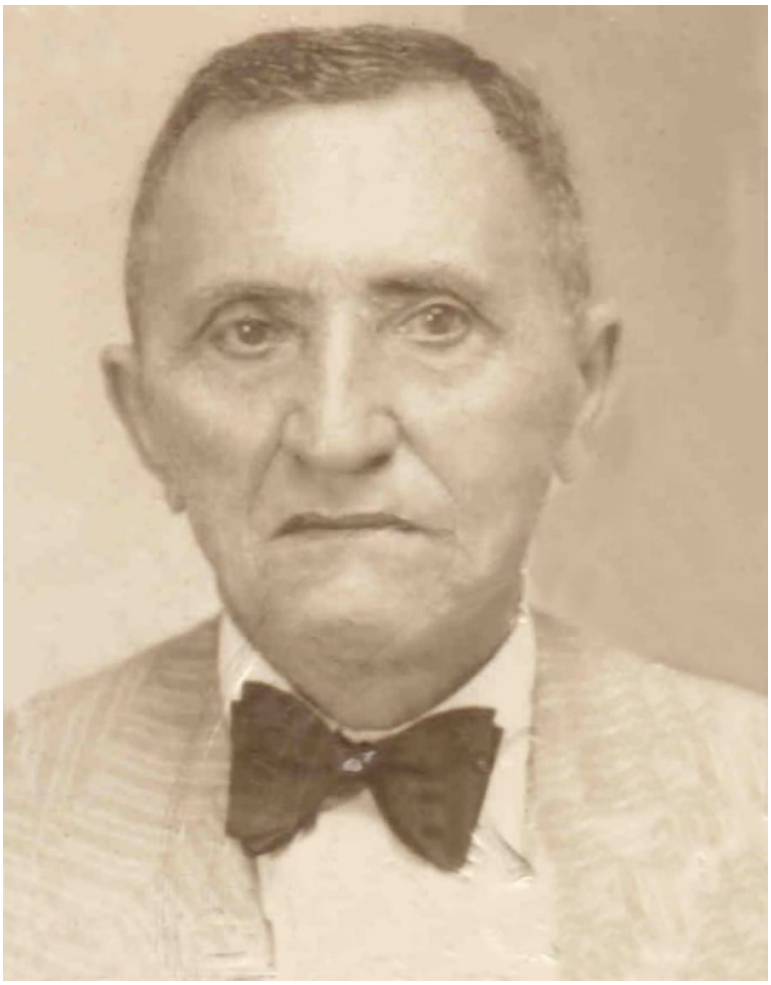
Praça São Sebastião - Centro

Prefeito Clemente Vieira e um grupo de escoteiros coariense - 1980

Prefeito Roberval Rodrigues, Vice-Prefeito Evandro Aquino e Dr. Roque Juan Del'oso

Governador Gilberto Mestrinho e o Prefeito Roberval Rodrigues

Abertura do Jogos Escolares de Coari (Jec's) no antigo estádio Carecão



Deolindo Dantas

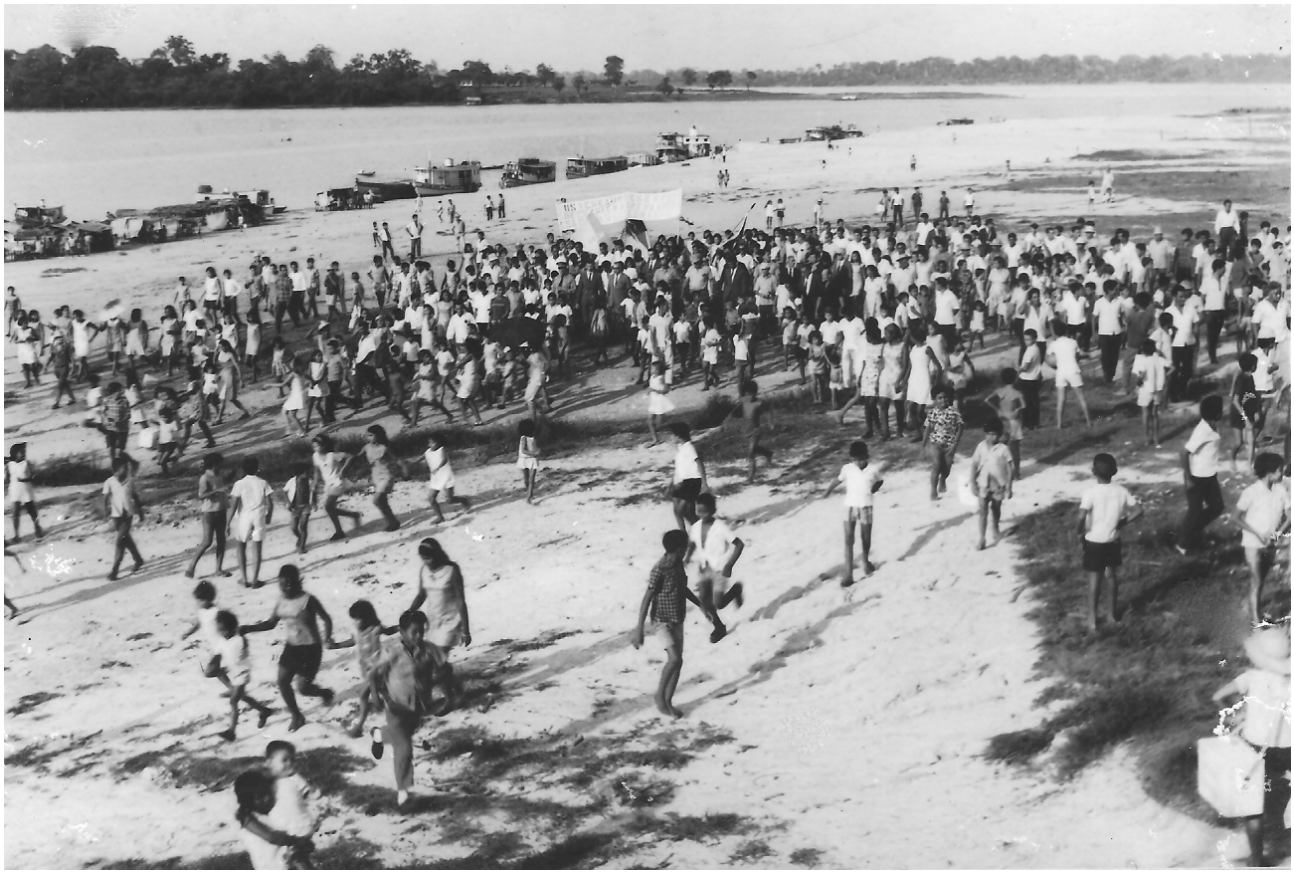
Escadaria de Coari

Rua Marechal Deodoro - Centro

Vista Aérea de Coari

Vista aérea de Coari

Vista Aérea de Coari



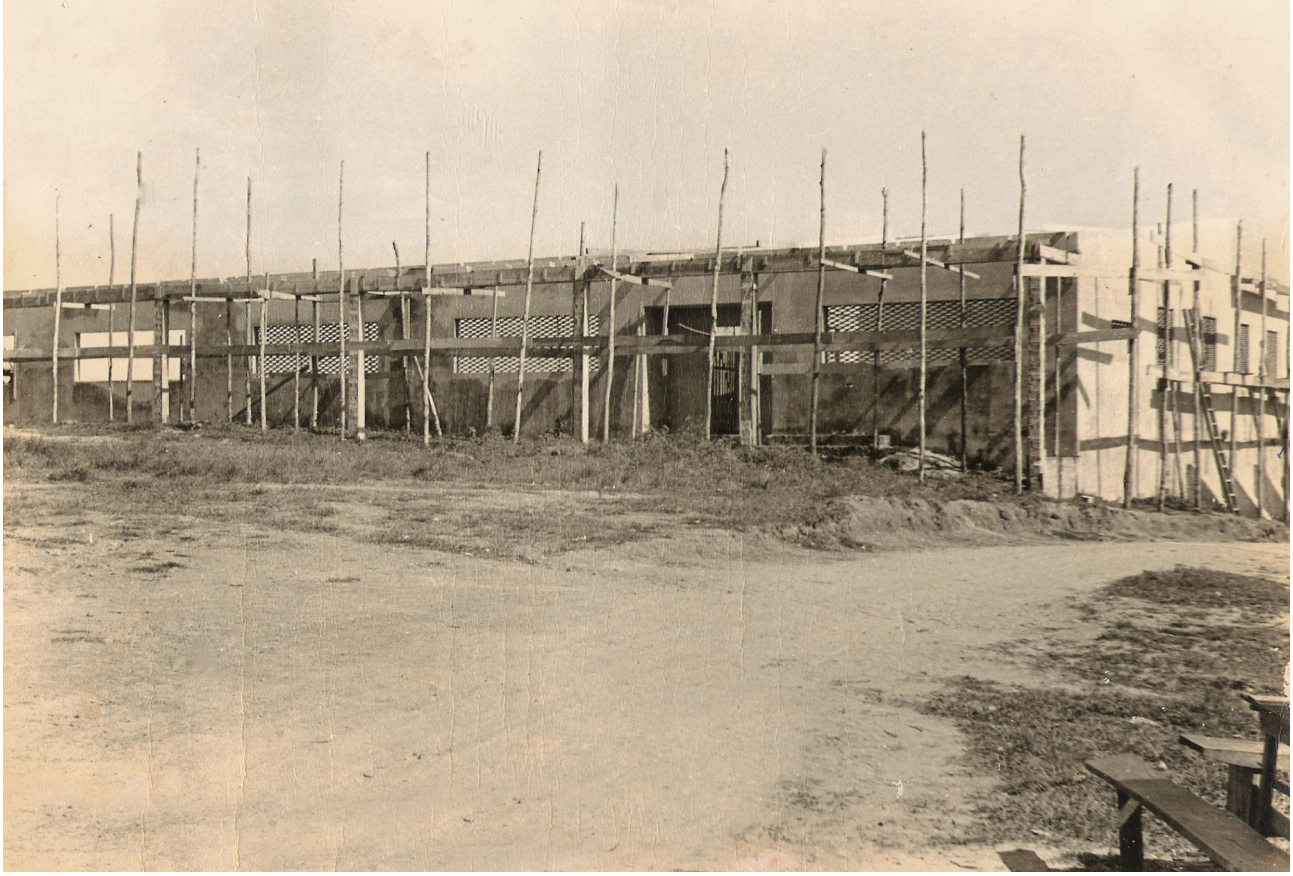
Passeata política na praia da cidade

Posse de Mussa Abrahim Neto

Comício na frente do Grupo Escolar Francisco Lopes Braga
Em destaque: Clemente Vieira (Prefeito) ao microfone, Alexandre Moraes (Vice-prefeito), candidato a Dep. Estadual Waldemar Vieira em 1978

Praça Getúlio Vargas - Centro

Delegacia de Polícia do Camará - 1974



Escola Presidente Kennedy

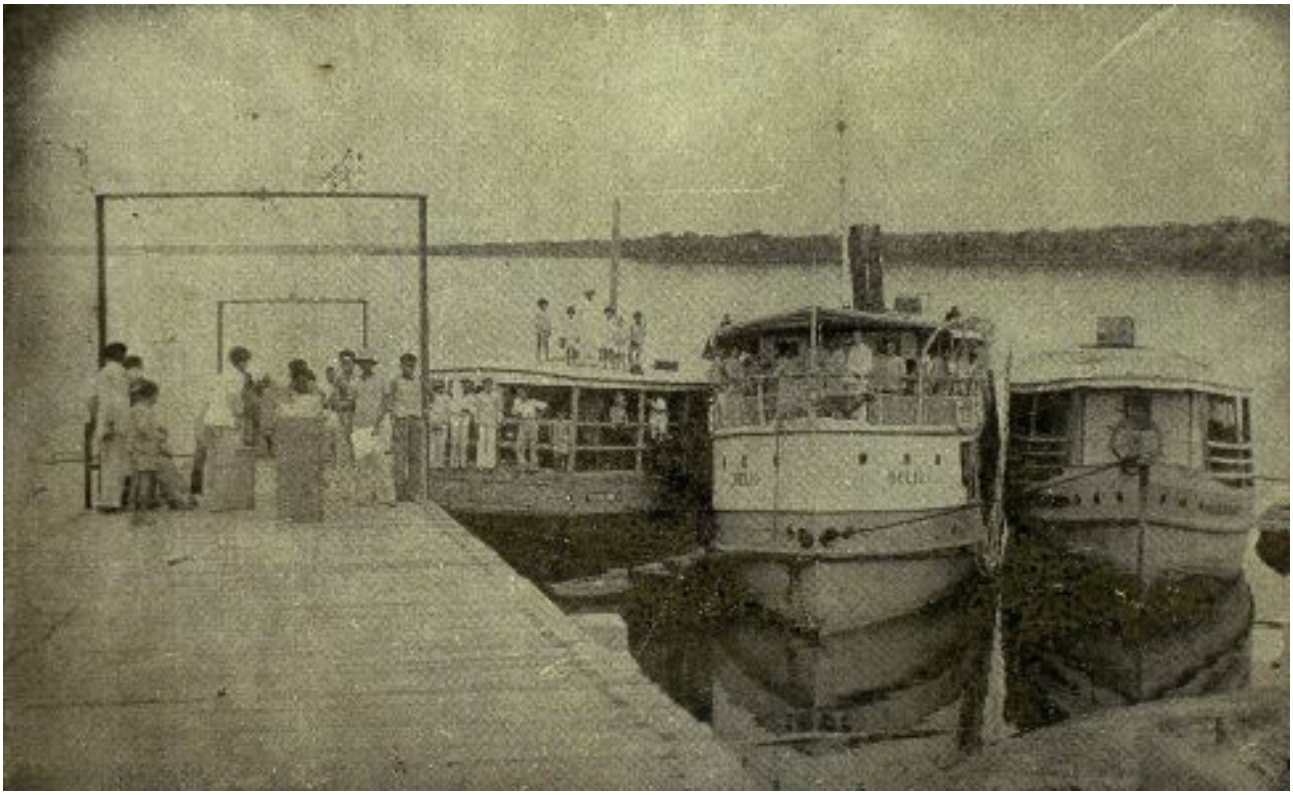
Escola Presidente Kennedy

Mercado Municipal

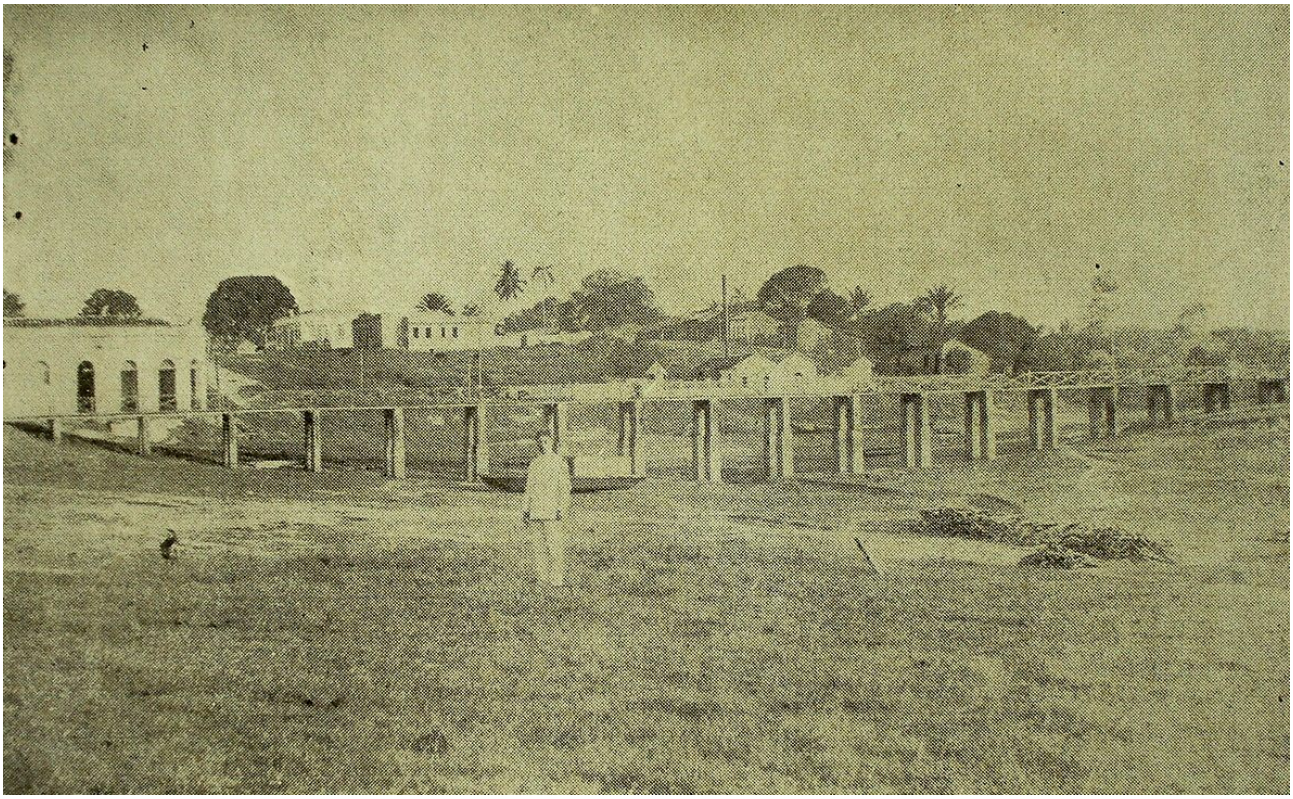
Unidade Mista de Coari

Estrada do Aeroporto

Vista a partir da ponte sobre o igarapé de São Pedro. Ao fundo podemos observar o sobradinho dos Dantas e a mangueira que inspirou o Brasão de Coari.



Navio que primeiro atracou no trapiche em construção, no dia 28 de março de 1937



Ponte sobre o Igarapé São Pedro - Constrída em 1923 pelo então Cap. Pessoa. Restaurada em 1934.

Literatura Coariense

Contos, poemas e crônicas

Existe uma Literatura Coariense?

É a pergunta que fazemos da mesma forma que há alguns anos escritores e estudiosos da literatura do Clube da Madrugada e da União Brasileira de Escritores do Amazonas fizeram com esta pergunta: - Existe uma Literatura Amazonense? Com esta indagação que é também o título de um ensaio escrito e reunido em um livro por Jorge Tufic e lançado pela UBE-AM, como VII volume da Coleção Norte-Nordeste de Literatura, fruto do I Encontro Norte-Nordeste de Literatura, onde se discutiu amiúde o tema.

Os estudos levantados por Jorge Tufic concluíram que existe uma Literatura Amazonense e se há, há também uma literatura regional, mesmo que ela tenha em alguns aspectos conotações de modo similares a outras regiões que nos ligam à Literatura Universal.

Eu mesmo cheguei a admitir, aí mesmo, neste trabalho de Jorge Tufic, a sua existência, a partir da existência de uma literatura latino-americana no contexto das nossas letras, que marcaram e continuam marcando, mesmo com suas particularidades regionais, a literatura nacional e, consequentemente, a literatura universal.

Muitos escritores amazonenses são oriundos da hinterlândia amazônica, como Álvaro Maia, Jorge Tufic, Francisco Vasconcelos, Almir Diniz, Erasmo Linhares, Elson Farias, Tenreiro Aranha, Aureo Mello, Thiago de Mello, Almino Afonso, Anísio Mello, Tenório Telles, Pe. Manuel Albuquerque, Alencar e Silva, Raimundo Colares, entre outros que poderíamos enumerar apenas para mostrar que a literatura pode florescer em qualquer meio ambiente, tanto no meio urbano das grandes metrópoles, como também nas concentrações urbanas e suburbanas das cidades do interior, vilas e lugarejos onde a civilização tenha chegado.

Assim, acontece no mundo inteiro. Por que aqui não poderia acontecer também?

A inspiração artístico-cultural surge em qualquer lugar e em qualquer tempo. Pode aparecer em tempo de grande florescimento econômico, como pode surgir em tempo de crise econômica e social. A literatura é produto da natureza humana e suas circunstâncias e, assim, não depende de mais nada. Quantos em meio à guerra e à miséria escreverem livros, como Tolstói em "Guerra e Paz", e Dostoiévski, em "Crime e Castigo", por exemplo, e mesmo o nosso Graciliano Ramos, com "Vidas secas" e "Memórias do cárcere", que escreveram, todos eles, contando experiências em livros que hoje estão entre os mais lidos. Também, quanto ao tema, e mesmo se destinando a um público infanto-juvenil, ou mesmo a leitor mais exigente, que goste de ficção, romance, por exemplo, ou apenas poesia, crônica, ensaio, história de caboclo ou conto, não importa o gênero literário, desde que o que escreve seja um texto bom, cabível em qualquer lugar e ao alcance de qualquer leitor.

Temos uma literatura coariense, é só ver nomes que Archipo Góes reuniu neste livro em prosa e verso, enfeixando nomes de expressão como Francisco Vasconcelos, Erasmo Linhares, Manoel Francisco, José Maciel, Waldemar Fonteles, Chagas Semeão, Alex Alves, Manuella Dantas e outros. Alguns, como Francisco Vasconcelos e Erasmo Linhares, dois ícones de nossa literatura, já transpuseram as fronteiras do Estado do Amazonas!

Archipo Góes, é escritor e poeta, tendo publicado "Recomeçar" (poesia), "A Origem do Nome Coari", 1º volume, e "Samuel Fritz e a Fundação de Coari", pertencentes à Coleção de História de Coari, publicados em 2014, e "Uma Literatura Coariense - Poemas", editado em 2014. Archipo Góes, é um estudioso da nossa cultura, dos costumes, do folclore e da história da nossa terra.

Parabéns, portanto, por levantar essa bandeira da cultura em Coari, berço de todos nós!

José Coelho Maciel - (ASSEAM)

A Freguesia de Alvelos

Roberval Vieira

O assobio rasgou duas vezes a mata e veio se repetir bem perto de onde nós estávamos. Na cozinha, Maria José preparava um cozidão daqueles, "Capararí" salmourado com bastante verdura. "Se você oferecer outro cigarro ele vem cantar bem aqui pertinho". Sorri maroto e passei a garrafa de cachaça para Manoel Soares, que brincou com Vieira, enquanto me oferecia uma banda de limão. Tomei uma talagada, acendi um cigarro e fui ver como estavam as coisas lá atrás no motor onde estava mamãe, Nilda e as crianças que ajudavam Maria José no preparo do jantar. Era um sábado calorento, mas a Freguesia de "Alvelos", dos Dantas, estava fresca e o rio Coari soprava suavemente uma brisa calma. Aqui, ali, gaivotas esguichavam lamentos e a areia branca convidava a um passeio pela praia. Nossos companheiros estavam na boca do lago, armando a malhadeira para quando o dia amanhecesse.

E todos nós fomos lá espiar três "tambaquis" e o belo exemplar de "pirarucu". Durante o verão era comum nossos passeios a Jurupari ou a fazenda "Alvelos", primeiro ponto da civilização que formou o povoado de Coari. "Jacó Dantas", irmão de Raimundo Dantas, o "Alvelos", estava conosco e eu apreciava muitas anedotas, principalmente depois de já ter tornado alguns goles.

Manoel Soares era o vice-prefeito. Era 1973. Vieira, bancário aposentado do BASA, gostava de uma caçada, e ao mesmo tempo, de criar estórias. E naqueles dias ele quase me convencia que o "Curupira" existia. Ou será que existe mesmo? Mas de fato é que quase eu acreditei. Principalmente quando ele me disse com muita seriedade: "Se você assobiar de novo ele vem cantar bem pertinho do barco". Acreditem ou não, alguma coisa veio repicando seu assobio até a beira do lago. Deixando-me desconcentrado e fazendo toda a turma rir da minha cara, meio sem jeito.

Na manhã seguinte a festa se fez sentir por toda ilha e as crianças corriam pela praia, espantando as gaivotas. Eram tantas, que dava gosto olhar toda a praia. Vieira matara duas pacas e estava alegre. Contudo, não se esquecia de me perguntar pelo "Curupira". Bernardo, funcionário da Prefeitura e companheiro de pescaria, não tivera muita sorte, apesar dos "tambaquis" e o "pirarucu". Ao levantar a malhadeira uma "piranha" tirara-lhe um pedaço da mão esquerda — era ou é canhoto — e isso fez com que retornasse mais cedo para cidade. Felizmente não tinha sido muito sério o ferimento, mas foi o suficiente para deixá-lo alguns dias sem as suas pescarias.

De repente, estávamos todos a bordo do "Rio Coari", um daya-diesel dos Dantas e que Jacó tinha muito orgulho, apesar de precisar de uma reforma urgente. A caldeirada estava no ponto e todos nós comíamos animados.

Um verdadeiro banquete naquelas terras tão bonitas.

Não sei como está tudo aquilo e prefiro lembrá-la como um dia a vi. Com areias brancas, contrastando com as águas escuras do Coari Grande e onde um dia quase me fizeram crer que existe o "Curupira", na "Freguesia de Alvelos". Na minha saudosa Coari.

Coari-AM. 11 de outubro de 1973

Zeca-Dama

Erasmo Linhares

Não, senhor, desarme essa cara de malícia. Não é nada do que o senhor está pensando. Sou macho e muito macho. Até hoje o cabra que duvidou disso, levou o troco certo na hora. Mas lhe digo que já fui dama afamada. Melhor do que muita mulher de hoje. Quando cheguei nas brenhas do Ipixuna, mulher que é bom não havia. Tudo era homem, só homem. A maioria cearense como eu e como eu vieram na ilusão de enricar com a borracha — aquela enganação toda que andaram espalhando lá pelo Nordeste. Vinham como boi, amontoados no porão e no convés dos navios, largando pra trás a terra, lavoura, casa, mulher e filhos. Comigo foi um pouco diferente. Não escondo que tinha lá meus desejos de encher os bolsos de muitos contos de réis e um dia voltar pro meu sertão e fartar de comida a mulher e a filharada. Desculpe se estes olhos depois de velhos deram pra chorar, mas aqui no fundo do peito ainda dói uma querença. Eu conto continuado. De veras eu vim mesmo foi fugido. Lá no sertão onde eu morava, por causa de umas terrinhas mixes, destripei um cabra safado na ponta da peixeira e quando a polícia deu vau, embarquei no Baependi junto com um magote de outros homens, a maior parte, como eu, com alguma morte nas costas. Um horror, meu senhor, uma coisa muito triste de ser lembrada. Em Manaus jogaram a gente numa tal de Hospedaria de Flores. Todo mundo espremido nuns quartinhos. Tinha dez onde só podia caber cinco. De tanta gente, nunca faltava uma fila enorme às portas das privadas, principalmente porque a gente desacostumada do pirarucu e da farinha d'água que se comia todo santo dia, andava quase sempre com desmancho. Um desespero, pode crer. Tinha gente que não aguentava na espera e fazia a coisa ali pelas redondezas, atrás das cercas, nuns matinhos que cresciam ao redor, e, por isso, o ar vivia empestado. Depois de uns dois meses separaram a gente em lotes e mandaram uns pra cá, outros pr'ali. A mim me mandaram pro Ipixuna, nas brenhas onde não morava quase ninguém. Não reclamei nem pechinchei. Quanto mais longe melhor. De perto, um perto muito longe, só Eirunepé de um lado e Cruzeiro do outro. Cheguei num dia e no outro me mandaram pro centro, com o Dorca — um cabra nascido por aqui mesmo, meio gente, meio índio, mas um camaradão. Duro, meu senhor, duro foi acostumar naquele mundão de mato vazio de gente e com a doideira daquele trabalho de escravo. Acordar antes do sol e sair pelo mato raspando casca de seringueira, pendurando tijelinha, comer só por comer, enganando estômago com ipadu, e depois voltar pelo mesmo caminho, recolhendo o leite, correr para a barraca e começar a defumação. Os seringueiros antigos se riam da gente, da nossa falta de jeito. Conto sem ter vergonha – muitas vezes chorei, escondido do Dorca, e amaldiçoei o dia que deixei a minha terra. Mas tudo no começo é assim mesmo. Não há nada de tão ruim que a gente não se acostume. E eu e os outros – os brabos, como a gente era chamado -, acabamos nos acostumando. A vida no seringal não é sopa, mas também tem os seus momentos. Tinha o sábado. O sábado, meu senhor, era o nosso dia. Quando a gente voltava do barracão do gerente, tratava logo de descarregar o rancho, tomar banho e num instante estava na canoa, vestido de limpo, chapéu, todo emperiquitado, e toca a remar para casa de Mestre Felisberto. Era a festa, a festa que a gente esperava toda a semana, num desassossego. Tinha música, sim: a rabeca de Mestre Felisberto, o banjo do Curica e mais o Zé Preto batendo o compasso com duas colheres enganchadas nos dedos. Mas, como eu já lhe falei, mulher que é bom não havia. Por isso dançava homem com homem e foi aí que eu ganhei fama.

Experimentei a primeira vez só pra dar gosto ao Dorca, companheirão que me ensinou a cortar seringa, com paciência de santo. E quando começamos a dançar, os outros foram parando abestados, olhando nós dois saracoteando pela sala. Desde aquela noite fiz nome e renome. Não me lembro mais quem inventou a moda, mas os homens que dançavam como dama amarravam um pano na cabeça, para diferençar dos outros. Um dia, um sujeito quizilento chamado Procópio, entendeu que a gente tinha de pintar os beiços com urucu e de vestir maria mijona. Pra dar mais sensação, como ele disse. Só não matei o filho duma égua na horinha, porque os outros não deixaram. Mas nunca mais dancei com aquele corno. Depois eu mesmo inventei de calçar sapatos tênis para dar mais leveza nos pés. Sim, lhe digo, havia outros homens que também dançavam como dama, mas nenhum como eu. Tanto que uma vez houve uma briga de dois cabras por causa de mim. Foi preciso eu arriar as calças e mostrar os possuídos e gritar que eu era homem e muito do seu macho e não ia permitir que dois safados brigassem com ciúme de mim, como se eu fosse mulher ou foboca, que Deus me livre e guarde. Mesmo assim eu não chegava pra quem queria. Tinha noite de gastar quase toda a sola do meu tênis de tanto arrastar os pés no chão de terra. Uma coisa de doido. Só parava pra tomar uns goles de cachaça e assim mesmo aqueles cabras ficavam todos me cercando e de olho vivo pra me pegar primeiro. Não, não ria, homem fazer vez de dama não é coisa pra qualquer um. Desculpe que eu lhe diga, mas é preciso muita arte. Tem que ter o corpo leve e os pés ligeiros, molejo na cintura, balanço de perna e sentido calculado. Tem de ser uma pluma e adivinhar de véspera o movimento do cavalheiro. Ainda hoje, por todas estas bandas, ainda me conhecem como Zeca-Dama. Já lhe pedi, não faça cara de malícia. Agora eu sou um velho, mas ainda sei tirar desforra. Ninguém nunca duvidou da minha macheza, porque todo mundo sabe que eu, com uma faca na mão, sou o próprio capeta. Hoje mora muita gente por essas beiras e tem muita mulher. Nas festas, às vezes, tem mesmo mais mulher do que homem. Mas nenhuma dança como eu, naqueles tempos. Se não fosse o diabo do reumatismo que me amolenga as pernas e me endureceu as cadeiras, eu era capaz de lhe mostrar. Dou-lhe minha palavra. Pergunte ao Dorca, ele mora ali no primeiro sítio à esquerda, descendo o rio. O Dorca não me deixa mentir. Boa noite, passe bem.

O Vinho e a Outra Face

Archipo Góes

O vinho estimula os desejos
Os Olhos procuram os sentimentos
O vinho entra pela boca
O amor entra pelos olhos

Devo está com o dobro de sua idade
Isso significa que
possivelmente irei sofrer.
E mesmo assim
Ao ver seu ar de desafio e timidez
Reconheci que estava diante
Da minha outra face

Naquela noite de encontros e delírios
Percebi que as vozes
que cantam o amor
Não conseguem expressar
os meus sentimentos
De receios, cuidados e desejos.
Você é a síntese de tudo
que quero para mim
E assim, te desejo em silêncio.

Quando dei por mim
Você já tinha se tornado
Minha mais ousada prioridade.
Vou te conquistar
Como quem sai pelo mundo
Em busca de seus sonhos
E assim construiremos
A nossa lenda de amor.

Coari-Am, dezembro de 2013

As cidades discutem

MANAUS
Sou a cidade mais bela
Em toda região do Norte
– E você Coari singela
Me dá pena sua sorte
Sou única com meu teatro
E pontes maravilhosas
Tenho ruas asfaltadas
E praças ajardinadas!

COARI
Você tem pena de mim
Manaus, faceira e vaidosa.
Por me ver tão pobre assim?
Não seja tão cavilosa
Pois você foi como eu sou
Ou talvez ainda pior:
– Está velha e eu sou menina
– Tenho fé na minha sina.

MANAUS
Sim sou velha – fiz cem anos
Foi erguido um monumento
Mas não sofro os desenganos
Que fazem o seu tormento
Suas ruas estão no mato
E não tem nenhum cinema
E um Trapiche que existiu
– Um prefeito o destruiu

COARI
Já que fez esse relato
Que negar não se admite
Eu pergunto: foi exato,
Destruído a dinamite
O palácio do governo
Lá no alto da Avenida,
Quando estava em construção.
– Em tempos que longe vão?!

MANAUS
Sim: onde é o Instituto
(Por sinal) de Educação;
Eu me lembro, botei luto
E chorei de compulsão;
Mas agora, é diferente
Não existe 'marmelada':
– Os governos são sensatos
E valem pelos seus atos.

COARI
Parabéns, Manaus augusta.
(Cada um sabe o que sente)
Você vive à nossa custa
Por isso, anda contente
Nos devolva o nosso imposto
O da nossa produção;
Pois só assim se redime
Você de tão grande crime!

MANAUS
Tire da mente essa ideia
Não me faça esse juízo
Acuse sim, à Assembleia
Pois ela é responsável
Pelos erros do governo!
– Derrubaram sem critério.
O projeto do Valério!

COARI
Aceito, só por princípio
Que você tenha razão;
Mas um dia o Município
Terá a sua redenção.
E as cidades do interior
Deste Amazonas, gigante.
Deixarão de ser o caos
E serão outras Manaus!

Alexandre Montoril - Manaus – 19/12/1959

A Feira

Manuella Dantas

O barulho começava cedo. Às 4h30min da manhã, eu já podia ouvi-los embaixo da janela do meu quarto, no sobrado. Era assim todos os sábados, na década de 80, quando os feirantes vinham da zona Rural e começavam a arrumar suas coisas ao longo da rua em que eu morava. A feira se organizava desde a escola Bereano, na rua Rui Barbosa, e seguia por toda a Deolindo Dantas, até a frente da casa, onde hoje mora minha irmã Raí Letícia. Os feirantes chegavam aos poucos com suas canoas e barcos abarrotados de itens e organizavam tudo do jeitinho deles. Para demarcar o espaço, alguns colocavam ripas no chão, enquanto outros estendiam pedaços de lona ou simplesmente espalhavam seus produtos acomodando-os em sacos, paneiros ou bacias de alumínio. E assim eles iam ocupando cada pedaço da rua com frutas, verduras, legumes, plantas, vida.

Eu acordava, abria o janelão do meu quarto e me debruçava para ver toda aquela movimentação. Aquele cenário despertava um monte de sensações: enquanto minha visão se encantava com as cores e formas que se (des)organizavam naquela rua, meu olfato buscava (em vão) encontrar meus cheiros favoritos, tudo isso ao som de uma infinidade de vozes e rimas que como um coral entoavam em vários tons: "maracujá, abil, pupunha, taperebá tucumã, cupu, jatobá, limão, tangerina, ingá, ingá-de-macaco, laranja, cacau, melancia, araçá, banana prata, nanica, pacovã, ananá, castanha, caju, piquiá; farinha branca, amarela, beiju, pé-de-moleque, goma, tapioca; tucupi, açaí, buriti, melaço de cana, bacaba; batata portuguesa, batata-doce, ariá, macaxeira; cebola, cebolinha, coentro, cheiro verde, jambu, pimenta-de-cheiro, murupi, mastruz; macaxeira, tomate, cebola, pimentão...", tudo junto e misturado, como se fosse um refrão.

Depois do café, ia para a janela da rua da frente do sobrado. De lá podia ouvir o seu Dimas testando o som para começar o culto, olhar melhor o rio, os barcos e canoas que se arrumavam de um jeito que só quem conhece o Amazonas consegue imaginar. Descia para a padaria para acompanhar o movimento de perto e ouvir as histórias de meu avô. Àquela altura do dia ele já tinha muitas para contar. Certa vez ele precisou ajudar uma senhora que teve um bebê no banheiro da padaria, em outro momento ajudou uma mulher que sofreu um naufrágio e que nadou algumas horas apenas com um facão na mão, até chegar em terra. Eu ficava ouvindo com atenção, enquanto o ajudava a embalar alguns pães com um papel de rolo e uma cordinha que ele costumava tirar dos sacos de trigo. Essas histórias de cumplicidade renderam aos meus avós muitos afilhados. Perdi as contas de quantas crianças eles apadrinharam.

Lá por volta das dez era a hora que as noivas costumavam passar. Elas vinham de lá do meio dos barcos, equilibrando-se nas rampas estreitas com um vestido branco e um sorriso largo. Em uma das mãos o buquê e o véu; na outra, levantava a beira do vestido para não molhar, nem sujar de areia. Às vezes subiam todos juntos: de um lado a família da noiva, do outro a família do noivo. Assim eles iam caminhando em direção ao cartório, desfilando entre paneiros e bacias, tendo um rio de gente como testemunha da sua felicidade. Mal eles sabiam que aquela felicidade também era minha.

Ao meio-dia já estava tudo calmo. Na bancada da padaria estavam muitas frutas e legumes que meus avós ganhavam ou que trocavam por outros produtos com os feirantes. No rio, uma procissão de barcos retornava para suas comunidades. Arrumávamos tudo, fechávamos as portas e subíamos para o sobrado. Era hora de todos voltarem para casa.

Na Estrada da Pedra Pintada - Archipo Góes

Foi no anoitecer o esperado encontro,
Mas aconteceu inesperadamente.
Estavas muito elegante e faceira.
Porém, vim a perceber de repente
Que o tempo já não era tão generoso
Com sua beleza aparentemente.

Eu te vi de passagem num relance.
Estavas mais velha e sofisticada.
Mas, estava perdida num abismo
cavado por sua mão derrotada.
Como já se previa há muitos anos
A saudosa canção lhe dedicada.

Embora seja a primeira visão.
Eu passei a noite num alumbramento.
Com esse fantasma do meu passado
Assombrando o meu fugaz pensamento.
Cada minuto era uma busca eterna
do porquê daquele alvoroçamento.

O sinal do destino foi bem forte.
A questão voltava insistentemente:
Pra que trazer de volta se Deus já
havia afastado efetivamente?
Aquela obsessão na minha vida, há
Anos foi enterrada sabiamente.

A minha fuga foi como a ilusão
Da bela ninfeta ruiva e indecisa
Entre os devaneios da mocidade
E a vida fácil que capitaliza.
Numa grande cidade libertina
Negociando o corpo sem divisa.

Fim de tarde em Itacoatiara.
Eu andava pelas ruas sem destino.
Os olhos te procuravam na noite,
Coração fugia desse fascínio.
Não queria a volta do que vivemos,
Pois, devo fugir desse desatino

Há mudança na sua natureza.
Trocou a essência pela comodidade,
Mas, tudo me deu muita certeza,
da sua improvável estabilidade.
Sempre vem valorizando a beleza
e escolhendo a artificialidade.

Depois de algumas horas de incertezas,
Aconteceu um encontro na partida.
Após de um abraço, ela evidencia
Toda sua insegurança de vida
Na troca de olhares, eu senti o peso
Do passado deixando-a constrangida.

Foi bom encontrá-la em sua bastilha
E ver que todo aquele sentimento
Não passava de uma grande armadilha.
Amor do passado é sofrimento
Só deixa de conter significado,
Quando um dia virar esquecimento.

É preciso ter alguma coragem
Para sepultar a grande paixão.
Fugir é permanecer para sempre
Com um sentimento no coração.
Ao reencontrá-la novamente
Acabei com essa antiga obsessão.

Itacoatiara-AM, janeiro de 2016

Lembro de tudo que tinha na casa da minha avó

Alex Alves

Uma lamparina acesa
em cima da petisqueira,
corda velha, baladeira
na gaveta de uma mesa
do lado uma "ponha mesa"
pousada em um cipó,
na parede um mocó,
camburão cheio de farinha.
Lembro de tudo que tinha
na casa da minha avó.

Balaio tecido à mão
pra mode guardar os trecos
no "oitão" três reco-recos
espantando a solidão
na panela arroz, feijão
e eu "arrochando o nó"
comia tudo sem dó
bebia caldo de galinha.
Lembro de tudo que tinha
na casa da minha avó.

Toalhinhas de crochés
na cozinha improvisada,
nm balde d'água na escada
que era pra lavar os pés,
formas de fazer pastéis
violão afinado em dó
sacola com dominó,
Jogo da Onça e adivinha.
Lembro de tudo que tinha
na casa da minha avó.

Um motor-rádio chiando
com um Bombril na antena
sintonizando a novena
padre Inácio, celebrando,
a liturgia cantando
louvores ao Deus maior;
caldeirada de bodó
temperada por Rosinha.
Lembro de tudo que tinha
na casa da minha avó.

Eu tenho muita saudade
da massa de mandioca,
do bolo de tapioca,
do caldo de caridade,
do canto em simplicidade
do meu galo Carijó.
Mastruz com Leite, forró...
Tocavam sempre a noitinha.
Lembro de tudo que tinha
na casa da minha avó.

Descruza os Braços

Francisco Vasconcelos

Descruza
– enquanto é tempo –
teus recolhidos braços.
Sim, descruza-os.

Libera tuas mãos do preguiçoso aconchego
para que... livres,
possam ensejar-te a vez de também seres útil,
na necessária semeadura do amanhã.

Descruza, sim, teus braços preguiçosos
e de uma vez por todas,
rompe os grilhões da inútil
e inconsequente postura.

Pensa em quantos esperam por ti.
Em quantos esperam que lhes estendas a mão amiga,
essa mesma mão que escondes, que ocultas.

Quantos serão os que dela dependem?
Quantos serão os que esperam de ti?

Descruza, pois, os braços!
Até mesmo para que,
tendo livres as mãos
possam elas também receber o quinhão que lhes cabe
na justa partilha do amor há muito prometido

Soneto feito por Alexandre Montoril dedicado ao pintor José Maciel

A tua arte sem favor é muito bela,
Na parte da pintura mostras vocação;
Também na poesia você se revela,
Muita espontaneidade e imaginação.

Deve-se julgar o pintor, diante da tela,
Assim Pedro Américo é uma revelação,
Entender diferente é fazer querela,
Talvez com a mania de causar sensação!

Das artes belas a escultura é sublimada,
Pela qual Miguel Ângelo se imortalizou;
Mas foi na velha Grécia onde o cinzel brilhou…

Das artes belas a música também é sagrada,
Entre os gregos, Lino, Orfeu e Anfião,
Depois: Beethoven, Carlos Gomes... não sei não!

Com a dedicatória: "Para o pintor José Coelho Maciel"

Alexandre Montoril
(Manaus, 25 de maio de 1970)

Saudades de Coari

Archipo Góes

Cidade guardada no meio de uma saudade
Oculta na selva, presente sempre na memória
Apesar dos novos tempos aqui desfrutados
Raízes ainda mexem com as lembranças
Inconsciente de um tempo que se foi.

Ainda encanta quem visita suas águas
Águas negras, águas vermelhas
Água mãe, água que alimenta seu povo sofrido
Três rios em um só
guardam seus primitivos.

Ficou na pele a marca de uma branca areia
Escadaria – Tardes inesquecíveis
Tardes de Chuvas,
corridas pelas ruas
Beijos molhados,
beijos guardados.

E a noite na pracinha,
ou na rampa – um violão
Músicas.
Sonhos - Sonhos conquistados
O olhar para o passado
e conceber:
Que sempre fui feliz em minha Coari.

Manaus, 2003

A Praça e a Matriz

Archipo Góes

A velha senhora guarda seus filhos.
Sua arquitetura americana, moderna.
Sua essência indígena, cabocla
Seu coração inclinado a Coari.

Praça de minha infância, minha mocidade
Praça de meus primeiros amores,
Dos fervores
Praça das brincadeiras,
do futebol, da inocência
Em cada porta da matriz,
Uma lembrança, um calor.

Noite clara, a cidade às escuras
A lua motiva os casais ao amor.
Noites inesquecíveis…
A praça conduz os caminhos.

A praça é arraial,
é carnaval,
é a marcha cívica.
Lá acontece manifestação,
Procissão,
Evangelização
A praça é do povo.
A praça é dos desejos.

Manaus, 2003

Poema Coari

Aldísio Filgueiras

(Ao jovem pintor e amigo J. Maciel)

Então o Solimões
fez uma pausa
- uma pausa lago
e se chamou Coari

Coari princesa índia
beira-rio
Coari das manhãs
coloridas de blim-blons
da matriz de São Sebastião
Coari do Espírito Santo
fugindo do Inferno
para um longe muito
longe quem sabe onde?

Coari que tem cais
e Marias no cais,
de curumins barrigudos
soltos suados correndo
nas ruas

Coari do cura
Coari de COARINA
Coari de JOTA MACIEL
de tanta gente importante
que eu não conheço ainda
Coari meu

coari coari
de coaris coari

Manaus, 24.09.1964

Natal das Galeras

Irmã Marília Menezes

Senhor Jesus,
a paz que tu trouxeste à terra
tornou-se muito clara para mim
ao celebrarmos o Natal das gangs ou galeras
na noite de Natal.
Antes da Missa, o churrasco –
churrasco pobre, pedacinhos de carne com farinha
oferecidos pelo candidato
que venceu com o apoio dos rapazes
as eleições…

O compromisso de não beberem muito
foi cumprido.
– Hoje é noite de paz, disseram eles.
– Então vai ser só hoje? – um outro indagou.
– Vamos manter a paz!

– Pé-de-chumbo, Faquinha,
Siri rica, Pantera,
Ronivon, Bacuzinho,
Sapão, Sapinho,
Sadam, Andróide… Vamos manter a paz!

Certo anjo cantara em certa noite
e cantava de novo:
– Glória a Deus nas alturas, paz na terra
a quem Ele quer bem …

Era a paz que descia como o rio
como o rio Amazonas,
como a chuva ou o sol
e descia de novo sobre a terra
na noite de Natal.

Coari,1992

Coari — Suspiro do Solimões

Ir. Marília Menezes

Coari, pequena cidade amazônica do médio Solimões!
Teu nome, da língua quéchua,
vem desde os índios Incas, do Peru,
ou da tribo dos Jurimáuas, de origem Tupi...
Quanta história a pesquisar...
Quem sabe se Coari é "rio do ouro", ou "rio dos deuses" ?
Esse ouro seria teu petróleo, cujo fruto o coariense não vê...
que "deuses" o roubariam ? —
O deus é o Deus da tua gente cabocla,
simples e sofredora,
mas briosa,
com vontade de mudança que é preciso fazer acontecer.

Coari — "buraco" ou "abertura" —,
suspiro do Solimões transformado no lago
em que te banhas,
teu lindo lago Coari, de águas bem negras,
no encontro-desencontro com o Solimões barrento...
Que paisagem !

Coari — cólera
do vibrião colérico
ou cólera do povo
por ser tão maltratado !

Coari — coração
de missionários que por ti tem dado o seu viver!

Aqui também vim eu partilhar minha vida
— e ao evangelizar, sou evangelizada !
...
e através das ondas radiofônicas,
que promovem a educação rural,
varar matas e rios com essa antena possante,
chegar bem longe
e proclamar sobre os tetos
a mensagem do Rei!

Coari, 1991

A "Festa" da Banana –

Ir. Marília Menezes ASC.

— Vamos chamar os Beatles,
chamar a Perla, as "Bananas split"
para fazer a Festa da Banana.
— Senhor Prefeito, faça sua propaganda !
Pague conjuntos caros de Manaus
ou de Brasília
para abafar a humilhação e a dor
deste povo esmagado
como a banana.

Banana de mesa,
banana de metro
banana que cabe na palma da mão.
Quantas espécies de banana?
Joia verde e amarela
salvação das crianças,
tu precisas morrer amassada no mingau
antes de ser amassada
aos pés dos compradores,
ou jogada no rio, antes de virar lama,
antes que os bananeiros
deem teu preço como teus senhores
ao mísero agricultor que te plantou.

Banana que serás bem embalada
e revendida a preço de ouro,
pelos exploradores,
para os States ou a Europa…

Vamos fazer a "Festa de banana" !
Escolham uma mulher para Rainha !
Ela vai desfilar com folhas de banana
e com bananas presas
no fio dental.

Ponham o som mais alto, meus senhores,
para abafar o som dos caminhões
que vêm trazendo os cansados produtores,
e virão espiar a "Festa" da banana !

Chegando na Cidade de Quari

Archipo Góes

Chegando em minha Quari, reconheço
Em cada vão detalhe, minha história.
Na paisagem vejo um pouco de mim
Transformando-se na minha memória.
Todo reflexo no espelho d'água
Resplandece seu passado de glória.

Na janela esquerda vejo chegar
Itapéua – nossa "pedra achatada".
Se você não conhece seus caminhos
Na margem, a viagem é findada.
Em seu canal há grande profundeza
Tem armadilha por toda beirada.

Agora que estamos chegando perto
Vem uma sensação de ansiedade.
É sempre muito grande a expectativa
De logo chegar em minha cidade.
Agora vejo as barreiras vermelhas
Lá, Muras feriam sem piedade.

Também temos um encontro das águas.
No rio Solimões é bem barrenta,
Mas é água rica, cheia de peixes.
E assim, seus muitos filhos alimenta.
No lago, é negra como nanquim,
Nesse reencontro, a beleza aumenta.

O sorriso aparece no meu rosto,
Assim que dobramos pela matinha.
Tenho uma linda vista de Quari
Com os seus flutuantes na prainha.
E ao longe, em cima do grande morro
Reparo a nossa imponente igrejinha.

Chegando feliz no porto de ferro,
Assisto um boto Tucuxi nadando,
Veio da ponta do Jurupari,
Rápido e faceiro, vem me saudando.
A linda Matriz que surgia longe,
Está risonha nos abençoando.

Quari, 12 de outubro de 2017

Um Homem Importante - Conto de Erasmo Linhares

Decalcomania. Muito natural. Todo homem sério e importante é vulnerável às manias – seja de coelhos, rosas, cães de raça, cachimbos ou mulheres, que é mania recomendável embora dispendiosa. E não era ele um homem importante e sério? Ou melhor, não iria sê-lo?

Aliás, isso foi só no começo. Um homem assim, quando menos, deve nomear algumas coisas em inglês. Por isso a mania passou a ser chamada hobby, não sem uma consulta prévia e convenientemente velada a padre Dalton, à hora do almoço, quando o pároco, sozinho na igreja, consumia suas horas de sesta.

– Mania ou hobby a coisa não mudou de aspecto – figurinhas e figurinhas –, homens, camelos, tirolesas, vedetes de biquíni, santos, bailarinas, tudo enchendo álbuns e cadernos e, na falta destes, o volumoso livro de receitas de dona Marieta, presente de aniversário dado por uma caríssima amiga. Coisinha de nada, afinal, já que Acácio seria um homem importante. Teria de ser gente, como repetia à paciência inesgotável de dona Marieta que, se algumas vezes se lamentava, não deixava outras tantas de sentir-se lisonjeada com a ideia de possuir um marido importante e respeitado. Esforçava-se. Esmerava na lavagem e no ferro, para a satisfação quase sensual de admirar o seu homem, empertigado e brilhante no terno de brim impecavelmente engomado, subir no estribo do bonde, teso como um poste.

Acácio jamais sentava – medida resultante das variadas experiências para não amarrotar a roupa até à entrada triunfal de todos os dias na Coletoria de Rendas.

Terceiro Arquivista Padrão "C", era verdade. Vencimento minguado, atrasado de dois meses e distribuído criteriosamente entre o padeiro, o Joaquim da mercearia e outros compromissos inadiáveis, de modo a sobrar para as figurinhas coloridas, o cigarro filter de luxe, o conhaque velhíssimo e, às vezes, para o joguinho de cartas. Homem importante fuma cigarros filter de luxe, bebe conhaque envelhecido oitenta anos em tonéis de carvalho e joga cartas.

Filhos? Graças a Deus só tinham o Joca, mas isso porque as medidas de precaução se multiplicavam. Cuidados especiais, malabarismos inventados com paciência e resignação, não sem queixas de dona Marieta, para quem cabia, na grande maioria das vezes, a tarefa de ficar no meio do caminho.

Clube. Homem importante tem clube. É membro da diretoria. Pif-paf, bacará, carteado no sossego, sem os inconvenientes da vigilância policial. Festas, danças. As danças. Não foi fácil. O Tâmisa-Clube, de gente rica – fica não fica, entra não entra. Não ficou nem entrou. Onde estavam os fundos? Terceiro Arquivista Padrão "C", marido de dona Marieta, mulher esquiva às modas elegantes, não fuma nem bebe uísque, não faz regime para emagrecer e nunca fez plástica na vida. Como então ser admitido no Tâmisa?

Mas, se não o aceitou o Tâmisa, aceitou-o de bom grado a Soberana Sociedade Recreativa, Cultural e Esportiva Unidos do Bom Retiro, entidade de velhas e gloriosas tradições e detentora do honroso título de bicampeã suburbana de dama e dominó.

Está começando, Acácio, você vai longe homem. Já foi secretário da Sociedade. Você vai longe homem. Dona Marieta torcendo pelo marido, feliz da vida.

E ia mesmo. Promessas, algumas vezes se cumprem. Então o deputado Dr. Fulgêncio do Valle e Silva, líder de bancada e figurão do Governo, não era primo em terceiro grau?

– Acácio, você vai ser Arquivista padrão "L". "L", Acácio.

Custou um pouco, mas saiu. Num dia inesperado o Diário Oficial publicou num cantinho de página que logo passou a ocupar o lugar mais destacado do maior e mais novo livro de figurinhas:

"Nomeando Acácio Leite Busão para exercer, efetivamente, de acordo com o Art 32, da Lei n.° 121, de 29 de fevereiro de 1944, combinado com o Art. 15, da Lei n.° 437, de 11 de março de 1948, o cargo de Arquivista padrão "L" do quadro permanente do Poder Executivo, lotado na Coletoria de Rendas da capital".

– Combinado com o artigo 15 – até o Joca já sabia decorado.

Naquela noite dona Marieta não parava. O ferro corria espalhando a goma de estearina no terno de brim branco – para frente, para trás, forcejando para baixo, assoprando no fundo quando o diabo do ferro esfriava.

Meia-noite, lá estava o terno luzindo na cruzeta. Com ele, no outro dia, Acácio iria à Secretaria do Interior assinar o termo de posse.

Homem importante, aquele Acácio. Notava-se pelos ares superiores quando, empertigado, subiu no estribo do bonde e acenou jogando um beijo na direção da janela onde dona Marieta sorria, feliz e sensual.

Custava o Acácio. Almoço pronto, uma hora da tarde. Naturalmente os amigos em algum festejo. Também era justo. Arquivista padrão "L". Paciência.

Telefone na padaria:

– Dona Marieta, telefone pra senhora.

O coração bateu forte contra o peito. Um friozinho escorreu da cabeça aos pés. Saiu correndo – Meu Deus, quem será a esta hora?

– Alô, é dona Marieta Costa Busão?

– É.

– Aqui é da polícia.

– Polícia? Que foi que eu fiz?

– A senhora não fez nada, o seu marido é que morreu no desastre de bonde da rua Tamandaré. Quarenta e oito pessoas ao todo. O maior desastre da história deste país.

Quem a socorreu foi o Totonho, caixeiro da padaria – afinal a tinha nos braços.

No outro dia os jornais publicavam a fotografia de Acácio e contavam coisas que ele nunca fez nem pensou.

Dona Marieta, chorando ainda, recortou o clichê com a tesoura de costura e pregou-o na capa do maior livro de figurinhas. Lia e relia a notícia e balançava a cabeça sobre a página.

– Homem importante, esse Acácio

Soneto Coari

Aldenor G. Nascimento

(Para todos os coarienses)

Coari, teu povo é bravo e forte
E tu és a mais bela à margem do Rio Mar;
És menina moça que vive sorrindo,
És a musa que posso me inspirar!…

Vives nua a mostrar os teus encantos
Que a mãe natureza te doou;
Nunca em minha vida te vi em prantos,
Tu és unicamente, querida terra, de amor!

Oh! Se Fritz te visse assim tão linda,
Tão próspera, tão verde, tão querida;
O que não iria pensar! Por ti rezaria…

Hoje, tu és a rainha do Solimões,
Graças ao nosso poderoso Senhor;
E Santana que é tua padroeira e tua mãe.

(Do Clube do Arrebol, 1964).

Crônica de um quase Natal

Francisco Vasconcelos

Nunca me foi possível esquecer o menino, cujo desejo acompanhei de perto naquele Natal que, na verdade, não chegou a existir para ele. E sempre que sinto aproximar-se a grande festa, quando os corações se impregnam da suave e divina mensagem de amor e de esperança que o evento, inevitavelmente irradia, lembro-me dele, incontido na sua alegria, a nutrir, ternamente, a certeza do brinquedo há muito desejado.

Naquele ano as coisas lhe ocorreriam de forma diferente. E certo estava o menino de que, ao contrário de quantos já haviam passado, algo mais haveria de ficar-lhe, e não apenas as simples desculpas que lhe davam costumeiramente, na tentativa de justificar a impossibilidade de torná-lo partícipe de um mundo cujas emoções jamais chegara a experimentar inteiramente.

Custara-lhe, todavia, aquela quase convicção, o sacrifício de muita renúncia. Mas valia a pena. Valia a alegria o ser compensado, na sempre esperada realidade da posse de um brinquedo diferente dos que habitualmente possuía, dentre os quais um carrinho de madeira por ele mesmo construído, que rodando sobre tampas de latas de manteiga, constituía seu maior patrimônio, principalmente depois que conseguira pintá-lo de azul. Era nele que transportava o material com que brincava de construir casas que a engenharia de um colega projetava.

Que bom engenheiro não seria o colega do menino de quem ora recordo. Nada lhe era mais importante do que passar horas inteiras a observar o pai, exímio pedreiro, a colocar de um a um os tijolos das casas que edificava, sem que para tanto houvesse necessidade de qualquer cálculo matemático.

Nunca mais ouvi falar do menino que gostava de brincar de ser homem, construindo casas. E amargura-me pensar que, tornando-se efetivamente homem, não tenha conseguido fazer uma casa sequer, nem mesmo a sua.

Lembro-me perfeitamente de todos os companheiros do menino sobre quem escrevo. Um deles, impressionado com a jovial figura de um médico que passara alguns dias na cidade, brincava de imitá-lo, instalando seu consultório num pedaço do quintal onde, com inusitada dedicação, atendia à enorme clientela de bonecas doentes. Outro, vestido nas roupas da irmã mais velha, prostrava-se diante ao altar que improvisava de um caixote de madeira e, elevando com litúrgico respeito a hóstia consagrada, nada mais, que recorte de um pedaço qualquer de papelão, fazia todos se curvarem genuflexos, após o que pronunciava palavras de um estranho latim que ele próprio improvisava, intercalando, a todo instante, o dominus vobiscum, única certeza que havia em tudo aquilo, além da indesmentível vocação sacerdotal.

Havia, ainda, além do filho de um turco que imitava a profissão do pai, sagaz negociante, a figura altiva e impetuosa do soldado, na verdade, para ele, oficial; mais que isso, autoridade, sempre a querer que todos lhe prestassem continência ou que marchassem ao som de toques de tambor que fazia sair de uma lata de banha vazia. Seu maior contentamento era prender e dar ordens de comando. Se alguém lhe desobedecesse à diretriz traçada pelo seu gênio militar, ou contrariasse qualquer regra por ele estabelecida, reagia com violência, empunhando o cassetete que sempre trazia à cintura. Interessavam-lhe muito as notícias e história de guerras ou batalhas, e muito também lhe agradavam as fotografias coloridas de soldados em desfile.

É possível que os três últimos tenham alcançado a realização de seus sonhos. Mas o engenheiro? O médico?

Do menino que ora recordo, bem viva me ficou a intensidade de seu anseio naquele natal, ao lado da triste realidade do que lhe seria inevitável. E foi preciso que o Natal chegasse com a ausência do sonho acalentado, para que começasse a melhor entender as lições da vida. É que, em vez do brinquedo desejado, com o qual seu mundo de criança ganharia dimensões diferentes, a viva presença da morte de seu pai, trazendo-lhe, em consequência, a dolorosa certeza de que a infância, inesperadamente, chegara a seu término.

Não sei, hoje, sob em que estado de espírito relembra o menino a decepção por que passou, talvez a primeira de tantas experimentadas pela vida afora. Creiam-me, porém, que não me causará qualquer estranheza se um dia encontrá-lo a brincar entre os filhos, puxando seu carrinho azul e sendo, ele também, uma criança.

(Excerto do livro de crônicas Meus Barcos Papel, lançado em 1999).

O Lago Misterioso

Roberval Vieira

Olhei para a imensidão do lago e pensei:

"Como é belo e misterioso!"

O sol procurava seu leito noturno, e a noite o esperava chegar tristonho...

Os pescadores voltavam cansados.

As águas serenas e tranquilas, como se fosse a alcova do mundo.

Ao longe se ouvia um canto triste, trazendo

as lembranças de alguém que se foi.

Chegou a noite, berço dos sonhos e morada de todas saudades

Apenas as águas tremulavam, e a

solidão dominava todo o lago.

Alguns passos serenos se ouve,

(um vulto) ou talvez

Mãe d'água, que conta histórias para os encantados.

Coari-AM, 13 de março de 1973

Havia Disputa de Futebol entre o Comercial e o Ipiranga

Francisco Vasconcelos

Nas Tardes de Domingo. Havia Disputa de Futebol entre o Comercial e o Ipiranga. Alguns "Craques" daqueles tempos.

Em meu Coari de outrora, sequer faltavam times de futebol para as partidas de fins de semanas. Valho-me aqui, dentre outras fontes, da incrível memória de Raimundo Mota, nos seus mais de 80 anos, para lembrar alguns nomes dos que integravam as aguerridas equipes do Comercial e do Ipiranga Futebol Clube, legendas que empolgavam a pequenina cidade.

A sede do Comercial era na casa de Teófilo Veras, presidente do clube. Integravam a equipe, da qual Mota era o capitão, dentre outros, Periquiteira, Zé Guariba, Índio, Sabbá Cama, Dedeu, Alvelos, Jacó, Munir, Azize, Alexandre Moraes.

O Ipiranga, time pelo qual eu torcia, empolgado pela força do chute de Orlando (Orlando Nazaré), famoso beque, tinha sua sede na casa dos Grim, e foi um dia de glória para os torcedores aquele em que Hilda, bela loira, fora eleita a Rainha do time. Hilda viria a casar-se com João Maquinista, um dos Soares da Fonseca e, também, um dos craques da época. Da equipe do Ipiranga, destacavam-se Gonçalo (goleiro), Airton, Orlando e Chaga Borracha; Miguelzinho, Manoel Pacheco e Mazinho Caiá; Yoyô, Lino, Ávila (Bodinho) Tetéo e João Maquinista.

É possível que, ao relembrar os atletas, tenha cometido algum engano. Finalmente, da época a que me refiro, já se passaram bem mais que cinco décadas, razão pela qual me parece justificável que alguma troca de nomes possa ter ocorrido. Devo registrar, também, que foi de João Maquinista (João Soares da Fonseca), famoso ponta-esquerda do Ipiranga,

que obtive a maior parte das informações relativas a seu time, cujo presidente era o agente da estatística Aretiano Firmino Boáes e, técnico, ninguém menos que o famoso Zequinha da Liberata.

O Último dos Imigrantes

Manoel Francisco

Quantas lembranças, quantas saudades.

Saudades do Chico, do Chico Enfermeiro.

Francisco Pereira Batista nasceu em Guimarães, Freguesia de São Sebastião em Portugal, no dia 5 de maio de 1892.

Chegou a Manaus a 4 de agosto de 1929, onde residiu durante 10 anos, na Sociedade Portuguesa Beneficente do Amazonas.

Certo dia chegou à pequena cidade de Coari, um homem branco, alto, de olhos claros; não sei se perdido em nossos rincões, mas veio subindo o rio Solimões. Era o dia 12 de dezembro de 1939.

Tornou-se conhecido na cidade, pelo carinhoso apelido de "Chico Enfermeiro", dada a sua luta, coragem, abnegação, dedicação e o seu amor e zelo pela saúde do povo coariense, que vivia abalada pelas doenças tropicais, muito comuns na região.

Era uma pessoa excepcional, incansável, sempre disposta a atender aos que necessitavam de sua ajuda, a qualquer hora que era solicitado atendia a todos sem distinção, enviado por Deus, operava milagres por onde passava, com sol causticante, chuvas intermitentes, ou temporal arrasante.

Previu, amenizou e curou a dor deste povo tão sofrido e tão distante da grande metrópole.

Aqui viveu durante 32 anos, casado com D. Francisca Albertina Alves Baptista, com a qual teve 11 filhos, criando-os com dedicação. Abrigou também no seio da família, várias crianças órfãs.

Um dia, seu organismo sentiu os primeiros efeitos das horas exaustivas que levava.

Primeiro de setembro de 1971. Manhã chuvosa, 6h. Em um dos leitos do quarto sete, do Hospital da Unidade Mista de Coari, morria Chico Enfermeiro, rodeado de amigos e familiares.

A ti, Chico, nossa homenagem.
A ti, Portugal, nossa gratidão.
De Coari, onde uma vez,
com lágrimas se fez.
… a história deste Chico . . . Tão linda!

Maria do Léu – Um perfil de mulher ou o retrato que gostaria de pintar

Maria Alves Ribeiro é seu nome de batismo, por cognome Maria do Léu. É uma mulher de fibra, destemida e muito querida pelo povo. Filha de nordestinos. Seu pai chamava-se José Alves Ferreira e sua mãe Maria Angélica Alves. Ele era ferreiro, ela rendeira.

Maria do Léu — que não vive ao léu — é uma mulher lutadora, intrépida e de grande popularidade. Não há ninguém em Coari que não conheça essa criatura de estranha personalidade, marcante, que promove movimentos populares e já fez 136 gravações de suas cantorias e modinhas. É compositora, repentista e cantadora nata. Entretanto, só a partir de 1964, com 40 anos de idade, é que começou a escrever e divulgar as suas produções literárias em verso, cuja temática abrange o cotidiano político, econômico, social, histórico, sentimental e circunstancial.

Falando e escrevendo a linguagem popular ganhou a admiração e o respeito dos coarienses e o de quantos a conhecem pelo talento e espontaneidade de sua poética eminentemente popular. Maria do Léu é autodidata, demonstrando para a poesia e para a música enorme sensibilidade, que funciona como radar receptivo do seu mundo exterior, captando tudo que vê ao seu redor. Nada lhe passa que não seja percebido e filtrado pela sua ótica popular. Critica a administração pública, tece elogios aos candidatos e políticos que merecem e faz acerbas críticas à carestia, ao custo de vida, à inflação e aos exploradores do povo. É uma espécie de guardiã do povo. Se Gregório de Matos Guerra fosse vivo não hesitaria em aprová-la por sua atitude corajosa diante dos poderosos em prol dos humildes e indefesos. Muitos já sentiram o azorrague de sua pena. Na greve da água, em Coari, escreveu e cantou com o povo. Eis algumas estrofes do seu longo poema:

Prestem atenção meus amigos
pra o que vou dizer aqui
que em toda Amazônia
a água mais cara é a de Coari
e devia ser mais barata
pois não temos condições
e a daqui de Coari
é puxada do Solimões

O que está escrito é verdade
pois mentira não se escreve
como todo mundo sabe
que em Coari houve uma greve
e o povo está revoltado
e sentindo grande mágoa
como todo mundo sabe
que o problema é a falta d'água

O gerente apavorado
deu um frio chega tremia
foi parar no Hospital
dizendo estou com agonia
esta é uma verdade
não é o povo que inventa
pois a água sem multa
quatrocentos e quarenta

Se Coari tivesse emprego
a gente dava no ato
pois a água com a multa
quinhentos o vinte e quatro
aguardamos a Deus
e ao Papa João Paulo II
com o documento de Puebla
veio alertar todo mundo

Vou repetir de novo
que mentira não se escreve
e se não faltasse água
o povo não faz a greve
o gerente da Cosama
nosso amigo, brasileiro
não dá água para o povo
mas quer receber o dinheiro
A água sobe mais
que a enchente de 63
quanto mais a gente reclama
mais a aumenta para o freguês
o gerente ainda responde
que a subida é comum
esse mês eu Já paguei
seiscentos e quarenta e um
Aqui fica o meu abraço
aos amigos e companheiros
também fica o meu nome
que é MARIA ALVES RIBEIRO.

Maria do Léu é aposentada como zeladora que era do Grupo Escolar Inês do Nazaré Vieira, em Coari, mas já foi oleira, lavadeira e trabalhou em uma dezena de outras atividades — todas modestas, porém honestas — e sempre ganhou com o suor do seu rosto o pão de cada dia que sustenta até hoje os seus filhos. Dos quinze filhos que trouxe ao mundo, apenas oito sobreviveram às intempéries pelas quais tem atravessado.

Mesmo assim, sente-se uma mulher feliz. A sua felicidade emana do desejo sempre maior de servir o povo. Ela mesma é povo. Por isso colocou a sua inteligência e o dom que Deus lhe deu de compor e musicar as suas criações literárias a serviço do povo, sobretudo a favor da grande massa pobre e carente. E deste modo, a cantora vai fazendo os suas pequenas sátiras e canções de escárnio, de bem amar e bem-querer, como nos tempos medievais.

O povo vive massacrado
E trabalhando todo dia
e sofrendo necessidade
por causa da carestia
e como diz o ditado
que o povo não tem voz
a estiva sobe mais
do que a enchente de 63

Atualmente arranjou um parceiro que lhe acompanha nas suas pelejas e cantorias. O Jovem e talentoso Raimundo de Souza Batista, nascido em Barreirinha, mas que trabalha há 3 anos em Coari como serventuário da justiça, levado para lá por dona Iacy, escrivã do Cartório do 1° Ofício. Desde então trabalham juntos e formam uma bonita dupla de cantadores. Precisam apenas de uma viola e um pandeiro para imprimirem aquela atmosfera característica dos cantadores do Sertão. Nada mais.

A cidade do Coari — Princesa do Solimões — sente-se honrada com essa figura estranhamente singular que é Maria do Léu. A minha querida cidade natal não seria tanto se não existisse essa criatura ímpar, de caráter e beleza espiritual extraordinários.

Maria do Léu — epíteto estranho para uma mulher extraordinária — simples, humilde, mas extraordinária. Como tantas outras mulheres extraordinárias que o mundo já conheceu e ainda conhece — que deram enorme contribuição à humanidade, cada uma na sua dimensão exata, a figura do Maria Alves Ribeiro aparece ao lado de Lady Godiva, Ana Nery, Anita Garibaldi, Anna Sullivan, Helen Keller, Bárbara Heliodora e muitas e muitas outras que, se fôssemos relacionar, preencheríamos folhas e folhas de papel.

Maria do Léu, se vivesse no Nordeste, hoje teria o seu nome no rol dos trovadores e cantadores populares, e talvez incluída em antologias e livros sobre literatura de cordel ou popular, agora inclusive estudada em universidades de todo o mundo.

Quem sabe não estivesse figurando ao lado do Cego Aderaldo e Patativa do Assaré, hoje estudados na Sorbonne.

Manaus – 1982

José Coelho Maciel é filho de Coari – AM. Estudou o Ensino Fundamental em sua terra natal, o Secundário em Manaus, formando-se em Direito pela vetusta Faculdade de Direito da Universidade Federal do Amazonas. É pós-graduado em Direito do Trabalho e Previdenciário. Diplomado em Psicanálise Clínica pela SPOB – Niterói –RJ. Lecionou Prática Forense de 1971 a 1972, pela Faculdade de Direito da Universidade do Amazonas em convênio com a Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional do Amazonas, e Educação Artística, Organização Social e Política Brasileira, Educação Moral e Cívica, Direito e Legislação, Português e Literatura Luso-Brasileira, em várias escolas estaduais da rede pública e privada. Fez parte do Teatro Experimental TESC-SESC, em Manaus, e participou do "Grupo dos Sete". Como artista plástico, em 1964 realizou sua 1ª Exposição Individual de seus desenhos e pinturas; nos anos seguintes participou de inúmeras exposições coletivas, recebendo vários prêmios, numa delas (1970) recebeu o Prêmio Governo do Estado, juntamente com o pintor Moacir Andrade. Tem publicado artigos, poemas e crônicas, em jornais, suplementos literários, revistas e livros (antologias) desde 1964. É fundador de algumas entidades profissionais, artísticas e literárias, como a AAMAT, SPOB-AM, AMAP, e pertence, além destas, ao CEA, GEC, CM, UBE-AM, ASSEAM, ALCEAR, ALB e ABEPPA. É pintor, ilustrador, desenhista, escritor e poeta.

Poesia Coari

Celson Tadeu de Lima

Coari que palavras flutuam
Na mente de sua gente?
Da pacata terra da banana,
Hoje parece só gente cigana.

Da inocência acanhada e peculiar,
Suas festas a celebrar.
Desde a primeira festa do arraiá,
Rainha igual a GERLANE não há!

Buraco do Médio Solimões,
Ouro Negro corrompendo corações.
De suas entranhas a jorrar
No estalar dos canos a transportar.

Povo aguerrido
Junte o coração partido,
Malfeitores a lhe usurpar,
É hora de lhes erradicar.

Pardieiros e palafitas,
Terra das mulheres bonitas.
Seu sono sem sonho,
Sua gente em rebanho.

Retome o destino
Celerado não é Curupira,
Descubra pelo tino
Ser caboclo é alça de mira.

Hora certa
Porta aberta,
Demônio extirpado
Respire aliviado.

Governador Valadares 09/05/ 2014

O Soldado da Borracha

Francisco Vasconcelos

O grito do seringueiro Valdemar ecoou floresta adentro, fazendo calar os ruidosos sons da bicharada noturna. Cearense, acostumado à dureza dos sertões nordestinos, aquele homem era um dos que passaram a viver isolados na misteriosa e, para muitos, fantasmagórica hiléia, lá no "centro", como era costume falar das regiões mais centrais e distantes daquele mundo sem fim da Amazônia Ocidental produtora de borracha. Para ali fora atraído pela colorida propaganda espalhada Brasil afora, o verde e o amarelo da bandeira nacional predominando na policromia de bem elaborados cartazes; as estradas de seringa, certinhas, limpas de quaisquer obstáculos; as seringueiras enfileiradas, uma pertinho da outra, em linha reta, era só cortar. Na verdade, riscar a madeira e logo ver o leite jorrar e seguir o sulco aberto na casca do ubertoso caule, até alcançar a tijelinha de flandres estrategicamente colocada a alguns centímetros abaixo. Que poderia haver de melhor e mais certo?

Valdemar lembrava tudo aquilo com grande indignação e maior tristeza. Por que caíra na esparrela de acreditar em tamanha mentira? Fora enganado, sim. De qualquer modo, aquela escolha o livrara de bandear-se para o cangaço que, à época, embora já sem força, ainda constituía atração e alguma esperança para a moçada de seu tempo, ele, um quase adolescente ainda. Que outro futuro poderia ter no agreste sertão onde nascera e onde vivia?

— Vou, mãe. Vou, sim, pro norte, lembrava-se de como respondera às advertências maternas, feitas em razão de outras sentidas perdas que já tivera, os filhos, aos poucos, debandando para aquelas lonjuras do Sul, lugares tão distantes, de onde sequer notícias lhe chegavam. Isso era o pior de tudo. Por onde andariam os filhos? Viveriam ainda? Para Valdemar, todavia, nada de mal haveria de acontecer-lhe. Tornar-se-ia, como tantos que estavam partindo para a guerra, igualmente um soldado, "soldado da borracha", como oficialmente eram chamados quantos demandavam os distantes seringais para a extração do precioso látex, indispensável ao fabrico de inúmeros artefatos de guerra. Que mais honrado lhe poderia acontecer?

Até carteirinha de identidade receberia, documento que jamais conhecera, mas de cuja serventia, também, nunca necessitara. Ganharia fama e dinheiro, sem correr o risco de morrer atravessado por uma bala de fuzil ou estraçalhado por fragmentos de granada, sem falar no perigo das destruidoras bombas que haveriam de cair dos aviões inimigos. Sabia muito bem que outro não seria o fim de muitos que estavam partindo para a guerra. Então não eram essas as notícias que corriam de boca em boca, ouvidas diariamente no rádio da prefeitura?

Era, assim, definitiva a decisão de Valdemar. Extremamente motivado pela campanha de aliciamento que então se fazia, chegava a orgulhar-se de ser mais um soldado a lutar, participando do grande esforço de guerra que então se fazia com o propósito de vencer as diabólicas forças que ameaçavam o mundo. Por tudo isso, iria. Sim, iria. Que risco haveria de correr? Mais tarde, na velhice, se necessário, teria até como provar sua condição de herói daquela guerra que tanto abalo causava à humanidade. Além do mais, se sorte não lhe faltasse, poderia ganhar dinheiro e voltar rico ou bem remediado aos pagos da infância, como sabia ter acontecido a muitos que, alguns anos antes, fugindo do rigor das secas, haviam escolhido a Amazônia como suporte maior de um promissor amanhã. Seus assentamentos constariam de sua emblemática carteira que, além de registrar seus dados pessoais, indicaria o ânimo de luta que tivera, para orgulho de seus conterrâneos e de quantos filhos viesse a ter. Poderia, até mesmo, como a tantos nordestinos acontecera, chegar à condição tão desejada de patrão, dono de seringais, senhor de um mundão de terras, mais um coronel, enfim.

Fora esse o sonho de Valdemar. Sua grande saída, não tinha a menor dúvida, era a borracha, produto, aliás, do qual pouco sabia e que jamais vira de perto, a não ser o que diziam ser a parte superior dos lápis com que, na infância, apagava no caderno os erros que a professora mandava corrigir.

Ah! Quanta ilusão passeou pela cabeça de Valdemar a partir das informações constantes dos coloridos cartazes, enganosa estratégia que o atraíra, definitivamente, ao processo de produção do tão desejado látex. Como admitir fosse mentira o que tanto chegou a ser oficialmente apregoado? Igualmente, jamais chegara a imaginar que, passado o tempo e terminada a guerra, cessaria também a atividade a que se dera com tanto entusiasmo.

Assim, de uma hora para outra, perdido e isolado naquele mundo verde e, sobretudo, hostil, nem chegara a se dar conta de que o tempo passara e que a pouco e pouco aquele estranho mal que o atingira fora se agravando, até prostrá-lo de vez, tornando-o um ser inútil, sem qualquer serventia. Isso, sem falar na estranha e incômoda fraqueza que lhe bambeava as pernas em constantes tremores, enfermidade que diziam ser beribéri ou coisa parecida. Nem sabia também quantas vezes a malária o deixara sem poder sair pro corte, o corpo moído, aquele frio de fazer tremer a própria alma. E que dizer da conta no barracão, o débito crescendo a cada dia, a ponto de lhe negarem até o de comer? Nada pior, porém, que aquela dor a arrancar lá de dentro, da alma e do corpo, o estranho e horripilante grito, após incontáveis e incômodos gemidos, um após outro, gemidos que, de algum modo, amorteciam um pouco a terrível impressão de que algo lhe destroçava as entranhas.

— Sossega, homem! Toma este chá – muitas vezes lhe dissera a mulher, ao tempo em que lhe dava a beber morno cozimento de cascas de pau d'arco e de folhas de carajuru, além de raízes e outras folhas colhidas na floresta, receita que prescrevera o curador, único socorro que costumava acudir quem de socorro carecesse por aquelas brenhas. Nada, porém, nem reza e nem promessa fora capaz de, pelo menos, mitigar-lhe o sofrimento.

Exatamente na noite em que fizera ecoar aquele pavoroso grito, fazendo calar a bicharada noturna da floresta, bem longe dali outros gritos também se fizeram ouvir mundo afora. Esses, entretanto, eram gritos de euforia, na tão esperada comemoração da vitória. A partir daquele dia, não mais haveria dor. Tampouco a morte amedrontaria os que tanto haviam lutado. Acabara-se a guerra. A paz, finalmente, fora alcançada, e o mal, por fim, vencido. Para tanto, quantas mortes foram necessárias? Mas, entre elas, ninguém cogitou de computar a morte de Valdemar, número simplesmente esquecido, que nem sequer chegou a constar do rol dos que lutaram, como lutou ele e quantos, iguais a ele, na condição de seringueiros, soldados da borracha, perderam a vida nos mais distantes e agrestes seringais. De que lhe valera a caderneta que guardara com tanto zelo? Valdemar, na verdade, nada mais fora além de um simples número. Número errado, que não chegara a expressar qualquer valor, por isso que apagado pela enorme borracha da indiferença e do esquecimento.

Onde a vida se cumpria sem qualquer problema, sons de heroicos dobrados animavam os corações, num tributo aos heróis da guerra que, sobre aplausos intermináveis, desfilavam garbosos.

De como Stalin apareceu em Coari

Francisco Vasconcelos

E porque lembrança atrai lembrança, animo-me, pelo pitoresco que uma delas encerra, a registrar o episódio que se passou envolvendo o famoso Pedro Veras e os Padres Redentoristas, todos norte-americanos, recém-chegados à cidade. Pedro, vale dizer, era o único comunista que Coari conhecia. Comunista e, fazia questão de apregoar, anticlerical, como chegou certa vez a pintar, em letras bem grandes, nas portas de sua casa, o que fizera ao saber que procissão da qual participaria o Bispo do Amazonas, Dom João da Matta, passaria por sua rua.

De sua terceira mulher, por sinal do mesmo nome que a segunda, Otília, simples e humilde criatura, tinha-lhe nascido, se bem me lembro, o segundo filho, cujo nome logo escolhera. Chamar-se-ia Stalin. Assim mesmo, no oxítono, como pronunciava o nome do então todo-poderoso e temido senhor das esquerdas, a quem tanto desejava homenagear. Instado pela mulher a que permitisse batizar o recém-nascido, Pedro, estranhamente, não ofereceu resistência. "Pode batizar", respondeu, acrescentando que o nome haveria de ser o que já escolhera.

Sem atinar para o que poderia ser armação do marido, Otília, feliz e tranquila, dirigiu-se à igreja, não demorando a voltar cheia de inquietação e dúvida. É que o Padre se recusava a batizar-lhe o filho. Com aquele nome, não. Até poderia admitir, desde que houvesse, antes, o nome de um santo qualquer.

E foi aí que, tudo indica, o ardiloso comunista coariense resolveu aplicar no "reacionário" padre seu maior xeque-mate. Vale lembrar que o sacerdote se chamava José, e era um dos três padres que, com esse nome, tiveram marcante atuação missionária em Coari, a partir de 1943. Um deles se chamava José Maria, que passou por aquela distante paróquia, sacudindo o coração de muita gente. Certa vez, por exemplo, ao paramentar-se para a missa, eu, acólito, pertinho, ouvi de conhecida admiradora que, dengosa e insinuante, dele se aproximou:

— Padre, que quer dizer… – e falava, num inglês possivelmente estropiado a frase cujo sentido dizia querer alcançar. O Padre olhou-a, sorriu e, num tom igualmente dengoso, respondeu:

— Oh!… Dá-me um beijo, querida!…

Para Pedro Veras, os padres americanos "bando de urubus", como a eles se referia, em razão de usarem, logo que chegaram, batinas pretas não passavam de "inimigos". Dele e do Brasil "espiões" que, sem dúvida, deveriam ser todos eles. Haveria outra razão para se meterem naqueles confins de mundo, longe das benesses da civilização? Ah! Chegara a sua vez. E voltou a pensar no batizado do filho. "Nome de Santo?" Ótimo! E então decidiu: "Põe José na frente!…" E o padre não teve saída.

Ganhava, assim, Stalin, naqueles confins da Amazônia pelo menos, o primeiro e bem possível, seu único homônimo: JOSÉ STALIN Veras.

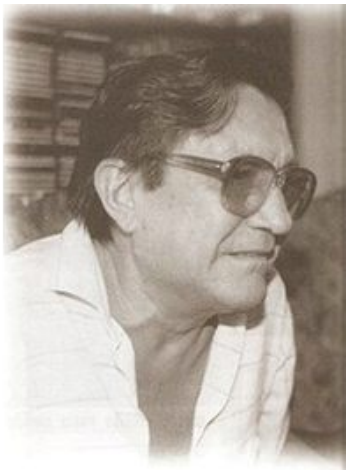
Excerto do livro de memórias "Coari — um retorno às origens", lançado em 2002.

O Concurso – Francisco Vasconcelos

Foi preciso sofrer muito para chegar àquela conclusão. Há anos, quando entrara para a Companhia, a cabeça cheia de sonhos, pensara haver encontrado o caminho definitivo da vida. "Você vencerá, Tiago", dizia sempre. "Você vencerá!…". Quem duvidaria? Lembrava-se, sempre, do primeiro dia de trabalho, da primeira carta que lhe deram para redigir. Fora um momento difícil, aquele. Rabiscara inúmeras folhas de papel e só conseguira escrever o início. Encalhara no verbo informar, cheio de dúvida quanto à regência. Parecia- lhe que todos o olhavam; que o olhava o chefe, impaciente, com ar de insatisfação. E jurava que o ouvia dizer: "essa carta é pra hoje, seu Tiago. Vamos!…".

Sofreu muito naquele primeiro dia de trabalho. Depois, tudo correu bem. O chefe não escondia sua preferência. "É um bom menino", ouvira-o comentar. "Esse vai longe!…".

Aqueles elogios, recebidos inesperadamente, faziam-lo sorrir e crescer em pretensões. Via-se, dentro de três ou quatro anos, chefiando uma carteira, com telefone à mesa e uma campainha para chamar o contínuo. Por isso rejeitara, até mesmo, função interina numa repartição pública, embora, nela, fosse ganhar um pouquinho mais.



Passados onze anos, Tiago concluía que tudo lhe saíra ao contrário. Sua situação, na verdade, em nada mudara. A única diferença estava em que já não alimentava nenhuma esperança. E, em lugar dos pensamentos de outrora, repetia baixinho, num esforço de autossugestão: "Você precisa dar o fora, Tiago! Coragem, homem!…". Ah! Como fora estúpido. Quanto tempo perdido? Onze anos, e a mesma coisa. Mas o concurso ele o faria. E no dia em que fosse aprovado, cara a cara com o gerente, diria: seu Walfredo, sua Companhia me roubou por onze anos. Mas de hoje em diante a coisa é outra. E não adianta me olhar assim, seu Walfredo. Passei no concurso. Passei, seu Walfredo… Ah!… Quanta satisfação vai sentir quando puder dizer isso. É que jamais poderia perdoar- lhe a injustiça. Quantas vezes não o preterira em proveito de outros? E como fora tolo! "É um bom menino!… Esse vai longe…".

O grande conforto de Tiago estava em aguardar mais uns dias. Não sabia por que, mas tinha certeza de que tudo lhe seria diferente. Tentadoras propostas lhe seriam feitas. "Seu Tiago, isso é loucura! Nós lhe damos um aumento, seu Tiago!…". E por certo lhe falariam dos onze anos que iria perder, como coisa que já não os houvesse perdido há muito tempo. Mas Tiago é pai, seu sacana, Tiago tem fibra. Não haverá acordo nem aumento que o prenda um dia a mais na Companhia ladrona. Nenhum. Então só aí é que irão descobrir-lhe as qualidades de bom empregado? Depois de explorá-lo, de roubar-lhe as esperanças e de humilhá-lo? Não! Bastava. Mandaria às favas a Companhia e os onze anos. Começaria a vida outra vez, com bom ordenado e promoções certas.

Não podia entender como tardara tanto a tomar aquela decisão. Fora, não tinha dúvida, um burro, um idiota. Mas nunca seria tarde, pensava. E mesmo que fosse, sempre haveria tempo para uma atitude. Ficar onde estava é que não podia. A menos que corresse o risco de passar fome, ele e os filhos. Como suportara onze anos naquela vida de aperreio?

Cada fim de mês era um inferno. Os cem cruzeiros que, não sabia quantas vezes, havia emprestado, iam, de um a um, saindo da carteira, deixando-o apreensivo, ante maiores e inadiáveis compromissos.

Já quase sofrera ação de despejo, e o taberneiro, por mais de uma vez, o ameaçara de cortar o crédito. Para vestir a mulher e os filhos, abrira crediário. A primeira prestação, pagou com sacrifício. A segunda e a terceira, ficaram vencidas: adoecera-lhe um filho. Mas o que mais lhe doía era chegar em casa e ouvir: "Papai, o meu sapato!…". "O meu, papai!…". E sempre a mesma resposta, tapeando os filhos: "Amanhã… Amanhã papai compra!…".

Tornara-se, por tudo isso, um tipo revoltado. E admitira, por força da miséria em que vivia, a existência de uma minoria da qual ele, decididamente, não fazia parte. Não tinha mais nenhuma dúvida em afirmar como válidos alguns preceitos da chamada "esquerda", tão temida. Certa vez, ao discutir o assunto com alguns colegas, um deles, muito ligado aos propósitos da Companhia, sem a menor consideração, lhe dissera, agressivamente: Isso é recalque, Tiago!... Você é recalcado... Ora recalque!... E recalcado ele sabia muito bem quem era…

Fizera já trinta e seis anos. De casado, mais de oito. Filhos, nada menos do que seis. E foram estes que um dia lhe notaram os primeiros cabelos brancos:

– Papai, só velho tem cabelo branco?

– Por quê?

– Os seus, papai... Tem é muito!…

– Deixa aí, deixa…

Quando ia dormindo, um dos meninos voltou à carga:

– Pai!

– Hum?

– O senhor é homem ou é velho?

Tiago sorriu com a curiosidade infantil do filho. Menino tem cada pergunta!... Mas essa diferença, lembrava-se, alguns grandes, também, faziam. Certo dia, aquele mesmo colega que tentara humilhá-lo, não chegara a dizer-lhe você é velho, Tiago, você não é homem? Ah! A resposta ele daria em breve. O concurso viria, e todos iriam ver quem, na verdade, era ele. E antes de cair no sono respondeu ao filho:

– Os velhos também são homens, meu filho.

Aquele domingo terminara cacete e melancólico. Passara as horas a pensar na vida, no tempo perdido, no concurso. Nenhuma diversão. Nenhuma pessoa com quem conversar, senão a mulher que, a todo instante, reclamava alguma coisa, e os filhos, confundindo-lhe a cabeça com barulheira infernal. Uma lembrança o seguira por todo o dia: o concurso. Alguém lhe dissera que, no dia seguinte, os jornais publicariam o edital, marcando a data das provas e estipulando as bases do concurso. E quanto esperara por aquele momento. Talvez, sua última oportunidade. Um aumento, não sabia de quanto, mas um aumento. Por certo, o dobro do que ganhava. Que mais poderia desejar? Estava ainda com trinta e seis anos e, dentro em pouco, teria a vida definida, ganhando bem, sem problemas.

Perseguido por tão agradáveis pensamentos, só conseguiu dormir pela madrugada. Mas, embora dormindo, o concurso estava presente. Sonhava. Como lhe acontecia tamanho infortúnio? Chegara atrasado para as provas. E sentia incontida vontade de chorar. Tentava justificar o atraso, como fazia na Companhia quando chegava fora da hora, mas de nada adiantavam os argumentos. E por incrível que lhe parecesse, era o próprio Walfredo, o gerente, quem lhe dizia com enorme sorriso de sarcasmo e satisfação: "Perdeu a vez, seu Tiago!… Agora é tarde…". Acordou soluçando. Por instantes ficou em dúvida, esfregando os olhos. Chegar atrasado? Jamais! Uma hora antes da prevista no edital, estaria lá. Quanto à indigesta figura de Walfredo no sonho, talvez lhe servisse: ia jogar no porco. No porco? Sim, no porco…

Tomou café e saiu. Ao saltar do ônibus, a primeira coisa que fez foi comprar um jornal. Tentou folheá-lo, mas viu que não dava tempo. Uma curiosidade nunca antes sentida dele se apossara, deixando-o eufórico, ansioso. Teriam publicado o edital?

Encontro entre Francisco Vasconcelos e o autor Archipo Góes em 2014

Mal chegou ao trabalho, assinou o ponto e procurou um lugar reservado onde, mais à vontade, pudesse ler o jornal. Nenhuma notícia daquelas que as manchetes traziam lhe interessava. Apenas uma, publicada na segunda página, prendeu-lhe um pouco a atenção: OU AUMENTO, OU GREVE. Mas quem iria fazer greve na Companhia? Ele. Ele, Tiago, faria. Não! Não iria precisar de greve para conseguir aumento de salários. O concurso viria… o concurso.

E as mãos de Tiago, trêmulas, viram folha por folha do jornal. Desespera-se. Seus olhos devoram, avidamente, página por página. Lembra-se de que no dia anterior jogara seu time. Quem teria vencido? DERROTADO MAIS UMA VEZ O… Era muito azar. Só podia ser azar. E quase desiludido, ao virar a última página, encontra, finalmente, o que tanto procurava: Dasp. Lê com sofreguidão:

Edital do Concurso

Estarão abertas, a partir de 10 do corrente, as inscrições… Poderão inscrever-se candidatos de ambos os sexos… O limite mínimo de idade é de 18 anos e o máximo,… de… 35…

O Homem e o Fado

J. Maciel

Caminhando, sempre caminhando
o homem vai…
pelos meandros da vida.
Se para é para pensar,
pois nunca pensa caminhando.
E o homem vai…
silhueta nas noites escuras,
caminhando, sempre caminhando.
Seus pensamentos
- bússola de seu fado,
indicam-lhe o caminho.

Seu coração
- termômetro da vida,
mostra-lhe tempo e espaço.

Seu corpo, cansado e lânguido
pede-lhe para repousar.

Então, ele repousa
no chão frio que tantas vezes palmilhou.

Somente agora parou de pensar
o homem que ia…

(02.10.1969)

Conto: "João Carioca: Mandão e Famão – Juiz de Paz"

Erasmo Linhares

Não, senhor, não sou homem de potoca. Nesta minha velha e cansada vida, se menti alguma vez foi só pra pescar mulher. Minha mãe, quando pegava a gente em alguma trampa, dava de palmatória, uma dúzia em cada mão. Uma vez peguei duas, porque resolvi ser macho e não chorei. A velha queria lágrima, como toda mãe, pra ver o sentimento. Muita gente antiga, por aqui, ainda conhece a história. Era o homem mais rico de todas essas bandas. Em cada riozinho desses, ele tinha um seringal e em cada lugar por esse Juruá afora, onde morasse mais de três famílias, ele tinha uma mulher. Uma vaca braba com os homens, um vacal com as mulheres. Poderoso, meu senhor, muito poderoso. Podre de rico, mandão e famão, até com gente da capital. Nos tempos de eleição, depois que houve eleição, vinha muita gente por aqui atrás dele. Gente graúda, doutor de anel no dedo. Conversas, trampices, farronas, e ele dominando, mandando em tudo. Com essa gente de fora ele se abria, com a gente daqui era aquela carona enfezada.

Mas era um homem bom, se a gente trabalhava feito doido e dava no fim do fábrico uns gordos quilos de borracha. Disso, lhe digo sem preconceito, ele cuidava. Cuidava de quem trabalhava e não amolengava com o diabo da cachaça, que isso é coisa que acaba com um homem e é até capaz de botar chifre na cabeça, se o cabra não for bom de peia.

Peço que não duvide de mim. Trabalhei dez anos pra ele e com esse meu jeitão de cearense, ouvi e vi e anotei muita coisa aqui dentro da cabeça. Não pense que são histórias de um velho atazanado pelo reumatismo. Já lhe disse, não sou homem de potoca. O homem que mente perde metade da sua macheza.

João Carioca também não era homem de mentira. Pra quê, se ele tinha tudo? Se ele mandava, desmandava e tresmandava? Era um touro, um homem capaz de engolir um garrafão de boa pinga do Ceará e sair andando sem que ninguém dissesse. Só vermelhão, a barrigona empinada dentro do paletó de tubarão que ele nunca largava, mesmo quando o suor empapava a camisa e a banha do pescoço fazia uma lista preta no colarinho. Estou lembrando que ele deu de usar paletó, digo melhor, de não largar mais o paletó, depois que foi feito Juiz de Paz, mandando e desmandando desde Eirunepé até quase Cruzeiro. Quase tudo, se me lembro bem. Eirunepé, Envira, Ipixuna e esses lugares todos que existem por aí. Casava e se não dava certo descasava e casava de novo. Tudo como ele queria pra que as coisas não desandassem nos seringais.

Já lhe contei uma vez, mulher por aqui não havia, de começo. Coisa muito rara e por causa disso os homens endoidavam. João Carioca sabia disso e sabia cuidar muito bem do caso. Mulher era prêmio. Trabalhou, ele arranjava mulher, mas obrigava a casar e quando os filhos nasciam, ele trazia o padre de Rio Branco, espichando viagem de semanas, só pra batizar os moleques. E João Carioca era o padrinho. Ele era compadre de todo mundo e ainda hoje existe muito safado por estas bandas que é afilhado dele. Já lhe disse duas vezes, mas repito agora, pro senhor entender bem este caso que lhe conto. Mulher era coisa rara. Era prêmio. E Carioca sabia premiar. Todo novembro ele viajava pro Ceará, Fortaleza, no conforme do que ele dizia. E lá arranjava as mulheres. Depois foi que eu fiquei sabendo. Ele arranjava as decaídas na zona mesmo.

Contratava, levava no médico, dava remédio se elas tinham alguma engaliqueira. Comprava roupa, comprava batom, ruge, remédio pra engordar, se a vagabunda era magra. Enfeitava toda a mulherada e trazia de navio pra Manaus e de lá pra cá, no barco dele mesmo. Já perto do Natal ele saia de viagem para visitar os seringais, um a um. Um barco imenso, todo pintado de branco, limpo que era uma beleza. Um magote de marinheiros, um comandante de carta e tudo, vestido com farda de galões azuis e dourado com farda de galões azuis e dourados – um sujeito muito do seu metido a merda – e mais, pode acreditar, três taifeiros vestidos de branco, engomadinhos e com cara meio pro cá meio pro lá, que serviam pinga, cerveja preta, que eu nunca mais vi na minha vida, gelada num depósito de gelo, pedronas daquelas da fábrica do Plano Inclinado, e chá. Esse seu riso é que me dá gastura. Já não lhe disse que não sou homem de mentiras? É a pura verdade.

Carioca tinha uma frescura de tomar chá todo dia, às cinco horas da tarde, sempre às cinco horas da tarde, nunca antes nem depois. Era, pelo que me consta, a única fraqueza que ele tinha. O senhor me desviou. O caso era que ele botava todo o mulherio dentro do barco e parava em cada porto. Parava, mandava chamar o seringueiro da localidade e o diabo do escrivão do lado, na mesa um livrão de capa dura, cheia de desenhos imitando couro. E aí, meu senhor, era a agonia do pobre do seringueiro, porque não havia astúcia. Estava tudo ali anotado. Era a hora do prêmio pelo trabalho que o cabra tinha feito como escravo, o ano todo. O sujeito esticava o olho pra ver quem saia de dentro dos camarotes, mas o negócio era bem ensaiado, a modo de pastorinha.

Cada uma a sua vez. João Carioca perguntava, olhando dentro do olho do sujeito, a cara séria que não dava pra gente saber o que ele estava pensando deveras: Natálio? O escrivão respondia – duzentos quilos. João Carioca: Marlene! E saiu uma velha batida, com falhas nos dentes ou com uma dentadura dessas que tem mais gengiva do que dente. Não tinha do que reclamar. Pra dizer a verdade, ninguém podia reclamar. Porque antes era pior.

Carioca levava mulher, feia ou bonita, velha ou moça, mas sempre mulher. Antes dele, o patrão levava, mas era o umbigo de peixe-boi. Depois eu vou lhe mostrar uma marca que eu tenho aqui nas costas. Desculpe, já vejo pelo fogo dos seus olhos que me desviei. Conto, conto pelo fio da história. João Carioca mandava; desmandava e tresmandava. Chegava no segundo porto e na frente do seringueiro do lugar perguntava: Nepomuceno? O escrivão em cima da bucha – quinhentos quilos. João Carioca – Luzia! Saía do camarote uma tetéia, uma coisa de fazer gosto, meu senhor, coisa de botar um seringueiro doido, depois de tanto jejum.

Era assim, primeiro e depois, e quanto mais mulher, mais borracha. Mas não pense que ele deixava as mulheres sem socorro. Duvido. Ficou com mulher era pra tratar bem, fosse velha ou fosse nova, feia ou bonita. E depois, quem era que não queria fêmea? E depois, quem era que não queria ser compadre de João Carioca? Foi assim até que isto aqui se encheu de mulher e de filhos de toda essa gente que ele juntou e, depois, quando foi nomeado Juiz de Paz, acabou casando pelo sério, com papel, aliança e tudo. A aliança ele dava, como presente de casamento. Aliança de ouro, não duvide e não faça essa cara de malícia. Ele também era padrinho. Mas, aí, João Carioca já estava parado na sede dos seringais, já não andava no fim do ano pro Ceará, já não engolia um garrafão de pinga e deixou até de tomar chá às cinco horas da tarde. Bebia lá a sua pinguinha, fumava lá os seus charutos, passava tardes deitado na espreguiçadeira lendo os jornais de Manaus e os livros, que ele tinha alguns. Não pense que mudou muito. Não, era sempre o poderoso, mandando e desmandando, e mais ainda tresmandando. Não era mais o vacal, mas ainda era o vaca-braba.

Conto uma desses tempos. Todo mundo tinha de casar com ele, que era o Juiz de Paz. Os casamentos eram no sábado à tarde e de todo canto chegavam as canoas enfeitadas com bandeirinhas de papel de seda colorido, as noivas de vestido branco, grinaldas e luvas, tudo branco. Os noivos de calva e camisa de punho, também tudo branco, e reclamando dos sapatos que apertavam os dedões de mangarataia. Num sábado chegaram muitos casais e vinham entre eles Daniel que a gente chamava de Amarelinho, porque era um sujeito enfezado, mirrado, um merdinha de nada, e o Pedrão, um negro do tamanho não sei do quê. Um homem que além de alto, era uma anta feito gente, de tanta força. Quando chegou na vez deles, porque o escrivão, o mesmo que trabalhava há anos nas contas dos seringais, chamava os casais dois a dois, pra não dar muito trabalho, João Carioca, sentado na cadeirona de palhinha, atrás de uma mesa comprida e cheia de papéis, olhou, olhou, olhou, fez uma carona de raiva, ficou uns dois minutos caladão e explodiu, como era do feitio dele. Seo Daniel, disse bufando, o senhor não está vendo que o senhor não aguenta essa mulher? Num mês ela lhe mata, seo Daniel. Depois olhou pro Pedrão. O negrão, um macho como poucos eu vi, quase ficou branco de medo. Seo Pedrão, Carioca falou com mais raiva ainda, o senhor não vê que essa menina não é prato pro senhor? Na primeira chibatada o senhor abre essa menina no meio, Seo Pedrão. Isto já é uma grande sem-vergonhice, é contra a lei de Deus. Ficou vermelho, pediu um copo de pinga, bebeu, tossiu, acendeu um charuto, depois olhou pros quatro ali na frente dele, todo mundo espiando, abestalhado. Carioca deu uma chupada no charuto, soprou a fumaça pra cima do escrivão e olhou os quatro, um a um, bem dentro dos olhos. Troca, gritou. Ninguém entendeu. Troca, berrou. É como vai dar certo e é pro bem de todo mundo. Não quero ver ninguém morrendo nestas bandas. E trocaram e deu certo. Não pense que conto potoca. Já lhe disse que não sou homem disso. Saia por aí por essas beiras perguntando. Todo mundo sabe da história, mas ninguém como eu. Boa noite, passe bem!

Lembranças do Interior

Alex Alves

A canoa amarrada em uma vara
Um arpão enfiado lá na lama
No porão da canoa água e escama
Pitiú de sardinha e pirarara
Um casquinho dançando no banzeiro
Jerimum, melancia em um paneiro
Carregado por um agricultor
Um cabôco lotado de esperança
Tudo isso eu guardo na lembrança
De um tempo vivido no interior.

Um xibé de farinha em uma cuia
Pra enganar a barriga, já roncando
No anzol as piabas beliscando
Folhas secas, na água, “de bubuia”
Arrastadas por uma brisa mansa
Curumim sapecando que não cansa
Mergulhando no rio, sim senhor
- Olha o bicho! Dizia a vizinhança
Tudo isso eu guardo na lembrança
De um tempo vivido no interior.

Urubu circulando no terreiro
Peixe seco e escalado no tendal
Seis cachorros latindo: Au! Au! Au!
Enxotando o "xengo" carniceiro
Fogareiro aceso na cozinha
Janta feita por minha avozinha
Temperada com o mais puro amor
Coisas simples eu vi quando criança
Tudo isso eu guardo na lembrança
De um tempo vivido no interior.

O Tocador de Charamela – Erasmo Linhares

Tem álcool?

Tem.

Me dê um cruzeiro.

Trouxe o vidro?

Não, me dê num copo.

O copo não pode levar.

Eu não vou levar.

Como assim?

Vou beber aqui mesmo.

Só então o reconheci – Zacarias!

Era, agora sou o Torto.

Os cabelos estavam mais ralos e a barba de muito não fazer estava esfarinhada e suja, e os bigodes de piaçaba usada armavam uma cortina de palco mambembe, dilacerada nas colunas dos caninos amarelos.

E a charamela?

Quebrei na cabeça de um safado.

Era a única herdade que recebera do pai, que por sua vez a recebera do avô e este do bisavô e este de toda uma geração de músicos profissionais, cuja vocação fora declinando através de muitos anos até Zacarias, que nem ao menos podia ser considerado amador, embora tocasse por música. Possuía uma coleção de velhas partituras que exercitava nas suas tardes de folga de funcionário público de meio expediente. Música estranha, desconhecida do comum dos vizinhos que se estorvavam com o som agudo do instrumento, tanto que, umas três ou quatro vezes, arrebentaram- lhe as vidraças, para espanto e raiva da patroa que saía ao quintal gritando ferozes ameaças às vizinhas inimigas de ferro e fogo, a cujos filhos sempre atribuía a origem dos petardos, e, arrebatada, respondendo aos berros, quando acaso era contestada, com um vocabulário tão rasteiro que fazia dona Joaninha persignar-se e fechar todas as portas e janelas da casa, entupir os ouvidos com mechas de algodão e cobrir com uma toalha os antigos santos do oratório. Também ensaiava outras músicas, escolhidas entre as valsas e chorinhos preferidos pelos Inveterados do Copo e do Ritmo, com os quais se reunia no Chopp de Ouro todas às noites de sábado, e estas eram de mais agrado dos vizinhos ignorantes. Mesmo assim, nem sempre podia integrar o regional, porque o som da charamela não harmonizava, em determinados números, com os violões e cavaquinhos. E foi numa noite em que não participou da execução de nenhuma peça, que se descobriu. Já meio embriagado, tanto bebera porque ficou desocupado como pela chateação, pulou num ônibus e foi aguardar no Camilo's, bem localizado na periferia da zona, assim que era dela e não era, e aí, a charamela sob o sovaco, encharcou-se por completo. Quando saiu, sem atinar com o motivo que o levara ao centro da cidade, foi caminhando até os fundos da Matriz onde se sentou e começou a tocar a valsa que ensaiara durante toda a semana e foi quando passaram dois senhores com cara de quem não é daqui e um deles lançou entre suas pernas uma nota de dez e mais tarde uma senhora que empurrou uma nota no bolso de sua camisa e mais outras pessoas que jogaram notas de um e de cinco, além de moedas miúdas, de modo que, quando chegou em casa, lá pelas duas da madrugada, conferiu trinta e sete cruzeiros, com os quais amenizou a ira da mulher.

Segunda-feira, na repartição, com a cabeça desanuviada da ressaca que o fizera dormir todo o domingo, apesar das brigas constantes da mulher e das estripulias dos meninos, fez as contas e concluiu que tocando charamela todas as noites nos fundos da Matriz, ganharia o dobro de seu vencimento de auxiliar de portaria. Levou a semana inteira pensando no caso e no sábado passou ao largo do Chopp, tomou o ônibus e foi para o Camilo's, bebeu até às oito e meia e depois dirigiu-se aos fundos da Matriz e desta vez conseguiu juntar cinquenta e oito cruzeiros. De volta ao bairro bebeu no bar do Esmeraldo que estranhou a visita numa noite de sábado e quando chegou em casa, pelas duas e meia, amenizou novamente a ira da mulher.

Durante um mês, todos os sábados, repetiu o mesmo programa e no segundo resolveu aparecer no ponto também às terças e quintas, vestindo roupas velhas e sandálias japonesas. Passou a beber no Quintino's, frequentado por estivadores, e no quarto mês ia todas às noites, menos aos domingos, até o dia em que a mulher impôs as condições, ou a farra ou ela, e ele optou pela primeira, não voltou mais a casa e abandonou de vez a repartição, onde suas faltas constantes já lhe tinham produzido duas repreensões, uma verbal e outra através de portaria afixada na parede para que todos pudessem ler a sua vergonha.

Inaugurando a nova vida, com o único remorso de abandonar os filhos, mas com o propósito de mandar algum dinheiro por semana, alugou um covil no vasto cortiço que dominava todo o quarteirão entre a rua de Frei José Inocentinho e a avenida do Almirante, habitado por prostitutas, gigolôs e cafetinas, cujas iras aplacava, vez e outra, pagando-lhes umas cervejas, até o dia em que não mais suportou aquela colmeia fervilhante que não parava noite e dia, dia e noite, com seu cheiro de mofo permanente e penetrante; movimentada pelas brigas das putas, entre elas mesmas, delas com os gigolôs, de marinheiros e soldados, de marinheiros e meganhas autoritários, delas com os bêbados e seixeiros; aturdida a qualquer hora, fosse sol ou fosse lua, pelos bichos de cria, macacos, cachorros, papagaios, gatos, galinhas e a jiboia da negra Belmira cujas bostas cosia em saquinhos de pano e os vendia às raparigas mais antigas que os usavam como bentinhos e com a dupla função de afasta-inveja e chama-machos; e as crianças empambadas, sábias e malignas, que vagavam pelas vielas cloacinas que separavam, coisa de um metro se muito, as casinhas de madeira e os quartos de taipa espremidos. Além de que o Português, dono dessa angustiada Sodoma escatológica encravada no coração da cidade, que nenhuma força conseguira demolir, andava anunciando de cama em cama, de catre em catre, de rede em rede, o aumento dos aluguéis, com a desculpa de que a caixinha da polícia, com o novo e faminto delegado, estava cada vez mais gulosa, com todo o raio da puta que o pariu. Fugiu às quatro e quarenta e cinco e a única mágoa era perder o cálido excitante da menina que todas as manhãs vinha, nua, mijar no minúsculo alpendre da casinhola fronteira e exibir, a dois palmos do seu nariz, a tenra e fresca pérola do tamatiá repousada nos veludos da vitrine de cristais opacos.

Em cinco meses de ofício conhecia toda a malandragem da zona, as manhas e venetas de prostitutas e viados, fez-se amigo de todos os mendigos que agiam num raio de um quilômetro e, por isso, conseguiu abrigo junto ao bando do Capitão-Gancho, admirador intermitente de suas valsas e chorinhos, que habitava o velho barco abandonado sob a ponte de ferro, transformado com paredes laterais de tábuas de caixas e folhas de zinco roubadas à cidade flutuante, para proteger a malta, em suas horas mais íntimas, dos olhares curiosos dos canoeiros ou de algum policial bêbado e mais afoito. Ali ferviam o café e coziam o peixe em latas enegrecidas pela fumaça do fogareiro e pela carência de uma lavagem meticulosa. E podiam beber à vontade, chupar seus tarugos tranquilamente e, vez por outra, arrastar uma rameira da Pausada, bêbada o suficiente para suportá-los em uma proximidade mais estreita.

Foi no velho barco, em noite de farra escandalosa, que partiu a charamela no crânio do Cabeleira, numa disputa por uns restos de Cocai, e nunca mais perdoou o desafeto, que além de ladrão, era fresco, pois em mais de uma noite o ouvira fungar e gemer sob o peso e o encanto brutal do Capitão. Batera com tanta violência que o antiquíssimo instrumento de cana provençal espatifou-se instantaneamente em doze pedaços, não havendo meio ou modo de consertá-lo, pois o mecanismo interno de suas chaves era também de madeira delicada e enfraquecida pelos anos e pela saliva abrasiva de seus muitos tocadores ancestrais.

Deu-se a partir daí sua preferência pelo álcool puro, mais barato, e também porque descobriu, no dia seguinte, que sua féria de mendigo dos fundos da Matriz provinha muito mais do som agudo e inquietante da charamela do que mesmo da caridade das pessoas. Passou a beber mais ainda e a comer menos ainda, dormia noites e dias nos bancos e sob os bancos da praça, sem ânimo e coragem de voltar ao velho barco abandonado sob a ponte, as pernas e os braços cobertos de escaras que se abriam em pontos diferentes imitando cores e caprichos de cravina.

No dia em que recebeu alta da indigência da Santa Casa de Misericórdia, após receber contrito os conselhos do médico paizinho dos pobres, já tinha amadurecido o projeto de reconquistar o velho posto de funcionário público e de reconciliar- se com a mulher, mas quando saltou do ônibus pela porta da frente a viu entrar pela porta de trás, com uma barriga que calculou de oito meses, e compreendeu que o plano falhara, mas a vida continua e pode ser longa e boa, dependendo da gente. No caminho do bar vislumbrou à distância as largas tábuas das caixas de embalagem da vizinha loja de eletrodomésticos e teve a ideia salvadora de construir uma bandurra e voltar às noitadas dos sábados de antigamente, sem mulher para vigiar a hora, sem choro de criança, sem Capitão, sem Cabeleira, sem putas e gigolôs, nem barcos velhos abandonados sob a ponte de ferro, nem paizinhos médicos, mas, de verdade, um filiado permanente e efetivo dos Inveterados do Copo e do Ritmo, pois afinal teria um instrumento de corda e não seria posto de lado como antes e porque foi a porra da falta dessas cordas maravilhosas que me botou no centro pegajoso e infernal desse tremendo pesadelo.

Bota mais um álcool.

Não, toma uma cana decente. É oferta da casa.

Tragédia do Botafogo

Francisco Simeão da Silva

Barco Dominique

Sendo eu um grande artista
Ainda não pude parar
Porque este acontecimento
Quero ao povo contar
A tragédia do Botafogo
A um barco a Naufragar

O nosso belo Amazonas
É um Rio grande e temente
Temos que andar com cuidado
Devido às grandes correntes
Porque se nos descuidarmos
Elas destrói com a gente

Para provar o que digo
Vou agora confirmar
Contando uma história
Para todos acreditar
História de um navio
Que vi nas águas se acabar

Na tarde de um belo dia
Chegando às dezoito horas
O motor se despediu
Da capital foi embora
Viajando carregado
Por este rio afora

Isto foi no dia quatorze
De um janeiro passado
Viajou a primeira noite
E não lhe aconteceu nada
Mas na segunda noite
Veio a tristeza dobrada

Este motor meu amigo
O seu nome ninguém esquece
Dominique era o seu nome
Muita gente ali fez prece
Mas neste grande rio
Se naufragou desaparece

É verdade minha gente
Tudo isto ocorrido
E não botando em conta
O tão grande prejuízo
E até a presente data
O barco vive perdido

Este caso aconteceu
Em uma alta madrugada
Os viajantes do barco
Não iam esperando nada
Porque tudo ia tranquilo
Antes daquela encontrada

O motor se deparou
De encontro com a correnteza
O mesmo virou na hora
Por não encontrar firmeza
E daí foi que surgiu
Para o povo tanta tristeza

Tristeza porque foram muitos
Que ali se acabaram
Uns choravam pelos mortos
Outros pelos que escaparam
Na certeza que foram muitos
corações que se abalaram

Com esta aflição toda
Sem esperar por cima
Este naufrágio aconteceu
Bem perto de Codajás
E estamos pedindo a Deus
Para não acontecer mais

Tomaram toda providência
Logo ao amanhecer do dia
O dono foi a Codajás
Comunicar a capitania
Para virem ajudá-lo
Nesta tão grande agonia

A capitania sabendo
Do que se tinha ocorrido
Vieram trazer socorro
Para os que ficaram feridos
E também conformar ao dono
Que nem tudo estava perdido

Com a caravana seguiu
Para mostrar mais valor
Juntamente com o chefe
Diversos mergulhador
Para ver se descobririam
Onde estava o motor

Mas ao chegar no local
Que viram o grande horror
Pensaram: – como nós vamos
Ajudar este senhor ?
No meio de tanta aflição
E no meio de tanta dor

Mãe chorando por seus filhos
Filhos chorando por seus pais
Porque muitos que ali morreram
Seus corpos não viram mais
Crendo que foram comidos
Pelos grandes animais

E verdade meu amigo
Este rio tudo consome
Aqui desapareceram
Tanto mulher como homem
E o rio é uma imensidão
Pode ver pelo seu nome,

Porque em água é o maior
Não existe outro igual
Tem que se andar prevendo
Pois, tudo pode ser fatal
Também morrer afogado
Isto não é genial

Certo que com a morte
Nunca se está conformado
Uns dizem que o barco virou
Por vim muito carregado
E outros já se maldizem
Que foi a falta de cuidado

Certo é que foi para o fundo
Em um lugar de horror
Uns chamam de Botafogo
Outros de ponta do pavor
Foi um naufrágio horrível
Que causou tristeza e dor

E já que este lugar
E por todos mal visado
Quando se aproxima
Fica todo mundo assustado
Depois que se passa dele
O coração fica sossegado

Sentindo já ter passado
Por este horrível lugar
Com o coração tranquilo
O povo vai descansar
Pedindo a proteção de Deus
Para chegarem em seu lar

Muitos foram neste barco
Que em seus lares não chegaram
Porque antes do destino
No barco se liquidaram
Por ser tarde da noite
Muitos ali se acabaram

Uns saíram nadando
Para alcançar outro lado
Mais isto não realizaram
Por estarem muito cansados
Antes de alcançarem à terra
Muitos morreram afogados

Foi um grande desespero
Naquela escuridão
As mães procurando os filhos
Mas sem haver solução
Porque tudo estava escuro
Pela aquela região

Ali muitas mães morreram
Querendo o filho salvar
Porque a mãe só deixa o filho
Quando vê-lo se acabar
E se possível vai junto
Para ser do filho o par

Foi como ali aconteceu
Se acabaram mãe, filhos e pais
Certas pessoas amigas
Que os nomes não lembro mais
Foi uma grande tragédia
Que ainda não houve igual

Porque eram duas cidades
O povo que ali seguia
A primeira era Coari
Que sofreu grande agonia
Ao saber desta notícia
Logo ao romper do dia

Com a notícia chegada
Houve um grande alvoroço
Tanto mexeu com os velhos
Como também com os moços
Neste dia em muitas casas
Não fizeram nem o almoço

Porque muitos só pensavam
A minha mãe se acabou
Porque foi nesta semana
Que para cá viajou
Quem sabe se ela não veio
Neste tão grande motor

Foi grande esta aflição
De boca em boca falada
Uns esperavam a reação
Pra ver o que tinha se dado
Naquele grande naufrágio
Ocorrido de madrugada

Há uma outra cidade
Enfiada nesta aflição
Que é a cidade de Tefé
A qual ficou de plantão
Para prestar socorro
A qualquer ocasião

As que eram mais de perto
Como Codajás e Coari
Prestaram todo socorro
Por serem perto dali
Pra não deixar a aflição
Tomarem conta daqui

Diversos motores chegaram
Para ali prestarem socorro
Uns dizem se eu não for
De vergonha sei que morro
Porque um naufrágio desse
Entro na parada e não corro

Com esta definição
Querendo alguém salvar
Mas, foram bem pouco
Os que puderam escapar
Daquela grande tragédia
Onde, só Deus podia ajudar

Porque um rio como este
Digo e não peço segredo
Para onde nos dirigimos
A correnteza faz medo
Temos que nos prevenir
Pra não entrar em atropelo

Nós que somos conhecedor
Deste rio sem outro igual
Devemos nos prevenir
Fugindo sempre do mal
Porque deparar com a correnteza
A morte pode ser fatal

Então vamos meus irmãos
Procurar nos defender
Porque fazendo assim
Mais vida podemos ter
Porque quem escapa de uma
Cem anos há de viver

Vamos tomar conhecimento
Enquanto a cabeça esfria
Das providências tomadas
Por nossa capitania
Que chegou com urgência
Antes do romper do dia

Os que ali chegaram
Para ajudar o cidadão
Que o mesmo estava triste
Por perder a embarcação
Porque ali só não sentia
Se não fosse um cristão

A capitania ao chegar
Tomou todo conhecimento
Para ajudar ao dono
A ter mais força e talento
E também prestar socorro
Naquele horrível momento

Chegaram e foram saber
O que ali aconteceu
O dono já sem talento
Contou o que ocorreu
E como se tornou triste
Tudo aquilo que se deu

Foram muitos os prejuízos
Assim o homem falou
Além das mercadorias
Que a correnteza levou
Ainda por cima disto
O barco não se encontrou

A capitania dirigiu-se
E ao homem interrogou
Querendo assim saber
A onde o motor se naufragou
Para saírem a procura
Diversos mergulhador

Os mergulhadores estavam
De tudo bem equipado
Para ver se descobriam
Aonde o barco tinha parado
Naquela grande correnteza
Aonde tudo é demasiado

Porque aquele lugar
Ele nunca está parado
Enquanto menos se espera
A correnteza é de todo o lado
Pra se passar por ali
Tem que andar com cuidado

Atados de correntes
Para poderem voltar
Os mergulhadores pularam
Com coragem pra mandar
Porque lugar como aquele
Nem todo cabra vai lá

Foram a primeira vez
Sem pensar o que encontrar
Com pouco deram sinal
Que já queriam voltar
Porque a correnteza
Não deixou no chão chegar

A correnteza é demais
Isto sem ter paradeiro
Muitos ali morreram
Pra salvar o companheiro
Coisa que em certos casos
Só se me desse dinheiro

Mas os homens que chegaram
Para em tudo ajudar
Pediram pra ir mais embaixo
Pra novamente pular
Para ver o que diziam
Deste honroso lugar

Foram a segunda vez
Mas sem trazer resultado
Disseram vamos a terceira
Para dar por encerrado
Porque se tentarmos mas
Nós somos prejudicados.

A última tentativa
De diversos mergulhador
Que ao voltarem do fundo
Só tristeza e muita dor
Fazendo este esforço todo
Para encontrar o motor

Foi sem futuro os esforços
Que para ali seguiu
Porque tudo se acabou
Dentro deste grande rio
Com a imensidão de água
O motor logo sumiu

Deixemos a capitania
Voltando para o capitão
Para falarmos do povo
Que ficaram passando mal
Por ter grande prejuízo
De tudo seu afinal

Os que não morreram afogados
Acabaram de completar
A grande lamentação
Mostrando tudo sem parar
Contando assim para o povo
Como puderam escapar

Uns dizem eu agradeço.
A um pau que ia baixando
Que outros não tiveram sorte
Deste pau ia avistando
Só eu me agarrei nele
E foi a vida me salvando

Foram diversas famílias
Pelas águas destruídas
Que não posso levar em conta
a quantidade de vidas
Que foram neste naufrágio
Pelos os animais comidas

Não querendo acrescentar
Mais do que ali aconteceu
E que vou pedir sempre
À proteção do bom Deus
Que ele é conhecedor
De todos os contos meus

Fazendo assim o proveito
De uma história real
Você passa ser um homem
Conhecedor de tudo afinal
Do acontecimento ocorrido
Em uma tragédia fatal

Por isso peço aos amigos
Para comprarem o primeiro
Pois, em breve comporei outro
Conto fatos verdadeiros
Porque não posso mentir
Sou homem brasileiro

Comprando este livro
Vai logo lhe despertar
Mostrando como é bonito
A gente tranquilo andar
Com especialidade nas águas
Onde tudo pode se acabar

Não menti nem exagerei
Contei o que se passou
Pois, as notícias chegadas
Foi o que mais me encabulou
Em ver tanta tristeza
Pertinho de tanta dor

Vou encerrar o livrinho
Pra não ser muito comprido
Pedindo a Deus que abençoe
Pra que seja bem vendido
Que os amigos façam proveito
De tudo que foi descrevido

Sei que não acreditavam
Isto ser fruto daqui
Morando neste Amazonas
Esta cidade é Coari
A esperança não acaba
O carinho que recebo aqui.

Chagas Semeão

Acróstico ao Irmão Enedino

É belo, é gostoso, reviver a vida,
Não ociosamente, mas dentro da lida,
E todos tenha inteligência e tino,
Do aniversário do irmão Enedino,
Independentemente nós celebramos,
Neste dia com alegria recordamos,
O natal do querido irmão Enedino.

Maio, dia quatro, belo e angelino,
Onde comemoramos com alegria,
Não só com palavras, mas com galhardia!
Todo aniversário é festa, é natalino,
E este é o dia do irmão Enedino.
Irmanados com o Grande Arquiteto,
Rogamos do Universo neste teto,
Oração, amor e com sangue purpurino,

Damos parabéns ao irmão Enedino...
Amor, fraternidade e compreensão...

São gestos, carinho que partem do coração,
Irmãos que comemoram com grande ardor,
Levando paz, harmonia, muito amor!
Vamos solenizar estrênuo paladino;
Amando como irmão, o nosso Enedino.

Grande mestre maçônico, conhecedor,
Realizador que tudo faz com fervor;
Adulto, com o espírito de menino,
Ungido do Senhor, este é o irmão Enedino!

Tem honra, tem caráter, tem alegria,
Risonho, ativo, é todo simpatia,
Igual a um anjo, puro e cristalino;
Não é este, o irmão, o Enedino?
Tenho prazer de saudá-lo nesta data,
Além dos irmãos presentes tenho a ata,

Escrita, datada, lida, documentada.

Todo aniversário é uma data festiva;
Rodeados de amigos, irmãos e efusiva,
Enquanto tudo isto tem o seu destino;
Somos gratos com amor, ao irmão Enedino.

Waldemar Plácido Fonteles

Acróstico ao Irmão Enedino

É belo, é gostoso, reviver a vida,
Não ociosamente, mas dentro da lida,
E todos tenha inteligência e tino,
Do aniversário do irmão Enedino,
Independentemente nós celebramos,
Neste dia com alegria recordamos,
O natal do querido irmão Enedino.

Maio, dia quatro, belo e angelino,
Onde comemoramos com alegria,
Não só com palavras, mas com galhardia!
Todo aniversário é festa, é natalino,
E este é o dia do irmão Enedino.
Irmanados com o Grande Arquiteto,
Rogamos do Universo neste teto,
Oração, amor e com sangue purpurino,

Damos parabéns ao irmão Enedino...
Amor, fraternidade e compreensão...

São gestos, carinho que partem do coração,
Irmãos que comemoram com grande ardor,
Levando paz, harmonia, muito amor!
Vamos solenizar estrênuo paladino;
Amando como irmão, o nosso Enedino.

Grande mestre maçônico, conhecedor,
Realizador que tudo faz com fervor;
Adulto, com o espírito de menino,
Ungido do Senhor, este é o irmão Enedino!

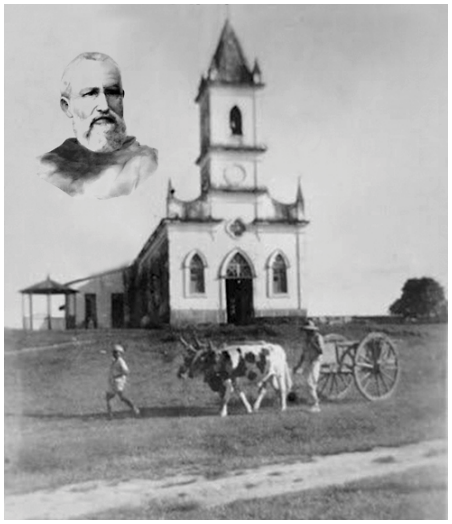
Tem honra, tem caráter, tem alegria,
Risonho, ativo, é todo simpatia,
Igual a um anjo, puro e cristalino;
Não é este, o irmão, o Enedino?
Tenho prazer de saudá-lo nesta data,
Além dos irmãos presentes tenho a ata,

Escrita, datada, lida, documentada.

Todo aniversário é uma data festiva;
Rodeados de amigos, irmãos e efusiva,
Enquanto tudo isto tem o seu destino;
Somos gratos com amor, ao irmão **E**nedino.

Waldemar Plácido Fonteles

Recordando Coari



Quando para esta terra cheguei,
Nada de progresso encontrei;
Não vou dizer nomes de prefeitos
Para eu não declinar defeitos.

Convivi na lama e nos buracos,
Faltava tudo e fortes braços...
Não havia nada para contar
Só misérias a lastimar.

É lastimável viver-se assim,
Sem perspectiva e sem carmim,
Lamentando a triste e iníqua sorte,
Orando para não perder o porte.

Apesar de todos os corruptos,
Prefeitos inúteis e abruptos,
Preocupados só com bolsos seus,
O município entregue a Deus.

Graças ao Arquiteto dos mundos,
Coari, hoje, tem os seus fundos,
Tem o rádio tem a televisão,
Tem o fax e também o caminhão.

Coari tem honra e tem estirpe,
Bravo povo, brava gente rispe,
tu tens honra, tens brios e valor,
Ao povo destemido tens amor.

Waldemar Plácido Fonteles.

Mura-Cão-Era

Sempre se acreditou, em Coari, que o antigo nome de certo povoado, hoje conhecido por Isidoro, fora outrora MIRA-CÃO-ERA, mas, indubitavelmente, há engano nessa suposição, como veremos nas linhas a seguir.

Entre os primitivos habitantes dessa região existiu, entre outras, a tribo dos índios Muras, os quais, apesar de nômades eram muito trabalhadores, tendo contribuído, grandemente, para a exploração de várias zonas desse imenso Estado, que é o Amazonas, e particularmente de Coari, onde eram procurados para prestar os seus serviços, ora como auxiliares no desbravamento das matas, ora como, pescadores e como serviçais domésticos.

Estavam eles já adaptados aos hábitos e costumes dos civilizados, sem perderem, entretanto, as suas crenças, abusões e temores.

Haviam-se instalado em uma das inúmeras enseadas, que bordam o formoso lago de Coari, e à sua margem direita, algumas milhas acima da aldeia Alvelos, onde tinham os espanhóis a sede das suas missões, do Rio Solimões.

Viviam felizes, esses indígenas, em nada desmerecendo o seu aldeamento, considerado dos mais populosos e prósperos, daquelas paragens.

Pelos brancos eram procurados amiudadas vezes, e com eles mantinham permuta dos gêneros de produção local, com as mercadorias que da capital traziam, em embarcações de vela ou a remos.

De uma feita, subira o Rio Solimões e entrara no Lago de Coari, uma dessas embarcações dos brancos, trazendo um dos tripulantes com febres.

Desprevenidos, foram os índios a bordo da pequena embarcação, onde se encontrava o doente. Iam ao comércio do costume, e ali demoraram algum tempo em contacto com os visitantes.

Dias depois da chegada da canoa um dos índios adoece. O chefe da expedição, inexperiente, explica, então, aos moradores do lugar, tratar-se da bexiga (varíola) que estava grassando no baixo Solimões.

Com a notícia, as malocas ficam em reboliço. Os índios não mais se sentem à vontade ali. Apavorados, começam a desertar. No seu modo de ver os brancos tinham sido portadores da morte.

De fato, poucos dias depois da estada dos visitantes entre eles, surgia, no local, o primeiro caso suspeito e dentro de pouco tempo a varíola campeava no aldeamento. A mortandade foi assustadora.

Aqueles que ainda não tinham contraído o mal, fugiam do contágio, deixando os doentes à mercê da sua má sorte. Em breve o local ficara ao abandono, transformado em morada dos mortos.

As aves de rapina revoluteavam por aqueles ermos, cobertos de cadáveres insepultos.

Algum tempo depois e quando já de volta da excursão ao alto Solimões, os brancos da canoa fatídica tornaram à aldeia dos Muras, onde encontraram, apenas, os vestígios da outrora próspera maloca.

Por toda parte iam topando com as ossadas descarnadas dos infelizes habitantes do local, dando motivo a que, ao depararem com esse tristíssimo espetáculo, exclamassem, cheios de surpresa e pesar: MURA-CÃO-ERA! MURA-CÃO-ÉRA! MURA-CÃO-ERA!

Denominação que ficou sendo dada, daí por diante, a esse local, mais tarde conhecido por Isidoro, em homenagem a um dos seus maiores ocupadores.

NOTA: Mira-cão-era: Caveira, osso de gente, podendo significar cemitério. Mura-cão-era: Ossos, ossadas dos Muras.

Fonte: Antônio Cantanhede — O Amazonas por dentro, contos, lendas e narrativas do Amazonas.

O Tacho

Antônio Cantanhede

Nos tempos em que a religião católica romana predominava, era crença geral que as mais vultosas fortunas fossem privilégio dos ministros do Padre Eterno, entre os mortais, e assim, não raro criavam-se lendas, em volta de qualquer agrupamento dos missionários de antanho.

Fala-se, na cidade de Coari, não como lenda, mas como verdade incontestável, na existência de um grande tacho cheio de ouro, imerso no lamaçal do leito de um igarapezinho que deságua no lago de Coari.

Referem historiadores do Amazonas que, depois do Padre Samuel Fritz, austríaco de nascimento, outros missionários espanhóis foram-se acomodando pelo rio Solimões, com o objetivo muito louvável, nesse século de conquista, de alargar os já imensos domínios de sua Majestade Católica de Espanha.

Fundaram eles muitas missões, com o auxílio do elemento indígena, que iam chamando à civilização e incutindo-lhes no ânimo seus credos religiosos. Assim, os Catauxis, Muras, Jumas, Jurimáguas e outros, pelo efeito de adaptação aos costumes dos catequistas, em breve se transformaram em eficientes elementos de combate, em prol dos esforçados evangelizadores.

Com os aldeamentos, alargavam-se as já vastas ocupações territoriais dos espanhóis, no Solimões, sendo a sede de suas missões no lago de Coari, a aldeia denominada Alvelos, hoje conhecida por Freguesia Velha.

Sempre ciumento de suas terras na América, Portugal não vira com bons olhos a intromissão daquela gente em seus domínios, e assim, a luta, entre lusos e castelhanos chegara até ali, dando lugar a que ora Alvelos estivesse em poder dos missionários espanhóis, ora sob o domínio das forças armadas de Portugal.

Daí as precauções tomadas por aqueles na guarda dos seus haveres. Tinham os depósitos de dinheiro que, nesses belos tempos, era em ouro cunhado ou em barras, em local distante e acima da povoação. Possuíam, ao que se acreditava, grandes somas, verdadeiros tesouros, acumulados por longos anos em suas excursões pelo nordeste da terra brasileira, então objeto da cobiça dos holandeses, dali expulsos pelo governo de Portugal.

Mas, por volta de 1710 dava-se a expulsão dos espanhóis, das missões do baixo Solimões e foi naturalmente, por essa época que, temendo ver caírem seus grandes haveres em poder dos portugueses, que os podiam colher de surpresa, utilizaram-se do falado tacho, e cheio este de ouro e bem fechado, fora lançado ao leito desse igarapé, que ficou sendo conhecido por igarapé do Tacho.

Os naturais, em muito pequeno número, que assistiram a essa manobra dos jesuítas, não tentaram dali retirar o precioso tesouro porque aqueles padres fizeram-nos crer que tê-lo deixado entregue à guarda de uma cobra-grande, tradicionalmente conhecida dos aborígenes por GUARIBA. Entretanto, quando algum audacioso se aproximando do local fazia tentativas para retirar o tacho, tempestuosas ventanias desabavam na região, intimidando o aventureiro, que desistia da empresa. Se em época invernosa, acompanhava-se a tempestade do esturrar do tiri-tirí-manha.

Pelo verão, o leito do igarapé fica a descoberto, mas, ao avizinhar do aventureiro, abrem-se as nascentes das águas e em pouco tempo o lamaçal se cobre de água corrente, do que tem resultado não mais se fazerem tentativas, conforme afirmam os naturais daquelas bandas, para a emersão desse tesouro, real ou imaginário, que dizem existir no igarapé do Tacho, poucas milhas distante da cidade de Coari.

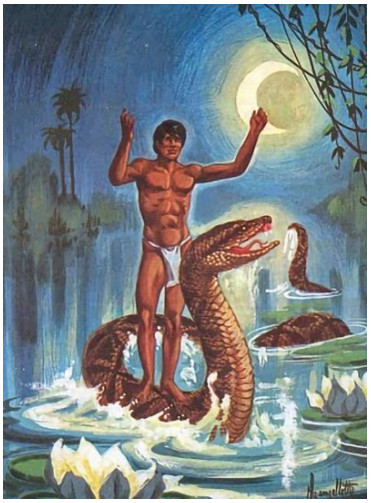
NOTA: Tiri-tirí-manha ou Dirim-dirim-manha: Mãe do terremoto, da tempestade. Apelido de uma espécie de jacaré, que tem a cauda bipartida e é muito barulhento.

BOIÚ-ASSÚ

Antônio Cantanhede.

Duas horas de chavascal adentro, após termos deixado o Lago de Coari, o vapor "Macapá" soltara aos quatro ventos, o seu apitar harmonioso, dando sinal de atracação, ao porto de Vila Andrade[61].

Lançado o pandeiro da retinida, levando o chicote do grosso cabo de arame à terra, por ordem do comandante que, de bombordo, na ponte do comando, dirigia a manobra, atraiu nossa atenção um a castanheira colossal, derreada, em volta da qual fora passado o cabo de vai-e-vem.



Era a primeira vez que víamos uma castanheira, sem a devida compostura…

Essa árvore, desde pequena, vem ereta, a olhar para o céu; cresce e se desenvolve altaneira, entre as outras árvores; alta, de proporções soberbas, com a copa sempre florida é, talvez, a mais bela das que enfeitam a floresta amazônica.

Nossa curiosidade aumentara, logo que pisamos na terra de Vila Andrade, situada à margem esquerda do Juma, rio de água preta, cujo nome faz lembrar a tribo de índios, que, em época remota, por ali habitara.

A história dessa castanheira é longa, dissera-nos o senhor Castelo, pessoa a quem nos dirigimos, a pedir informes; e levou-nos a vê-la de perto. Sua história prende-se a deste lugar, que outrora se chamou Boiú-assú, por ter sido aqui morta a maior cobra de que há notícia, nestas alturas.

Nesse percurso que fizemos, de poucos passos, nos explicou que Vila Andrade está em um pequeno torrão, ligado à mata geral, por uma estreita faixa de terra, um istmo.

Antigamente, neste mesmo lugar, dizia-nos o nosso informante, os índios reuniam-se para a celebração das festas. Pela proximidade do rio e devido a ser o melhor porto de desembarque desta redondeza, fora escolhido para morada do tuxaua da tribo dos Jumas.

Às dezenas e centenas, vinham índios de grandes distâncias passar aqui temporadas, nos prazeres dos seus festins, regados à caiçuma e ao cacherí, embriagadores.

Durante o correr dos festejos, era notado, entretanto, o desaparecimento de alguns dos convidados, até que um dia, quando sopravam o boré, fora observado um grande rebojo no porto. O som desse instrumento, ao que se acreditava, tinha a virtude de atrair as cobras, e com certeza, eram elas que levavam os desaparecidos.

Fizeram-se armadilhas e envenenaram-se as águas do rio, mas tudo em vão.

Certo dia, um dos moradores do lugar, por necessidade do momento, ao passar pela faixa que ligava o torrão à mata geral, observou que grande porção da terra ia caindo à água, como se arrancada por força viva. Atento, pode ver, com surpresa e cheio de terror, que uma cobra-grande tentava separar as terras, destruindo o istmo, naturalmente, para poder devorar de uma só vez, toda aquela gente, que ali se encontrava

Imediatamente comunica o ocorrido ao tuxaua e a tribo fica em rebuliço: flechas, pedras, toras de madeira foram lançadas, na direção apontada pelo índio amedrontado.

61. A Vila Andrade fica localizada na margem direita do Rio Coari Grande. O rio Juma é mais distante, sendo afluente do Itanhauã, que é afluente do Rio Coari Grande.

Reúne-se, então, o conselho dos anciões para deliberar.

Várias e absurdas algumas, foram as sugestões apresentadas, sendo vitoriosa aquela que assentava na pescaria do feroz inimigo da tribo. Servir-se-iam, pois, desse meio, e um dos presentes fora escolhido para isca.

Terminados os preparativos, meteram o infeliz em uma panela de grandes dimensões, adrede preparada que, jogada à água, ficara flutuando. Dentro, sentado, o índio-isca estava munido de um cacete, preso por forte corda de embiras, a qual vinha de terra, enquanto que ele estava solto, consistindo o seu trabalho, em atravessar o cacete no ventre da cobra, uma vez engolida a panela. O restante, os de terra fariam…

Horas de ansiedade precederam o momento de operar. Por ordem do tuxaua, tocou-se o boré.

Dentro de pouco tempo, a panela, movendo-se, desaparecia na voragem das águas.

Estava preso o ofídio, mas a corda retesada, com dois ou três empuxões, partira-se.

Outras panelas e novas vítimas foram lançadas à água em dias adiante, sem o mínimo resultado.

A última isca fora Japó, rapaz guapo, hábil caçador, noivo da bela Iací.

Como os que o precederam, ficara no ventre da serpente traiçoeira.

Desde então, Iací, retirada a um canto da maloca, quase louca de paixão, pela perda do bem amado, não mais tomara parte ativa nos folguedos, que não se interrompiam.

À boca da noite, descia à beira do rio a afrontar a voracidade do réptil devorador.

Cantava as suas trovas de saudade e adormecia, sorrindo, com a ideia de ser tragada pela cobra voraz, para assim juntar-se ao noivo que se fora.

As vítimas sucediam-se. Rara era a noite em que não desaparecia um dos festeiros.

Certa vez, reunido o conselho dos anciões, perante o qual não era permitida a presença de mulher, surge, desgrenhada e abatida, a figura minúscula de Iací, que suplica: “Pai, eu quero ser a isca da cobra-grande; eu quero ir também na panela, e te prometo que matarei a malvada”.

Voltaram-se todos, admirados, não da coragem da jovem indígena, não do ardente amor dessa intrépida cabocla, mas da sua audácia, em vir interromper os trabalhos de tão augusta assembleia.

Uma mulher a perturbar o conselho dos anciões! Bradam indignados os presentes e preparam-se já para expulsá-la do recinto, quando Iaci, rojando-se de bruços no chão da sala, chorando a sua grande dor, perde os sentidos. Os jejuns que passaram, desde a morte de Japó, tornaram-na enfraquecida.

O tuxaua ergue-se. O seu olhar está faiscante de cólera, e, ao fitar a pequena criatura desmaiada, apenas diz, como sentença: “Ela irá”.

Dissolvida a reunião, recomeçam os preparativos para a original pescaria, enquanto as danças, as bebedeiras continuam.

Os índios internam-se na mata, a procura de cipós e de embiras, para a tessitura da nova corda, enquanto Iací vaga, sem norte, pela beira do barranco, a cantar a sua dor. Está de semblante abatido, porém não demonstra mais aquela tristeza dos outros dias. Sentada, a olhar para o rio quieto, destrança os cabelos: Ela pensa que brevemente irá juntar-se a Japó, e sorri.

O conselho reúne, novamente, para resolver se Iací será a nova isca ou deve perdoar-lhe. Ela assiste ao julgamento. Discute-se, e afinal, a ré é absolvida, porque os índios Jumas, rendendo culto especial à mulher, não devem, mesmo como punição, expô-la a ser devorada pela cobra-grande. Entretanto, é escolhido um homem para substituí-la.

Desanimada, Iací implora, mas em vão. Então suplica que lhe cortem os cabelos e com eles teçam a corda que tem de segurar a panela. Seu coração dará resistência a esses fios negros que são brandos como carauá, porém mais fortes que o pau-d'arco!

O conselho ouve em seus debates, pela primeira vez, a voz de uma mulher.

Instantes após, todas as outras, seguindo o exemplo dessa heroica criatura, oferecem as vastas cabeleiras, e a corda é tecida, desta vez, com os cabelos negros das índias Jumas, solidárias com o gesto de Iací.

De cada lado da ribanceira soam os borés, chamando a cobra.

A panela, com a isca, flutua ao sabor das águas ligeiramente ondulantes.

Como das outras vezes, o escolhido está dentro dela, tendo à mão o cacete.

Forte rebojo anuncia a aproximação do monstro esfomeado.

Iací espreita e canta a sua loucura.

A panela roda e desaparece. Homens e mulheres fazem inauditos esforços para colher a corda, porém o animal opõe resistência, tentando arrastá-los. Então Iací, como uma leoa, toma da ponta desse trançado que é parte da sua outrora vasta cabeleira e volteia por detrás da castanheira mais próxima.

A árvore vai cedendo, vai-se inclinando para o solo, porém, resiste, e a fera, vencida, é puxada para terra. Apedrejada e furada com o murucú, custa, entretanto, morrer, mas, o veneno sutil completa a obra.

A alegria da vitória é imensa. Dançam e saltam em volta do monstro abatido. Satisfeitos, cada qual se apodera de uma tora de carne do animal: fazem o assado e comem…

Em breve, o festim transforma-se em alarido de dor. Envenenados, os índios se estorcem, em desespero, e muitos morrem.

Este lugar, desde então, passou a chamar-se BOIÚ-ASSÚ, concluiu o nosso informante.

— E Iací? Indagamos.

— Iací, a louca, trazendo nas mãos emagrecidas um pedaço de carne a sangrar, vem sentar-se junto à castanheira derreada, e, como vingança, com os seus dentes afiados, dilacera o coração da cobra-grande.

NOTA: Boiú-assú, na Amazônia, é designativo de cobra-grande. Também o utilizam, para se referirem a enchentes grandes dos rios.

Boré — Instrumento musical dos índios (Flauta feita de taquara).

Iací ou Yacy — Lua.

Maloca — Habitação de índios.

Murucú — Espécie de lança, de pau vermelho, com uma ponta ervada.

Chavascal — Lugar, nos rios e lagos, onde afloram vegetais, parecendo, à distância, não haver água.

A Lenda do Caripira - Antônio Cantanhede

Entre os indígenas que habitaram as selváticas regiões do rio Itanhauã, em Coari, destacavam-se, por sua operosidade, os da tribo Tucanos. Eram eles hábeis caçadores e valentes guerreiros, dedicando-se, também, ao trabalho de cultivar a terra. De boa índole, jamais tomaram parte ativa nas tropelias contra os desbravadores da floresta virgem, que orlava esse belo e caudaloso rio, cuja tortuosidade lhe dá aspecto interessante. É tão sinuoso o Itanhauã que, ao navegá-lo, ora temos o Sol adiante, ora por de trás, à direita ou à esquerda.

Grandes distâncias, transpostas pelo caminho de suas águas, em dias e mais dias de viagem, são vencidas por terra em poucas horas, tirando-se, como é de costume dizer em linguagem regional, as voltas do rio. É frequente ouvir-se, bem nitidamente, como se fora próximo, ruídos e estrondos, de madeiras caídas a grandes distâncias.

Foi à margem desse rio de águas esverdeadas que viram a luz da vida os dois irmãos, Pau-darco e Caripira, criaturas nômades e destemidas. Criaram-se como dois heróis de lenda, tais as suas aptidões para a caça e para a pesca, por isso, sem pouso certo, entretinham-se na exploração da flora e da rede hidrográfica de Coari, do que resultou serem ótimos auxiliares dos aventureiros, primitivos exploradores e ocupantes daquelas paragens.

De força muscular prodigiosa, era Pau-darco o escudo do irmão, ágil manejador do arco e da flecha certeira.

Cada qual tinha a sua especialidade, o seu modo de agir: Pau-d'arco, após irritar o inimigo da selva, vencia-o a golpes de sua musculatura férrea, raramente servindo-se do seu cacete da madeira que lembrava o próprio nome; o irmão gozava em abater a caça à distância, mortalmente ou não, conforme seu desejo no momento. E sempre foram felizes nas suas pelejas, no seio da floresta inculta.

De uma feita, quando os dois irmãos subindo o rio Itanhauã se separaram, Pau-darco, como de costume, desafiara uma onça para lutar. Infelizmente, porém, quando o animal dá o salto de investida ele se desequilibra não podendo utilizar-se do cacete. A fera, enraivecida, crava-lhe no crânio os dentes aguçados, dando-lhe morte instantânea.

Era um animal forte, belo e ágil, o adversário do malogrado caçador.

Ao grito, único que soltara este, acode o irmão que, após cortar a grande volta do rio, dentro de poucos minutos, presenciava o banquete da fera, a refestelar-se nas carnes sangrentas e ainda quentes de Pau-darco, seu irmão e companheiro.

Retesado o arco, a flecha parte e enfia-se nas entranhas da onça que baqueia junto ao corpo daquele que acabara de matar.

Louco de dor, Caripira sangra o inimigo abatido e tira-lhe o coração, que devora. Depois, parte sem rumo, a soltar aos quatro ventos o seu grito de guerra. Desde então, ele não para, na caçada as onças até que estes rareiam.

Sua história torna-se conhecida da tribo, que o lamenta. Não encontrando ele mais com quem lutar na mata virgem, passa o tempo a flechar os incautos habitantes das águas do rio Itanhauã. Lança a sua flecha para o alto, para vê-la descer, após ter descrito graciosa curva no ar e ir cravar-se no casco da tartaruga, que boiara, confiante, para tomar respiração.

Passam-se luas e mais luas, e, afinal, a tristeza leva o desolado caçador a entregar sua alma a Tupã, seu Pai, seu Criador.

Revoluteando e adejando sobre a sepultura de Caripira, aparecera aos olhos dos supersticiosos Tucanos, um gavião de boas proporções, o qual, por vezes se elevava nos ares e das alturas precipitava-se às águas do Itanhauã, trazendo ao emergir, preso às suas possantes garras, algum peixe descuidoso.

Então, como homenagem ao valente que se fora, deram os Tucanos ao gavião-pescador, cinzento-pedrês, até esse momento conhecido pelo apelido de “Rabo trocado”, o nome do heroico “Caripira”.

Minhas Memórias do Festival Folclórico Coariense (1976–1993)

As primeiras manifestações dos folguedos folclóricos coarienses aconteceram durante toda a primeira metade do século XX. Durante esse período, ocorriam nos terreiros da frente das casas, apresentações do bumba-meu-boi do cearense França, o boi Prata-fina do seo Ioiô, e as pastorinhas. Contudo, o primeiro Festival Folclórico de Coari só foi organizado em 1972, pelos representantes de classe da Escola Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, sendo um sucesso e com participação de outras escolas, pastorais, grupo de jovens etc.

Quando eu era criança, com 4 anos, tenho lembrança do primeiro festival que eu assisti. O local onde tudo acontecia, era a praça São Sebastião, quase em frente de nossa casa. Era um tablado alto, construído em madeira, onde se dançava todas as brincadeiras.

Eu fui assistir ao festival com a moça que cuidava de mim. Ela adorava ver acontecimentos da cidade e me levava para todos os lugares movimentados. Recordo a primeira cena que ficou em minha mente, a apresentação da Tribo dos "Ajurimáuas". Lembro até hoje daquela cena pujante. Foi muito curioso ver um grupo de jovens fantasiados com trajes indígenas com muitas penas de pássaros. Eles dançavam de maneira coreografada, batendo um bastão nas tábuas do tablado, ao som de apitos e gritos indígenas.

Não lembro de sentir medo, apenas muita curiosidade e fascínio por ver pela primeira vez a manifestação de nossa cultura coariense e acredito que não tinha noção do que estava acontecendo. Só é possível perceber a partir desse olhar do futuro, que eu sabia que eu estava fascinado por ver aquela linda apresentação.

Em 1987, eu estava com 14 anos e junto com os colegas de aula, assistimos todas as noites ao Festival Folclórico de Coari. Agora o palco era outro, a quadra de esporte São José da escola Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que era simplesmente conhecida por "Quadra do Colégio".

Eu esperava até mais tarde para ver as apresentações do boi-bumbá Corre Campo e do estreante boi-bumbá Garantido. O Corre Campo foi fundado em 1986 e o Garantido em 1987.

O boi-bumbá Corre Campo usava as cores vermelha e branca, e o boi era preto. Ele possuía uma apresentação muito tradicional com uma vaquejada bem aguerrida, ritual de matança e ressuscitação do boi, personagens tradicionais do folguedo como Pai Francisco, Catirina e Cazumbá.

O boi-bumbá Garantido em Coari era um folguedo que usava as cores azul e branco, o boi era branco. A grande novidade do ano de 1987 foi as toadas vindas de Parintins, muito ritmadas e com letras que ficavam em nossa mente.

♫♫ Mas quem é Garantido,
levanta o braço!
Eu sou! Eu sou!
É o Boi do Povão e canta comigo
Oh, oh, oh! E vai ser campeão! ♫♫

♫♪ Oh lê lê oh lê lê oh lá lá
É de boi, é de boi-bumbá
Oh lê lê oh lê lê oh lá lá
Como é o nome do teu boi bumbá
"Garantido" Olê lê lê oh lá lá ♪♫

Era de certa forma, um bom uso das toadas de Parintins, às vezes onde estava escrito vermelho, eles trocavam por azul, devidos às cores do Garantido de Coari.

Nesse festival folclórico de 1987, ainda não havia disputas por categorias, todos os folguedos disputavam entre si. Concorriam boi-bumbá com lendas, danças, quadrilhas, etc. E quem tivesse o maior número de pontos, seria declarado o campeão.

Nesse ano houve uma apresentação que ficou marcada na história de nossa cidade, a inesquecível dança da escolha Nossa Senhora do Perpétuo Socorro: Balé Indígena. Foi uma intensa movimentação e composição coreográfica, uma música contagiante, sincronismo nunca percebido em nossas danças, e principalmente, a dança clássica sendo executada por indígenas em um ritual maravilhoso. Fiquei boquiaberto com aquela apresentação. Quem assistiu ao "Balé Indígena" produzido e coreografado por Nivaldo Moura guarda até hoje aquele espetáculo clássico executado no meio da selva amazônica.

Nivaldo Moura – Em 1997

No final, o "Balé Indígena" teve mais pontos do que os dois bois-bumbás e que as demais danças, sagrando-se o campeão daquele inesquecível festival folclórico de 1987.

No ano de 1988, o festival de Coari teve um tema muito peculiar, pois foi o centenário da libertação dos escravizados no Brasil. O Colégio (ENSPS) trouxe para a quadra São José a Dança Afro-brasileira sob a produção e coordenação do professor Antônio Mariano. Naquele momento, aconteceu uma grande celebração da cultura afro-brasileira em terras coarienses.

A grande Senzala com uma placa escrita "Homeless" (sem-teto) era a principal alegoria daquele folguedo folclórico, era o local onde os personagens saíam para suas apresentações. Tenho a lembrança que o ápice da festa foi as encenações do Augusto César Pica-pau, sua irmã Maria e do professor Mariano representando as incorporações de entidades das religiões Afro-americanas (Candomblé e Umbanda).

Os homens entravam em fila indiana fazendo coreografias ritmadas que traziam a representação da cultura africana através de movimentos tradicionais ao som de músicas como "Madagascar Olodum" da banda Reflexus:

♫♪ E viva Pelô Pelourinho
Patrimônio da humanidade ah
Pelourinho, Pelourinho
Palco da vida e negras verdades
E protestos, manifestações
Faz o Olodum contra o Apartheid
Juntamente com Madagáscar
Evocando igualdade e
liberdade a reinar ♪♫

A indumentária do cordão para os homens era calças brancas, faixa vermelha no peito, fita na cabeça, uma fita larga na cintura, uma ráfia (fibra têxtil de palmeiras) vermelha nas mãos e um escudo com fundo preto, desenhos afros em branco.

As mulheres nos deixaram uma forte lembrança de uma entrada emocionante e inesquecível. Usavam um vestido branco com detalhes na barra, mangas com detalhes em vermelho e ráfia em vermelho. No cabelo elas usavam turbantes que expressavam a realeza da mulher africana. Contudo, o mais marcante, foi a entrada com a coreografia cadenciada ao som da música "Eu Só Peço a Deus" de Beth Carvalho e Mercedes Sosa:

♫ Eu só peço a Deus
Que a dor não me seja indiferente
Que a morte não me encontre um dia
Solitário, sem ter feito o que eu queria ♫

No momento final, entraram três meninos pintados de óleo queimado, segurando uma caravela em miniatura nas mãos, ao som da música "Zumbi" do Grupo Agreste.

♫ No sacolejo do navio que cheguei aqui
Meio vivo meio morto foi que eu senti
O meu corpo lá jogado na pedra do porto
Meio vivo meio morto mais não desisti♫

Agora, podemos nos transportar para o ano de 1989. Nesse momento, eu tinha 16 anos e as lembranças são mais vívidas e os personagens muito ligados ao meu convívio escolar.

Uma dança regional que ficou muito marcada nesse festival de 1989 foi "O Lampião" da escola João Vieira. Havia uma característica muito forte naquela dança. Aconteciam combates faiscantes de terçados, tiros de espingardas, músicas puramente sertanejas.

Uma lembrança forte de 1989, foi a apresentação da lenda do Sol e da Lua da escola João Vieira. O texto tipicamente amazônico da lenda que procura explicar os fenômenos naturais através do imaginário indígena, repassado oralmente de geração em geração, foi usado através da dança e do teatro para que o público pudesse entender o enredo do folguedo. A professora Dalva representou a Lua e o professor Wilson Cavalcante interpretou o personagem Sol.

Uma típica história de Romeu e Julieta ou ainda feitiço de Áquila. Pois, no enredo eles são um casal indígena que vivenciaram uma história de amor, que era contra a tradição do Tupi-guarani. Eles foram punidos, transformados em astros estelares, e só se encontrariam duas vezes durante o dia, no pôr-do-sol e na alvorada. No final a professora Dalva entrava com uma fantasia de lua no lado esquerdo da quadra e o professor Wilson entrava com uma fantasia redonda, com luzes fortes representando o sol.

Voltaremos a relembrar os bois-bumbás coarienses com algumas novidades. O Garantido mergulha cada vez mais na cultura de Parintins, contudo, com as fantasias e capacetes mais elaborados e com acabamento profissional. O Corre-campo começa a importar alguns trajes típicos e de luxo. Contudo, o grande ápice foi a assessoria do artista plástico parintinense Jair Mendes. Pela primeira vez, os dois bois na evolução tiveram um acabamento moderno e com movimentos ilimitados.

Neste ano, uma alegoria muito comentada, foi a cachoeira do boi Corre Campo. Ela tinha movimento de águas que se movimentavam, os peixes pulavam como se fosse uma piracema. As pedras foram feitas com maestria, parecendo reais. Dentro da cachoeira, a jovem Cleidilene estava fantasiada de sereia, com seus longos cabelos negros, uma cauda de sereia bem elaborada, e sentada em uma pedra no fundo das águas olhando seu espelho. Uma cena inesquecível e um alumbramento na mente dos coarienses que ficaram comentando por semanas aquela apresentação.

A Miss Coari 1988, Silvana Soares, foi a miss do Boi-bumbá Corre Campo fazendo sua apresentação com traje de miss e faixa. Esse item do Boi-bumbá mais tarde se tornaria a Cunhã-poranga.

O Garantido também trouxe o seu exército de mulheres bonitas:

- Gerlane Farias, a Miss do Boi Garantido. Ela tinha 15 anos e fez uma excelente apresentação. No ano seguinte, 1989, ela viria a ser a 1ª Rainha da Festa da Banana.
- Mara Alfrânia, só de entrar na quadra já chamou a atenção de todos com seu traje branco e transparente denominado "deusa da Beleza". Dois anos se passariam e Mara seria Miss Coari 1990 e Miss Amazonas 1991.
- Cleomara Araújo, foi com um traje denominado "deusa do Amor". Em 1992 ela se tornou Miss Amazonas em concurso realizado em Itacoatiara.

Rainha da Batucada do Boi Estrelinha

Um momento que ficou marcado na apresentação do garantido foi a homenagem a Chico Mendes. Chico foi líder no embate contra o desmatamento e por reivindicar melhores condições de trabalho para os seringueiros em Xapuri, no Acre. Foi assassinado em 22 de dezembro de 1988, praticamente 6 meses antes daquele festival em Coari. O mundo ficava sensível às causas ecológicas. E na quadra São José se ouvia a música Argumento de Adelson Santos:

♫Em questões de Solimões fundamental
É saber que o negro
não se mistura com amarelo
É saber que o negro
não se mistura com amarelo
Não mate a mata
Não mate a mata
A virgem verde bem que merece
consideração mais
A virgem verde bem que merece
consideração. ♫

O grande organizador e idealizador do Boi-bumbá Corre Campo foi professor Edvaldo de Souza, conhecido por todos como Catola, que na apresentação era o "Amo do Boi". Lembro que nesse mesmo ano, fui assistir uma apresentação na quadra da Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em Chagas Aguiar e aconteceu o ritual do tira a língua, que acontecia assim:

O Pai Francisco acabava de dar o tiro de morte no boi. O povo cantava animado:

♫♫ Chico tira a língua
Chico tira a língua
Chico tira a língua
Se quer tirar…. ♫♫

E o Pai Francisco respondia:

♫♫ A faca está cega,
A faca está cega,
A faca está cega
Não quer cortar…♫♫

Na sequência acontecia a repartição do boi. Houve um tempo em que as apresentações dos bois-bumbás foram restringidas ou proibidas. A repartição era uma forma de criar um bom relacionamento com a comunidade. No período da ditadura militar, em Manaus, os bois ofertavam as partes do boi aos poderes constituídos, para não correr o risco da censura.

Durante a repartição acontecia versos assim:

♫Oh lé lê oh lá lá – Olha o boi que te dar
Oh lé lê oh lá lá – Olha o boi que te dar
Eu pego no rabo e
dou para o delegado.
Eu pego no coração e
Dou para o Dr. João
Eu pego no peito e
Dou para o Prefeito ♫

Na parte final do auto do boi, acontecia a ressuscitação do boi-bumbá pelo pajé da tribo. O professor Wilson Cavalcante comandou o ritual, dançando e repetindo as palavras em tupi-guarani "Araxo (aratxó) Caramuru" como um mantra.

♫♫ Araxó Araxó
Araxó Caramuru
Araxó Araxó
Araxó Caramuru ♫♫

Araxó significa poderoso e Caramuru, filho do trovão. O mantra foi repetido em um ritual de pajelança, em que foi invocando o "Poderoso Filho do Trovão" fazendo o boi-bumbá Corre Campo voltar a vida.

No outro dia, na nossa sala de aula do 2º Magistério, repetíamos com alegria o mantra durante todos os intervalos das aulas. Georgeth Míglio, a minha estimada amiga, que fez eu gostar de poesia, comentou atualmente nas redes sociais:

"O corre campo era o verdadeiro boi coariense! O Pajé Wilsão Cavalcante arrasava na pajelança! Aratxó caramuru…"

Agora vamos para a parte final deste texto sobre as minhas memórias do festival folclórico de Coari. No ano de 1993, o prefeito era o Dr. Odair Carlos Geraldo. Meu amigo Osney Oliveira era o chefe do Departamento de Cultura e eu estava na coordenação organizadora do Festival. Então, eu participei mais ativamente de cada parte desta festa junina.

Foi um festival muito rico culturalmente. O cenário mudou para a quadra da escola Dom Mário, uma quadra grande, com medidas oficiais. Foi construído, pela primeira vez, alguns camarotes para que as pessoas pudessem assistir com um pouco mais de conforto. Eu ficava na mesa da coordenação ajudando em tudo, desde o cronômetro, até o julgamento de recursos e impugnações.

O Garantido começou com entradas individuais do apresentador Antônio Paulo Santos (Paulinho Marçal), César do Cavaco e José Willacy. Foi apresentado o tema e o enredo: "Histórias de Boi-bumbá". Em seguida, houve a entrada a marujada do Boi-bumbá Garantido que teve uma apresentação com cadência e precisão. A rainha de bateria foi a jovem coariense Yomara Lira. Ela era uma modelo muito badalada em nossa cidade, estava com um corpo escultural e dançando muito bem. Foi uma excelente escolha para a abertura.

O enredo começou pela Grécia e tem como primeiro item, uma comissão de frente composta por um grupo de adolescentes vestidas de azul e branco, mais o núcleo principal integrado pelas 7 moças atenienses, que seriam entregues em sacrifício ao personagem mitológico Minotauro, em seu labirinto. Lembro de duas amigas que participaram, Manoela Dantas e Nalra Mirlene.

Tenho algumas lembranças que vem sempre na mente, de como cada amigo se comportava durante a sua apresentação. Como amiga Ruth Queiroz que representava com muita beleza a Miss do Boi Garantido, e mais tarde, em 1996 foi a vencedora do concurso Miss Coari mais concorrido da história dos concursos coarienses. A alegria da colega de aula Perpétua que dançava como porta-estandarte expressando um sorriso cativante deixando todos felizes ao vê-la bailando.

No segundo momento, houve a apresentação do boi Prata Fina demonstrando como começou a manifestação dessas brincadeiras juninas em Coari antes dos festivais. A filha do seo Ioiô, dona Rosa Esmeralda, cantou algumas toadas do Prata-Fina.

Algumas amigas foram destaques no Garantido. Nara Bastos entrou com um capacete muito lindo representando o sol. Lembro de passar por diversas vezes na frente de sua casa e um grupo de artistas trabalhavam na construção daquela indumentária. Ana Célia Oliveira entrou com um capacete grande e ela estava muito feliz, pois amava muito participar daquele festival.

Ana Creuza Fernandes realizou uma apresentação maravilhosa com seu traje de "Deusa da Beleza". Era um traje branco e transparente e foi uma excelente combinação de fantasia e modelo. Em 1992, Ana Creuza fez uma apresentação primorosa, sendo destaque no concurso de Miss Coari.

A apresentação do Boi-bumbá Garantido em 1993 foi marcante devido à pesquisa bibliográfica do José Wyllace, que investigou sobre a história do Boi-bumbá até e criou base para a composição de suas toadas. Uma vez, vi ele pesquisando com nossa professora, Irmã Marília Menezes, que era filha do poeta e folclorista Bruno Menezes. Pela primeira vez o Boi-bumbá Garantido trouxe toadas inéditas, destacando a toada Jurupari, onde a sua mitologia é muito presente na região de Coari. Com as toadas esplêndidas e inéditas, sem cópias ou plágios, aconteceu uma grande evolução do Boi Garantido no Festival de 1993. Pela primeira vez, aconteceu o ritual de matança do boi e a sua ressuscitação.

O Boi-bumbá Corre Campo apresentou o tema e o enredo "Cultura Indígenas". Nesse ano de 1993, o boi de Chagas Aguiar modificou a maneira de contar seu enredo, visto que houve uma modernização em quase todos os itens apresentados. O primeiro item que logo se notou a diferença foi um pajé de ofício, que além de ser um excelente bailarino, ele era um estudioso da cultura dos pajés.

A batucada do Corre Campo possuía muitos instrumentistas e marcava com potência, ritmo forte, deixando um compasso mais acelerado. E assim, deixou mais intenso a apresentação do folguedo no Festival daquele ano. As figuras engraçadas e tradicionais do boi-bumbá Pai Francisco, Catirina e Cazumbá continuam sempre presentes durante toda a apresentação, trazendo uma dose de humor para os espectadores.

Batucada do Corre Campo

Lembro em especial de alguns itens: Maria José e seu lindo traje com costeira amarelo e preto. Minha Aluna, Patrícia Alves e seu capacete em homenagem à lua foi uma grata surpresa. Ela, naquela noite, parecia outra pessoa, deixando de lado a timidez e mostrando a alegria de dançar boi-bumbá. A professora Naraci Bastos, trouxe de Codajás as três finalistas do concurso Rainha do Açaí que fizeram uma demonstração de seus trajes típicos confeccionados da palha desidratada da palmeira do açaí. E finalizando, Eros Alfaia que entrou com seu capacete vermelho e branco fazendo uma coreografia indígena com vários passos tradicionais e muito efeito de fumaça.

Para a surpresa de todos, entrou na quadra uma figura típica amazônica, a imensa alegoria da Cobra-grande que percorreu toda a quadra, circulando entre os brincantes. A lenda da cobra-grande está muito associada à queda de terras nas margens do rio Solimões, pois o ribeirinho não tendo como explicar o fenômeno natural, atribui ao mito e seus personagens lendários a explicação através do movimento das cobras em baixo da terra.

Na sequência começou a apresentação dos principais itens do boi Corre Campo, as tribos indígenas e a Cunhã-poranga. As tribos foram o grande investimento do folguedo no festival daquele ano e foi onde mais existiu retorno. Foi uma grande quantidade de tribos terceirizadas do Boi Garanhão de Manaus, e 100 componentes divididos em 3 tribos, todos eram moradores do bairro Chagas Aguiar e suas indumentárias confeccionadas em Coari. A quantidade de tribos e a qualidade de suas coreografias e trajes fizeram a base para a grande evolução do Corre Campo naquele festival.

Na apresentação final, antes do ritual, entrou uma alegoria com a escultura de uma onça, o pajé e a Cunhã-poranga montada na onça. Foi o ápice da festa. A Cunhã-poranga fez uma apresentação que ficou marcada em toda a história dos festivais, pois a sua alegria em dançar era muito cativante. Era dona de um corpo que poderia ombrear com qualquer Cunhã-poranga parintinense daquela época. Ao som da toada do Arlindo Jr. composta especialmente para o Corre Campo, a rainha da beleza deixou um espetáculo de presente para a minha memória, que mesmo depois de 29 anos, não esqueci.

♫♫ Boi Corre Campo
Uma explosão de amor
Seu uru forte
Faz a galera vibrar
Campeão da terra...
Do meu boi-bumbá
Boi Corre Campo
Para sempre eu vou te amar ♫♫

Nesse momento, estou passando entre os brincantes, tirando dúvidas quanto ao tempo da apresentação para os dirigentes, quando sou puxado pelo braço, surpreso olho para ver quem seria… veio a linda imagem da Rainha do Açaí. Ela sorriu, me falou algumas coisas no ouvido. E após a apresentação do Corre Campo, saímos para apresentar a cidade a nossa visitante.

De repente, o leitor pode estar pensando — Poxa! Faltou aquela dança, as quadrilhas, os bois mirins etc… mas essas são as minhas memórias particulares, foi a forma como fui impactado pela nossa cultura no festival folclórico. Fica o desafio. Faça um texto narrando as suas memórias e como você foi impactado pela cultura coariense, que com muita felicidade publicarei no nosso site.

Tenho ainda duas cenas fortes do dia seguinte, dia da apuração. Uma ao passar na frente da escola João Vieira e observar as pessoas felizes comemorando. E a segunda, ao passar na frente da prefeitura e ver alguns brincantes do Boi Garantido queimando o Boi Prata Fina em protesto por perderem o primeiro festival. E depois disso, não tivemos mais um festival dos bois coarienses. Foi uma parte importante da nossa cultura, que agora se encontra apenas em nossas memórias. Foi um tempo que o vento levou.

Archipo Góes

Minhas Memórias da Festa da Banana – 1989 a 1991

Festa da Banana

Archipo Góes

Na década de 80 foi comum no Brasil algumas cidades criarem festivais em comemoração à grande produção do seu principal produto agrícola. Essas festas eram incentivadas nacionalmente pelo programa dominical Globo Rural. No Amazonas, o governador era Amazonino Mendes, que através da agência Emamtur (Empresa Amazonense de Turismo), estimulou a criação de vários festivais nas cidades da hinterlândia amazonense.

A Festa do Guaraná foi a precursora no Amazonas. Começou na década de 60 e permanece sendo realizada todos os anos na cidade de Maués. Depois tivemos a Festa do Açaí em Codajás, a Festa do Leite em Autazes, a Festa do Tucunaré em Nhamundá, a Festa da Castanha em Tefé, Festival do Peixe Ornamental de Barcelos, a Festa do Cupuaçu em Presidente Figueiredo, a Festa da Laranja em Anori e muitas outras espalhadas por todo o Amazonas.

Tenho em minhas lembranças o ano de 1989, Coari era uma cidade pacata, tranquila, ordeira e passava por grandes transformações em sua estrutura. O prefeito era Evandro Aquino, um técnico agrícola de formação e funcionário do IDAM. Em seu primeiro ano de mandato foi criada a lendária Festa da Banana, que seria realizada todos os anos, na primeira quinzena de dezembro.

Eu, ao realizar uma pesquisa intensa nos jornais do Amazonas, constatei que desde a década de 60, Coari já vinha sendo noticiada como detentora da maior produção de banana no estado do Amazonas, chegando ao grande ápice no final da década de 70 e por todos os anos 80. Em 1988, Coari enviou mais de um milhão de cachos de banana para a capital do estado.

Evandro Aquino criou uma comissão organizadora composta de membros do Departamento de Cultura e do IDAM. No planejamento foi criado prêmios para o agricultor com maior produção de banana, premiação para o maior cacho de banana, premiação para o agricultor com maior variedade de banana (Prata, Maçã, Pacovan, Nanica, Ponta Fina, Inajá ou Ouro, etc.), concurso de comida típica onde o principal ingrediente seria a banana, concurso de calouro, concurso de dança, e a atração mais esperada da noite, a eleição da Rainha da Banana.

O concurso de Rainha da Banana tinha sua essencial característica em ser um concurso de beleza em que o traje típico era muito importante na nota final de cada candidata. Não era só a beleza plástica, mas todo um conjunto da apresentação. Na comissão organizadora, faço um destaque para a Professora Simonete Dantas que era a organizadora de todos os desfiles oficiais promovidos pela prefeitura de Coari e ao artista plástico Izocrates Brandão (Dó) que era responsável pela construção dos lendários palcos do aniversário da cidade e da Festa da Banana.

A Festa da Banana foi realizada na recém-criada Feira do Produtor Rural, no aterro em cima do igarapé de São Pedro. A Feira do Produtor Rural começou no início da década de 80, em plena rua da praça São Sebastião, depois houve uma mudança para o início da rua 5 de Setembro, passando pela frente do sobradinho dos Dantas e continuando até o Instituto Bereano de Coari na rua Rui Barbosa. Como era uma feira que acontecia na rua, não havia organização, higiene e segurança, proteção das chuvas etc., era preciso de um local que viesse a atender os anseios dos produtores rurais e festejar a grande produção de banana do município.

Candidatas a Rainha da 1ª Festa da Banana

No dia 23 de novembro de 1999, aconteceu uma das primeiras ações da comissão organizadora, a realização de uma viagem a capital, com o prefeito Evandro Aquino, as Candidatas a Rainha da Banana, para convidar o Governador Amazonino Mendes e solicitar apoio da Emamtur, a agência de turismo do estado do Amazonas, para patrocínio das atrações regionais.

As candidatas selecionadas para concorrer ao título de Rainha da Banana foram: Fernanda Alves, que já mostrava muitas técnicas nos desfiles de moda em Coari; Simoni Medeiros, candidata que nasceu em Maués e morava com a família do tio Arnaldo Alves (Sevla); Eloiza Reis, irmã da icônica goleira de handebol, Karatê; Arione Boaes, a única candidata que ainda reside em Coari; e finalmente, Gerlane Farias, que já era 1ª Princesa do Miss Coari 1988 e Miss do Boi-bumbá Rei Garantido em 1989.

— Ninguém vai conseguir me separar do meu amigo Gilberto Mestrinho.

A 1ª Festa da Banana aconteceu no dia 9 de dezembro de 1989 e foi palco da reaproximação e apaziguamento entre o governador Amazonino Mendes e o ex-governador Gilberto Mestrinho que durante a solenidade de abertura da festa estavam lado a lado no palanque fazendo seus discursos sobre a volta da eleição para presidente da república de 1989 e a disputa entre Lula e Collor.

A sensação de estar naquele novo local de eventos em Coari era inexprimível. Uma pequena passada no Bar'nanas do Gamal e da Irley para acabar a sede era um costume de todos os amigos. Um amontoado de pessoas assistindo aos espetáculos dos cantores e bandas que foram contratados pela prefeitura de Coari e pela Emamtur.

Nessa época a nossa turma costumava ouvir A-ha, Pet Shop Boys, Pink Floyd, Madonna, Guns N' Roses, Freddie Mercury, Scorpions, RPM, Paralamas do Sucesso, Legião Urbana, Cazuza e as músicas traduzidas do F. Cavalcanti no seu programa For Make Love, que gravamos em fita K7 no microsystems, às rádios FM de Manaus no último andar do Coari Palace Hotel. Por outro lado, na festa da Banana tivemos acesso a ritmos bem nacionais e populares.

Durante toda a Festa aconteciam apresentações de atrações regionais e nacionais no palco principal do evento. A Banda Embaixadores de Manaus, trouxe uma apresentação dos principais hits de 1989: lambadas, forró, axé music e pagode. Em seguida, aconteceu uma apresentação da dupla sertaneja cover Havaí e Rouxinol que cantaram músicas de Leandro e Leonardo, Chitãozinho e Xororó. E para finalizar a festa, houve a apresentação de Genival Lacerda, que cantou seus sucessos: "Radinho de Pilha", cheia de duplos sentidos; "Severina Xique Xique", "Ele tá de olho é na boutique dela…"; por fim, "Mate o Véio, Mate".

Evandro Aquino e 3 Candidatas à Rainha da Festa da Banana

A atração nacional, que encerrou a parte musical da noite, ficou por conta do Rei da Lambada, Betto Douglas, que contagiou a plateia com seu repertório do ritmo mais quente do início dos anos 90, a lambada. Ele cantou seus sucessos como: Lambada do Galo Gago, Cúmbia Brasileira, Merengue da Moreninha, Merengue Lambada, Sinto Amor em teu Olhar.

O concurso Rainha da Festa da Banana foi muito concorrido e movimentado. As 5 candidatas dividiram a cidade e a torcida de cada uma era muito efusiva e calorosa. As melhores apresentações na passarela, contando simpatia, beleza plástica e elegância, foram de Fernanda Alves e Gerlane Farias.

O fechamento e a principal atração da 1ª Festa da Banana foi o glamouroso concurso que escolheu a 1ª Rainha da Festa da Banana. E a eleita foi uma jovem morena de 15 anos, Gerlane Farias. Hoje nossa primeira rainha reside na cidade de Governador Valadares, no interior de Minas Gerais.

Gerlane e Eu - Valadares-MG em 2016

A Segunda Festa da Banana

A 2ª Festa da Banana foi um marco na história das festas regionais. Agora seriam 02 dias de festa, as candidatas desfilariam com trajes típicos relacionados ao cultivo da banana, aumentou a quantidade de concursos ligados a produção da banana. Foi uma festa em que a população já entendia o enredo dos acontecimentos.

A Festa da Banana teve como objetivo incentivar os produtores e agricultores a investirem cada vez mais em seus empreendimentos visando o aumento da oferta de seus produtos à população coariense e consequentemente a melhoria de suas receitas.

O evento foi uma forma de resgatar as manifestações da cultura coariense, através das atividades artísticas desenvolvidas no município. Além de incrementar o mercado através dos produtores de banana, gerando com isso divisa para o município. Por fim, foi uma forma de democratizar o acesso ao lazer, considerando como direito da população, fator de desenvolvimento humano e promoção da qualidade de vida do coariense.

Exposição da Maior Produção de Banana

Coari, nessa época, era o maior produtor de bananas do estado do Amazonas, com uma produção de 1 milhão e 200 mil cachos anuais. Mas, não era só uma festa para a área cultural e agrícola, pois foram inauguradas várias obras naquele ano. Sendo a principal, a reinauguração do estádio Carecão, antigo estádio Alexandre Montoril, que a partir daquele ano passou a se chamar "José Rosquildes" em homenagem a filho do ex-prefeito Roberval Rodrigues, que era atleta de futebol e faleceu com 19 anos, vítima de afogamento, voltando de uma excursão desportiva de outra cidade.

A programação da 2° Festa da Banana foi bastante variada. Houve apresentações de cantores nacionais, regionais e locais, show de calouros, carreata, passeio turístico de barco pelas praias principais do município, concurso da maior produção de banana, o maior cacho de banana, o grandiosíssimo concurso para a escolha da Rainha da 2ª Festa da Banana e a tradicional corrida da banana.

Na área da festa, feira do produtor rural, foram dispostas 15 barracas vendendo produtos típicos da banana, como: a torta de banana, a pizza com a cobertura de banana, a salada de banana, a farofa da casca da fruta entre outros. "Antes, a casca era jogada fora. Hoje, ela também é aproveitada.", afirmou o chefe da Emater-AM de Coari, Luiz Rebelo. No stand da Emater, além de vender comidas típicas, mostrava o que era possível produzir da banana, como, por exemplo: vinagre, licores, mel, cocada, etc.

Nesse ano de 1991, houve uma maior participação da Emamtur, que ofereceu os prêmios para os vencedores dos concursos, contratou atrações para se apresentarem na festa, além de darem todo o apoio necessário para a realização do evento.

Durante a festa foi realizado um concurso de calouro, em que o vencedor foi o jovem Jean Walmor com a música "Era um garoto como eu que amava os Beatles e os Rolling Stones".

A programação da 2ª Festa da Banana aconteceu com a presença de cantores e bandas locais e regionais. Foram atrações como o cantor coariense Piska que cantou sua muito conhecida composição Estrela Distante; a Banda Playpop que trouxe um pouco das músicas mais tocadas em todo o país; Netinho do Solimões; Edney e Billy Marcelo; Sandrinha, a pepita dos garimpeiros, que fez um show com músicas sensuais e um show com muita interação e participação do público presente; e para encerrar a noite, Pinduca, o Rei do Carimbó, que trouxe diretamente de Belém do Pará seu repertório muito conhecido na região do Médio Solimões.

O momento principal da programação do evento foi o concurso de Rainha da 2ª Festa da Banana. Na abertura, houve a apresentação da Rainha da 1ª Festa da Banana, Gerlane Farias, que encantou todo o público ao fazer seu desfile de despedida.

O concurso Rainha da II Festa da Banana foi narrado no jornal Folha de Coari dessa forma:

"A primeira a pisar na passarela foi Ana Creuza, com um vestido todo em verde, destacando-se o desenho da banana em amarelo. Ana Creuza fez um belo desfile. A segunda foi Elane Souza; com um lindo sorriso no rosto, ela apresentou-se como sendo a própria fruta e trazia sobre a cabeça uma palma de banana. Seu desfile também foi muito bom. Em seguida, a loiríssima Cleomara Costa emocionou a plateia, derramando muito charme e simpatia. Cleomara desfilou com a fantasia denominada "Chiquita Banana".

♫♫ *Chiquita Bacana lá da Martinica*
Se veste com uma casca de banana nanica ♫♫

"Foi uma alusão a marchinha de carnaval 'Chiquita Bacana' cantada por Emilinha Borba e composta por Braguinha, com referência e inspiração ao existencialismo francês, no carnaval de 1949." Grifo meu.

"No concurso de Rainha da 2ª Festa da Banana foi marcado por uma disputa muito intensa entre Cleomara Araújo e Astrid Silva. Cleomara estava na melhor fase de sua vida para concursos de beleza, graciosidade, charme, uma beleza plástica indescritível, elegância na passarela usando técnicas modernas, contudo, seu traje típico com elementos de contemporaneidade e alguns brilhos não eram condizentes com as festas regionais daquela época no Amazonas".

"Astrid Silva, foi assessorada por Socorro Barreto, que era a mentora da Miss Mara Alfrânia e uma artista plástica muito atualizada e contextualizada do que acontecia nos demais festivais regionais. Socorro elaborou uma indumentária branca com muita transparência, trazendo uma sensualidade leve e uma saia cheia de produtos relacionados ao cultivo da banana. Aquele vestido até hoje é lembrado pelos amantes de concursos de beleza pelo seu bom gosto e originalidade".

A 3ª Festa da Banana

Os preparativos começaram com uma visita da comissão organizadora da Festa da Banana ao o governador em exercido, Francisco Garcia, sendo recebida no Palácio Rio Negro. A comissão, chefiada pelo prefeito Evandro Aquino, os membros do departamento de cultura, e as candidatas à rainha do evento. O objetivo foi levar pessoalmente o convite para o governador participar da festa, conseguir patrocínios e infraestrutura.

Francisco Garcia enfatizou o sucesso da festa nos anos anteriores e a importância como incentivo econômico e turístico para o município. A dificuldade de financiamento, também, foi tema da conversa do governador com o prefeito, face à situação econômica do País. Evandro disse que a produção de banana representa dinheiro em circulação, com uma média de 3 milhões de caixa anual, exportada para a capital e demais cidades, com a produção totalmente natural, sem nenhum recurso industrial.

A Festa da Banana, que surgiu da necessidade de incentivar e homenagear o produtor rural, recebia a cada ano mais turistas e foi considerada, a segunda maior festa do estado do Amazonas. Para a 3ª Festa da Banana, fazia-se uma estimativa de um público de 5 mil pessoas dos demais municípios e da capital. Segundo Evandro Aquino, já existia na época, uma preocupação em todos os setores do turismo, desde hotel, alimentação, à informação sobre o cólera, devido à grande divulgação de casos no município no início da década de 1990.

O governador agradeceu o convite e desejou sucesso à comissão organizadora e lembrou às rainhas o espírito de competição, que segundo ele, é o da participação no evento como processo de desenvolvimento para o município.

A Festa:

A 3ª Festa da Banana aconteceu nos dias 6 e 7 de dezembro de 1991. Foi um evento muito concorrido e mais uma vez emocionou o público presente. A área da Feira do Produtor Rural foi pequena para comportar uma multidão, calculada pelos organizadores, em torno de cinco mil pessoas. Os cantores Nino Gato, Netinho Solimões e Perla, além da Banda Impacto, animaram os dois dias de festa. As barracas típicas também se traduziam em atração, vendendo comidas feitas com banana.

Durante o dia aconteceram atividades desportivas como: a Corrida da Banana, cujos vencedores foram o PM Romério e Gerlane de Souza. As principais ruas da cidade ficaram mais animadas com a Carreata das Candidatas a Rainha, que teve a participação de carros, motos e bicicletas. E na área da feira do produtor rural, aconteceu concursos e show musical.

O concurso de Rainha da Banana:

Foi a primeira festa da banana em que podemos constatar uma grande evolução nos trajes típicos do concurso de Rainha da Festa da Banana. Os artistas plásticos já estavam atualizados e contextualizados quanto ao padrão das roupas típicas das festas regionais e neste ano, superaram as expectativas. Aconteceu um desfile com excelentes trajes típicos e uma seleção primorosa das candidatas.

As candidatas a Rainha da 3ª Festa da Banana foram: Jan-neves Ribeiro, Fabiana Gomes, Adriana Vieira, Sanara Marques, Nancy Batista.

O auge do evento foi a escolha da rainha da Festa da Banana. Na minha previsão e opinião na época, a grande disputa do concurso Rainha da 3ª Festa da Banana seria entre as candidatas Jan-neves Ribeiro (Miss Coari 1989) e Fabiana Gomes (4ª no Miss Coari 1990). Aconteceu um desfile com muitas técnicas novas, trajes típicos tradicionais, naturais e originalidade. Para a confecção dos trajes, que sempre se referiam a banana, foram usados frutos e folhas desidratadas, entre outras partes da bananeira.

A estudante Fabiana Raírima da Conceição Gomes, 17 anos, foi eleita a rainha da 3ª Festa da Banana, na madrugada do segundo domingo de dezembro de 1991. Ela concorreu com mais quatro candidatas; obteve 174 pontos do júri formado por empresários, profissionais liberais e artistas que analisaram a beleza plástica e a criatividade nos trajes das candidatas. A segunda colocada, Adriana Vieira da Costa, 17 anos, conseguiu 171 pontos, seguida de Jan-Neves Ribeiro Nogueira, 19 anos, que alcançou 170 pontos. Disputaram ainda as estudantes Sanara Marques de Araújo, 16 anos, e Nancy de Souza Batista, 17 anos.

A Rainha da 3ª Festa da Banana, Fabiana Raírima da Conceição Gomes, destacou-se muito no item de julgamento Beleza Plástica Corporal. Ela já havia disputado o Miss Coari em 1990, ano que Mara Alfrânia foi eleita Miss Coari, e naquele ano de 1991, foi Miss Amazonas 1991, que aconteceu na cidade de Itacoatiara.

Astrid Silva, rainha da 2ª Festa da Banana, passou às mãos de Fabiana o cetro, o manto e a coroa. Ela reinou como rainha durante um ano. "Eu acho que o mais importante para mim, foi o carinho do público. É importante saber que o povo coariense gostou da nossa festa, que me apoiou, inclusive recebi muitas manifestações de apoio das pessoas quando andava pelas ruas", afirmou Fabiana Gomes na época.

Durante a sua apresentação no palco da Festa, Fabiana recebeu muitos aplausos do público, que superlotou a área da Feira do Produtor Rural.

"Eu acho que tudo isso contribuiu para que esta festa fosse muito bonita e, acima de tudo, quero agradecer o apoio recebido das autoridades e de todo o povo; também agradeço a comissão organizadora pela escolha de nossos nomes para disputar o título e pela oportunidade que me deram", falou emocionada Fabiana.

Mas a sensibilidade de Fabiana ainda estava por surgir em suas declarações. Ela lembrou dos agricultores, os quais são o motivo da festa. "Espero que eles continuem plantando a banana para que Coari a tenha como forte produto de sua economia. Quero agradecer aos agricultores, porque foi através do trabalho deles que esta festa pode ser realizada", finalizou.

Um fato marcante da 3ª Festa da Banana foi a apresentação da cantora paraguaia de muito no Brasil, Perla. Ela cantou os seus sucessos: Índia, Fernando, Pequenina, Rios da Babilônias, Pela Estrada do Sol, Galopera, etc. Foi inesquecível aquele momento, música que cresci ouvindo na eletrola Nivico do meu pai. E o momento cômico do evento foi quando a cantora chamou o prefeito da cidade para dançarem, foi quando ambos caíram durante uma dança. A cena foi gravada pelas filmadoras Panasonic VHS M8, onde as fitas eram exibidas nos aparelhos de videocassete da época, e eu acredito que foi o primeiro meme coariense.

Esse foi meu primeiro texto sobre as minhas memórias da Festa da Banana. Se você chegou até aqui, obrigado pela leitura sobre uma Coari pacata e diferente. Uma Coari de um tempo, que o vento levou.

Rainha da 3ª Festa da Banana

Bibliografia

Acuña, Christóbal de. Novo Descobrimento do Rio Amazonas. Edição, tradução e introdução: Antônio R. Esteves. Edição bilíngue. Coedição: Consejería de Educación de la Embajada de España en Brasil. Asesoría Linguistica. Oltaver S.A. Buenos Libros Activos. Uruguay, 1994.

Agassiz, L., & Agassiz, E. (1938). Viagem ao Brasil, 1865-1866 (Vol. 95). (E. Mendonça, Trad.) São Paulo: Companhia Editora Nacional - Brasiliana.

Alfaia, Eros Divino Maia. (19 de julho de 2020). O Naufrágio do Vapor Paes de Carvalho. Fonte: A Missão: https://amissaosolimesjapura.blogspot.com/2020/07/o-naufragio-do-vapor-paes-de-carvalho.html

Amaral, J. C. (1818). Memórias para a História da Vida do venerável Arcebispo de Braga, Vol. I, pag. 308. LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA.

Andrade, M. d. (1976). O turista aprendiz. São Paulo: Duas cidades.

Avé-Lallemant, R. (1980). No Rio Amazonas (1859). Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada.

Baena, A. L. (2004). Ensaio corográfico sobre a província do Pará. (Vol. 30). Brasília: Edições do Senado Federal.

Bates, H. W. (1944). Um Naturalista no Rio Amazonas Henry Walter Bates - 1944 – . Brasiliana V.237a 2V.

Bovisio, S. (s.d.). Dez Grandes Religiões. Acesso em 29 de Maio de 2014, disponível em Santiago Bovisio: http://www.santiagobovisio.com/por/liv/28livro.htm

Brasileiro-IHGB, I. H. (1917). O Diário do Padre Samuel Fritz. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Brown, Charles Barrington, and Lidstone, William. Fifteen Thousand Miles on the Amazon and Its Tributaries. Reino Unido, E. Stanford, 1878.

Casal, M., & Caminha, P. (1817). Corografia brasílica: Fac-simile da edição de 1817. (Vol. Volume 1). Imprensa Nacional.

CASTELNAU, F. d. (1850-1851). História da viagem (Volumes I a VI). Paris: P. Bertrand.

Condamine, C. -M. (2000). Viagem Na América Meridional descendo o Rio das Amazonas. Brasília: Senado Federal.

FERRAZ, F. J. (1908). Através do Amazonas: Manaus ao Javari. Manaus: Tipografia do [jornal] Amazonas. (Acervo Biblioteca Pública).

Furneaux, R. (1971). The Amazon - The Story of a great river. London, RU: Readeres Union.

GONDIM, J. (2001). Através do Amazonas: impressões de viagens realizadas em 1921 (Amazoniana ed.). Manaus: Edições Governo do Estado: Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto.

Guimarães, G. (1900). Dados Descritivos do Munícipio de Coari. Manaus: Imprensa Oficial.

HEMMING, J. S. (2007). Ouro Vermelho: A conquista dos índios brasileiros. São Paulo: EDUSO.

HENDERSON, James. A History of the Brazil; comprising its geography, commerce, colonization, aboriginal inhabitants, &c. Reino Unido, n.p, 1821.

HERIARTE, Maurício de. Descrição do Estado do Maranhão, Pará, Corupá e Rio ·das Amazonas (1662). ln: VARNHAGEN, F.A. de. História Geral do Brasil, /11:171-190. São Paulo, Melhoramentos/Brasília, INL, 1975, 8.ª ed.

Jobim, A. (1933). Panorama Amazônico - Coari. Manaus: Imprensa Pública.

Lisboa, H. F. (2013). Fonte Boa: Chão de heróis e fanáticos - um novo olhar. Manaus: Grafiartes.

Kalb, Courtenay De. The Great Amazon: personal investigations on the river, and in its upper valley. Journal of the American Geographical Society of New York – Volume 23. Editora: American Geographical Society of New York, 1891.

Marajó, J. C. (1896). As regiões amazônicas: estudos chorographicos dos estados do Gram Pará e Amazonas. Lisboa: Imprensa de Libanio da Silva.

Marcoy, P. (2006). Viagens pelo rio Amazonas. Manaus: EDUA.

Maw, H. L. (1989). Narrativa da passagem do Pacífico ao Atlântico através dos Andes nas províncias do norte do Peru descendo pelo rio Amazonas até o Pará. Manaus: Editora ACA.

MELLO, O. (1967). Topônimos amazonenses. Manaus: Governo do Estado.

Menezes, Marília. (s.d.). Irmã Serafina Cinque, ASC - "O Anjo da Transamazônica". Roma - Itália: Centro Internacional de Estudos da Espiritualidade Adoradoras do Sangue de Cristo.

Orton, James. The Andes and the Amazon: Or, Across the Continent of South America. Estados Unidos, Harper & brothers, 1870

PAPAVERO, N. e. (2002). O Novo Éden: a fauna da Amazônia brasileira nos relatos de viajantes e cronistas desde a descoberta do rio Amazonas por Pizón [1500] até o Tratado de Santo Idelfonso [1777]. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi.

PORRO, A. (1996). O Povo das Águas. Petrópolis: Vozes.

Porro, A. (2007). Dicionário Etno-Histórico da Amazônia Colonial .

SAMPAIO, F. X. (1985). As Viagens do Ouvidor Sampaio (1774-1775). Manaus: ACA-Fundo Editorial.

Silva, P. F. (2013). Prelazia de Coari, Jubileu de Ouro 1963-2013. Coari.

Smyth, William, and Lowe, Frederick. Narrative of a journey from Lima to Para, by W. Smyth and F. Lowe. Reino Unido, n.p, 1836.

Southey, R. History of Brazil. Reino Unido: 1819, Longman.

Souza, F. B. (1874). Pará e Amazonas: pelo encarregado dos trabalhos ethnographicos conego Francisco Bernardino de Souza. Rio de Janeiro: Typographia nacional.

Souza, F. B. (1988). Lembranças e Curiosidades do Vale do Amazonas. Manaus: Associação Comercial do Amazonas.

Spix, J. e. (1938). Viagem pelo Brasil (3a ed.). Rio de Janeiro.

Schuttloffel, Marvin J. Teaching a Man to Fish by Raising Chickens. Reino Unido, iUniverse, 2011.

Vasconcelos, F. (2002). Coari - Um Retorno às Origens. Brasília: Da Anta Casa Editora.

O Autor

Archipo Wilson Cavalcante Góes é natural de Coari, nasceu em 2 de abril de 1973. Primogênito numa família de quatro irmãos, filho de Benedito Góes Neto (Comerciante) e Elionete Cavalcante Góes (Professora).

Archipo Góes formou-se no magistério no ano de 1990 para o ensino nas séries iniciais. Em 1992 fez o Adicional em Ciências e Matemática, em que ficou habilitado a ministrar aulas para o curso ginasial.

Fez o curso de Pedagogia com apostilamento e habilitação para exercer as disciplinas: Sociologia da Educação e Psicologia da Educação no Ensino Médio. Por muitos anos foi professor na Escola Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, nas disciplinas: Educação Física. Matemática e Psicologia da Educação.

Hoje, com 50 anos, solteiro e com um filho de 25 anos, é escritor e comerciante do ramo de informática e cosméticos. Desenvolve um trabalho de resgate da história e da Literatura Coariense. Foi Secretário de Cultura e Turismo em Coari no período de abril de 2015 a dezembro de 2016.

Sua primeira obra foi "A Origem do Nome Coari", em seguida veio a publicação de "Recomeçar – Poemas", o Livro "Uma Literatura Coariense – Antologia" e sua mais recente livro foi "Nunca Mais Coari: a fuga dos Jurimáguas".